

2º CICLO
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**Da rua para o palco: os instrumentos
de democracia cultural na integração
social do grupo Som da Rua**
Mariana Isabel Pereira de Sá

M

2016



Mariana Isabel Pereira de Sá

**Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na
integração social do grupo Som da Rua**

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pelo Professor
Doutor João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Mariana Isabel Pereira de Sá

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pelo Professor
Doutor João Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Maria João Oliveira
APDES – Agência Piaget para o Desenvolvimento

Professora Doutora Natália Azevedo
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professor Doutor João Teixeira Lopes
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Sumário

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Índice de figuras	vi
Índice de tabelas e de quadros.....	vi
Notas introdutórias	1
CAPÍTULO I – O ENSAIO. A CULTURA E OS SEUS INSTRUMENTOS DE DEMOCRACIA CULTURAL.....	4
1.1. O ensaio para uma definição de cultura	4
1.2. Entre os acordes de cultura e comunidade.....	8
1.2.1. A mediação cultural: do palco para a ação.....	10
1.3. Os instrumentos de democracia cultural.....	12
1.3.1. A afinação de uma política cultural.....	16
1.4. As vozes do combate à exclusão.....	19
<i>Um breve resumo</i>	26
CAPÍTULO II – A ATUAÇÃO. SOM DA RUA: A AFINAÇÃO METODOLÓGICA	27
2.1. A melodia do Som da Rua: o porquê da escolha do objeto de estudo.....	27
2.1.1. O modelo de análise.....	28
2.2. Casa da Música e o Serviço Educativo: o palco do estágio curricular.....	30
2.3. A pauta metodológica: as entrevistas, a observação etnográfica e os recursos visuais... 36	
<i>Um breve resumo</i>	41
CAPÍTULO III - O GRANDE FINAL. IMPACTO DO SOM DA RUA: OS RESULTADOS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES, IDENTIDADES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL... 42	
a. Retratos sociológicos.....	64
1. A prosa da falta de afeto sob o calor do canto.....	64
2. À busca do amor: pelos filhos e pela música se traça um caminho.....	69
3. A melodia do amor de família.....	72
4. Nas intempéries da vida: a luta pela harmonia.....	74
5. Abraçar o vício da música.....	78

6. O sonho do trabalho preenchido pelo gosto da música.....	84
<i>Um breve resumo</i>	86
Considerações finais.....	88
Referências bibliográficas	92
Anexos.....	98
Anexo 1 – Grelha de atuações do Som da Rua	99
Anexo 2 – Guião de entrevista I: Técnicos e formadores do Som da Rua.....	111
Anexo 3 – Guião de entrevista II: Participantes do Som da Rua.....	113
Anexo 4 – Guião de entrevista III: Diretor artístico do Som da Rua.....	116
Anexo 5 – Guião de entrevista IV: Serviço Educativo da Casa da Música.....	118
Anexo 6 – Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 1.....	120
Anexo 7 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 2.....	121
Anexo 8 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 3.....	123
Anexo 9 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 4.....	125
Anexo 10 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 5.....	127
Anexo 11 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 6.....	129
Anexo 12 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 7.....	130
Anexo 13 - Grelha de observação do ensaio do Som da Rua: Ensaio 8.....	131
Anexo 14 - Grelha de análise de entrevista: Sandra Arouca.....	132
Anexo 15 - Grelha de análise de entrevista: Miguel Neves.....	140
Anexo 16 - Grelha de análise de entrevista: Tiago Oliveira.....	149
Anexo 17 - Grelha de análise de entrevista: Gil Teixeira.....	158
Anexo 18 - Grelha de análise de entrevista: Sónia Oliveira.....	170
Anexo 19 - Grelha de análise de entrevista: Jorge Prendas.....	184
Anexo 20 - Grelha de análise de entrevista: Cristina Pinto.....	199
Anexo 21 - Grelha de análise de entrevista: Anabela Leite.....	213
Anexo 22 - Grelha de análise de entrevista: Milene Pinto.....	221
Anexo 23 - Grelha de análise de entrevista: Daniel Sousa.....	233
Anexo 24 – Grelha de análise de conteúdo: José.....	241
Anexo 25 - Grelha de análise de conteúdo: Eduardo.....	245
Anexo 26 - Grelha de análise de conteúdo: Conceição.....	250
Anexo 27 - Grelha de análise de conteúdo: Anabela.....	257
Anexo 28 - Grelha de análise de conteúdo: Isaura.....	264
Anexo 29 - Grelha de análise de conteúdo: Jorge Augusto.....	273

Agradecimentos

Na conclusão de mais uma etapa marcante na minha vida, os agradecimentos não podem ser esquecidos. Cabem neles todos(as) os que sentem e sabem que parte da minha vida é, também, vossa.

Um obrigada a todos os professores do curso de Sociologia da Faculdade de Letras da
Universidade do Porto,
Por todos os ensinamentos e pelo contributo na construção deste percurso académico.

Em especial ao Professor Doutor João Teixeira Lopes,
Por orientar este trabalho sempre com positividade e encontrar a palavra de incentivo na hora
certa.

Ao Serviço Educativo da Casa da Música, em especial ao Jorge Prendas e à Anabela Leite,
Sem vocês nunca teria chegado ao Som da Rua e vivido, com eles, grandes momentos de
aprendizagem pessoal.

A todos os membros do Som da Rua (músicos, técnicos e participantes),
Foram incansáveis ao longo dos meses em que vos acompanhei. Sempre disponíveis e prontos a
abrir o coração, este trabalho representa-vos.

Aos meus feirenses e portuenses de coração,
Não vou enumerar, nem ditar nomes. Sempre presentes, seja em físico ou em coração. Sem
vocês, as palavras e a amizade incansável, não seria quem sou hoje.

Aos meus pais,
Mais presentes que ninguém, em todos os momentos da minha vida. São uma força para mim.

À minha irmã, Cátia,
Um pilar na minha vida. Sempre presente e com apoio incondicional.
Um obrigado nunca será suficiente, para ti.

Resumo

É certo que a transformação social é potenciada por inúmeros fatores. O presente relatório de estágio tem como ponto central a integração e inclusão social mediante a participação em atividades culturais e artísticas e com base nos princípios de democracia cultural.

Com enfoque no Som da Rua, projeto do Serviço Educativo da Casa da Música, o objetivo deste trabalho centra-se na análise dos processos de (re)integração social de que são alvo os indivíduos constituintes do grupo, assim como as mudanças que o mesmo potencia a nível da transformação da identidade pessoal e comunitária. Mediante o estágio curricular realizado entre 11 de janeiro de 2016 e 31 de maio de 2016, com o grupo e o Serviço Educativo, a preocupação voltou-se para o impacto do projeto na vida destes indivíduos e quais as perceções que são assumidas por cada um face à pertença no grupo.

Desta feita, a metodologia qualitativa permitiu um recolher de dados concretos face às representações, aos significados e às vivências de todos os que dão corpo ao Som da Rua. Se por um lado, os técnicos e os músicos mostram a potencialidade do projeto e as mudanças que este fomenta; por outro lado, os participantes revelam todo o seu trajeto e o que sentem ao pertencer a uma comunidade. Neste sentido, as entrevistas semiestruturadas – no caso dos participantes refletiram-se em histórias de vida -, as observações participantes e os recursos audiovisuais permitiram conciliar esta investigação.

Assim, trava-se uma luta para pôr termo às imagens pré-concebidas e estigmatizantes de que é alvo a população mais vulnerável e mostrar que há potencial a ser (re)aproveitado. Basta um impulso, simplesmente. O Som da Rua é o motor para a mudança pessoal e social de cada um dos que entrega a sua voz numa causa comum.

Palavras-chave: Cultura; integração social; democracia cultural; pertença comunitária; identidade.

Abstract

It is true social change is enhanced by numerous factors. This final report aims to show how you can achieve social integration and inclusion through participation in cultural and artistic activities and based on the principles of cultural democracy.

The focus was Som da Rua project, which belongs to the Education Service of Casa da Música. The aim of this work focuses on the analysis of the processes of social (re)integration that target the individuals in the group, as well as the increasing changes in their personal and community identity. Through the internship conducted between January 11, 2016 and May 31, 2016, with the group and the Education Department, the concern turned to the impact of the project on these individuals and what the perceptions they have about belonging to the group.

In this way, the qualitative methodology allowed to collect concrete data in relation to representations, the meanings and experiences of all who give voice to Som da Rua. On the one hand, technicians and musicians show the potential of the project and the changes it promotes; on the other hand, users reveal their life history and what they feel about belonging to a community. In this sense, semi-structured interviews, the ethnographic observations and audiovisual resources allowed to create complexity in this research.

So, there is a battle to put an end to preconceived and stigmatizing images that targets the most vulnerable population and to show that there is potential to be repurposed. We just need a push. O Som da Rua is the engine for personal and social change in each of us to deliver our voice in a common cause.

Keywords: Culture; social integration; cultural democracy; community belonging; identity.

Índice de figuras

Figura 1: Modelo de análise.....	28
Figura 2: Figura ilustrativa das deslocações do Som da Rua.....	43
Figura 3: Análise SWOT ao projeto Som da Rua.....	90

Índice de tabelas ou quadros

Quadro 1: Dicotomias da pobreza (adaptado).....	21
---	----

Notas introdutórias

O presente relatório de estágio é realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ano letivo 2015/1016, para a obtenção de grau de Mestre. Sob orientação do Professor Doutor João Teixeira Lopes, o relatório de estágio incide numa análise da capacidade de integração social de indivíduos em risco de exclusão mediante a cultura e participação cultural, sob orientação dos princípios de democracia cultural.

Desta feita, para a consolidação do trabalho, foi realizado um estágio curricular na Fundação Casa da Música, com início a 11 de janeiro de 2016 e com término a 31 de maio de 2016. O estágio permitiu uma mescla de conhecimentos teóricos com prática profissional, relevando os eixos positivos e as dificuldades inerentes a essa iniciação. Em interação direta com o Serviço Educativo, a orientação do estágio curricular foi designada ao Dr. Jorge Prendas, atual Coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música.

O objeto de estudo escolhido foi o projeto Som da Rua, o mais durável do Serviço Educativo com – até ao momento de redação – 7 anos de existência. Assim, após a decisão, mostrou-se fundamental estabelecer os objetivos do trabalho. Os objetivos gerais e específicos foram definidos numa fase inicial do estudo e serão apresentados neste ponto introdutório para mostrar – a si leitor – o que se pode encontrar ao longo deste manancial teórico. Orientados para o grupo, após as adaptações necessárias, estes consolidam-se em quatro:

- 1) Compreender qual o impacto que o projeto Som da Rua teve na população sem-abrigo;
 - a) Perceber em que parâmetros se efetivou esse impacto;
- 2) Analisar os mecanismos acionados para avançar na inclusão social e integração dos indivíduos abrangidos pelo projeto;
 - a) Compreender qual o papel das instituições colaboradoras no processo de integração social;

3) Analisar as trajetórias e percursos pessoais dos indivíduos e detetar regularidades entre os diferentes integrantes;

4) Compreender qual o impacto do projeto Som da Rua na mudança identitária, pessoal e social dos indivíduos.

Deste modo, o relatório conta com uma estrutura dividida em três grandes capítulos. No primeiro capítulo é possível encontrar um enquadramento teórico que se subdivide em seis pontos: a definição de cultura; a correlação entre cultura e comunidade; a mediação cultural; a democracia cultural e os seus instrumentos; a criação de políticas culturais e, por fim, o combate à exclusão social. Em resumo, este é um capítulo que pretende elucidar sobre o quadro de referências do tema estudado, contribuindo com referências apropriadas à temática e à Sociologia.

O segundo capítulo orienta-se para a metodologia. A intenção passa pela justificação da escolha do objeto do estudo, pela ilustração do modelo de análise, pela abordagem e explanação da organização acolhedora do estágio e do trabalho realizado e, por fim, pela enunciação das técnicas utilizadas na recolha de dados e na elaboração do relatório. Neste sentido, a abordagem qualitativa é a que melhor se ajusta aos objetivos pretendidos, uma vez que se pretende um trabalho mais próximo com as vivências e contextos de socialização do indivíduo e os seus percursos.

A aplicação das técnicas foi procedida ao longo do estágio curricular. Para os músicos e técnicos a entrevista semiestruturada foi a escolhida, de modo a alcançar o seu olhar aprofundado sobre o Som da Rua, as facilidades e as limitações, assim como o impacto que este tem na vida de cada um dos membros constituintes. Por sua vez, para os participantes, as entrevistas semiestruturadas (re)desenharam-se em retratos sociológicos. Através destes, foi possível conseguir encontrar regularidades e compreender, efetivamente, o percurso e as motivações daqueles indivíduos. A observação participante nos ensaios foi outra técnica a ser incorporada neste trabalho. Técnica primordial na Sociologia e na Antropologia, a observação participante tece um olhar científico sobre o que está a acontecer no momento com a interação. É observar, no campo, os acontecimentos.

O terceiro – e último – capítulo abrange a análise dos resultados. Delineiam-se, nesta fase, as conclusões, após a análise aprofundada dos dados conseguidos. Este capítulo visa compreender se o Som da Rua tem impacto na vida destes indivíduos e em que sentido ocorre a integração social dos mesmos. Neste capítulo será possível analisar se que a participação artística e cultural é motor de integração e transformação pessoal e social.

Assim se processa a redação do relatório de estágio: uma ponte que encontra o seu alicerce no trabalho prático e teórico, aliando os conhecimentos adquiridos na formação contínua ao longo destes cinco anos com a experiência, no campo, da aplicação das técnicas tradicionais das ciências sociais. Nem sempre fácil a separação entre sentimentos e profissionalismo mas o desafio é imenso neste que foi, sem dúvida, o primeiro contacto com o mundo real – a nível profissional -, sem pausas e sem ilusões.

“O projeto é bem pensado

Nada de desanimar

Agora não há barreiras

Pra podermos emigrar.”

Música original “Desaliados” do Som da Rua

CAPÍTULO I – O ENSAIO. A CULTURA E OS SEUS INSTRUMENTOS DE DEMOCRACIA CULTURAL.

1.1. O ensaio para uma definição de cultura

Cultura. Em pleno século XXI, esta é uma palavra anexada no dicionário de todos e de ninguém, com melhores ou duvidosas interpretações que não serão aqui desmembradas. Com um significado singular mediante quem o trabalha, é impensável ofuscar as transformações que o conceito sofreu ao longo das décadas.

No seu início, a sociologia ainda relegava, em parte, as artes. Foi após o reconhecimento enquanto disciplina que a arte agarrou um novo estatuto. O contributo de Alexander, V. D. e Bowler, A. E. (2014) evidencia que esse reconhecimento é merecido no campo das artes, uma vez que este confere *status* social a quem tem posses e consome o que é encarado como legítimo no campo cultural e artístico. A distinção hierárquica feita ao longo das décadas entre a arte é, por si própria, um sinal do debate que existe dentro da própria disciplina.

O elitismo foi um dos fatores de caracterização da cultura desde os seus primórdios. O acesso às obras de arte e às práticas culturais era limitado àqueles que tinham legitimidade e reconhecimento dentro do campo artístico. Designada de alta cultura, “these definitional criteria simultaneously presume and reinforce the commonplace view of the fine arts as a sphere of elite privilege and exclusivity” (Alexander; Bowler, 2014, p. 2). A exclusividade demarca a alta cultura da cultura popular que, *per si*, circunscreve o que é da elite.

Alcançar uma definição concisa de cultura não é uma das tarefas mais fáceis. É um conceito ambíguo e interpretado de formas distintas quer pelos indivíduos, quer pelas áreas de estudo que em certos momentos se cruzam com o termo. A tentativa de definição pode ser conduzida pelo espectro macro como pelo micro - «em seu sentido mais amplo, o termo “cultura” (...) procura reduzir as ações e propósitos humanos ao nível de significância mais básico, a fim de examiná-los em termos universais para tentar compreendê-los.» (Wagner, 2010, p. 28).

A cultura, segundo o contributo de Augusto Santos Silva (1994) pode ser considerada mediante duas vertentes: por um lado, enquanto padrões simbólicos e, por outro, enquanto padrões de ação. Os padrões simbólicos são inquestionáveis no domínio cultural. Tendo esta base nas representações e nos simbolismos que constroem o campo, a cultura cresce dessa imagem criada por referências e significados sociais. Os padrões de ação são o momento de fazer. Esta é a vertente prática, em suma, da cultura. Esta define-se pelo acionamento de mecanismos de perceção e apreciação mas não só. Existe “(...) outro nível de produção cultural, em que não ocorrem apenas a aquisição, a incorporação e o accionamento prático de princípios e esquemas orientadores dominados no estado prático, mas também, e sobretudo, complexos processos de explicitação e reestruturação deles como obras dotadas de valor próprio (...) e de recepção e apropriação de tais obras, assim difundidas e transformadas.” (Silva, 1994, p. 32).

Uma vez que as relações sociais que fomentam o campo cultural e artístico são, de igual modo, relações de comunicação e poder, as criações simbólicas vão ser efeito das lutas simbólicas. Nesta linha de pensamento, o autor mostra que são estas tensões que vão moldar a cultura nos diferentes campos.

No entendimento que deve ser feito da cultura, é essencial compreender que não há modo de classificação de cultura(s). Ora, não se pressupõe a existência de uma cultura superior e de uma cultura inferior. Há que encará-las enquanto equivalentes. Roy Wagner (2010) evidencia que há, assim, um dualismo presente na cultura: por um lado, a objetividade cultural, na medida em que cada um de nós pertence a uma cultura e, por outro lado, a relatividade cultural, o olhar para todas as culturas enquanto idênticas.

Neste sentido, aquando do estudo de determinada cultura, o investigador cria uma relação que é essencial para conseguir conhecer o universo com que trabalha. Tal quer dizer que «(...) ele próprio se torna o elo entre culturas por força de sua vivência em ambas; e é esse "conhecimento" e essa competência que ele mobiliza ao descrever e explicar a cultura estudada. "Cultura", nesse sentido, traça um sinal de igualdade invisível entre o conhecedor (que vem a conhecer a si próprio) e o conhecido (que constitui uma comunidade de conhecedores).» (Wagner, 2010, p. 30). Esta

invisibilidade traçada acaba por se transformar. A cultura que era relativa para o investigador torna-se objetiva e visível para o mesmo.

A “mudança cultural” nas ciências sociais consagrou-se a partir do momento em que a arte foi assumida enquanto dimensão principal - e não secundária - na vida dos agentes sociais e se compreendeu, efetivamente, a importância da cultura na estruturação e reprodução das relações sociais (cf. Alexander; Bowler, 2014). Neste seguimento, é de referir o desenvolvimento socioeconómico das sociedades modernas, assim como o acesso à educação enquanto motores de mudança no campo das artes e cultura.

O conceito bourdiano de campo artístico passou por um conjunto de apropriações ao longo das décadas, desde meados dos anos 70 quando surgiu. Ao incutir na sua definição o conjunto de posições estruturadas no espaço, Bourdieu pretendia demonstrar que a competição se fazia em busca da autoridade no campo artístico. Desta feita, “Cada campo (religioso, artístico, científico, económico etc.), através da forma particular de regulação das práticas e das representações que impõe, oferece aos agentes uma forma legítima de realização de seus desejos, baseada em uma forma particular de *illusio*.” (Bourdieu, 1996, p. 259). Neste sentido, o valor da obra de arte não é somente assumido pelo artista mas pelo campo que, simbolicamente, atribui o reconhecimento à obra de arte. Assim, a obra de arte passa além do seu produtor. Não se deve excluir, nesta relação, os agentes – desde indivíduos especializados, a público(s) e instituições - de legitimação do valor simbólico da produção artística.

L. Wacquant (2005) aponta que, no vértice cultural, qualquer conceito de campo é intrinsecamente “(...) um *campo de forças*, isto é, uma rede de determinações objectivas que pesam sobre todos os que agem no seu interior” (Wacquant, 2005, p. 117). De igual modo, e não menos importante, este é um *campo de batalha*. Reiterando a expressão do autor, existe uma luta entre os dominantes e o desejo de preservação do capital artístico e os dominados com a intenção de mudança do que está instituído.

Neste seguimento, Wacquant (2005) considera que a análise de Bourdieu ao campo artístico pressupõe um dualismo entre o lugar ocupado pelo artista no campo artístico e a atitude por ele tomada. Sabe-se que estas são distintas entre si, o que

estabelece a sobremencionada relação de dominante e dominado. Esta relação tem, *per se*, subjugadas as restantes relações estabelecidas com outras posições e com a própria estrutura. O autor considera que este espaço das posições é o que conduz o espaço das tomadas de posição (cf. Bourdieu, 1996). Quer com isto dizer que as decisões tomadas no campo vão partir dos interesses que estão associados a cada um desses espaços. Estes interesses que ditam essas determinações não partem de uma correspondência direta “(...) mas apenas pela mediação dos dois sistemas de diferenças, de variações diferenciais, de oposições pertinentes nos quais estão inseridas (...)” (Bourdieu, 1996, p. 263). É o *habitus* o mediador desta relação. O artista não está afastado do coletivo no seio do campo artístico. Não obstante a sua posição no campo, as relações objetivas e subjetivas que o artista estabelece são o veículo de transação e partilha das suas obras de arte.

Enquanto conceito originário da filosofia antiga, o *habitus* que Bourdieu importou para o pensamento sociológico é encarado como a «(...) noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de *disposições* duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente.» (Wacquant, 2004, p. 36).

O conceito de *illusio* de Bourdieu diz respeito à “(...) condição do funcionamento de um jogo no qual ela é também, pelo menos parcialmente, o produto.” (Bourdieu, 1996, p. 252). Ora, tal significa que no domínio cultural, onde as lutas pela dominação simbólica são como um jogo de marcação de posição, a *illusio* – distinta em cada campo – serve para captar a atenção dos agentes e para fomentar o interesse destes e a conseqüente (re)produção do jogo. Claro está, e como é corrente na análise de Bourdieu, o *habitus* não pode ser desligado desta relação. É, ademais, a relação entre o *habitus* e o campo que permite manter o interesse no jogo cultural.

Neste sentido, o *habitus* adota um cariz individual e social, na medida em que está ligado à trajetória de cada agente social, à sua história de vida e posição no campo,

como de igual modo permite uma partilha de simbolismos com aqueles que estão (ou não) na sua condição no campo social. Desta feita, é um guia para representações e adoção de estratégias por parte de cada um, sendo que pode sofrer mutações nas determinações precedentes.

1.2. Entre os acordes de cultura e comunidade

Ao falar-se de determinada cultura pode ser introduzido o conceito de comunidade. Uma comunidade tem, em si, uma vivência comum e partilha de significados que a tornam distintas das restantes. A comunidade, no âmbito territorial, acaba por ser uma rede de partilha e de conhecimentos entre indivíduos que assumem um contexto comum.

A definição de comunidade não é simples. Este é um conceito análogo a várias disciplinas mas com diferentes entendimentos face àquilo que se pretende e é estudado. Logo, em iniciação, pode-se dizer que o conceito de comunidade tanto pode ter subentendido um grupo integrante do mundo social, com práticas e significados partilhados, como pode ser algo mais utópico e criado, somente, para dar corpo a uma investigação. Desta feita, “(...) pode dizer-se que uma comunidade é uma construção hipotética produzida por cada disciplina de acordo com as suas próprias finalidades e pressupostos.” (Brandão; Feijó, 1984, p. 489).

M. Fátima Brandão e Rui Feijó (1984) demonstram que um dos principais problemas desta definição parte das relações que a comunidade (o grupo) mantém com a sociedade (o todo). Não se pode renegar a vertente geográfica no entendimento da comunidade, isto é, não se pode desvincular a relação efetiva que existe com o meio e o contexto. Porém, tal não significa que a autonomia da comunidade deva ser ignorada. Além disso, a distinção entre o que é interno ou externo à comunidade pode ser um entrave para a consolidação de uma definição unívoca.

Ao recuar um pouco para os primórdios do conceito de comunidade, denota-se que este é utilizado no século XIX como forma de simbolismo ao que era uma boa sociedade (cf. Albuquerque, 1999). Pelo menos, como evidencia a autora, este era o modo como os resistentes às mudanças da modernidade definiam o conceito. A

modernidade trouxe mudanças, em todos os níveis, e se existiram ganhos, as perdas também se fizeram sentir. Neste conceito de comunidade alterado pela modernidade, a racionalidade toma o seu lugar, originando uma lacuna nas tradições e nos valores delineadores do conceito.

Em consequência “(...) o dismantelamento das redes de parentesco e laços comunitários mostrou as dificuldades de se viver sem os velhos guias de comportamento que ligavam os seres humanos entre si. Desamparo, medo, violência e insegurança da vida urbana são condições emblemáticas das sociedades desenvolvidas e herança da implosão de traços culturais pré-modernos.” (Albuquerque, 1999, p. 52). Com a pouca orientação para o progresso da vida, o conceito emerge carregado de utopias que vão, ainda no século XIX, enfatizar a instabilidade que este conceito já detinha.

As práticas sociais e artísticas dos indivíduos são uma construção sociocultural. Neste sentido, torna-se claro que as práticas, os costumes e os significados absorvidos pelos indivíduos são fruto da cultura da qual os mesmos pertencem. Daí se anunciam as particularidades que existem entre as diferentes culturas. Cada uma tem as suas práticas e representações e cada um apreende o que, no seu contexto, se vive.

O simbolismo presente em cada produção artística e cultural liga a obra ao indivíduo. Os significados são o que criam a rede de ligação e partilha entre o cultural e a sociedade. No momento em que há uma partilha e institucionalização desses significados, cria-se uma cultura. De facto, “A construção do significado tem a finalidade de conectar o indivíduo à cultura a que pertence e de estabelecer o entendimento comunicativo em torno de sentidos e significados que pretendem ser expressos pela linguagem.” (Barroso, 2004, p. 82).

Ao retomar o contributo de Bruner, Paulo Barroso (2004) mostra que o autor via na cultura o motor da mente humana e da ação, sendo que era através desta que os indivíduos organizam o seu conteúdo intelectual e prático e o transportam para o mundo social. Deste modo, afirma que a designada comunidade cultural parte da partilha de costumes e experiências mas, de igual modo, do Eu. É uma reciprocidade entre o adquirir do externo para o interno e contribuir do interno para o externo. Trata-se, então,

de uma percepção interna da cultura mas, também, de uma exteriorização do Eu para a cultura.

Augusto Santos Silva (1994) retoma o contributo de Clifford Geertz ao mostrar que a natureza humana não pode desligar a relação que estabelece com a cultura. Aliás, mais do que uma relação, é uma condição à própria existência do indivíduo. Lembra, ainda, que Geertz afirmava que a cultura não tem de ser um elemento universal comum a todos. Esta assume o papel de diferenciador quer pela sua centralidade na constituição humana quer pela diversidade de culturas que foram produzidas. Ao estabelecer uma ponte entre autores, visualiza-se uma proximidade com a visão de Paulo Barroso (2004) acerca da exteriorização do Eu na cultura.

1.2.1. A mediação cultural: do palco para a ação

Como forma de aproximação entre a oferta cultural e a procura, a mediação no campo das artes pode ser definida mediante dois modos: por um lado, aquela que é realizada entre o objeto artístico e o público pelos indivíduos e instituições inseridos na produção e, por outro, após uma atualização de alguns contributos teóricos, o processo de mudança quer do objeto quer do público, mediante a experiência cultural (cf Acord; DeNora, 2008).

A mediação cultural – entre todas, aquela que importa neste trabalho – “(...) a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir um interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.” (Davallon, 2003, p. 4). Não se pressupõe a existência de um conflito, mas sim de uma incomunicação. A mediação cultural pretende, assim, abrir uma linha comunicativa entre as partes para que se desencadeie um entendimento e, conseqüentemente, uma ação.

Trabalhar enquanto mediador cultural recai sob a prática sem deixar de parte o saber intelectual. Não obstante, existem características que são imprescindíveis em qualquer agente mediador. Uma vez que se trata de um trabalho de ação e comunicação, compreende-se a “(...) importância da conjugação das seguintes qualidades: ter muito

gosto pelo trabalho de mediação; ter vontade e capacidade de investigar e comunicar; manifestar disponibilidade para acolher contribuições dos públicos; ter flexibilidade na conceção, organização e condução das actividades.” (Martinho, 2013, p. 433). É obrigatório um trabalho de flexibilidade, onde o mediador se tem de colocar em ambos os lados a dado momento da jornada e compreender as visões presentes.

O trabalho de mediação apazigua a lacuna que existe entre a arte e o público, através da criação de uma ponte relacional. Inicia-se um trabalho duo: “De um lado, as políticas culturais e educacionais, com os seus objetivos e medidas, algumas consubstanciadas em projetos e programas que visam fundamentalmente promover práticas culturais e contribuir para reforçar a literacia e a cidadania. De outro lado, as instituições com programação cultural, tendo a perceção da importância deste tipo de atividades para a captação de novos visitantes.” (Martinho, 2013, p. 423). É interessante ver o modo como a autora aborda a evolução da mediação cultural no contexto português. Não se pode passar ao lado das barreiras que têm sido, nos últimos anos, levantadas no domínio cultural. A acompanhar a tendência de abertura cultural que tem vindo a ser tema de discussão pública, a verdade é que os orçamentos para as atividades culturais são diminutos e a própria cultura tem sido alvo de uma desautonomização nas políticas públicas (cf. Martinho, 2013).

Os mediadores podem ser diferenciados segundo três vertentes: as competências, a organização e a profissionalização. Como afirma Martinho (2011) estes traços de distinção originam um conjunto de dificuldades para os agentes de democracia cultural. No que se refere às competências pode existir uma falta de explicitação face ao que é pretendido numa instituição, assim como se pode verificar um amadorismo, por palavras da autora, por não existirem competências obrigatórias ou especializações na fase do recrutamento. Por sua vez, no que diz respeito à organização, o principal entrave que o mediador encontra é a limitação na sua mobilidade interna na instituição oriunda da “(...) falta de uma imagem estruturada da sua intervenção – como ocorre noutros casos de profissões recentes ou ocupações em processo de profissionalização (...)” (Martinho, 2011, p. 55).

Os agentes mediadores procedem a este tipo de trabalho com o objetivo de intervir e diversificar o meio artístico, inclusive do seu próprio trabalho, e o contexto. É uma representação além da formação e do tempo de experiência, é uma extensão do que visam alcançar no meio artístico e das suas competências (cf. Martinho, 2013).

No campo da música e da literacia, Martinho reconhece duas orientações que conduzem os mediadores. Por um lado, encontra-se a continuidade, no sentido em que são indivíduos com convivência com práticas culturais ao longo da sua trajetória e que ao moldarem uma visão pessoal da arte, visam sempre um melhoramento. A segunda orientação é a da experimentação, comum aos músicos, devido à necessidade de experimentar, de pôr em prática os projetos em que trabalham, “(...) cultivando a criação, a improvisação e o cruzamento da música com as outras artes; defendendo a ideia de que “a música não existe como uma entidade exterior às pessoas.” (Martinho, 2013, p. 429).

1.3. Os instrumentos de democracia cultural

A Revolução de 1974 abriu as portas da cultura à população que tinha menor acesso aos instrumentos artísticos, mediante a promoção de uma democracia cultural e consequente formação de novos públicos.

O modelo hierarquizado de cultura que outrora marcava a sua posição, cedo se desmoronou. Com três divisões acentuadas – alta cultura/cultura erudita, média cultura/cultura de massas e baixa cultura/cultura popular – este modelo identificava as três divisões sociais existentes à época, reflexo de “(...) três visões do mundo, três formas de organização social, estanques e incommunicantes.” (Lopes, 2007, p. 21).

Neste modelo tricotómico, a cultura de massas é aquela que surge num espectro mais incerto. Talvez por ser aquele nível onde se conjugam expectativas e atitudes e, ao mesmo tempo, onde se ambiciona um mundo distinto, imperado pela imaginação. Em consequência, este nível sofre uma perda daquilo que deveria ser o fator de distinção. Ao prevalecer, em parte, uma lógica de mercado e de consumo em massa, a “aura” entra em decadência. Tal significa que a singularidade, a particularidade da obra, deixa de

existir e perde a sua unicidade. O que deveria ser considerado único, inigualável, passa por um processo de reprodução com vista a alcançar a mercantilidade.

Ao aproveitar o manancial teórico exposto acima, importa expor as modificações que levaram à rutura deste modelo hierarquizado de cultura. Sabe-se que a globalização não deixou nada fora do seu alcance e a cultura não será tratada de modo distinto. Desde as melhorias das condições de vida, à modificação do trabalho, até ao avanço tecnológico e circulação dos capitais, o capitalismo emancipou novos costumes que até então eram obscuros. É o capitalismo e o mercado global, unos entre si, que forçam uma recomposição das configurações culturais e não só.

Ao retomar o contributo de Jameson, João Teixeira Lopes (2007) afirma que não foi somente a cultura que sofreu o impacto do global e económico mas a própria economia se culturaliza. Estes dois mundos deixam de ser distanciados e formam uma rede de ligações que os torna inseparáveis. A cultura deixa de ser o segundo plano nas dinâmicas económicas uma vez que “(...) a dinâmica cultural é central à estruturação do capitalismo tardio. A economia é cultura e cultura é economia.” (Lopes, 2007, p. 33). Esta é a fase de rutura do modelo hierarquizado.

Não demorou até que a sociologia percebesse os limites dos princípios orientadores da democratização cultural. Compreende-se que os entraves colocados à prática cultural são de carácter simbólico e não tanto prático. Este modelo etnocentrista e essencialista da cultura que, apesar da abertura simbólica que ousavam apresentar, não possibilita a fusão entre os três níveis de cultura, fomentou a necessidade de uma transformação desse pensamento. Assim, opera-se uma mudança de paradigma. A democratização cultural dá lugar à democracia cultural.

O descrédito dado às políticas de democratização cultural e a imutabilidade do modelo que continha a mobilidade e a possibilidade de trânsitos sociais, conduziu à emancipação da nova variante designada de democracia cultural. Então, o que diferencia ambos os paradigmas? O trunfo da democracia cultural cinge-se no facto desta inverter a pirâmide cultural. Tal significa que a implantação do novo paradigma parte de uma necessidade de dar voz à comunidade e ao povo, outrora pouco abrangidos pelas políticas culturais. A nova visão encara a pirâmide de baixo para cima, pautando-

se por uma relevância das camadas populares cuja passividade as caracterizava no campo cultural.

Desta feita, importa compreender o que se pode espremer do conceito de democracia cultural enquanto termo mais recorrente nos discursos e nos programas governamentais. A democracia cultural pressupõe o acesso de todos à cultura, sem separação e quebras no acesso ativo aos equipamentos e práticas culturais. Se até aos anos 90 as políticas que seguiam a lógica de democracia cultural pretendiam a criação de infraestruturas para o alargamento da oferta, nos anos mais recentes tal orientação preocupa-se com o acesso à cultura nos meios sociais mais diversificados (cf. Martinho, 2011).

Existe um trabalho de descentralização da cultura. Esta deixa de ser aliciante somente para a (antiga) cultura erudita e, em parte, de massas. O populismo, como intitula Teixeira Lopes (2007), passa a ser um dos vetores de ação da democracia cultural. Os criadores tendem a ouvir e dar voz aos mais calados ou, ao ir mais longe, aos oprimidos. Além disso, esta vontade de trazer arte a todos origina um voluntarismo. A ação desenrola-se entre ambas as partes – artistas e povo – sendo o último a figura central na condução artística.

Num cenário onde as barreiras crescem com facilidade, cabe à democracia cultural estabelecer políticas coesas que se encontrem com o que defendem. Não se pode negar que ao mudar as normas vigentes no domínio cultural e artístico que alguma estranheza apareça. Quer seja a indiferença com que se encara a nova produção ou até a polémica que pode envolver, a abertura dos horizontes culturais pode acarretar uma inversão no caminho da aceitação. Outro problema ocorre na formação de novos públicos. Em primeiro, existe um défice de conhecimento dos públicos das instituições culturais – Portugal não é exceção. Em consequência, surgem más compreensões – não incompreensões - dos públicos enquanto grupos com simbolismos que nem sempre correspondem ao real. *Públicos* e não público é outra mudança que surgiu com este princípio. Trata-se de socializar o indivíduo – desde momentos precoces – com os mais diversos códigos culturais para possibilitar a escolha individual dos próprios códigos. Não obstante o esforço em progredir face a um democracia cultural, a verdade é que

ainda existem fatores de relutância face a esse progresso. Como Martinho (2011) afirma, a lacuna que se observa entre a oferta e a procura cultural tem relação com o facto das práticas culturais serem ainda, no nosso país, elencadas por um grupo social seletivo.

Ao recorrer, uma vez mais, ao contributo de Teixeira Lopes (2007) a democracia cultural deve, então, seguir uma linha direta com a cultura, “(...) simultaneamente individual e colectivo, devedor de uma concepção de serviço público centrado na própria ideia de liberdade: só há democracia cultural na dignificação social, política e ontológica de todas as linguagens e formas de expressão cultural e na abertura de repertórios e de campos de possíveis (...)” (Lopes, 2007, p. 97). A democracia cultural deve, além disso, ser transversal em todos os processos de criação cultural. Por fim, e não menos importante, há que fomentar um estudo dos públicos. Amplo e diversificado a nível metodológico e empírico. Para intervir há que conhecer e para conhecer há que estudar com os instrumentos múltiplos que estão à mercê dos profissionais.

A democracia cultural assume uma negação da distinção mediante o uso da cultura e dos “(...) seus usos hierarquizados e hierarquizantes, classificatórios e estigmatizantes da cultura como violência simbólica ou formas de infligir sofrimento, infelicidade e humilhação a outros sujeitos sociais.” (Lopes, 2007, p. 97). É o rompimento essencial para com o modelo hierarquizado. Os níveis distintivos de cultura do modelo transfiguram-se para a impossibilidade de demarcação de culturas superiores, defendendo a *comunicação entre as culturas* – o modelo dos vasos comunicantes – e a apropriação de uma cultura para com a outra.

O contributo de Madureira Pinto não pode passar ao lado nesta enunciação, visto que este autor é defensor da descentralização cultural e da participação dos públicos na cultura e na programação cultural. A barreira a colmatar é a passividade. Recorrendo a Costa (1997) que atenta no contributo de Madureira Pinto, é importante que o alargamento do público se faça com uma maior participação, desde a criação à receção. Se o público se baseava na recetividade da obra, cabe agora a este uma criação, experimentação e, por fim, receção do conteúdo. Por outras palavras, é uma emancipação do espetador, um termo utilizado por Jacques Rancière, que demonstra a

importância do público como “(...) agente ativo, colaborador, co-criador ou mesmo conteúdo desse mesmo espetáculo.” (Madeira, 2012, p. 5).

Não obstante, a democracia cultural não pode passar por um desligar da qualidade. A abertura cultural e a tentativa de abate das distinções mediante os códigos culturais apreendidos por cada um não pode cair no erro de descuidar a qualidade, a obra, o valor. Não se pode cair na ilusão de que tudo é arte e arte é tudo, desmedindo qualquer valor e tornando tudo em usual.

Sabe-se que são as trajetórias e a socialização primária de cada indivíduo que vão possibilitar uma maior ou menor aproximação à cultura. Por saber que parte da socialização primária a ligação à arte e cultura, é fulcral compreender que os públicos – e não o público – são capazes de apreciar, (des)contextualizar a obra e atribuir significado. A abertura cultural de que é apologista a democracia cultural é um passo para isso, através do envolvimento mais ativo de todos os indivíduos (sem distinções) e com relação à cultura desde tenra idade. A triangulação escola – família – instituições culturais é precisa para conseguir a mutabilidade do *habitus* já estruturado. Será um trabalho com durabilidade mas não é intrespassável. Esta (re)configuração do *habitus* possibilita o já referido trânsito social e comunicação entre as diferentes culturas.

1.3.1. A afinação de uma política cultural

A definição de uma política cultural não pode ser desprovida da sua intencionalidade. Espera-se, na sua criação, alcançar determinados objetivos que consigam responder às intenções geradas inicialmente. Neste sentido, orientam-se os recursos e as mudanças são equacionadas. No seu contributo Teixeira Lopes (2007) fala de uma necessidade de tomada de decisões e de escolhas que, até nos mais conservadores, são inevitáveis.

As políticas culturais estão próximas do que se intitula de políticas públicas. São políticas já existentes ou criadas do zero, que têm o campo cultural como pano de fundo e que nele se articulam. Estas são, assim, “(...) geradas em contexto de reflexividade social institucionalizada e objecto de controvérsia explícita no espaço público.” (Costa, 1997, p. 2).

O contributo de Madureira Pinto neste tópico não dispensa uma análise. Firmino da Costa retoma o autor que sublinha que existem cinco tipos de espaços culturais cuja legitimidade e reconhecimento cultural se institucionalizam diferentemente. Eis que o primeiro espaço é a designada de cultura erudita ou alta cultura; o segundo é a cultura de massa, onde se propaga a produção e o consumo cultural; o terceiro espaço é o das subculturas, organizado e de associativismo; o quarto espaço é o coletivo e o reservado e, por último, o espaço doméstico (cf Costa, 1997).

Todos estes são espaços de afirmação cultural, mais ou menos reservados, mas potenciadores de expressão e significado. Não são espaços fechados, pelo contrário. Trata-se de uma teia que acaba por originar “(...) um quadro vasto e complexo, fortemente diferenciado no seu âmbito interno mas também, ao mesmo tempo, palco de interligações, sobreposições, ambiguidades, fronteiras difusas e mutáveis.” (Costa, 1997, p. 3).

No quadro da democracia cultural, as políticas culturais devem contemplar um conjunto de princípios segundo João Teixeira Lopes. Em primeiro, a importância de um papel presente e ativo do Estado. Este deve ser interventivo na criação, fomentar a formação de públicos e fornecer suporte aos equipamentos culturais, instituições e artistas. Porém, tal apoio do Estado não se deve consagrar numa “(...) intervenção estatista, própria de uma cultura administrada e tutelada (...)” (Lopes, 2007, p. 61). Os mecanismos à qual devem, ao mesmo tempo, valorizar a autonomização artística e imaginária dos criadores. Em terceiro, há que apelar a uma participação cultural múltipla e diversificada, fora dos círculos fechados.

Posto isto, há necessidade de um trabalho em rede por parte de agentes culturais, autarquias, municípios e Estado. Ao relembrar a proposta de Firmino da Costa (1997), o autor considera que é inegável a ligação que existe entre a sociologia da cultura e a sociologia do poder. O investimento das autarquias na produção e difusão cultural tem sido tendencialmente superior à do Estado, uma vez que estas visam o desenvolvimento de uma imagem regional que seja sinónimo de competitividade e de autonomia local.

No lado dos artistas, as políticas culturais ainda se encontram com a ausência dos estatutos socioprofissionais. Logo, estes regem-se pela sua flexibilidade que, do

outro lado, “(...) se traduz na precariedade, intermitência, acumulação de empregos (...), ou então, nos segmentos mais jovens, numa circulação incessante entre as actividades propriamente artísticas e os *ganchos*, *tachos* e *biscates*.” (Lopes, 2007, p. 65).

Ademais, a análise à proposta de Madureira Pinto evidencia que uma das maiores preocupações deve passar pela “obsessão” da atenuação de fronteiras entre a criação e a receção (cf. Costa, 1997). Talvez aqui se lembre o papel da escola na pedagogia artística e cultural e na ligação – desde cedo - entre arte e escola. Não é um trabalho que compete, somente, às escolas, porém é um dos meios de iniciação mais aptos e capazes de induzir essa aproximação e familiarização.

É neste sentido que Augusto Santos Silva propõe que a difusão das políticas públicas ocorra mediante quatro pólos: 1) as políticas de património; 2) as políticas de formação educativa de públicos; 3) as políticas de sustentação da oferta cultural e 4) as políticas de uso económico, social e político da cultura (cf. Costa, 1997). É uma conjugação de pólos operacionais – não só da cultura. Além disso, há uma relação entre Estado e sociedade civil, potenciadora da atitude ativa dos que são alvo das políticas culturais. É, assim, “(...) nas combinações multiformes de agentes, estatais e empresariais, municipais e autárquicos, associativos e outros, que vão emergindo em diversos domínios e iniciativas.” (Costa, 1997, p. 4).

No entanto, a incorporação de políticas culturais pode ser alvo de obstáculos e de dificuldades impiedosas. O olhar sob o contributo de Augusto Santos Silva por intermédio de Firmino da Costa assume duas proposições para a iniciativa cultural: em primeiro, uma obrigatoriedade primária do Estado na estruturação de actividades e, em segundo, na assunção do “terceiro sector” da cultura, para manutenção de uma relação aberta para com os parceiros, a níveis múltiplos, não apenas na vertente financeira e privada (cf. Costa, 1997). A presença estatal na promoção das políticas públicas traduz-se, em grande parte, “(...) na ligação das políticas culturais a outras políticas setoriais, como as políticas de regeneração e reabilitação urbana, as políticas sociais ou as intervenções de *marketing* urbano e territorial.” (Silva; Babo; Guerra, 2015, p. 117). Ademais, vincula-se (quase) como um intermediário entre os atores e interlocutores,

controlando e potencializando os recursos e os serviços empregues na iniciativa cultural (cf. Silva; Babo; Guerra, 2015).

O cenário nem sempre é fácil e os desafios são uma constante. Segundo Augusto Santos Silva existem cinco que se levantam na hora de promoção de política cultural: a diversidade, a atualidade, a dimensão, a continuidade e o impacto. A visão do sociólogo assume que a diversidade é, mais agora, um desafio a superar, sobretudo por parte das autarquias e do local. Combinar a procura tradicional com a nova procura juvenil vinculada às massas e consumo mediático, obriga a contabilizar a diversidade na hora de designação de uma política cultural. Por sua vez, a atualidade impera no sentido da ligação para com o eixo da modernidade, mesmo nas situações de celebração do tradicional. A dimensão é expressa na necessidade de trabalho intermunicipal, nacional e europeu. Em quarto, a continuidade. Este desafio parte da discussão sobre a gestão dos equipamentos e dos recursos, sobre a regulação dos eventos e a continuação estruturada dos mesmos. E, por fim, o impacto é um dos maiores desafios que se coloca. É, por outras palavras, a avaliação do trabalho. É o que vai avaliar o efeito, quer das despesas e receitas, das visitas e utilizações, quer da possível repetição (cf. Silva, 2007).

1.4. As vozes do combate à exclusão social

O conceito de exclusão social tem sido encabeçado por articulações discursivas que desvinculam o carácter científico presente na definição. Quer por senso comum, quer por propagações mediáticas, este sofre mutações na sua definição que o tornam pouco operacional e, até, pouco pertinente. Desta feita, há que tentar produzir uma definição concisa e legítima.

Sabendo que a exclusão parte de uma situação de desigualdade, há que compreender o que é, em primeira estância, uma desigualdade. Este termo absorve uma noção de distribuição diferenciada de materiais e recursos por parte de indivíduos que se inserem na estrutura social. A exclusão, em consequência, é uma intensificação da situação de desigualdade que, mediante a ausência de recursos e materiais, incrementa uma separação entre os indivíduos que participam na vida social e indivíduos que sofrem uma incapacidade de integração (cf. Rodrigues *et all*, 1999).

A exclusão é um processo de “(...) carácter cumulativo, dinâmico e persistente, encerrando no seu núcleo processos de reprodução (através da transmissão geracional) e evolução (pelo surgimento de novas formas), que garantem as suas vias de persistência, constituindo simultaneamente causa e consequência de múltiplas rupturas na coesão social, implicando manifestações de dualismos e de fragmentação social.” (Rodrigues *et all*, 1999, p. 65). Neste sentido, este não é um processo unidimensional, mas sim múltiplo, com uma correlação de variados fenómenos sociais, desde o desemprego, à pobreza e discriminação.

O contributo de João Ferreira de Almeida (1993) assume a necessidade latente em trabalhar a questão além da dimensão económica. É fundamental potenciar um trabalho em que se torna “(...) cada vez mais indispensável ponderar o «ambiente», o «envolvimento» das variáveis económicas, em perspectivas pluridisciplinares. Isso passa pela análise do papel das instituições — das suas heranças, das suas lógicas, dos seus funcionamentos —, pela análise das relações sociais e dos processos simbólico-culturais, pela prospecção de protagonismos novos ou virtuais que se deixem entrever na sociedade.” (Almeida, 1993, p. 832)

Ao abordar a exclusão social não se pode omitir a pobreza enquanto consequência reforçadora do processo anterior. A exclusão social é o passo inicial para originar uma situação de pobreza. Numa situação de exclusão do mercado de trabalho, sem uma profissão assegurada, o indivíduo perde acesso aos bens e recursos básicos, como habitação e saúde. Com efeito, a identidade social construída através do envolvimento comunitário e laboral não é configurada (cf. Rodrigues *et all*, 1999). Esta situação é acompanhada por um sentimento de auto-exclusão. O indivíduo sente-se pouco útil na sociedade onde se encontra e rejeitado da esfera social. Aqui, somam-se caminhos desviantes ou processos de superação dos obstáculos. Contudo, a identidade é marcada e transformada, sendo que engloba em si todos os sentimentos que acompanharam o indivíduo ao longo da exclusão.

A exclusão parte de uma quebra com a estrutura social. Há causas para que este processo de inicie, seja desde jovens ou em idade adulta. O corte das relações sociais pode acontecer já na fase de socialização primária, ou seja, com família ou com a

socialização secundária, com o grupo de pares e redes de entreatajuda. Independentemente de onde se encontra o ponto de partida, não se pode deixar passar em branco o facto de há uma clara desintegração das redes relacionais e das estruturas de apoio que traçam um caminho de exclusão e de pobreza. Figurativamente, é a falta das partes para constituir o todo. O processo de socialização do indivíduo não ocorre se as partes motoras para esse desenvolvimento não trabalharem em conjunto.

Ao analisar o contributo de Rodrigues *et all* (1999) importa compreender algumas das dicotomias inerentes à pobreza. O quadro abaixo ilustra-as sinteticamente:

Pobreza absoluta		vs	Pobreza relativa	
Baseia-se nas necessidades básicas e, como tal, atenta à distribuição dos recursos			Parte de uma análise da pobreza tendo por base os padrões gerais da sociedade	
Pobreza objetiva		vs	Pobreza subjetiva	
Toma por referência um padrão que permite a tipificação das situações de pobreza e, conseqüentemente, possibilita uma caracterização objetiva dos pobres			Relaciona-se com a perceção que os indivíduos e grupos sociais constroem através das representações das situações de pobreza	
Pobreza tradicional		vs	Nova pobreza	
A tradicional baseia-se na situação crónica de pobreza, que tem inerente em si um estatuto desvalorizado			Relaciona-se com as alterações económicas e tecnológicas e com os efeitos no sistema, expressos essencialmente no crescimento do desemprego	
Pobreza rural	vs	Pobreza urbana	vs	Pobreza suburbana
Potenciada pela ausência de atividades económicas alternativas à baixa atividade agrícola e dependência forte dos apoios da segurança social		Abrange um maior leque de grupos sociais e toma várias dimensões: desemprego e baixos rendimentos, baixas qualificações, precaridade e marginalização		Forma mais recente de pobreza. Enquanto espaço fortemente marcado por problemas sociais mas, ao mesmo tempo, com grande dependência do espaço urbano (mais a nível de trabalho), a pobreza desenrola-se na dimensão problemática como prostituição, tráfico e consumo de droga e desordenamento territorial. Originam-se, assim, carências nas infraestruturas e na qualidade de vida

Pobreza temporária	vs	Pobreza duradoura
Uma noção de pobreza com tempo limitado, que marca a entrada e saída num ciclo de pobreza que tem um fim		Assenta na reprodução e que funde vários ciclos de pobreza

Quadro 1: Adaptado do texto de RODRIGUES, Eduardo Vítor [et all] (1999) – A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. [em linha]. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. 09, p. 63-101. [Consult. 26 janeiro 2016]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8578/2/1468.pdf>. ISSN 0872-3419.

Não só importa atender às dimensões comuns a ambos os fenómenos como é pertinente analisar as distinções. Não obstante estes serem conceitos próximos e relacionais entre si, existem diferenças a reportar. Uma delas, segundo o olhar dos autores, consiste nas modalidades de identificação dos fenómenos. Se por um lado a pobreza é facilmente identificada mediante a estipulação de uma referência mínima de rendimentos e se veste enquanto processo *estático*; por outro, a exclusão é um fenómeno *dinâmico*, que absorve um conjunto de trajetórias desviantes e de quebras relacionais, e que assume quer as causas quer as consequências de várias situações de privação individual e social.

Na atualidade, o debate centra-se na crescente expansão das situações de pobreza e exclusão social a diversos grupos sociais. Esta realidade que devido à “(...) acumulação de *handicaps* aumenta a vulnerabilidade de determinadas categorias sociais a situações de pobreza e exclusão social, tornando-as socialmente mais visíveis” (Rodrigues *et all*, 1999, p. 70) cria uma ampliação do desfavorecimento e desvalorização.

A própria alteração da sociedade incutida num vagão de abundância material e consumista, refletiu-se em mudanças a nível do trabalho. Um dos problemas do mercado de trabalho é o impossibilitado alargamento pelo crescente envelhecimento populacional. Desta feita, a grande oposição centra-se entre “(...) as economias de consumo generalizado e de alto nível de vida, e as economias de penúria e de estagnação.” (Fernandes, 1991, p. 34). O caso português, segundo o autor, assume um *crescimento intermédio*. Este tem, por um lado, um crescimento económico nas

camadas populacionais; e por outro lado, a uma manutenção – senão acentuação – das clivagens entre as regiões (cf. Fernandes, 1991). A pobreza na área rural é designada pela produção agrícola limitada, as habitações pouco condicionadas, baixos rendimentos e sistemas económicos baseados na subsistência. Por sua vez, a pobreza na área urbana tem o seu enfoque na desintegração no sistema de produção e económico. Ocorre, assim, o efeito da privação, da distribuição desequilibrada da riqueza e dos recursos e da vulnerabilidade.

Desta feita, a pobreza atual difere da pobreza do século XIX por um motivo simples: é um contraste ao bem-estar que a sociedade ocidental está habituada. Não raro ser um problema da designada minoria, a preocupação inerente à pobreza ocidental relaciona-se com o facto desta criar um cenário oposto ao desenhado pela sociedade moderna. E se a pobreza outrora se caracterizava por um desequilíbrio económico e desintegração laboral, “As formas de pobreza dos nossos dias correspondem, porém, a outras tantas modalidades de falta de integração e implicam mecanismos idênticos de associação e de mobilização.” (Fernandes, 1991, p. 33).

João Ferreira de Almeida (1993) assume um contributo próximo ao de Rodrigues *et al* (1999) e considera que a pobreza objetiva e subjetiva não seguem caminho lado a lado mas que há uma questão que coexiste em ambas – a vulnerabilidade. Esta situação, mesmo em casos em que a pobreza objetiva não se verifique, acaba por atingir da mesma forma os indivíduos que por ela passam. Existe uma “(...) aprendizagem da desqualificação social e, por vezes, a habituação inicial à estigmatização e à inferiorização, à perda de dignidade e de estatuto.” (Almeida, 1993, p. 833). Ora, a situação de vulnerabilidade, mesmo que ainda não traduzida em pobreza objetiva, tende a criar conformismo com o estatuto associado.

Neste sentido, a posição social que o indivíduo ocupa é fator de promoção ou redução da pobreza. António Fernandes (1991) expõe uma estratificação que realça essa (re)produção da pobreza. A mobilidade social pode assumir três níveis distintos: ascendente, onde há uma fuga à situação de pobreza; a nula, em que a pobreza é reproduzida uma vez que não há avanço ou retrocesso e descendente, em que a situação de pobreza é produzida. Neste seguimento, a mobilidade social é uma arma para sair de

um estado de pobreza. Porém, caso esta não se verifique, a pobreza é reproduzida ou iniciada. Tal significa que a pobreza pode ser, em certos casos, herdada geracionalmente.

Este desfavorecimento é socialmente visível pelo carregar dos *handicaps* a que os indivíduos são expostos. Estes traduzem-se em novas formas de vida e de cultura, que vão potenciar as situações de exclusão social. Rodrigues *et all* (1999) demonstram que os *handicaps* podem ser variados e refletem categorias sociais desfavorecidas: tradicionais: idosos, camponeses pobres e assalariados com baixas qualificações; novos: desempregados de longa duração, minorias étnicas, famílias monoparentais, indivíduos com deficiências ou incapacidades físicas, jovens em risco, sem-abrigo e trabalhadores em trabalhos precários. Acrescentam, ainda, as mulheres e a discriminação que sofrem em várias dimensões, jovens à procura do primeiro emprego e com qualificações, pessoas com doença crónica e beneficiários do Rendimento Social de Inserção.

Como já foi abordado, o trabalho e emprego são das dimensões onde a exclusão pode ser mais visível e, em consequência, mais penalizadora para o indivíduo. Desta feita, a aposta nas formações e nos incentivos ao emprego têm sido desencadeados enquanto soluções para combater essa exclusão e desintegração laboral. Estas passam por uma aposta na continuidade dos trabalhos, nas melhores condições contratuais, na criação de estabilidade e de novos empregos.

No entanto, apesar de recorrentemente associado à situação de privação económica, a exclusão oriunda do desemprego trespassa as barreiras económicas. Existe uma quebra relacional com o grupo de pares e o processo de socialização é interrompido. Cria-se um sentimento de solidão e incapacidade de ultrapassar essa rutura relacional. Além disso, este processo inclui a necessidade de lidar com o estigma a que está associado o desemprego. Ora, a pressão psicológica inerente ao facto de não ter emprego e de não ter segurança acerca do seu futuro, leva a que o estigma se incorpore no próprio indivíduo.

Não seria pertinente chegar a este ponto de enunciação sem abordar a outra face da moeda. Se a exclusão social existe, há que promover a integração social para que o primeiro conceito não passe de um possível cenário.

A integração tem em si um objetivo fixo: “(...) pressupõe a delegação de poder; os excluídos ou grupos empobrecidos devem ter necessariamente uma participação activa no funcionamento de grupos sociais organizados.” (Rodrigues *et all*, 1999, p. 78). É uma dinâmica que envolve um trabalho conjunto que abrange quatro sistemas: o político-jurídico, o económico e territorial, o de proteção social e o comunitário e simbólico (Rodrigues *et all*, 1999). Estes sistemas vão potenciar medidas que passem por uma integração cívica, política, espacial, familiar, social e comunitária.

O contributo de António Teixeira Fernandes (1991) que há umas décadas falou que “O pobre é um ser-outro, marcado por um sentimento de exclusão do tipo de sociedade dominante, de fatalismo e de injustiça social, alguém que faz a experiência da indiferença ou do desprezo dos outros.” (Fernandes, 1991, p. 40) demonstra que além do estigma potenciado pelos outros sobre o indivíduo, este ainda lida com a auto-estigmatização – a que reveste a si próprio. Neste sentido, o autor demonstra que a solução centra-se no combate à marginalidade e à exclusão e, em suma, a uma luta contra o individualismo e uma tentativa de *recomposição do tecido social*.

Ao abordar a questão da integração, é necessário fazer uma distinção entre a integração social e integração sistémica. Segundo Rui Pena Pires (2012) a integração social é aquela cujos indivíduos são incorporados num dado território mediante as suas relações comunitários e laços coletivos. Por sua vez, a integração sistémica é desenhada pela combinação interdependente de subsistemas que estão inseridos num determinado sistema. Tal significa que enquanto a primeira subjaz as relações sociais e coletivas, a segunda abrange as instituições e os sistemas participativos no processo.

Assim, há que garantir um trabalho dinâmico entre ambas as partes. A integração, enquanto mecanismo de resolução de situações de exclusão, deveria elencar soluções que se baseiem “(...) na definição de novas políticas educativas, urbanas, do desporto, de modo a encontrar instrumentos de assimilação e integração.” (Almeida, 1993, p. 832). O esforço principal centra-se na quebra do estigma, por vezes já demasiado incorporado no indivíduo. É um cenário trabalhoso – quase utópico, na verdade – mas que deve ser intensificado.

Um breve resumo

Neste primeiro capítulo, as definições não foram fáceis de concretizar. Ademais, tomar o Som da Rua, projeto do Serviço Educativo da Casa da Música, como meio para conduzir esta investigação foi também, *per si*, um desafio.

Este é um projeto artístico, na sua primeira designação. Porém, não descuida a vertente social que é capaz de fomentar. Um exemplo real da democracia cultural, o Som da Rua pretende uma abertura da cultura, da arte – mais precisamente a música – para todos os indivíduos, em situação de sem-abrigo ou em qualquer outra situação. É um projeto que visa a inclusão e (re)integração social daqueles que por lá passam e marcam caminho no grupo.

Pode, tal como foi enunciado acima, existir um estigma e uma imagem (pré)concebida que não desmembra do grupo. É por aqui que a luta de inclusão social também prossegue. Terminar com os preconceitos e com as imagens estabelecidas e com os caminhos traçados. O grupo não acaba com a situação dos participantes mas fornece instrumentos para uma readaptação ao mundo social (e real) e uma transformação da identidade pessoal e comunitária.

É, também, o construir uma nova identidade - por vezes perdida - devido à desintegração que portam. Se anteriormente foi afirmado que a comunidade, mais que território, engloba as relações e as partilhas, a pertença num grupo fortalece essa nova estruturação. É um trabalho entre o Eu e o Nós, entre o Pessoal e o Social que possibilita essa sensação de pertença e de integração no todo.

CAPÍTULO II – A ATUAÇÃO. SOM DA RUA: A AFINAÇÃO METODOLÓGICA.

2.1. A melodia do Som da Rua: o porquê da escolha do objeto de estudo

A concretização de um trabalho desta natureza nem sempre tem a maré a nosso favor. É verdade. Este foi um acaso feliz nesta jornada que se desenhava, nos primeiros tempos, demasiado incerta. As dificuldades inerentes ao trabalho visualizado inicialmente levaram à necessidade de uma reformulação dos objetivos. Desta feita, e nessa remada de adaptação, surge a oportunidade de tomar o Som da Rua como objeto de estudo.

Mas qual foi, então, o motivo que levou a agarrar o Som da Rua? Em primeiro, a ousadia do projeto. Sendo que a Casa da Música surgiu com o intuito de uma abertura cultural, ter como ponto de partida a população em situação de exclusão social é um extravasar de barreiras. É por isto, talvez, que o Som da Rua já tenha o reconhecimento além fronteiras e se defina como, até ao momento, o projeto mais durável no Serviço Educativo da Casa da Música. Em segundo, a orientação. Foi o orientador deste trabalho, o Professor Doutor João Teixeira Lopes, que propôs este projeto que não era do meu conhecimento pessoal. O interesse pelo projeto cresceu pelos mais diversos motivos: pela forma como trabalha as vidas daqueles indivíduos que integram o grupo, pela capacidade que tem de dar voz aos menos ouvidos, pelo incentivo que fornece a cada pessoa e, sobretudo, pela vontade que tem em dar uma nova vida a cada um deles através da abertura cultural e artística. Após um conhecimento mais aprofundado do projeto – nesta fase já em sintonia com o Serviço Educativo da Casa da Música – a decisão foi tomada.

Do ponto de vista curricular, o acompanhamento do projeto no âmbito de um estágio curricular pressupõe a realização de um modelo de avaliação do impacto social. Definiram-se tarefas, objetivos a cumprir e o estágio inicia-se. A escolha deste objeto de estudo permite recolher dados e retirar conclusões acerca da capacidade de integração social de indivíduos em contextos de exclusão mediante a prática cultural.

Por breves palavras, este tornou-se um projeto que aglomerou todas as dimensões que aventurava trabalhar. É uma mescla do trabalho cultural em prol do social, neste caso em concreto, com indivíduos com percursos fortemente marcados pela exclusão social. Desta feita, o acompanhamento do grupo, do trabalho de *backstage* do Serviço Educativo da Casa da Música, a análise aprofundada de documentários e reportagens e a aplicação direta das técnicas primordiais da Sociologia, fundiram-se para criar, hoje, o presente relatório que encerrará o Mestrado em Sociologia.

2.1.1. O modelo de análise

A construção de um modelo de análise pode apresentar-se como uma etapa demorada, porém, fundamental para a compreensão das dimensões a analisar. Deste ponto parte-se, então, para a compreensão do modelo de análise incluído neste capítulo.

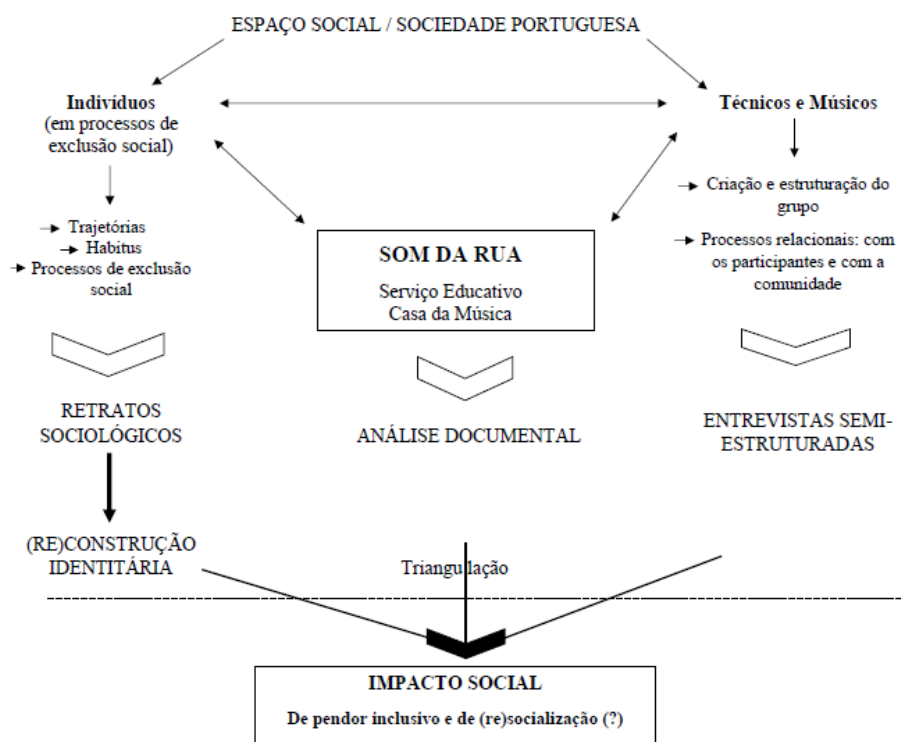


Figura 1: Modelo de análise

Ao encarar o modelo de análise podemos, de imediato, constatar duas dimensões principais: por um lado, a individual e, por outro, a dos técnicos e músicos. Estas são as duas grandes dimensões a trabalhar ao longo do relatório. Em termos individuais, há que realçar a trajetória, o *habitus* e os processos de exclusão social que culminaram na situação atual dos indivíduos constituintes do grupo. Mede-se, em torno desta dimensão, os processos sociais, pessoais e culturais que marcam pontos de viragem na vida destes indivíduos.

A dimensão que se volta para os técnicos e para os músicos que acompanham o projeto pressupõe uma atenção redobrada face às necessidades vigentes à criação e estruturação do grupo, assim como aos processos relacionais que criam (e fortalecem) as relações com os participantes e comunidade. A interpretação dos processos de socialização ao longo da vida e, também, no seio do Som da Rua, é o que vai permitir compreender as relações que são estabelecidas em critério pessoal e grupal.

Ao tomar conta ponto de partida o espaço social e a sociedade portuguesa, será feita uma análise destas duas dimensões. Para a trajetória individual, a análise partiu das entrevistas semiestruturadas que desencadearam em histórias de vida. Pretende-se compreender de que forma o projeto Som da Rua fomentou a (re)construção identitária destes indivíduos, possibilitando novas oportunidades e melhoria de vida. Por sua vez, para os técnicos e músicos, as entrevistas semiestruturadas permitem um olhar sobre o grupo – desde a criação à estruturação e objetivos – e atenta na relação interna que se estabelece entre os participantes e os formadores.

As técnicas serão desenvolvidas mediante uma triangulação: retratos sociológicos, análise documental e entrevistas semiestruturadas. A conjugação das três técnicas em Sociologia vai avaliar o impacto social do Som da Rua nos indivíduos que constituem o grupo e averiguar se o fator de inclusão e (re)socialização que empreende é, efetivamente, direto.

2.2. Casa da Música e o Serviço Educativo: o palco do estágio curricular

A Fundação Casa da Música foi o palco, em bons modos, do estágio curricular realizado de 11 de janeiro de 2016 a 31 de maio de 2016. Durante o período de estágio, o trabalho foi desenvolvido em proximidade com o Serviço Educativo.

Inaugurada em abril de 2005, a instituição é definida como “um ícone que interpreta a relação imbricada entre cultura e cidade ao mesmo tempo que nos remete para os desafios e propósitos das políticas culturais. Sendo uma fundação de direito privado e utilidade pública, de nível nacional e com ambições de democratização cultural, internacionalização e descentralização, o debate em torno das políticas culturais encontra aqui mais um cenário de problematização.” (Rodrigues, 2013, p. 1). A Casa da Música tornou-se, assim, um dos *ex-libris* da cidade do Porto, (re)conhecida não só pela sua invulgar construção arquitetónica como também pelas suas criações, projetos e concertos para todos os públicos.

Para consolidar essa abertura cultural, a necessidade de mediação é acrescida. Assim, com os investimentos públicos e com a intervenção das instituições, além de uma abertura de espaços, atividades e equipamentos, são criados serviços vocacionados para a orientação cultural. Os serviços educativos são o exemplo prático disso e dessa tendência em Portugal.

Os novos olhares sob a cultura desprenderam uma mudança que se consagrou na sua abertura e no seu crescimento e que esbateu, em parte, as barreiras económicas. Como afirma Helena Santos (2003), a principal mudança no domínio cultural deu-se em meados dos anos 90 com a tentativa de desapego ao Estado na suportaçao cultural e artística. Para tal, impulsionaram-se novos modos de produção mediante novas relações entre público e artistas. Estas mutações trazidas pelo crescimento dos *públicos* culturais, nomeadamente através da intensificação das classes médias no campo artístico e formalização do ensino artístico, subscrevem-se numa massificação da “cultura da arte”. Todavia, o problema que se levanta é a aproximação desta cultura ao lazer e entretenimento, com mediatização globalizada.

Numa linha que vai de encontro à abertura cultural, assente nas raízes de democracia cultural, a integração do trabalho de um departamento educativo reveste-se de interesse para a criação de um trabalho versátil, sem pôr em causa a qualidade da oferta. É por isto que “(...) os serviços educativos constituem hoje uma área estratégica para muitas organizações culturais, quer porque permitem concretizar uma visão programática das artes e da cultura como ferramentas para a coesão e integração social, quer porque através deles se constroem também as trajetórias e as reputações da instituição e dos seus membros.” (Quintela, 2011, p. 80).

Com inauguração oficial a 15 de abril de 2015, a Fundação Casa da Música – assim definida em janeiro de 2006 após a inclusão de novas entidades fundadoras – compromete-se a «ser “a casa de todas as músicas”, podemos identificar nos discursos oficiais em torno da missão e filosofia programática da Casa da Música referências explícitas a uma vocação de *abertura a uma pluralidade de públicos e géneros musicais*, a *experimentação* e a *inovação* – aspetos que, como veremos, são também estruturadores dos discursos em torno da missão e objetivos do Serviço Educativo.» (Quintela, 2011, p. 69).

O Serviço Educativo da Casa da Música caracteriza-se, desta feita, por um amplo conjunto de atividades que se disseminam para lá dos concertos, sempre com enfoque na educação musical. A entrevista a uma das técnicas da equipa do Serviço Educativo projeta essa mesma visão. Como referencia Anabela Leite

“É assim eu acho que nós temos todo o tipo de atividades que podíamos ter: desde atividades de formação para profissionais, temos workshops, temos espetáculos, temos equipamentos que as pessoas podem visitar e interagir com eles livremente, temos projetos de maior duração ou de menor duração. Hmm... e depois temos atividades para todo o tipo de pessoas: desde bebés, crianças, adultos, idosos, não músicos, músicos, músicos amadores...”

(Ver Anexo 21)

Movidos pelo Fator E!, as atividades fornecidas pelo Serviço Educativo da Casa da Música pautam-se pelo seu carácter lúdico, apto para qualquer segmento e qualquer público. Há uma adaptação do trabalho e é essa flexibilidade que permite um retirar de benefícios para qualquer grupo.

O designado Fator E! pode recriar as mais variadas palavras. Este “É um E maiúsculo, incorporado, que se enche de muito. Pode ser de Educação, Experimentação, Espectáculo, Estreia. De Emoção, Entusiasmo, Entrega. Para nós é sobretudo Estrutura; o Factor que determina a dinâmica e a performance do Serviço Educativo.” (Casa da Música, 2015). O trabalho desencadeado pelo Serviço Educativo, no ano letivo 2015/2016, conta com espetáculos e concertos, *workshops*, formações e os Fora de Série.

Não há uma tentativa de sobreposição ao ensino de música, apenas uma oferta extensiva de projetos e atividades que assumam um carácter lúdico com recurso à música. É uma intervenção que vai de encontro à vontade do Serviço Educativo de “alargamento da oferta regular de formação (...)” (Quintela, 2011, p. 71). Pretendem, no Serviço Educativo, apostar na “(...) articulação/complementaridade da oferta formativa com a realização de diversos projetos que, com diferentes durações, apresentam abordagens menos convencionais ou mais experimentais (nas técnicas utilizadas e nos contextos locais em que se inserem), assumindo geralmente um conjunto de preocupações específicas com os públicos-alvo a quem se dirigem.” (Quintela, 2011, p. 71).

O trabalho do Serviço Educativo é contínuo e tem reforçado a qualidade e diversidade das atividades e projetos que despoleta. Esta acaba por ser uma das metas a cumprir. Segundo Anabela Leite

“Eu acho que queremos sempre proporcionar uma experiência diferente, uma experiência musical de qualidade diferente e gratificante às pessoas.”

(Ver Anexo 21)

Os *workshops* que são característicos da agenda do Serviço Educativo acabam por visar o ensino básico e secundário, mas também as pré-escolas e os bebés. Estes “(...) são diversificados, abordando aspetos rítmicos, de composição, exploração das relações entre a música e a matemática, a música e o movimento/corpo, entre outras questões.” (Quintela, 2011, p. 70). Com base neste trabalho, oferece projetos com uma durabilidade relevante – como é o caso do Som da Rua - e com trabalho conjunto com IPSS’s. O “Casa vai a Casa” é um agradável exemplo disso.

Importa, neste ponto do relatório, iniciar a explanação do trabalho desenvolvido no estágio ao longo dos meses de janeiro a maio de 2016 com o grupo Som da Rua. Com deslocação física para a Casa da Música durante três dias por semana, um dos objetivos principais era o acompanhamento do grupo para compreensão – e apreensão – das dinâmicas, relações e rotinas. Todo este acompanhamento iria, no final, surtir na avaliação do impacto social que o Som da Rua, enquanto projeto de pendor inclusivo, tem para aqueles indivíduos que integram o grupo.

Definidos numa fase inicial desta investigação, os objetivos do estágio curricular centravam-se na análise do impacto social do projeto Som da Rua, incluindo análise documental, entrevistas e observação etnográfica. Assim, o produto final traduziu-se num relatório – entregue à Casa da Música em junho de 2016 – que reflete o impacto social do projeto, recorrendo ao olhar dos indivíduos que se encontram em processo de exclusão social, os músicos do grupo e os técnicos que fazem o acompanhamento dos utentes.

O trabalho executado passou por três grandes fases. A primeira, de janeiro a meados de fevereiro, sagrou-se na análise documental. A fase de familiarização com o Serviço Educativo e a própria Casa da Música, assim como a elaboração da investigação, refletiu-se na necessidade de, nesse momento, realizar uma análise de documentários, reportagens e documentos que continham informação acerca das atuações e deslocações do grupo. Desta feita, foi produzida uma tabela explicativa das atuações, desde local e hora a propósito da atuação (ver Anexo 1). Resultou, com ajuda

mais presente do Serviço Educativo, num aglomerar de informação acerca dos músicos do grupo e das instituições que fazem parte da Liga para a Inclusão Social¹.

A segunda fase coincidiu com a recolha de dados. Entre fevereiro a abril foram recolhidos todos os dados necessários à elaboração do modelo de impacto social do projeto com recurso à observação participante e às entrevistas semiestruturadas. As observações datam o registo dos ensaios realizados às quartas-feiras, às 14h30m, na Rua dos Mercadores. Mediante esta técnica foi possível compreender algumas regularidades, como irregularidades do grupo. Permitiu um amplo olhar sobre a relação entre os participantes, músicos e técnicos, quer em situações equilibradas como em momentos mais tensos.

As entrevistas, por sua vez, de carácter semiestruturado para todos os membros contaram com algumas orientações distintas posteriormente. No que se refere aos músicos e técnicos, a entrevista pretendia compreender qual o objetivo do projeto, como se consegue gerir o grupo e o impacto que sentiam (ou não) acontecer. Para os indivíduos, as entrevistas moldaram-se em retratos sociológicos, uma técnica trabalhada por Bernard Lahire. Esta técnica qualitativa foca os percursos, o *habitus*, as relações primárias e secundárias, a educação, entre outras dimensões que se revelaram como fulcrais para o entendimento da situação atual daquelas pessoas. Por poucas palavras, toma por ponto de partida a base do próprio indivíduo, dando ênfase a todos os processos socializadores que este atravessou.

A terceira, e última fase, consistiu na análise e interpretação dos resultados obtidos e na redação do relatório entregue à Casa da Música e, posteriormente, no presente relatório de estágio.

O estágio integrou distintas tarefas ao longo do tempo, algumas já enumeradas acima, outras ainda por abordar. Então, ressaltam-se as seguintes no leque de atividades realizadas:

- 1) Visita guiada à Casa da Música;

¹ A Liga para a Inclusão Social é uma plataforma que engloba um conjunto de IPSS's que integram atividades em prol da inclusão social de indivíduos em situação de exclusão. O Som da Rua é uma das atividades incluídas na plataforma.

- 2) Recolha e análise de documentários, reportagens e informações centradas no Som da Rua;
- 3) Produção de uma linha histórica e cronológica do que foi – e é – o Som da Rua;
- 4) Criação de guiões de entrevista para músicos e técnicos, participantes, diretor artístico do projeto e membro do Serviço Educativo;
- 5) Produção de grelhas de observação e grelhas de análise de conteúdo;
- 6) Assistência a ensaio final de espetáculo a ser apresentado na Casa da Música;
- 7) Aplicação de entrevistas e realização de observação direta participante;
- 8) Redação do relatório do impacto social do projeto Som da Rua a ser entregue à Casa da Música.

Todas estas tarefas permitiram a consolidação do trabalho apresentado. Foi um processo de adaptação, uma vez que o estágio curricular obriga a uma iniciação laboral externa à rotina pessoal. Além disso, intensifica a correlação entre o saber académico e a prática profissional. É um extravasar dos conhecimentos adquiridos em cinco anos letivos para a prática e para o contexto real.

Talvez seja importante, neste ponto, refletir acerca do duplo papel de investigadora/estudante e estagiária. Apesar de distintos, a correlação entre ambos existe. Em primeiro, o trabalho de estagiária que foi realizado coadunou com uma investigação no âmbito do relatório de estágio. Em segundo, para a realização do mesmo, foi necessário recorrer ao manancial teórico estudado por cinco anos letivos. O estágio curricular abarca uma nova postura profissional. Não obstante a ligação à faculdade e à prática académica, as responsabilidades inerentes ao trabalho desenvolvido criam expectativas, sobretudo por parte da instituição acolhedora, que devem ser correspondidas.

Como tal, existem sempre momentos mais complicados de gerir. Não diria dificuldades, pelo menos no caso aqui explorado, mas sim situações em que gerir o desconhecido pode ser fator de desmotivação. As principais complicações surgiram, em primeiro, na conjugação de horários para a realização das entrevistas. O preenchimento exaustivo das vidas dos membros do grupo – músicos e técnicos – criaram algumas

dificuldades na marcação das entrevistas. Em segundo, salienta-se a iniciação de um modelo com o qual não havia familiaridade. Tal obrigou a uma recolha de informação adicional e um recurso à orientação para compreender do que se reveste a tarefa apresentada. Por último, a governação de datas. O trabalho aglomerado pode, por vezes, ser exaustivo para cumprimento de prazos. Apesar de tudo, a compreensão reinou do lado do Serviço Educativo que, mesmo com uma abordagem de independência face à minha posição e estágio, sempre mostraram a máxima disponibilidade e entreajuda possível.

2.3. A pauta metodológica: as entrevistas, a observação etnográfica e os recursos visuais

São as opções metodológicas que vão permitir balancear o saber académico com o profissional. Mediante as técnicas utilizadas, os dados são recolhidos e analisados, finalizando o trabalho e conseguindo retirar conclusões, mais ou menos próximas às exetáveis. Assim, é fundamental ajustar as técnicas ao que queremos obter sabendo, *à priori*, que cada uma delas tem a sua finalidade.

Este estudo de caso, com forte componente de trabalho de campo, seguiu contornos do paradigma qualitativo. Com o objetivo de criar um trabalho versátil no que se refere à conjugação das técnicas, este mostra-se como o paradigma mais acertado. A relação com a etnografia mostrou-se difícil de desligar devido à proximidade que esta estratégia assume para com o objeto de estudo.

Deste modo, a investigação orientou-se para a etnografia e para as técnicas que possibilitam uma interiorização com o objeto de estudo, sendo que acabam por se focar na “(..) construção identitária, por via da narratividade de um trajecto de vida (histórias de vida) e na construção da inovação social, por via da experimentação contextualizada (investigação-acção).” (Caria, 2002, p. 14).

Ao seguir uma lógica cronológica da investigação e tendo por referência o estágio curricular na Casa da Música, são expostas as técnicas utilizadas e o que se pretendia com a aplicação destas. Desta feita, a análise documental, a observação

participante e as entrevistas e retratos sociológicos serão enunciados no capítulo apresentado.

Inicia-se, assim, com a análise documental. Esta foi um das técnicas a aplicar na fase inicial do estágio curricular. Esta técnica permite criar um ponto de situação acerca da instituição acolhedora, assim como do projeto em causa – Som da Rua – e do trabalho do Serviço Educativo. A visualização de documentários e reportagens, a leitura e interpretação de documentos organizacionais criados pelo Serviço e da agenda anual, possibilitaram o encontro de um fio condutor do Serviço Educativo e das atividades que desencadeia consecutivamente.

De seguida, prontifica-se a observação participante. Quando falamos em observação direta e observação participante fala-se em instrumentos de recolha e registo e, depois, interpretação. A observação direta, enquanto técnica, permite recolher toda a informação necessária sobre o comportamento social a partir dos elementos mais visíveis e inseridos na própria realidade social. A observação é baseada nos nossos próprios sentidos daí que permita captar, no preciso momento, os comportamentos e as ações dos indivíduos, sem recurso a qualquer outro instrumento.

A partir de uma grelha de observação é possível compreender transformações, regularidades e (re)produção de comportamentos e relacionar com a apropriação do espaço. Ao trabalhar diretamente com o grupo Som da Rua e, uma vez que existiu uma ida recorrente aos ensaios, a observação direta participante – uma observação de carácter etnográfico – pode ser uma forma viável de acrescentar pormenores que poderiam, à primeira vista, passar despercebidos. Assim, através da integração na rotina do grupo, é possível estudar a comunidade e compreender se existe uma reprodução comportamental. Esta variante da observação “(...) assenta, nomeadamente, na precisão e no rigor das observações, bem como no contínuo confronto entre as observações e as hipóteses interpretativas.” (Quivy; Campenhoudt, 1995, p. 197).

A principal distinção para com a observação do quotidiano é que a empírica é usada no âmbito de um projeto de investigação e assenta em critérios, alguns estabelecidos em pré-realização, que vão de encontro ao que se pretende retirar. Esta surge quando é feita de acordo com os padrões que a definem como técnica e continua

suportada pelos sentidos audiovisuais e pelos equipamentos tecnológicos, com todas as implicações subjacentes que isto traz.

Peretz (2000) afirma que há competências sociais que o investigador deve sempre ter em consideração: a memória visual e auditiva, uma vez que a nossa observação não se baseia na retirada exaustiva de apontamentos; a capacidade de atenção e concentração face às situações em nosso redor porque, em determinado momento, podemos ter a necessidade de focar a nossa atenção e é a capacidade de atenção do investigador que irá permitir funcionalizar e adaptar a situação e, em correlação com a anterior, a capacidade de adquirir os conhecimentos sociológicos gerais de modo a que a interpretação dos registos no diário de campo seja melhor, como consequência da quantidade de conhecimentos que este possui.

De seguida, começa-se com a explanação acerca das entrevistas. As entrevistas semiestruturadas enquadram-se na análise qualitativa onde o entrevistador é auxiliado por um guião de entrevista que contém informação respetiva aos núcleos temáticos a serem explorados. A entrevista é uma técnica com um carácter único. Apresenta um discurso direto, daí a necessidade de gravação para a posterior transcrição ser o mais exata possível. Por estes motivos, a entrevista é uma técnica que acaba por ser desafiante e, ao mesmo tempo, inspiradora porque obriga a algum trabalho de pré-aplicação e não somente a uma execução momentânea. A construção do guião de entrevista tem de ser completo de forma a angariar o máximo de informação mas sem colocar em causa, em momento algum, o discurso e a posição do entrevistado.

Caracterizadas enquanto entrevistas cujas perguntas não têm de ser abertas nem fechadas, o grau de condução destas entrevistas é amplo. Podem ser criadas questões para guiar a entrevista, porém estas não têm de ser seguidas pela ordem em que se apresentam. Neste método, o entrevistado tem liberdade para seguir a sua deixa e a ordem que lhe convém, sendo que o investigador pode (e deve) encaminhar o entrevistado para os objetivos da entrevista sempre que este se comece a afastar dos mesmos (cf. Quivy; Campenhoudt, 1995).

As entrevistas são de carácter narrativo visto que estas permitem que o entrevistado conte a história pessoal acerca de um momento ou acontecimento

importante da sua vida. Além disso, este tipo de entrevista dá voz ao sujeito e cria uma sequência do que aconteceu, refletindo sentimentos e significados subjacentes à experiência pessoal. Com esta estratégia de investigação recorrente na etnografia «O investigador faz os “nativos” pensarem e verbalizarem sentidos e deterem-se sobre aspectos das suas vivências com os “outros” que, inevitavelmente, interrogam a sua identidade social e permitem estimular a sua reflexividade enquanto cidadãos. São estas interrogações e reflexões, associadas, que nos permitem dizer que podemos encontrar efeitos de formação na investigação etnográfica.» (Vieira, 2002, p. 15).

Ao lembrar que esta investigação é somente qualitativa e que um dos propósitos é conseguir ter uma visão aprofundada das representações dos atores envolvidos, a entrevista foi uma das técnicas a que mais se recorreu. Assim, foram realizadas 16 entrevistas, sendo que 10 a músicos e técnicos e 6 a participantes. Atente-se ao facto de que os nomes que são explícitos no relatório de estágio contaram com prévia autorização de todos os membros.

Foram aplicadas quatro entrevistas distintas: 1) para os técnicos e músicos do Som da Rua, 2) para os participantes, 3) para o Diretor Artístico do grupo² e 4) para o Serviço Educativo. O primeiro guião de entrevista (ver Anexo 2) conta com cinco grupos temáticos: o primeiro, referente ao Som da Rua, desde a origem à estruturação atual; o segundo, à relação com os participantes, com ênfase nas relações que os técnicos e músicos estabelecem com os membros e no trabalho de mediação que é necessário para ultrapassar limitações que surjam; o terceiro, orientado para a relação com a comunidade, quer em apoios de (e com) outras instituições e a mudança pessoal e social que o grupo fomenta; o quarto, focado em cenários futuros e, por fim, a caracterização sociodemográfica.

O segundo guião (ver Anexo 3), orientado para os participantes, tem cinco grupos temáticos. Tendo em consideração que esta entrevista semiestruturada pressupõe uma transformação para retratos sociológicos, o que interessava era a recolha de informação acerca das diferentes fases da vida, relevando momentos,

² A entrevista realizada ao Diretor Artístico do Som da Rua é uma reformulação da entrevista aplicada aos técnicos e músicos.

memórias, trajetórias e percursos sociais e pessoais dos indivíduos. Assim, os grupos são: em primeiro, a infância; em segundo, a adolescência; em terceiro, a adultez; em quarto, as motivações e as expectativas face ao Som da Rua e, por último, a caracterização sociodemográfica.

O terceiro guião de entrevista (ver Anexo 4), como já referenciado acima, é uma reformulação à entrevista dos técnicos e músicos do grupo. Assim, constam os cinco grupos temáticos que têm, também, a mesma designação. A grande diferença é que no primeiro grupo uma das questões que se levanta refere-se à criação do grupo, nomeadamente aos motivos que levaram a tal acontecimento.

Por último, o quarto guião de entrevista (ver Anexo 5) é desenhado para o Serviço Educativo da Casa da Música. Esta entrevista foi realizada a um dos membros representativos da equipa e tinha a intenção de compreender qual o trabalho que fazem no departamento, assim como as ambições por trás de cada projeto e/ou atividade. Esta conta, de igual modo, com cinco grupos temáticos: o primeiro, referente à criação do Serviço Educativo; o segundo, tem como base os projetos e passa por uma abordagem do(s) público(s); o terceiro, tem como foco principal o Som da Rua, enquanto projeto durável do Serviço Educativo; o quarto, sobre os cenários futuros e, por fim, a caracterização sociodemográfica.

As entrevistas de carácter narrativo dos participantes do Som da Rua desembocaram em histórias de vida que serão apresentadas sob a forma de retratos sociológicos. São estas que vão identificar as *influências socializadoras* com que o indivíduo se deparou ao longo do seu percurso (cf Lahire, 2007). Logo, uma vez que a preocupação se centra na (re)formulação das disposições ao longo da vida dos indivíduos e nos diferentes contextos de socialização (família, rua, trabalho, instituições, como a própria Casa da Música) a análise pormenorizada dessas variações vão permitir identificar perfis individuais. O que se pretende obter com este método é “(...) uma sociologia que se esforça por não negligenciar as bases individuais do mundo social, e que estuda, assim, indivíduos atravessando cenários, contextos, campos de força, etc., diferentes.” (Lahire, 2005, p. 35).

Tendo em consideração que a população em que o trabalho incide é sem-abrigo, conhecer em profundidade a sua trajetória, as fases da vida e, inclusive, instigar a reflexão acerca do seu percurso, permite criar uma linha de explicação desde o momento inicial ao momento atual. É uma forma singular de obter informação uma vez que obriga a uma reflexão e a uma introspeção do que viveu. Desta feita, acede-se à visão pessoal, sem interseção de fatores externos. Trata-se de aceder a uma perspetiva absoluta do homem na sociedade, tendo em consideração as disposições individuais, e não apenas baseada no ideal-tipo que é construído nos grupos sociais (cf Lahire, 2005).

Um breve resumo

A opção metodológica tem de ser adaptada ao que se pretende com a investigação. Neste caso específico, o paradigma qualitativo mostrou-se como o mais acertado. A etnografia não se desligou desta investigação que se coadunou de forma bastante próxima do objeto de estudo.

Foi assim, graças às observações participantes, entrevistas semiestruturadas – algumas, *à posteriori*, originárias de retratos sociológicos - e análise documental, que a recolha de informação acerca do grupo se fomentou. O estágio curricular na Casa da Música permitiu um contacto direto quer com os membros do grupo como com os técnicos e músicos que orientam o projeto e uma recolha de dados representativos dos significados e da perceção que os participantes têm do grupo e do trabalho realizado no mesmo.

O trabalho no estágio curricular pressupôs uma relação direta com o Som da Rua e com o Serviço Educativo. A importância de um departamento desta natureza numa instituição de abertura cultural é acrescida. São os projetos desenvolvidos que vão possibilitar uma participação – não somente passiva – de todo(s) o(s) público(s) e quebrar as barreiras, sobretudo, económicas. Ademais, é o exemplo prático da democracia cultural e dos princípios pelos quais se rege.

Essa recolha de dados consolidou-se numa análise profunda do impacto social do projeto sob os indivíduos que o constituem. Foi possível criar um apanhado das representações que o grupo tem para os indivíduos que nele participam e estabelecer um olhar aprofundado do que os técnicos e músicos consideram que o projeto instiga. As conclusões serão apresentadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III – O GRANDE FINAL. IMPACTO DO SOM DA RUA: OS RESULTADOS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES, IDENTIDADES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

Neste último capítulo serão expostos os resultados obtidos com os dados recolhidos ao longo do estágio curricular na Casa da Música e do constante acompanhamento do Som da Rua. Desde o momento inicial que informações relativas ao grupo foram aglomeradas, quer por trabalho em campo, quer por intermédio do Serviço Educativo da Casa da Música.

O Som da Rua é o projeto com maior durabilidade do Serviço Educativo da Casa da Música – iniciado em 2009. É um projeto aberto a qualquer pessoa, sem grandes restrições. Sabe-se que é centrado em indivíduos em situação de exclusão social, porém, as portas estão abertas a todos os que nele queiram participar. Acredita-se que este seja um dos maiores trunfos do projeto. Enquanto que nos demais há um fio condutor que leva a um término, o Som da Rua prossegue com um trabalho contínuo e – num mundo utópico, o ideal seria que fosse o contrário – imparável.

Formado em 2009, o grupo não é o que era nos anos iniciais. Alguns membros saíram do grupo por motivos, no geral, profissionais e outros participantes tomaram rumos distintos que não coincidiram com o grupo. No momento de redação deste relatório de estágio, os músicos que formam o grupo são os seguintes: Jorge Prendas, maestro e diretor artístico do Som da Rua; Paulo Coelho de Castro, responsável pela percussão e criador dos instrumentos reutilizados que são característica do grupo; Daniel Sousa, flautista; Pedro Cardoso (mais conhecido por Peixe), na guitarra elétrica; Tiago Oliveira, no baixo elétrico e Jorge Augusto, um dos utentes do grupo, que assume a função de baterista. As vozes do grupo são as dos membros e dos técnicos de diversas instituições que trabalham com o Som da Rua. As instituições colaboradoras, por sua vez, são a Santa Casa da Misericórdia do Porto – Casa da Rua; a Associação dos Albergues Nocturnos do Porto; o Centro Social de Soutelo; a AMI Gaia; o Centro Social e Paroquial São Bento da Vitória – Casa da Amizade e a Cais.

Com todos estes anos de produção, as atuações do grupo já contabilizam as mais distintas – e nobres – causas. Quer seja em festas de encerramento, celebração de datas ou em defesa de causas sociais (ver Anexo 1), o Som da Rua já traçou caminho em vários pontos nacionais. Residentes na cidade do Porto, esta tornou-se o maior palco de concertos do grupo. No entanto, não se cingiram apenas ao território portuense. Segue-se uma figura ilustrativa das deslocações do grupo:

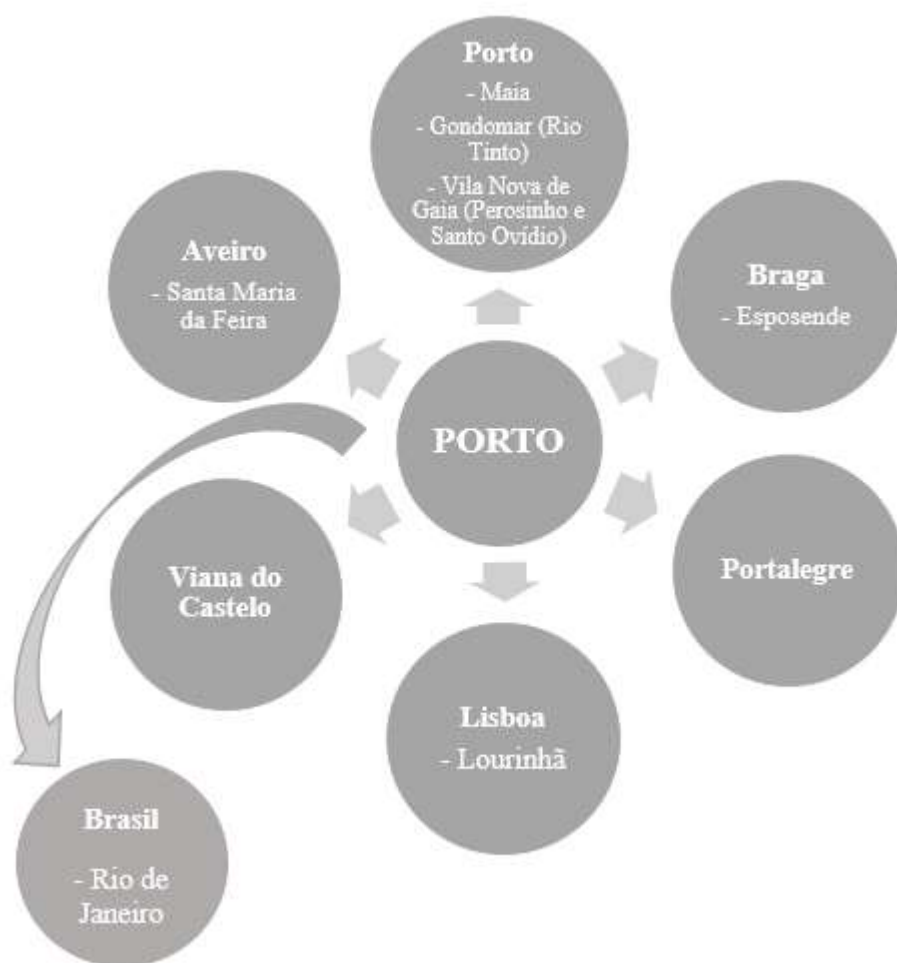


Figura 2: Figura ilustrativa das deslocações do Som da Rua.

No decorrer desta investigação, o Som da Rua teve a oportunidade de viajar até ao Rio de Janeiro, Brasil, entre 19 a 23 de julho no âmbito da Olimpíada Cultural do

Rio de 2016, com o objetivo de divulgar e dar visibilidade à população sem-abrigo. Antes desta oportunidade, o Som da Rua não tinha consolidado nenhuma deslocação ao estrangeiro por motivos de logística. Em conversa com Jorge Prendas, ainda no decorrer do estágio curricular, apesar de alguns convites internacionais feitos ao grupo, a impossibilidade de deslocar todos os membros e garantir controlo é dura de contornar. Para a ida ao Brasil, a representação do grupo foi assegurado por um dos membros – Jorge Augusto – e uma das técnicas do Centro Social de Soutelo – Ana Ribeiro, assim como por Jorge Prendas, o diretor do grupo e coordenador do Serviço Educativo.

Com a devida introdução do grupo e do seu trabalho, inicia-se o estudo mediante a análise dos documentários e reportagens transmitidas em canal televisivo acerca do grupo Som da Rua. Um dos principais documentários lançados sobre o projeto foca, essencialmente, a vida dos indivíduos que compõem o grupo. É um documentário que demonstra, em resumo, a vida de alguns dos constituintes do grupo e explicita a situação em que se encontram. Intitulado de “Som da Rua: Uma Orquestra, Todas as Vidas”, o documentário lançado pela Farol de Ideias, com guião e realização de Ivo Costa e Sérgio Morgado em 2011, apresenta a visão de Jorge Prendas, que conduz todo o ensaio e espetáculos. Em relação à criação do grupo, o mesmo afirma que “O Som da Rua é um projeto do Serviço Educativo da Casa da Música e que pretendeu reunir numa orquestra pessoas que conhecem a rua melhor do que ninguém, basicamente. Foi este o nosso lema.”.

A questão de trabalhar com população fragilizada, sobretudo em situação de sem-abrigo, foi um dos pontos de discussão desde que a ideia fervilhou na cabeça dos impulsionadores do projeto. Mas há que compreender, em bom termo, o que é um sem-abrigo. No mesmo documentário, Maria João, assistente social na Casa da Amizade, salienta que “Hoje em dia o sem-abrigo não é aquele que dorme na rua, nos caixotes com o pacotinho de vinho ao lado. Eu sinto é que são aqueles que vivem na rua sem casa, são aqueles que vivem em abrigos construídos como albergue, por exemplo, ou em pensões, hospedarias. Portanto, essas pessoas são sem-abrigo.”.

O sem-abrigo ultrapassou a fronteira do sem-teto. O sem-abrigo é, agora, aquele que vive de forma precária, com dificuldades em manter as condições básicas. O

recurso a apoios sociais é, na maioria dos casos, a principal forma de colmatar essas dificuldades. A solidão é também uma forma de designação do sem-abrigo. Falta o abrigo, não físico, mas emocional. As variações são muitas, mas compreensíveis. Este documentário reflete esse lado da questão. A solidão consome o ser. Não se definem objetivos, perde-se a vontade de lutar e, inevitavelmente, acomoda-se à situação.

Na entrevista realizada a Jorge Prendas, uma das características que ele refere em comum entre os participantes do Som da Rua é o vazio interno. É um vazio transversal: casa, afeto, família e, até, fome. A solidão é, assim, uma prova viva de que o sem-abrigo não é apenas a perda de teto.

“Eu acho que a característica comum naqueles membros todos é de um vazio grande em termos... ou seja, a vida deles é, uma boa parte, preenchida pelo vazio. Seja o vazio de quem não tem uma família, seja o vazio de quem não tem uma casa, seja o vazio de quem tem fome, não é? E esse é o grande ponto comum, ou seja, quem vai ali, vai também em busca de um... de algo que possa atenuar ou aliviar esse vazio.”

Jorge Prendas (ver Anexo 19)

Para Sónia Oliveira, e em aproximação à visão de Jorge Prendas, a fragilidade emocional é um ponto bastante comum entre os participantes. A baixa autoestima é frequente, assim como alguns pontos emocionais de intolerância para com o outro. É, como afirma Sandra Arouca, um trabalho árduo a nível relacional.

“Às vezes são um bocado intolerantes com o outro. Se um faz alguma coisa, não são muito tolerantes, mas isso são das vivências deles. É um, é por exemplo, é conseguir que eles vão, que sejam cumpridores nos horários e na assiduidade. É uma coisa difícil.”

Sandra Arouca (ver Anexo 14)

As entrevistas aos técnicos demonstram pontos de vista próximos. Jorge Prendas assume que os principais objetivos do Som da Rua são os sociais. A música, claro está,

é o mecanismo utilizado para fomentar a integração social destes indivíduos. Afirma que os objetivos centrais são aqueles que se tornam quase imperceptíveis como é o caso da criação de regras básicas. Esta é uma visão partilhada ao longo das entrevistas realizadas. Tiago Oliveira, um dos músicos do grupo, partilha a mesma opinião e diz que os participantes acabam por nem perceberem o trabalho de competências sociais que ali se faz. O facto de estar presente nos ensaios, nas atuações, de ter essa responsabilidade e assumir o compromisso, são passos significativos em indivíduos cujas regras e normas de conduta outrora haviam sido desleixadas. Sónia Oliveira, assume que este trabalho

“Parece muito básico mas depois trabalhando isto através da música ou um grupo mais restrito, mais pequeno, será mais fácil também depois fazermos aqui algumas comparações e analogias para o grupo maior que é a sociedade, não é? É um bocadinho o saber estar.”
Sónia Oliveira (ver Anexo 18)

O que é desenvolvido em quatro paredes, num pequeno grupo, é transportado enquanto aptidões de (re)socialização. A socialização perdida ou, melhor, não vivenciada ao longo da vida, pode ser retomada num grupo como este. Retomando o contributo essencial de Bernard Lahire, compreende-se de imediato a importância da socialização nas fases iniciais da vida do indivíduo na reprodução de significados e, até, atos. Tal como afirma o autor “A família, através da qual cada indivíduo aprende a descobrir o mundo social e a encontrar o seu lugar, é o primeiro espaço (primário) que tende a estabelecer objectivamente – sem o saber ou pretender – os limites do possível e do desejável.” (Lahire, 2011, p. 14). Ou seja, por meio dos processos de socialização – sobretudo com o primário – o indivíduo acaba por criar disposições que ditam o que pode ou não esperar ou o que é normal ou invulgar.

A partir do momento que esse vínculo de socialização é rompido, o indivíduo encontra-se à deriva num caminho de (auto)aprendizagem que pode, e nos casos específicos analisados, terminar em atitudes desviantes. Inconscientemente, a

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

desintegração social ocorre para estes atores sociais e, mais agravante nestas situações, a acomodação. O que se verifica é que «Os actores são assim muitas vezes socialmente mais “razoáveis” sem terem necessidade de implementar uma razão de tipo lógico ou calculista. Eles convencem-se mais do que raciocinam.» (Lahire, 2011, p. 14).

Mesmo sem dar conta, trabalham dimensões de integração e de norma social e é nos pequenos pormenores que se notam as principais melhorias. Em cada ensaio, em cada atuação, é aberta a possibilidade de interagir com os demais participantes e estender essa relação interpessoal.

“Eu considero que são todas pessoas que necessitam de sentir que há um espaço deles e que necessitam de se saber relacionar com o outro porque não devem ter, ao longo da sua vida e no seu dia-a-dia, não têm momentos de relacionamento com outras pessoas.

E ali podem-nos criar, se o quiserem.”

Sandra Arouca (ver Anexo 14)

Uma das técnicas que acompanha os membros da sua instituição nos ensaios do Som da Rua, considera que não se possa exigir muito mais do que o estabelecimento de regras e capacidade de compromisso a estes indivíduos. Por menor que a mudança pareça, as transformações internas (sociais e pessoais, entenda-se) são amplas. Esta (re)aprendizagem é o que vai fomentar a (re)integração social e comunitária que se pretende com o projeto. Depois de trabalhadas estas competências, inserir o indivíduo em risco de exclusão no seio da sociedade torna-se menos desafiante.

“Tudo isso leva que haja, pelo menos, a assunção de regras, não é? Que são as regras que muitas vezes eles negam e por isso, muitas vezes, também são excluídos. As pessoas não os querem incluir, não lhes dão oportunidades. O Som da Rua tem possibilitado isso. Há depois questões, claro que um grupo destas acaba por trabalhar questões de autoestima, de respeito pela opinião do outro, o respeito do coletivo... hmm... a própria criação é interessante. Há quase uma ética ali também.”

Jorge Prendas (ver Anexo 19)

Não se podem renegar as oportunidades que o projeto traz. Estas expandem-se a outros campos, sobretudo o artístico. O Som da Rua é, efetivamente, um grupo musical. Isso é um fator de igual importância. O trabalho artístico é levado com seriedade e pretende-se que a criação se concretize da melhor forma. As preocupações artísticas não deixam de estar intrínsecas à produção, tal como diz Jorge Prendas. Isto porque, aliado ao projeto há um reconhecimento – quer do seu carácter social, quer artístico.

Este reconhecimento é o cerne da motivação de muitos dos participantes. A oportunidade de integrar um grupo musical que é, *per si*, um projeto do Serviço Educativo da Casa da Música, é motivo de orgulho para aqueles que dão voz e corpo ao grupo. O contributo de Jorge Augusto, um dos participantes do grupo e o que domina a bateria, mostra que é a música que o move naquele grupo. Para Isaura e para Conceição, a música é sempre uma boa companhia. É um entretenimento que, à quarta-feira, as deixa alegres e as fazem esquecer os problemas diários.

As apresentações constantes em locais como a Casa da Música, o *feedback* obtido pelo público nas atuações, o reconhecimento do trabalho realizado ao longo do tempo pelo grupo e por cada indivíduo que o integra, contribui para essa motivação de querer lá estar e fazer mais e melhor. Uma das técnicas considera que

“Estas pequenas coisas que ao início nos passam ao lado, para eles faz todo o sentido. Este reconhecimento, esta coisa de eles poderem ter espetáculos. Isto para eles faz todo o sentido.”

Milene Pinto (ver Anexo 22)

O trabalho contínuo dos técnicos é fulcral para o sucesso de um projeto como este. É notório que a confiança existente para com os técnicos que os acompanham é distinta do restante grupo. Para uma das técnicas presente nos ensaios, em situações mais conflituosas, o apoio institucional é imprescindível. Tal não significa que os restantes membros não sejam capazes de lidar com a situação. Mas, na verdade, são os técnicos que acompanham dia após dia aqueles indivíduos, fora e dentro do Som da Rua. Desta feita, sabem o que dizer e como agir com aqueles que conhecem de antemão.

“De resto, claro que às vezes há alguns desentendimentos... Mas por isso é que nós estamos lá e é importante que esteja sempre um técnico de qualquer instituição. Eu acho que tudo o resto acaba por ser fácil.”

Sónia Oliveira (ver Anexo 18)

O que se apreende ao longo das entrevistas aos técnicos e músicos é que a integração num grupo é outra das motivações que levam estes indivíduos a procurar projetos como o Som da Rua. O sentimento de pertença e de valor pessoal é comum aos participantes. É procurar o conforto e a segurança de um grupo e quebrar com o sentimento de solidão. Acresce, ainda, a perceção de que têm um papel na sociedade e contribuem para alguma coisa de valor.

“Depois temos de tentar demonstrar-lhes que a gente vale individualmente, é verdade, cada um de nós, com a nossa personalidade, com as nossas características, mas também quando nos relacionamos com os outros, quando participamos, quando nos fazemos ver à sociedade, quando participamos na sociedade temos um papel melhor.”

Sandra Arouca (ver Anexo 14)

Como Jorge Prendas abordou numa reportagem realizada, em 2011, por Catarina Folhadela Costa e Carlos Morais para o canal televisivo SIC, existe sempre alguma retribuição - “Há uma recompensa pessoal, artística também, que é impossível de descrever (...) E essa recompensa que chega sempre, compensa todos os momentos de algum desespero que se tem.”. O trabalho desenvolvido e todo o investimento feito no grupo, proporciona sempre algum valor. É esse que faz sentirem-se úteis, reconhecidos e valorizados, algo que faltou ao longo da sua vivência.

“Hmm... eu acho que, alguns casos, é o sentirem-se úteis ou sentirem-se reconhecidos ou sentirem-se valorizados.”

Sónia Oliveira (ver Anexo 18)

“É aquilo que eu já disse há bocado... sair um bocadinho da rotina, fazer coisas diferentes e, às vezes, é também estar perto de pessoas famosas, no fundo.”

Daniel Sousa (ver Anexo 23)

O conjunto possibilita, também, um espírito de companheirismo, de união e de igualdade. Ali todos são iguais, todos têm algo a oferecer e a retirar do projeto. Sentem-se incluídos e que pertencem ao espaço, ao grupo. Tal como Cristina Pinto demonstra na entrevista, o sentimento de conforto ali proporcionado traz benefícios àqueles que estão presentes. Para um dos músicos, nesta integração

“(...) poder-se-ão sentir iguais, mesmo sendo diferentes, toda a gente é diferente, mas o tratamento que têm é um tratamento igual a qualquer pessoa que faz parte de um grupo.”

Tiago Oliveira (ver Anexo 16)

Não obstante, a motivação é algo difícil de gerir. Quando se lida com pessoas cujos objetivos pessoais desvaneceram ou, até, nunca se moldaram, conseguir que estes fiquem motivados durante um longo período de tempo para determinada atividade não é tarefa fácil. A motivação é um ponto-chave a ser trabalhado ao longo do tempo com cada membro. Para Milene Pinto esta é, sem dúvida, uma das dificuldades do projeto. Cristina Pinto aponta a mesma dificuldade, sendo que considera o restante contornável.

“Basicamente é isto, é esta a nossa luta diária, um patamar mais acima, trabalhar esta motivação para, um objetivo para.”

Milene Pinto (ver Anexo 22)

Acrescenta-se, ainda, a manutenção das rotinas – após a criação das mesmas – e do compromisso. Gil Teixeira, um dos membros integrantes na fase inicial do projeto que por motivos profissionais teve de o abandonar, afirma que, já na sua altura, a

imprevisibilidade era um dos pontos mais acesos na dinâmica grupal. Saber com quem contar, semana após semana, era quase uma tarefa impossível, assim como ter consciência do que podia ocorrer em pleno ensaio.

“E depois como é óbvio, a outra grande dificuldade é a impossibilidade de previsão. Quer dizer, tu tinhas de estar mesmo pronto para tudo porque a partir do momento em que as pessoas podem surgir completamente alcoolizadas ou podem vir após ter tomado qualquer tipo de droga ou podem vir, simplesmente, perturbadas por alguma razão e tudo podia acontecer, não é?”

Gil Teixeira (ver Anexo 17)

A questão da imprevisibilidade foi uma das dificuldades trazidas acima na reportagem “Som da Rua” realizada por Raquel de Melo e de Joaquim Dias, em 2015. A não obrigatoriedade pode modificar aquilo que já é tomado por seguro. A logística também se assume como uma dificuldade para algumas associações. Miguel Neves (ver Anexo 15) afirma que, ao se ter em consideração as demais atividades em que os indivíduos estão envolvidos, consultas e outros acompanhamentos, conjugar o horário fixo do ensaio, por vezes, torna-se complexo. O transporte, em casos de atuações, também é complicado de gerir.

Acrescenta-se, ainda, a dificuldade inerente à gestão dos diferentes feitios que ali se cruzam. Sabendo *à priori* que os membros do grupo são alvo de percursos de vida carregados e marcados pela exclusão, o mecanismo de defesa é visível na maioria dos participantes. Ao juntar essa personalidade forte com a imprevisibilidade e com a falta de regras e normas, surge outro dos desafios que acompanham o grupo.

“A maior dificuldade é, às vezes, uma questão de lidar com certos feitios. Há feitios complicados, há pessoas que lidam facilmente com algumas situações como o impor que a música deva ser feita desta forma ou que deva ser tocado este tipo de ritmo (...), há pessoal que acha que deve fazer de uma maneira quando supostamente se deveria

*Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua
fazer como estava previsto. E há pessoas que têm dificuldade em lidar com a imposição
(...)”*

Daniel Sousa (ver Anexo 23)

*“De resto, claro que às vezes há alguns desentendimentos... Mas por isso é que nós
estamos lá e é importante que esteja sempre um técnico de qualquer instituição. Eu
acho que tudo o resto acaba por ser fácil.”*

Sónia Oliveira (ver Anexo 18)

As componentes musicais são, para Jorge Prendas, outra dificuldade vigente. Apesar de ser um projeto musical que conta com músicos experientes no campo, a verdade é que os participantes não têm qualquer formação ou exploração musical. Isso é, em determinados momentos, um entrave. Por outro lado, mesmo essa falta de base musical não deixa que a música não traga os benefícios desejados. Uma das técnicas demonstra que as batidas que são feitas com os instrumentos personalizados, as melodias e a necessidade de decorar as letras exigem um esforço sensorial que é produtivo para aqueles indivíduos.

*«Trabalha-te os sentidos todos. A audição no “ouça: tum tum tum”, percebes? Essas
coisas são tão... tão importantes que eles vão fazendo assim e nota-se... e eu vou, em
alguns, vou verificando que a capacidade de memória das músicas e tudo vai
aumentando significativamente e que isto se reflete no dia-a-dia deles.»*

Cristina Pinto (ver Anexo 20)

Ao iniciar agora a análise dos retratos sociológicos feitos de alguns dos participantes do Som da Rua compreende-se a imensidão do projeto. Com percursos de vida marcados – pela adição, pela violência doméstica, pelo abandono familiar, por diversos motivos – estes indivíduos deram um novo rumo à sua vida. O rumo certo. Neste caminho surge o Som da Rua, o projeto que lhes dá voz.

O Som da Rua engloba aqueles que melhor conhecem a cidade do Porto. É o cantar pela cidade por aqueles que fizeram das suas ruas, a sua cama. Com uma vida marcada pelo conflito familiar e falta de apoio emocional, Isaura vê no Som da Rua a sua família. Eduardo, um colega seu, tira maior satisfação no Som da Rua no convívio no final das atuações. O simples momento de se reunirem para comer e beber é o que dá maior alegria. Isaura diz que a música é o que a motiva, assim como as letras que parece terem sido escritas por cada um dos participantes. Tal como Tiago Oliveira pronunciou na sua entrevista, o Som da Rua tem esse toque do Porto demasiado apegado. E não é algo negativo, pelo contrário. Este é um ponto de reconhecimento do grupo.

“(...) eu acho que... que o grupo nas características que tem, potencia um bocadinho esse ego portuense...”

Tiago Oliveira (ver Anexo 16)

O Som da Rua possibilita, para Isaura, um escape, uma distração de todos os seus problemas.

“O Som da Rua foi a melhor coisa que me apareceu. Hmm... em parte de ocupar o tempo, de eu fazer novas amizades e o entretenimento para mim porque eu gosto de música, como para... eu compreendo e eu sei o que é as pessoas... eu compreendo a situação das pessoas que estão lá.”

Isaura (ver Anexo 28)

O músico Gil Teixeira relembra que o intuito do Som da Rua passa por isso mesmo. Dá àquelas pessoas um escape aos problemas diários. Além do elo comunitário que se cria, a distração é parte fundamental dos ensaios. É notória a descompressão corporal ao longo do ensaio. Os membros que entram, em cada ensaio, com uma maior timidez, depressa vestem uma postura mais relaxada e descomprimida. Existem momentos de brincadeira, muitas vezes potenciada pelos próprios músicos e técnicos

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

mas na hora de concentração, observa-se uma entrega àquele papel que, sem dúvida, é o deles (ver Anexos 6 a 13).

“E o alcance do Som da Rua é, uma vez por semana, naquele tempo, naquela hora, dar àquele grupo de pessoas um alívio. Um... um elo... não é só um alívio existencial, mas também liga-los e eles sentirem que fazem parte de uma comunidade. E envolve-los numa prática criativa colaborativa que pelo menos durante aquele tempo, independentemente de todo o tipo de dificuldades que estivessem a viver naquele momento... eles estavam distraídos ali naquele momento.”

Gil Teixeira (ver Anexo 17)

Conceição, de igual modo, também gosta da música. Diz, aliás, que esta é a sua companhia. A pertença grupal, assunto desenvolvido pelos técnicos, é bastante visível no seu discurso. Diz que no grupo, não se sente esquecida. Gosta de conviver com aquelas pessoas que, tal como ela, por tanto passaram.

“Gosto muito de conviver. Não me sinto esquecida. Gosto muito de conviver com as pessoas.”

Conceição (ver Anexo 26)

Alegra-se por existir o Som da Rua. Ajudou-a muito, sobretudo a esquecer os problemas por algumas horas.

A união é visível entre os participantes. As observações diretas e participantes realizadas ao longo do estágio curricular permitiram constatar essa mesma união. Nos momentos precedentes ao ensaio, era comum observar brincadeiras e conversas entre os membros e os técnicos (ver Anexo 10). Nem todos os participantes tinham a mesma postura e interagiam da mesma forma, porém havia convívio e momentos de maior boa disposição antes do início do ensaio.

Não obstante a interação vivenciada, também foi possível observar alguns momentos de maior tensão. Quer por comentários menos positivos entre membros ou

por discussões fugazes, em parte referentes ao grupo (ver Anexos 6 e 8), as discussões também fizeram parte da rotina do Som da Rua. Apesar da interação constante entre todos, não se deixa de trabalhar com indivíduos com personalidades (e vivências) marcadas pela exclusão o que aciona, em momentos mais concretos de socialização, mecanismos de defesa.

O facto de ter conhecido outras pessoas e músicos conceituados é um motivo de participação para Anabela. Não esconde, também, o orgulho em pisar os diversos palcos com o Som da Rua. Por este trabalho que desenvolvem é que a presença de indivíduos externos ao grupo é constante. Desde interessados em trabalhar, no futuro, com o grupo (ver Anexo 7), a profissionais provenientes do Japão em estudo do trabalho dos Serviços Educativos (ver Anexo 8) a, somente, turistas curiosos com o som que sai das quatro paredes da casa nº 140, da Rua dos Mercadores, o Som da Rua abria a porta àqueles que estivessem interessados em conhecer o que ali era feito. Isso é, para cada um deles, um contentamento. É o reconhecimento do trabalho que é fundamental para a autoestima e para a autovalorização. Anabela diz que se revê em alguns dos seus colegas.

“Muitas vezes até me revejo nelas, entende? Vejo nelas porque já passei por isso e muitas vezes... já ajudei algumas pessoas, já ajudei. E muitas vezes quem precisava de ajuda era eu.”

Anabela (ver Anexo 27)

As histórias de vida cruzam-se, em certos momentos, e o Som da Rua foi o que possibilitou esse conhecimento e partilha de vivências. E ali todos são iguais. Sem qualquer separação, sem qualquer discriminação. E os participantes sentem isso.

Em grupos como o Som da Rua, o sentimento de pertença e de igualdade é essencial para a integração, quer no grupo, quer na sociedade. O facto daqueles indivíduos estarem em situação de exclusão faz com que carreguem uma imagem gerada por preconceitos e incorporada de estigmas. O que acontece é que se tende a omitir as demais características do indivíduo para sobrevalorizar a desviante e negativa.

Por outras palavras, “(...) quando surgem evidências de que determinado indivíduo possui alguma característica que o torna diferente dos outros, ou maioria, - estigma - toda a interacção social é condicionada pela posse de tal elemento distintivo.” (Menezes, 2008, p. 80).

“Somos todos iguais ali.”

Eduardo (ver Anexo 25)

Essa quebra de diferenças é esbatida mesmo pelos músicos e técnicos que estão presentes nos ensaios. Existe uma tentativa de igualar todos os que ali estão a participar. Não há tratamento diferenciado por serem técnicos ou músicos. Jorge Prendas é um dos que promove essa política. Apesar de ser tratado por “maestro” pela maioria dos participantes, não faz questão que assim seja. Há que criar laços de confiança e uma proximidade – sem cair em exageros – visto que é disso que necessitam. Também Sónia Oliveira partilha a mesma opinião.

“Ali não sou diferente. E isso também é algo que eu acho que é importante para eles. Perceberem isso. Não... não há essas diferenças ou nós tentamos que, pelo menos, haja o mínimo. Claro que estamos ali e eles sabem e respeitam-nos. Estamos ali para gerir um bocadinho e pôr ali as regras, porque alguns saem mais dos eixos, mas tentamos, em termos de representação, fazer exatamente o mesmo.”

(Sónia Oliveira, ver Anexo 18)

Tomo, neste momento, o contributo de Ricardo Vieira (2002) que considera que nem sempre se notam comportamentos idênticos em pessoas que assumem trajetórias semelhantes e se encontram na mesma situação. Tal como afirma “A pessoa é hétero-construída, condicionada, etc., pelos grupos e pelas pessoas em que age e interage, mas também ela se autoconstrói, fazendo emergir o seu novo *self* como uma peculiar imagem de caleidoscópio e tornando-a um ser, em última instância, irrepitível. Por isso as pessoas que vivem contextos deveras semelhantes, trajetórias sociais similares,

condicionamentos e constrangimentos comuns, acabam por poder assumir diferentes formas atitudinais e comportamentais perante situações idênticas.” (Vieira, 2002, p. 92).

É verdade que os contextos sociais de fragilidade são comuns, mas cada um assume particularidades que – tomando a palavra apropriada pelo autor – tornam cada indivíduo *irrepetível*. Daí que cada caso seja um caso e a necessidade de trabalhar com x não seja a mesma que trabalhar com y.

A socialização feita ao longo do seu percurso difere entre os participantes e é nesse processo que se acumula a representação – a imagem – que criam de si. A mescla de códigos culturais e sociais que adotam no tempo não vai sendo reciclada. Pelo contrário. Há um consumo interno dos códigos pelo qual se regem e a nova informação vai complementando a que existe. É este processo que permite a criação da ponte entre o *eu*, *nós* e os *outros*. Nada é desleixado no processo. Trata-se, sim, de uma apreensão dos novos códigos, sem detrimento dos existentes. Assim, “O indivíduo recebe o novo, mas não rejeita o velho. Incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem mas que não aniquila nem a substitui. Antes sim, dá-lhe uma terceira dimensão, resultante da integração comparativa entre o nós e o ele, entre o meu eu de ontem e o meu eu de anteontem.” (Vieira, 2002, p. 93)

Tal como as colegas, Anabela imagina-se com o Som da Rua daqui a alguns anos. José (ver Anexo 24) também quer continuar no grupo enquanto a vida lhe proporcionar essa oportunidade. Diz que é muito bom, que não tem nada de errado. As letras, essas até as sabe de cor. Anabela considera que o grupo ajuda, indubitavelmente, na relação com os demais. Para Jorge Augusto essa é uma das características do grupo. Sabe que é um feito, nestas pessoas, conseguir acabar um ensaio sem qualquer conflito ou discussão. É saber gerir a opinião, as diferenças e, naquele tempo, unirem-se em volta de um objetivo comum: a música do Som da Rua.

“Então não ajudou? Tenho de aturar estes malucos e estes malucos aturarem-me a mim. Acabar todos os dias (...) o ensaio sem ninguém se pegar ou discussões, não acha que conseguiu mudar muito? Acho que é uma mudança para mim e para toda a gente.”

Jorge Augusto (ver Anexo 29)

Afirma que o que os une é o gosto pelo que fazem. E, ainda, os caminhos que são idênticos e a tentativa de melhorar os erros cometidos. O sucesso pode nem sempre vir ao de cima, mas tentam. Há o esforço pela mudança. Essa mudança pode ser conduzida pela participação no grupo. Tal como afirma uma das técnicas

“É isso mesmo, é mostrar-lhes que existe outros caminhos. É por isso que o Som da Rua pode-lhes mostrar que existe outras coisas, que eles também são... podem ambicionar outros projetos.”

Sandra Arouca (ver Anexo 14)

Jorge Augusto vê o Som da Rua como o melhor grupo musical do mundo. Assume que este projeto tem aquilo que mais nenhum tem: o trabalho das vidas. Além da vertente musical, ali aprende-se a lidar com os outros, a respeitar, a encarar as vidas como elas são.

“O melhor grupo do mundo. Melhor banda musical do mundo. Pode pôr aí: superior aos Rolling Stones, superior aos U2 (...) e aos Scorpions. Sabe porquê? Scorpions fazem muito boa música, mas não trabalham as vidas. No Som da Rua aprende-se a trabalhar as vidas porque estamos a lidar com mais que uma pessoa, com caracteres, como eu dizia, diferentes e todos nos damos (...)”

Jorge Augusto (ver Anexo 29)

Ao focar no impacto social do projeto verifica-se uma unanimidade por parte de todos os técnicos e músicos entrevistados: o Som da Rua tem impacto na vida destes indivíduos. Para Sandra Arouca existe um impacto direto. No entanto, considera que a identidade grupal está em constante reformulação e não se encontra tão vincada como há uns anos atrás devido às constantes saídas e entradas de pessoas no grupo. Não quer dizer, porém, que essa identidade de grupo não existe.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

“Porque nós, se calhar, estamos ali todos e até, se calhar, não sabemos todos cantar, mas quando cantamos em conjunto se calhar cantamos um bocadinho melhor. Se cantarmos todos individualmente, ninguém nos ouve; se a gente cantar em conjunto... Por isso, é para tentarem perceber que às vezes o grupo, o conjunto... que há pessoas e o relacionar-se... hmm... que se calhar até é benéfico. Muitas vezes funciona.”

Sandra Arouca (ver Anexo 14)

Para Miguel Neves o impacto é notório na proatividade dos membros e na facilidade em lidar com eles após a entrada no grupo. Para ele, os técnicos são fundamentais neste processo relacional.

“Sim, há utentes que depois de participarem no projeto Som da Rua de facto... hmm... passou a ser mais fácil trabalhar com eles e mais fácil que eles adiram aos projetos que visam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e até profissionais (...)”

Miguel Neves (ver Anexo 15)

Esta identidade e envolvimento não é só com os companheiros, mas também com os técnicos que os acompanham. Afirma, aliás, que o Som da Rua cria um trabalho de quebra de preconceito. Acrescenta, ainda, que há um trabalho efetivo de inclusão a partir do momento em que se junta os músicos aos participantes.

“Estarem lado a lado com músicos conceituados, com maestro conceituado é, por si só, uma situação de inclusão social.”

“E que permitem que os utentes possam ter este acompanhamento e que possam sentir, efetivamente, um processo, num processo de integração social.”

Miguel Neves (ver Anexo 15)

Gil Teixeira, ainda que mais distante da realidade do Som da Rua, acredita que a possibilidade de colocar pessoas cujo isolamento social era um dos principais problemas, no mesmo espaço e com o mesmo objetivo era (e é) algo único no projeto.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Automaticamente, estes indivíduos reconhecem uma nova imagem, com mais confiança e autoestima. A nível de identidade não duvida que o sentimento de comunidade é reforçado. Cria-se uma família. Tiago Oliveira acrescenta, a este ponto de vista, o testemunho de alguns dos participantes na esfera pública

“Houve um documentário que passou há pouco tempo na rtp2 sobre o Som da Rua e houve dois ou três testemunhos, não é? De pessoas que fazem parte do grupo e que salientaram, para além de outras coisas, o que é que mudou na vida deles. Eu acho que isto pode ter exatamente grande impacto na medida em que há... há coisas que são trabalhadas que não propriamente as musicais...”

Tiago Oliveira (ver Anexo 16)

O reforço da identidade comunitária é um dos impactos que o projeto trouxe a estes indivíduos. Para Sónia Oliveira a presença assídua no Som da Rua possibilita um autorreconhecimento novo nestes indivíduos. Se o impacto não fosse real, o projeto deixaria de existir. Milene Pinto e Cristina Pinto afirmam que o grande impacto do projeto é visível nas coisas mais pequenas e básicas. O sentido de responsabilidade, de compromisso, a necessidade de justificação aquando da impossibilidade de ir ao ensaio, o respeito pela opinião e pelo outro são as principais mudanças que o Som da Rua trouxe a cada um dos indivíduos. Milene Pinto constata que não há criação de uma nova identidade, mas sim um reconhecimento de identidade própria.

“Se calhar não é uma nova identidade, é a tua identidade, mas é reconheceres-te melhor a ti. Acho que é um bocadinho por aí.”

Milene Pinto (ver Anexo 22)

Ela já existia, o indivíduo é que não atribuía o valor necessário. O Som da Rua ajuda neste ponto. O fazer algo em prol de uma atividade, mostrar valor e utilidade, despertam essas características outrora desligadas.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

“O que se calhar, muitas destas pessoas, passaram a vida inteira assim... a ser discriminadas, a ser postas de lado, a ser olhadas de lado, ouvir comentários, ou seja, aqui é um ambiente em que não vai haver isso e que, pelo contrário, eles sentem que fazem alguma coisa para, sentem-se úteis.”

Tiago Oliveira (ver Anexo 16)

Segundo a opinião de Jorge Prendas, o sucesso do projeto é algo difícil de gerir. Mas a verdade é que os testemunhos existem – e em domínio público – daí que se algo não mudasse, os participantes não continuavam a participar no Som da Rua. O sentimento de pertença, de família e de comunidade são visíveis.

Um dos músicos optou por dar o exemplo do baterista do grupo – Jorge Augusto. O impacto sente-se no projeto e há exemplos reais disso.

“Tem. E eu dou sempre o exemplo do Jorge, o baterista. Que é uma pessoa que tinha muitos problemas e que conseguiu resolver... não sei se todos, mas grande parte deles (...) Conseguiu limpar-se, também, por causa do Som da Rua. Ele próprio diz que só o facto de poder vir aqui tocar e poder ter essa energia e ter essa capacidade de chegar aqui e tocar, foi uma... uma grande ajuda para se libertar da adição que tinha.”

Daniel Sousa (ver Anexo 23)

Não se pretende somente passar a ideia utópica de perfeição do projeto. Seria errado tal afirmação. No entanto, o projeto tem impacto na vida de quem lá passa, não se pode negar. Quem continua no grupo sente mudanças a nível da relação com os outros, com a sociedade e o grupo. Criou, mesmo sem dar conta, normas e regras que havia perdido. Existiram casos, inclusive, de integração profissional e de (re)integração social por intermédio do projeto. Porém, pode também existir uma certa estagnação. Alguns dos utentes participam com regularidade nos ensaios e nas atuações mas não têm mais avanços.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

“Eu acho que sim. No caso dos nossos, não vemos assim casos tão reconhecidos quanto isso. Mas quem conhecer o projeto Som da Rua conhece até utentes que arranjaram emprego, que levavam aquilo muito muito a sério. No caso da nossa população é muito complicado. Nós conseguimos manter aqui um ou outro, que vão sempre certinhos aos ensaios, mas não passa disso.”

Milene Pinto (ver Anexo 22)

O discurso dos participantes é prova desse impacto. O sentimento de alegria, de conforto, de família que o grupo lhes proporciona é evidência de que algo mudou. Cada um sente à sua maneira, uns de forma mais intensa, outros de forma mais discreta. Mas sentem. Cantam sobre o seu Porto, a sua cidade, a sua casa. As pequenas transformações que conseguiram alcançar deverão ser o início de novas oportunidades que, por mais pequenas que sejam, são um reconhecimento do esforço feito. O Som da Rua já conta com sete anos de existência e, se não tivesse repercussão, até que ponto ficaria viável a manutenção do projeto? A médio-longo prazo as diferenças são notórias: o compromisso, o saber respeitar, o saber estar e o saber ser. É uma triangulação que havia sido perdida e, com o impulso certo, de novo se orienta.

Para lá das portas, estes indivíduos que são mais um na rua, assumem uma nova identidade e talento. Neste espaço, estes são os protagonistas. A reportagem “Som da Rua” de Raquel de Melo e Joaquim Dias evidencia este lado positivo. Naquele espaço partilham histórias, algumas com parecenças, outras completamente distintas, com percursos e vivências díspares, mas com marcas. Todos trazem as suas marcas e o Som da Rua ajuda, por breves momentos que seja, a esquecer essas cicatrizes que a vida teima em deixar. A solidão, essa também é deixada de lado. O Som da Rua é uma força adicional para a recuperação. Dá o ânimo para encontrar novos rumos. Faz com que (re)aprendam a estar em grupo e que fortaleçam certas competências sociais.

Para um futuro, todos esperam que o Som da Rua ainda esteja lá. A técnica Sónia Oliveira gostaria de ver o grupo um passo mais à frente. Nada se mantém mas as alterações podem ser positivas. Queria ter um grupo mais sólido e mais unido, com a participação ativa dos técnicos.

Gil Teixeira relembra que o trabalho por trás do Som da Rua é do Serviço Educativo. Logo não se pode falar da continuidade de um projeto se o que origina não estiver ativo. Assim, considera que se a Casa da Música tiver recursos, que este é um projeto que deve continuar e, espera ele, já com novas músicas e novas caras. Daniel Sousa pensa que o projeto poderá ter dificuldades em continuar. Assume o interesse e a importância do mesmo, porém acredita que poderá ser descontinuado.

Já Jorge Prendas sonha que o ideal era não existir o projeto. Tal aconteceria num mundo onde não existissem indivíduos em situação de exclusão ou fragilidade social. No entanto, sabe que tal não se irá concretizar. Acrescenta que a situação leva a que a população possa ainda aumentar, daí que, com a continuidade dos recursos dados pela Casa da Música, o grupo pode permanecer ativo e, quiçá, dar origem a novos projetos semelhantes noutros pontos do país.

“E portanto, o que eu acho... hmm... o que eu acho, sinceramente, é que este projeto, se continuar a poder ter o apoio da Casa da Música, se continuar a ser entendido pelas instituições como está a ser entendido pode, inclusivamente, aumentar. Porque, infelizmente, a população não diminui porque, infelizmente, ainda há muita gente que está fora do Som da Rua e, portanto, é um projeto que pode aumentar.”

Jorge Prendas (ver Anexo 19)

Agora, deixo uma questão em aberto: qual será o próximo patamar do Som da Rua? Talvez analisar as sugestões deixadas por cada peça constituinte do grupo seja pertinente. Fica em aberto e, porventura, poderá dar o toque para novos trabalhos. Ir além da música? Envolvimento comunitário externo ao grupo? Aposta em novas temáticas? Com o Som da Rua a melodia não se perde, apenas há que encontrar uma nova.

a. Retratos sociológicos

1. A prosa da falta de afeto sob o calor do canto

A Anabela tem 51 anos e é solteira. Conseguiu completar o 12º ano após mudar a sua vida e iniciar uma nova jornada. Está desempregada no momento atual, mas não desiste de procurar o trabalho que será o idealizado para si – a escrita.

Após a perda precoce da mãe e o falecimento marcante do pai, a vida da Anabela colocou desafios que pareciam insuperáveis. As constantes fugas do colégio onde cedo foi colocada pelo pai, fizeram com que a rua fosse um local de abrigo. Engravidou, mas não amou o companheiro. Ele forneceu-lhe a casa e este foi um sacrifício que viu como necessário para assegurar condições aos filhos. Sofreu nas mãos do cunhado, irmãs e do próprio filho, mas reergueu-se com vontade de viver e de cantar.

Anabela escreveu um livro em 2008. Este ano, 2016, irá lançar o segundo. É um testemunho em prosa.

Triste. Esta é a palavra que Anabela escolheu para descrever esta fase da sua vida. Perdeu a mãe com 5 anos e o pai colocou-a no Colégio de Nossa Senhora das Candeias. Anteriormente, tinha frequentado a Escola Primária de São Bernardo e o D. Afonso de Aveiro, na cidade de Aveiro. A relação com os familiares foi quase nula. Tinha irmãs e irmãos, mas a entrada no colégio desligou essa relação familiar.

Frequentou a escola e gostava de estudar e do convívio com outras crianças. Porém, há umas décadas atrás, o colégio não era o que é nos dias de hoje. Faltava-lhe o afeto, o carinho. Faltava-lhe a família. Aquando da entrada no colégio, as visitas do pai e de um irmão ainda eram rotina, mas com o tempo foram sendo sombras do passado. Apesar de duas irmãs e um irmão frequentarem esse colégio, pouco ou nada conviviam, sendo que essa lacuna transbordou para toda a vida e é o vazio que, talvez, ainda não foi devidamente preenchido.

Por ter essa carência afetiva, que ainda agora diz ser característica dela, talvez considera que as visitas ao irmão a Águeda fossem os momentos mais marcantes da sua infância.

“De início ainda tive o meu pai, o meu falecido pai, a ir-me visitar e o meu irmão, mas entretanto deixaram de ir visitar. A mim e aos meus irmãos (...) Claro que uma pessoa ao ser criada assim num colégio não é como ter um pai, que nos dá carinho, não é? Lá não me davam um beijo, não me davam carinho (...)”

A transição para a adolescência não foi tranquila. Sente que a maior mudança que ocorreu ao longo da sua adolescência foi o aumento da sua revolta. Os comportamentos fugazes, mesmo no colégio, levaram a que fosse medicada na instituição para controlo. Era essa a forma que descreve o colégio. Quando alguém fugia às normas ou ao que eles delineavam, a medicação era a solução principal para garantir o controlo das crianças e dos jovens. Mas isso ainda piorava a situação. Anabela tentou fugir diversas vezes. Dizia que não tinha a atenção necessária que uma criança deve ter. Aliás, ninguém tinha qualquer atenção independentemente da idade que tivesse. Não se criavam relações afetivas, não se desenvolviam sentimentos e partilha de emoções. Lembra que as visitas eram custosas. Estar num canto, iludida à espera que alguém entrasse na porta para a visitar e cair na realidade de que ninguém a visitava, inundava o peito que já transbordava de tristeza. Era doloroso ver as outras crianças e jovens receber a família e terminar a visita com oferendas e lembranças e ela, no final, estar de mãos e coração vazio.

Ao longo da sua adolescência, a relação familiar manteve-se de igual modo. Aos 12 anos a vida colocou-a novamente à prova. O seu irmão – o mesmo que se encontrava no colégio – faleceu. Anabela tinha 12 anos e o seu irmão tinha 10 anos.

Aos 14 anos retiraram-na dos estudos. Anabela tinha gosto por aprender e descobrir, daí que essa saída do meio escolar resultou numa maior revolta. As constantes tentativas de fuga fizeram com que aos 15 anos fosse transferida para o Instituto de Monsenhor Airosa, em Braga. Era outra das medidas do colégio para o

controle dos mais fugazes: a deslocação para outra instituição. Esteve em Braga durante, mais ou menos, um ano. Diz que não foi preparada para a vida. Teve os olhos tapados durante esta fase. A falta de afeto e convivência no colégio fez com que as conversas essenciais ao longo do crescimento de qualquer jovem – desde a mudança corporal à mudança psicológica – não acontecessem. Qualquer demonstração de afeto, mesmo em televisão, era suprimido da rotina diária destes jovens.

“Tentei fugir para conhecer a minha família porque é triste estar num colégio e, ao domingo, havia visitas dos familiares e sabe o que é uma pessoa estar num cantinho à espera que alguém nos vá ver e ninguém aparecer?”

Regressou ao colégio aos 16/17 anos. A vida no colégio não permitia o desenvolver de amizades. Assim, de lá, não relembra grandes amigos. Apenas diz haver uma exceção: a sua antiga professora de francês. Era a única pessoa que lhe dava a atenção e o carinho que ela precisava. Era ouvinte e conselheira. Anabela confessou que, posteriormente, tentou o suicídio. Sempre que esses pensamentos lhe invadiam a alma, era à professora que ligava e era com quem desabafava nos momentos mais críticos. Por esse motivo, em 2008, foi oferecer-lhe um dos exemplares do seu livro. Em 2016, por circunstância da vida, não o poderá fazer.

Com a idade de 16 anos o seu pai matou-se e pediu a Anabela que se matasse com ele. As fugas sistemáticas do colégio levaram a um vedar definitivo da entrada aos 17 anos. Foi com esta idade que iniciou a vida na rua.

Anabela frequentava um café perto da casa das irmãs. Ir até esse café era a única maneira que tinha para ver as irmãs. Mas vi-as, somente. Não havia contacto, por palavra ou atitude. Foi aí que conheceu o pai dos seus filhos. Esse homem, tal como ela, frequentava diariamente o café. Um conhecido dissera-lhe que ele estava disposto a fornecer-lhe um teto. Anabela estava a viver na rua e, como tal, acabou por aceitar. Ficou a viver com esse homem e engravidou. A sua permanência na casa tinha um “custo”. Não monetário, mas sexual. Foi assim que acabou por ficar presa a esse

homem, pai dos seus filhos, mas pessoa que nunca amou. Sujeitou-se a esta vida porque assim garantia as condições de sobrevivência dos seus filhos.

As irmãs nunca ajudaram a melhorar a situação. O único irmão predisposto a ajudar, que outrora tinha frequentado a Casa do Gaiato, estava na altura casado e residia em Loures. Foi vários anos depois, após entrar em associações locais, que com o dinheiro angariado da venda dos seus trabalhos, ela conseguiu visitar o irmão. Esteve 20 minutos com ele. Foram 20 minutos que consolaram quase uma vida.

O falecimento do pai deu, por direito, uma casa a Anabela. Uma das suas irmãs tinha sido despejada da casa onde morava e pediu a chave da casa, dizendo que a ajudaria a tomar conta dos filhos. Anabela deu a chave à irmã e passado um mês deslocou-se para lá. Viveram juntas, porém a própria irmã fustigou-lhe a vida. O seu cunhado, igual. Sofreu na pele da própria família. Chegou a dormir na rua com o filho.

Teve problemas com o álcool, em parte empurrada pelo companheiro. Foi vítima de violência doméstica pelo filho mais velho e acabou por ser abandonada pelo pai dos seus filhos. Esteve com ele durante 15 anos.

“Abandonou-me com os filhos. Nem... nem dinheiro nem nada. Ainda bastante tempo sem saber. Houve alturas, nesta fase da minha vida, que nem um pão seco eu tinha para dar aos meus filhos. Mas eu aí andava doente (...) Em 2 anos tive 11 internamentos.”

Este foi o momento de reviravolta na sua vida. Reergueu-se e começou a lutar. Ainda diz que essa luta devia ter começado mais cedo, mas as circunstâncias não o deixaram. Deixou o álcool e livrou-se desse peso. Trabalhou em vários locais, desde indústria têxtil, limpezas, a confeitaria. Tudo para conseguir manter a sua sobrevivência e condições básicas de vida. Ao longo dos anos teve vários trabalhos. No entanto, nunca nenhum foi de encontro ao que realmente ambiciona – a escrita. Aquando da integração no mercado de trabalho, relembra uma boa relação com os demais trabalhadores. Considera ser extrovertida, daí que marque com a sua personalidade. Em 2008 escreveu um livro. Um livro de poemas. Ainda este ano vai lançar o segundo. Diz que este foi o

momento mais marcante enquanto pessoa adulta. Acrescenta, ainda, que viveu a sua primeira paixão com uma mulher.

A Anabela não é verdadeiramente feliz. Não o foi na infância, na adolescência, nem em idade adulta. Diz que não o é, mas está quase. Falta um pouco para se sentir preenchida, no marcador da felicidade.

Há um ano o Som da Rua conta com a presença da Anabela. Conheceu o grupo por intermédio de uma técnica com a qual desenvolvia uns trabalhos manuais. Soube, desde logo, que era esse o grupo onde se encontrava um dos irmãos. Reconhece o quanto gosta do Som da Rua. Gosta do convívio, do reconhecimento e do conhecer novas pessoas. Também gosta dos espetáculos que o grupo faz. Mas acima de tudo, adora cantar. O Som da Rua fortaleceu os laços com o irmão que também integra o grupo. Apesar de ele ser de carácter difícil, é um momento onde consegue estar com ele. A nível comunitário, considera que o grupo ajuda no reforço dos laços sociais. Este e todos os projetos onde ingressa. Talvez por isso nunca tenha pensado em abandonar o grupo.

Muitos são aqueles que participam no grupo, mas a Anabela diz que se consegue rever em muita gente. As histórias cruzam-se e ali todos já passaram ou passam por algo. Por já ter sido posta à prova, é que se identifica com muitos deles.

“Muitas vezes até me revejo nelas, entende? Vejo nelas porque já passei por isso e muitas vezes... já ajudei algumas pessoas, já ajudei. E muitas vezes quem precisava de ajuda era eu.”

Daqui a 10 anos imagina-se feliz, verdadeiramente feliz, com um amor ao seu lado. Jeitosa, de preferência, como assume a Anabela. Imagina o Som da Rua, presente e ativo na sua vida. Descreve o grupo como “um tempo muito bem passado”.

2. À busca do amor: pelos filhos e pela música se traça um caminho

Conceição tem 49 anos. Vive em união de facto com um companheiro que a fez acreditar que o amor é possível. Tem o 6º ano de escolaridade, completo em formações pós-laborais numa fase mais tardia da sua vida. Está, de momento, no desemprego. Pode não ter tudo, mas tem o que mais lhe importa: os seus filhos.

O amor de pais que Conceição recebeu não partiu dos seus pais biológicos mas sim de um casal que a criou. Posteriormente, veio a saber que o senhor era o seu pai biológico. A mãe biológica, quando decidiu contactar com ela, apenas veio colocar a sua vida tempestuosa. Trabalhou cedo, deixou os estudos e aprendeu, por si, a viver. Arrepende-se de muita coisa, porém nunca de ter sido mãe e de criar os seus filhos da forma que gostava de ter sido criada: com amor.

Conceição não foi criada pelos seus pais biológicos. Ou, pelo menos, pela sua mãe biológica visto que descobriu, mais tarde, que o senhor que a criara era o seu pai. Foi esse casal para quem a mãe trabalhara que a criou. Descreve a sua infância como boa. Teve percalços, mas foi boa. O senhor faleceu quando ela tinha apenas 5 anos. Este foi, para ela, o momento mais marcante da sua infância. Com eles, frequentou a escola e fez a antiga 4ª classe.

Aos 9 anos algo mudou na sua vida. A sua mãe biológica, que a abandonou ao nascimento entregando-a ao casal, retirou-a dessa que era a sua verdadeira família. Nesta fase, ficou em casa da sua avó materna onde continuou os estudos até completar 12 anos. A relação com a restante família foi praticamente nula.

Foi a partir dos 12 anos que Conceição começou a trabalhar. A mãe biológica retirou-a da escola e colocou-a em casas particulares. Nesta fase reatou contacto com a senhora que a criara. A partir daí, esta acompanhou-a na sua vida. Admite que o início da vida laboral foi complicada. Além de ter sido obrigada a tal pela mãe biológica, pessoa a quem não conseguia chamar de mãe, Conceição era reservada e aprendeu, em consequência, a desconfiar das pessoas. Diz que consegue olhar para as pessoas e perceber como elas são. Por isso, não relembra grandes amizades.

Para si, a adolescência foi marcada pela indiferença da mãe biológica. Além de não a ter criado, quando decidiu estabelecer contacto foi para colocar a sua vida num avesso. Talvez porque a mãe não se esforçou para criar um laço afetivo, Conceição também não o fez. Assim, diz que acredita que a mãe biológica gosta dela à sua maneira, tal como ela. Diz que fala, convive com ela, mas as marcas não se apagam. Essas serão eternas. Gostava que não a tivessem levado do casal que a criou. Sabe que a sua vida teria sido melhor: teria tido o apoio que precisava, mais estudos e um trabalho.

Essa instabilidade emocional, sobretudo no apoio familiar, refletiu-se na idade adulta. Conceição foi obrigada a enfrentar a vida sozinha e o que aprendeu foi por si. Talvez por esses motivos, aos 18 anos teve o primeiro filho. Não se arrepende. Foi nesta altura que começou a passar mais dificuldades. O trabalho deixou de ser em casas particulares e passou para a fábrica do patrão. Apesar de todas as dificuldades criou o seu filho da melhor maneira que conseguiu. Na fábrica, já convivia mais, mas nunca estabeleceu relações muito próximas. Nesta fase, além de ser reservada e sossegada, tornou-se mais revoltada. Porém, foi algo que aprendeu a gerir.

“Não era. Não era porque eu não gostava de conviver... não tinha confiança nas pessoas. Comecei a aprender a ser desconfiada, reservada porque eu sou reservada, não me dou com qualquer pessoa.”

Foi nessa fábrica onde trabalhava, que conheceu o senhor com quem acabou por se juntar. O filho mais novo tinha cerca de um ano e meio quando se deu essa mudança. Aos 19 anos, quase 20 feitos, engravidou novamente. Esteve junta com esse companheiro por 6 anos e chegou, inclusive, a casar. Porém, houve uma separação no meio devido aos comportamentos violentos do companheiro. Nem a gravidez era justificação para o fim dos maus-tratos. Estava grávida do segundo filho quando o companheiro despoletou esses comportamentos. Após algum tempo de sofrimento, Conceição pediu o fundo desemprego ao patrão da fábrica onde trabalhava para fugir da situação em que se encontrava. Foi para Marco de Canaveses e ficou em casa de uma tia. Mais tarde, esteve em casa da mãe biológica.

Após um ano e meio separada, o ex-companheiro de Conceição dizia ter mudado e ela, então, juntou-se com ele novamente. Foi neste juntamento que engravidou da terceira filha. As atitudes não sofreram qualquer alteração e após dois anos, separou-se do companheiro. Foi uma situação complicada em que assume ter passado fome. Ela sim, os filhos não. A assistente social foi uma ajuda fundamental neste período da sua vida.

“Tinha ano e meio, mais ou menos, quando me tornei a juntar com ele... ele disse que tinha mudado, essa coisa toda, não é? Pronto, eu acreditei, caí outra vez.”

Sozinha durante 5 anos, Conceição conheceu um homem – o seu atual marido. Oriundo da Serra da Estrela, é um companheiro presente e que a ajuda. Estão juntos há cerca de 30 anos e o quarto filho foi fruto dessa relação. Tem os seus filhos já adultos, exceto o último que apenas tem 11 anos. Afirma que o do meio é aquele que lhe dá mais dores de cabeça. Descobriu, recentemente, que o pai dos seus três filhos faleceu. Diz ter, agora, a paz e o sossego que merece.

O Som da Rua apareceu na sua vida em meados de 2011/2012. Diz não saber ao certo a data da sua entrada no grupo. Aquando da sua entrada, admite que estava numa fase da sua vida em que se sentia esquecida. O Som da Rua mudou isso. Diz que os motivos que a levam a ficar no grupo são a música, o convívio e as pessoas – pessoas essas que têm tantas ou mais marcas que ela. Gosta de conviver com todos os elementos. Lá, diz, não se sente esquecida.

“Gosto muito de conviver. Não me sinto esquecida. Gosto muito de conviver com as pessoas.”

Lá sente-se alegre e daqui a 10 anos espera continuar com eles, a cantar e a encantar. O Som da Rua, para si, é um projeto muito bom. O facto dele existir deixa-a feliz.

“Acho que... é bom para mim. (...) Digamos que... não sei se devo dizer... mas é um projeto muito bom para mim. Bom em todos os aspetos. E ainda bem que existe.”

3. A melodia do amor de família

Aos 53 anos, Eduardo vive numa instituição que o acompanha diariamente. Não tem emprego, nem pode ter. Uma declaração médica prescrita no Magalhães Lemos proíbe-o de trabalhar devido ao seu historial clínico. Já lá foi acolhido algumas vezes, mas ele diz que não gostava. Tentava cumprir o tempo definido ou fugia. Havia sempre duas opções.

Cresceu com os seus pais e com os seus irmãos. Fez a quarta classe, apenas. Teve de ir trabalhar porque além da falta de recursos em permanecer na escola, Eduardo diz que não era inteligente. Sente a falta da sua mãe. A mãezinha, como lhe chama ainda hoje. Gostava de estar junto dos seus, na casa da sua irmã.

Relembrar a sua infância não é custoso. Considera que a sua infância foi boa. Esta fase foi passada junto dos seus pais, irmãos e irmãs com quem matinha uma boa relação. Tem grandes marcas dessa relação familiar, por isso descreve esta fase em poucas palavras: “amor de mãe e respeito de pai”. A mãezinha, como ainda hoje a trata carinhosamente apesar de já ter falecido, fornecia o carinho que precisava. O pai era uma figura de respeito.

Frequentou a escola e concluiu a quarta classe. Gostava da escola, mas preferia trabalhar. Assim, a aliar aos poucos recursos que existiam, Eduardo abandonou a escola precocemente e iniciou um percurso laboral. Foi na construção civil que exerceu profissão. Porém, esse trajeto laboral não se prolongou por muito tempo.

Eduardo tinha comportamentos impulsivos em casa onde partia tudo. Em consequência, o seu pai repreendia-o. Não lhe batia. A repreensão baseava-se na privação material. Tal como disse, tudo o que pedia ao pai era negado: desde dinheiro, roupa e abrigo. Chegou a dormir nos campos e nos quintais. Foi, também, por esses comportamentos que os internamentos no Magalhães Lemos se iniciaram.

“Não... o problema que eu tive foi que eu, sem querer, partia lá tudo em casa. Partia tudo. E o meu pai repreendia-me. (...) Não, não me batia. (...) Não me dava aquilo que lhe pedia. Pedia-lhe dinheiro, não me dava. Pedia-lhe roupa, não me dava. Às vezes até abrigo na própria casa onde vivia com os meus pais e ele não me dava. Fechava-me a porta e não me deixava entrar.”

Aliado a estes comportamentos, Eduardo ingressou no mundo da droga. Foi consumidor e vendedor de haxixe. Esta fase durou dois anos. Mais tarde, esteve preso em Custóias, durante 5 meses. Foi o consumo que o levou à prisão. Tem consciência das sequelas que esse caminho lhe deixou. Gerou problemas na cabeça e na vista devido ao consumo de drogas. Após deixar a prisão, passou por uma fase em que frequentava igrejas e rezava. Além disso, chorava constantemente. As corridas na praia, sozinho, tornaram-se outro hábito. Sentia-se preso apesar de estar livre.

A instabilidade mental fez com que estivesse em Santa Cruz do Bispo por 5 anos. Aqui, foi acompanhado pelo serviço de psiquiatria. Começou a tomar medicação que ainda hoje mantém. Está impossibilitado de trabalhar, sendo que a declaração do Magalhães Lemos o comprova.

“Depois nunca mais pude trabalhar. Tenho uma carta, do meu doutor do Magalhães Lemos, que não me deixa ir trabalhar.”

A sua mãe já faleceu. A relação com a família continua a ser saudável. Refere, no entanto, que o seu pai se aborreceu um pouco com ele depois da sua mãe ter falecido. O que queria agora era simples: viver junto do seu pai e da sua irmã, na casa desta. Além disso, tem o desejo de ver novamente os irmãos que estão emigrados e os seus sobrinhos.

Quando questionado acerca do Som da Rua diz que gosta dos músicos. Enuncia todos eles, sem exceção: o Jorge, o da bateria, o do baixo, o da flauta e o Peixe. Gosta das atuações, dos passeios e da comida. Não menos importante, também gosta dos

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

colegas. Os instrumentos que tocam, são aqueles que nunca imaginou vir a tocar. E gosta disso. Nunca pensou em deixar o Som da Rua. Ali, em grupo, convive e aprende a respeitar. Diz que são todos iguais. No final, pergunta se pode ser sincero. Assume, que para si, a maior satisfação que retira do Som da Rua é o convívio criado no final das atuações, com todos juntos na mesa, a comer e a beber. Como uma família que são.

“O que mais gosto... posso ser sincero? A satisfação que me dá eu participar no Som da Rua (...) a satisfação é o convívio e a alegria de depois a gente estar à mesma mesa a comer e a beber.”

Daqui a 10 anos, com o Som da Rua de um lado, imagina um futuro ao lado da sua família. É o que mais lhe importa.

4. Nas intempéries da vida: a luta pela harmonia

Aos 49 anos, Isaura cria o seu caminho da melhor maneira que lhe é possível. Tem quatro filhos, uns que lhe dão mais dores de cabeça que outros, e é casada. Encontra-se desempregada e diz que não pode trabalhar mais. Queria, mas não pode. Sempre se interessou em aprender mais, daí que tenha conseguido completar o 9º ano de escolaridade através de formações.

A vida já lhe pregou muitas rasteiras. Desde o adoecimento de um filho ao nascimento, a um acidente do marido que o deixou em coma por 8 meses, até a um cancro que teimou em aparecer. A tristeza invade o seu discurso, por vezes. Os apoios não são muitos, a todos os níveis. Assim, com as provas dadas, vai orientando a sua vida dia após dia, com mais ou menos certezas.

Até aos 7 anos a infância de Isaura correu como manda a tradição. Mas foi, nesta tenra idade, que a reviravolta se iniciou. Começou cedo a prestar ajuda à mãe nas tarefas, daí que aos 13 anos a escola tenha sido colocada de parte. As responsabilidades eram outras, com maior peso na sua vida, e a escola não encaixava nesse leque. Ainda

tentou continuar os estudos à noite, sendo que concluiu o 4º ano desse modo. A sua atividade laboral teve início, assim, numa fábrica na Maia.

O trabalho estabeleceu uma rotina que, aos 17 anos, teve um abalo. O seu pai, doente já há alguns anos, foi operado. Não obstante as duas operações feitas, a melhoria do estado de saúde não se observou. Esta condição fez com que este colocasse um ponto final ao sofrimento, envenenando-se.

Por esta altura Isaura já namorava, mesmo contra a vontade da mãe. Estava grávida. Por receio da reação, foi algo que acabou por esconder até ser revelado por uma colega de trabalho. Foi no dia do funeral do seu pai que a mãe de Isaura descobriu que a filha estava grávida. Foi o suficiente para que Isaura fosse expulsa de casa e enviada para casa do seu namorado, somente com duas sacas de roupa na mão.

Grávida e com idade jovem, Isaura juntou-se com marido – por esta altura já se tinham casado por civil – mesmo contra a vontade do sogro. As complicações foram surgindo a partir daqui. O seu primeiro filho nasceu mas uma infeção pulmonar obrigou a que este estivesse internado. Após os tratamentos, o filho veio para casa. Tal como afirma, um entra e outro sai. Precisamente no mesmo período, o seu marido sofre um acidente de trabalho que o deixa em coma por 8 meses. Quase dois anos foi o período de internamento. Isaura continuou em casa do sogro, sendo que o ambiente era cada vez mais pesado. As discussões aumentaram, assim como as acusações. As palavras, por sua vez, passaram a ameaças. Aquando da entrada do marido no hospital, Isaura acabou por descobrir que se encontrava grávida do segundo filho. As acusações por parte do sogro outorgavam que ela se envolvera com outros homens e que aquela criança não era do seu filho.

Entretanto o seu marido teve alta e voltou a casa. A cadeira de rodas acompanhava-o. Foi uma recuperação difícil, mas com a fisioterapia o seu marido conseguiu recuperar grande parte da sua mobilidade. O trabalho é que ficou limitado. Esta foi uma fase em que Isaura se sentia desamparada. As ameaças e acusações contantes não a deixavam suspirar de alívio mas, para não criar conflito, escondia do marido este cenário. Este, por sua vez, considerava que o estado de Isaura se devia à sua condição pós-internamento e teimava, assim, que esta o ia abandonar.

Certo dia, uma habitual ida à mercearia, fez com que Isaura perdesse o teto. Com os dois filhos, um pela mão e outro no colo, Isaura foi buscar o pão como fazia todos os dias. Saiu de casa e não mais entrou. O sogro fechara-lhe a porta e nem a insistência da mulher – a pessoa em quem Isaura podia confiar – lhe valeram de algo.

«Então um dia o meu marido foi trabalhar e eu tinha ao lado uma mercearia e eu vim... ah, depois nasceu a minha filha e ele era “ah, cala a boca a essas crianças, estou farta de ouvi-las.” (...) Eu fui à mercearia buscar o pão e levei os miúdos. No colo, a miúda mais nova e o meu filho pelo chão que ele já andava. (...) Ele pegou, deixou-me sair e fechou-me o portão.»

Uma vizinha ofereceu-lhe teto e Isaura aguardou pelo marido que, ao final do dia, chegaria a casa do trabalho. Quando este chegou não foi capaz de fazer frente ao pai. Mesmo sabendo que a mulher e os filhos estavam na rua, o marido de Isaura não conseguiu convencer o pai a mudar de decisão e manteve-se ao lado dele.

A casa da vizinha abrigou-a por pouco tempo visto que o sogro partiu a ameaças à vizinha. O senhorio iria descobrir a situação e proceder a um aumento da renda se ela não colocasse Isaura fora da porta. Desta feita, ficou na rua. Tentou chegar a Ramalde, a casa do cunhado, a quem iria pedir ajuda. Um revisor, conhecido da família, deixou-a viajar de graça e ainda lhe emprestou dinheiro para dar de comer aos seus dois filhos. Antes, ainda viveu na rua por três meses.

A Estação de São Bento – ainda nos seus moldes antigos – foi a cama de Isaura e dos seus filhos. Durante o dia vagueava pelo Porto, desde a Cordoaria aos jardins do Carregal. Diz conhecer tudo graças a essa vivência.

Um dia um guarda interpolou-a. Sem os documentos identificativos e após ouvir a sua história, este acompanhou-a até casa do sogro para levantar o que era seu. Questionaram o sogro e o marido. Este último, ainda assim, não deixou a casa dos pais pela sua mulher e pelos seus filhos. Levada para a esquadra, o cunhado foi contactado. Apareceu no posto e levou Isaura consigo. Foi a casa do seu pai. O levantamento dos documentos, o objetivo da visita policial, fora esquecido. O seu cunhado fez frente ao

pai e exigiu os documentos dela. Fez um ultimato ao irmão. Foi no final do dia que o marido de Isaura surgiu em Ramalde. Essa atitude valeu-lhe vários anos sem contacto com o pai.

Juntos, novamente, conseguiram um quarto numa pensão com a ajuda da segurança social. A terceira filha nasceu aqui. Os filhos tinham a possibilidade de frequentar o infantário porque, em troca, Isaura trabalhava lá. Aí conheceu uma médica para quem trabalhou. Com a ajuda dela, Isaura arranjou uma pequena casa em S. Mamede dentro das suas possibilidades. Quando a médica mudou de casa e proibiu Isaura de levar os filhos quando fosse trabalhar para lá, esta terminou os serviços que fazia.

Por intermédio da madrinha do seu filho, mudou-se para Soutelo, em Rio Tinto. O seu marido, que ainda conseguiu trabalhar depois de recuperar do acidente, começou a ficar debilitado. As sequelas do acidente fizeram-se sentir de forma mais intensa e este ficou sem emprego. A renda aumentara em três anos e a única forma de pagar a casa foi deixar o seguro de vida. Isaura também se encontrava desempregada nesta fase.

Aos 37 anos, o seu último filho nasceu. Aos 10 meses sofreu problemas respiratórios. As melhorias foram sentidas e aos 7 anos já estava com uma condição mais estável. No entanto, foi aqui que o seu mundo descambou. Uma anemia avançada foi detetada. O diagnóstico não culminou aqui e, posteriormente, um cancro no colo do útero abalou tudo à sua volta.

“Foi detetado o cancro. (...) Fiz a terceira biopsia mais rigorosa para analisar que tipo de cancro era e aí é que eu chorei... aí é que fui abaixo. O meu filho com 7 anos. Cancro maligno no colo do útero.”

Era maligno. Aguentou o tratamento por cinco anos e deixou de ir. Diz que é doloroso e que não tem apoios para conseguir aguentar. O seu marido, além da indiferença com que a trata, enveredou por um caminho de maus-tratos pelos quais Isaura nunca esperou. Não tem apoios, em lado nenhum. No momento atual, apenas

vive com a ajuda da segurança social. Foi assim que, inevitavelmente, aprendeu a viver sozinha.

Está no Som da Rua há um ano. Foi uma das técnicas que a acompanha que lhe deu a conhecer o grupo. Diz que participa porque gosta da música e dos instrumentos. Agrada-lhe, sobretudo, o facto daquelas músicas parecerem escritas por ela e por eles. Pelos que têm as marcas, na memória e no corpo. É uma hora de ensaio que a faz esquecer tudo o que está do lado externo da porta. Admite que o Som da Rua a tornou numa pessoa mais alegre e comunicativa. Aquele grupo é, sem dúvida, a sua família. Talvez por isso diz que foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida. Daqui a 10 anos imagina-se com uma vida melhor e a ser uma pessoa diferente.

“O Som da Rua foi a melhor coisa que me apareceu. Hmm... em parte de ocupar o tempo, de eu fazer novas amizades e o entretenimento para mim porque eu gosto de música, como para... eu compreendo e eu sei o que é as pessoas... eu compreendo a situação das pessoas que estão lá.”

5. Abraçar o vício da música

Jorge tem 45 anos e é solteiro. Completou o 9º ano de escolaridade, um percurso feito entre um colégio de padres e uma escola pública. Está, de momento, desempregado, mas a música preenche-lhe a vida. É baterista no Som da Rua e, para si, é o que basta.

Criado pelos avós e pelos padrinhos, mas com uma presença assídua do resto da família, a infância de Jorge foi dura devido à ausência da mãe que faleceu no parto. Foi aos 6 anos que descobriu o porquê de ser um menino que, ao contrário dos demais, não tinha a mãe ao seu lado. Percorreu partes do mundo sempre com a música nas veias. Foi livre, mas enveredou por caminhos desviantes. Aos 11 anos conheceu um novo mundo – o das drogas. A sua vida foi um vaivém entre consumos, libertinagem e aprendizagens. Hoje, está livre de consumos. Só não perdeu um vício: o da música.

Foi em Lisboa, no Bairro da Graça, que Jorge foi criado. Diz que talvez venha daí – e dos jogos a que assistiu com o seu pai - o seu amor pelo Sporting Clube de Portugal. A sua mãe morreu no dia em que ele nasceu. Descreve, devido a essa perda, a sua infância como sendo uma fase dura. Ao contrário das outras crianças que frequentavam o seu colégio, Jorge não tinha a figura maternal junto a si. O seu pai, por sua vez, motorista de profissão, pouco ou nada estava presente. A primeira visita dele, relembra Jorge, foi aos 6 anos. Foi alvo de violência nessa visita.

Foi criado pelos avós paternos e pelos padrinhos, mas toda a família esteve presente ao longo da sua vida visto que o bairro onde morava era comum a todos. Diz que, por isso, percorria todas as casas para conseguir o que queria em cada uma delas. Mesmo na sua adolescência continuou deste modo. Apesar de bons momentos que possa lembrar, afirma que esse não foi um ambiente estável enquanto criança. Por isso, poucas são as palavras com que descreve a sua infância: falta de amor. Não amor de família, porque o teve, mas amor de mãe e de pai. Amor, esse, que ninguém consegue dar de igual forma.

“Falta de amor. Não tive. Não... falta de amor não... porque eu tive amor. Não da minha mãe, mas tive muita ausência de pais. Muita ausência de amor de pai, amor de pai e de mãe. Faltou-me isso. Quem diz o amor diz uma correção, companhia... o sentir a minha mãe.”

Frequentou um colégio de padres. Era um contexto de rigidez e de forte disciplina. Esteve aí até ao 4º ano. Quando deixou o colégio, foi para uma escola pública. Neste novo ambiente o mundo abriu-lhe portas. Talvez menos positivas, na verdade. De um ambiente de rigidez passou a uma total libertinagem que, em consequência, fizeram com que reprovasse no primeiro ano em que lá esteve. À medida que começava a ser um dos mais velhos na escola, novos caminhos foram traçados. Enveredou, aos 11 anos, no mundo da droga. Foi aqui que a sua vida começou a descambar. Após um diagnóstico de “terrores”, caracterizado por pesadelos constantes e

pelo sonambulismo, os calmantes passaram a fazer parte da sua rotina. A sua madrasta – o seu pai entretanto voltara a casar depois de encontrar um trabalho na câmara – procurou ajuda psiquiátrica para descobrir o problema e, de algum modo, controlá-lo. Foi assim que iniciou a toma de calmantes e relaxantes. Nesta fase, vivia com a madrasta, o seu pai e uma meia-irmã.

Ao compreender o alcance da medicação que lhe foi prescrita, Jorge começou a vender os calmantes na escola. O álcool era um novo acompanhante desta medicação. O dinheiro na mão oriundo das vendas possibilitou o acesso a novas (e pesadas) drogas como o haxixe. As desconfianças começaram a surgir em casa, mas a madrasta acabou por encobri-lo em diversas situações devido à reação alheia.

Por volta dos 14 anos descobriu o gosto pela música. Desta feita, começa a acompanhar um grupo de música de indivíduos mais velhos designado de “Pega-fogo.”. Aos fins de semana segue-os nas atuações. Por esta altura, descobriu-se que era ele quem vendia os comprimidos na escola. Os 15 anos coincidiram com a mudança para a escola secundária onde, brinca ele, já era o “avô da escola”.

Nesta idade prosseguiu com o consumo de droga, aliado a outros comportamentos desviantes. Roubou dinheiro ao pai e à madrasta, dinheiro esse de poupança. O vício e a necessidade de comprar fizeram com que os roubos passassem de uma nota a duas, três ou mais, até que chegou a levar todo o dinheiro. O pai, que repunha o dinheiro que ele ia retirando para não ter problemas com a mulher, fez um ultimato ao próprio filho. Longe de ceder, Jorge sai de casa e volta a casa da avó.

Os comportamentos compulsivos continuaram e, durante a estadia na avó, o dinheiro que esta guardava por casa foi roubado para manter os consumos. Ao descobrir esta situação, a sua avó sofreu uma trombose e ficou debilitada. Presa a uma cama, Jorge tomou conta da avó. Diz que sabe que foi o culpado da situação e, por isso, assumiu a responsabilidade de tomar conta dela. O seu pai, filho da sua avó, não esteve presente como deveria. Quando foi em viagem, aos 18 anos, a sua avó faleceu. Este foi, para si, um dos momentos mais marcantes da sua adolescência.

“Roubei-a. Uma vez roubei-a. Toda a reforma para a droga. Ela quando deu conta, deu-lhe uma trombose e ficou numa cama vários... vários tempo. Então claro o meu pai nunca soube o que é que se passou, mas eu vivia ali, eu é que fiquei a tomar conta dela (...) Já que provoquei, agora aguentas.”

A casa da avó ficou ao seu encargo. Com uma casa só para si, isolada por portões e num bairro onde todos o conheciam desde criança, Jorge sabe que este foi o período onde o consumo e tráfico de droga tomou proporções abismais. A casa onde morava passou a ser o local de venda e de consumo de droga e de concertos. Jorge disponibilizava o espaço do lar para que os seus compradores consumissem se, em troca, estes lhe fornecessem, gratuitamente, o produto. Sabendo que o seu bairro não era problemático no que diz respeito às drogas e com vizinhos que nada iriam dizer, Jorge abusou e não teve problemas com entidades policiais. Pelo menos, não por estes motivos.

Aos 18 anos fez a sua primeira cura. Foi para perto de Chaves. Aí iniciou um tratamento à base de uma nova medicação. Conheceu uma senhora com quem se relacionou por três meses. A pressão para o casamento, quer por parte dela como dos pais, fez com que Jorge acabasse por fugir do compromisso. Para isso, alojou-se em casa de uma prima. Esteve com ela pouco mais de um ano. Foi um período em que andava mais controlado. Não consumia como o fazia antes. Tinha comida, alojamento e as condições necessárias e, em troca, somente tinha de prestar auxílio nas tarefas de casa e de lavoura.

Posteriormente, recebeu uma chamada do pai que dizia ter um emprego para ele na câmara. Regressa a Lisboa. Uma vez que era por concurso, Jorge teve de esperar antes de iniciar trabalho na câmara. Com o dinheiro que o seu pai lhe deu para tirar as fotografias necessárias para entregar à câmara, Jorge foi ao encontro do traficante da zona. Ao ver que a tentação era forte em Lisboa, regressou a casa da prima até saber se o trabalho na câmara era seu. Quando foi aceite em Lisboa, iniciou a sua atividade como varredor.

O ordenado que ganhava e que era suficiente para si, entregava-o ao pai para que este o governasse. Mas cedo encontrou forma de esquivar esse controlo. Por mês apenas dava uma certa quantia (100 contos), sendo que todo o dinheiro que recebia por fora guardava para si. As faltas constantes complicaram a sua situação no trabalho.

Por esta altura, com 18/19 anos, o seu estado de saúde – quer físico, quer psicológico – era deplorável. Uma vez assinado o contrato efetivo, o seu patrão aconselhou-o a pedir baixa médica e iniciar um tratamento. Apenas teria de ter em atenção que, passado um tempo, era preciso apresentar-se à junta médica. Assim o fez. Foi para Espanha onde iniciou novo tratamento. Quando este acabou, começou a trabalhar novamente com bandas e a acompanhá-las nas atuações. Esse trabalho resultou num vaivém constante entre Portugal e Espanha e os consumos retornaram. Nunca mais se apresentou à câmara e foi despedido, em consequência da sua ausência.

Em 1995 o seu pai faleceu. De regresso a Lisboa, procurou o seu antigo trabalho. Quando percebeu que o tinha perdido e sem ainda conseguir ter acesso à herança do pai, a proposta que recebeu para formar uma banda de rock e rumar para Moçambique foi, para si, a melhor opção. Ao chegar a Maputo, uma cidade em clima pós-guerra, o pouco dinheiro que levava permitiu que Jorge vivesse com ostentação.

“Eu fui parar a um país... eu tinha fugido daqui porque a droga já não prestava e estava todo rebentado e fui para um país onde a droga era 70% pureza. Maravilha.”

Assume que se aproveitou do facto de ser caucasiano. Entrou em vários esquemas: desde fingir ser médico num hospital público para ter acesso a seringas ou filho do patrão de uma fábrica imaginária para ter refeições gratuitas. A vivência de Jorge em Moçambique levou a que a sua cara estivesse em jornais e fosse reconhecida pelos serviços de imigração. Ainda foi voluntário junto a crianças. Hoje é o dia em que continua a falar com eles – homens já feitos – e assume que há um respeito mútuo.

Quando foi apanhado sem documentação teve o prazo de 48h para abandonar o país. Após alguns entraves em certos países devido à barreira linguística, Jorge chegou a Lisboa em 2000/2001. Tendo em consideração que na altura do falecimento do pai o

dinheiro da herança não tinha sido levantado, após a sua chegada a Lisboa e ainda sem documentos de identificação, Jorge vai ao banco em busca do dinheiro. Com esse, passou férias no Algarve e o consumo de drogas é substituído por novos consumos: o álcool.

Enquanto trabalhava entre Portugal e Espanha e encaminhava a sua vida do mesmo modo desde os 11 anos, Jorge, com 39 anos, despertou.

«Entretanto fico por Portugal e começo a trabalhar aqui com bandas, sempre a montar e desmontar, festivais, isto ou aquilo e sempre a consumir como nunca. Até ao ponto de no ano 2009, ir fazer um trabalho, também de música, que depois acabou por não se fazer e parar e “pah, mas o que é que eu estou a fazer? Eu tenho 39 anos. Que vida é esta? Que vida é esta?”»

Compreendeu que este não era o rumo a seguir e fez a opção de mudar. De vez e para sempre. Passou pouco tempo nos albergues, em Lisboa. Regressou a Espanha, mas em 2009 volta a Portugal. Em meados de 2009 ruma para o Porto. Integrou o projeto Metadona, em Matosinhos. Nessa altura, a AMI foi uma instituição que o ajudou a orientar a sua vida. Recorreu ao apoio da Segurança Social e conseguiu obter o Rendimento Social de Inserção. Desde 2011 até ao dia de hoje, Jorge vive num quarto graças a esse rendimento.

Tenta levar a vida o melhor que pode. Ainda frequenta o programa do Metadona e está livre de consumos. Não há espaço para drogas, álcool ou qualquer tipo de vício deste género. Apesar dos fortes consumos ao longo da vida, não tem HIV. Sofre de hepatites e, também, de problemas renais. Queixa-se que existe um tratamento mais adequado ao seu historial clínico mas, porém, não é participado pelo Estado. Diz que o número de pessoas a sofrer do mesmo que ele ainda não são as suficientes para que o Estado as ajude. Quando pedido para descrever a sua idade adulta em poucas palavras, Jorge não vacila: confusão. Esta é a palavra mais adequada.

Está no Som da Rua desde 2010. Foi graças a uma das instituições que o acompanhou que descobriu o grupo. Impulsivo de natureza, afirma que já pensou em

deixar o grupo. Pensou só. Não é capaz de o fazer. Não é porque gosta demasiado de música. O projeto completa-o e ajuda-o, desde o início. Diz que consegue ter mais algum controlo. Admite, inclusive, que o facto de cada ensaio terminar sem haver situações conflituosas entre eles é, *per si*, um objetivo atingido. A motivação que leva cada uma daquelas pessoas a participar no Som da Rua é, para si, a esperança de abrir horizontes e encontrar novas oportunidades. Daqui a 10 anos imagina-se a ser baterista, ainda no Som da Rua, mas já velho. O Som da Rua é, diz ele, o melhor grupo do mundo.

“O melhor grupo do mundo. Melhor banda musical do mundo. Pode pôr aí: superior aos Rolling Stones, superior aos U2 (...) e aos Scorpions. Sabe porquê? Scorpions fazem muito boa música, mas não trabalham as vidas. No Som da Rua aprende-se a trabalhar as vidas porque estamos a lidar com mais que uma pessoa, com caracteres, como eu dizia, diferentes e todos nos damos (...)”

Indubitavelmente, Jorge diz que é um grupo que se sobrepõe a bandas reconhecidas e por um motivo muito simples: as vidas são trabalhadas. Cada vida, cada pessoa, é trabalhada. Nos outros grupos isso não acontece. Por ter demasiada paixão pelo projeto aponta uma crítica. Falta, ainda, quem se “molhe” pelo grupo, quem arrisque. É por isso que, às vezes, o tiram do sério.

6. O sonho do trabalho preenchido pelo gosto da música

José tem 58 anos e é solteiro. O seu nome é a única coisa que sabe escrever. O pouco tempo que frequentou a escola possibilitou a oportunidade de aprender a escrever alguma coisa, ainda que fosse pouco. Porém, a vida obrigou-o a abandonar o ensino numa fase muito prematura. O tempo apagou essas aprendizagens. Não se importa. O que queria, agora, era ter um trabalho.

O pouco trabalho que teve ao longo da sua vida foi, na maioria, passado nos campos. Iniciou essa jornada em casa, na lavoura e com os animais. Mais tarde, foi

ajudante numa fábrica e na produção de massa para a construção civil. Um problema familiar retirou-o do mercado de trabalho. A partir daí, não mais oportunidades surgiram. José está numa instituição e cumpre sempre o que lhe pedem. O Som da Rua é um desses compromissos. Mas um compromisso que gosta.

José não relembra uma má infância. Pelo contrário. Diz ter tido uma infância boa, com uma relação familiar saudável. Numa fase inicial da sua vida, frequentou a escola. Gostava de lá andar. Porém, a necessidade de trabalhar em casa fez com que a frequência diária do estabelecimento de ensino desse lugar a uma frequência semanal. As obrigações de casa apenas deixavam que José fosse à escola uma vez por semana o que, na altura, não o agradou. Assim, disse aos pais que não queria ir à escola nessas condições e retira-se de vez.

Foi assim que começou cedo a trabalhar. Não relembra momentos muito marcantes. Na sua visão, tudo correu bem. Apenas diz que gostou da sua infância porque apenas tinha de pensar numa coisa: em si. Não havia preocupações, nem complicações.

Se a relação familiar era boa, a do grupo de pares também não era exceção. Afirma que muita coisa foi mudando, mas que tudo seguia eixos positivos. Apenas relembra uma situação negativa com uma das suas irmãs. Após esta lhe retirar o tabaco, José deu dois estalos na irmã e no cunhado. A polícia foi chamada e ele foi internado do Magalhães Lemos.

Considera que perdeu o trabalho por causa dessa irmã. Trabalhava, na altura, e diz com toda a certeza que o patrão gostava dele.

“Se eu pudesse trabalhava sempre... o patrão gostava sempre de mim. Até me dava roupa dos filhos e tudo.”

Mas depois de ter sido internado porque considerarem que ele estava “tolinho”, José não conseguiu ter mais trabalho. Não sabe fazer muito, mas teria todo o gosto em aprender.

“Se eu tivesse trabalho... se eu tivesse trabalho ou assim. Se eu saísse daqui ou assim... quando saísse daqui, se tivesse trabalho, trabalhava.”

Do Magalhães Lemos passou para a instituição que o acolhe – até ao momento atual – e onde está integrado. Não quer saber onde e como está essa irmã. A relação foi cortada depois desta situação ter acontecido. A relação com os outros irmãos mantém-se. Chegou a passar alguns fins de semana em casa de uma outra irmã, mas depressa quis deixar de ir. O seu sobrinho começou com atos de violência doméstica. José chegou, em consequência, a dormir debaixo de uma ponte para escapar do mesmo em alguns desses momentos.

Ao falar do Som da Rua a palavra “bom” não pára de surgir. Diz que o Som da Rua é bom. O convívio é bom. E a música é igualmente boa. Não sabe ao certo quando iniciou a sua participação no grupo, mas quando chegou à instituição e o convidaram a participar no ensaio, nunca mais o deixou. Diz que vai sempre. É um utente assíduo. Já esteve envolvido noutros projetos, mas o Som da Rua é um dos poucos projetos em que permanece. Não sabe ler, mas sabe as músicas do princípio ao fim. Canta e acompanha os colegas. Daqui a 10 anos imagina-se ainda no Som da Rua – diz que o grupo agora nunca mais acaba – e com um trabalho.

“Daqui a 10 anos... enquanto continuar, ando lá sempre. Aquilo bem certo que nunca acaba, aquilo vai sempre para a frente.”

Breve resumo

A análise e interpretação de todos os dados recolhidos durante o acompanhamento do Som da Rua mostram que o projeto tem impacto na vida de cada um daqueles indivíduos. Muda

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

o saber estar – desde aceitar regras e normas, a imposições necessárias para a condução do ensaio -, muda o saber ser – aceitar o outro, a sua opinião e a sua história – e muda a pessoa e a sua identidade. Ali aprendem a ser unidos, a ser a família que, muitos deles, não tiveram.

Para os técnicos e músicos, o Som da Rua não é somente um projeto artístico. É, sobretudo, um projeto social. Ali trabalha-se a mudança pessoal e social daqueles marcados pela exclusão social. Claro que o vínculo artístico não se despega mas há tanto mais a tomar como prioridade. Para os participantes, há histórias que se cruzam e ali, na casa perdida no horizonte da Ribeira, eles são todos iguais e têm valor. Cantam pela cidade do Porto e por si.

Nem tudo é fácil de contornar. Há dificuldades, atritos e momentos de tensão. Estranho seria se não houvesse. Trata-se de um grupo, com personalidades díspares e com esforços continuados para o bom funcionamento do mesmo. A solução é sempre escutar e tentar orientar as pessoas para o propósito ali procurado.

Considerações finais

Este é o capítulo que finda a investigação aqui refletida. Navegando pelo campo cultural e social, este estudo contribuiu para um conhecimento mais aprofundado da relação que pode existir entre a cultura e a integração social. Foi um trabalho orientado para o Som da Rua, um projeto do Serviço Educativo da Casa da Música que, após sete anos de existência, ainda tem um papel a cumprir na sociedade civil.

Com um pendor qualitativo assumido desde o momento inicial, o foco deste estudo centrou-se na análise da capacidade de integração social de indivíduos em situação de exclusão mediante a participação no meio artístico e cultural e com base nos princípios de democracia cultural. Assim, pretendia-se dar o exemplo prático de um projeto com portas abertas a todos os que nele queiram participar mas que, neste caso concreto, também agarra uma missão de carácter social.

Com base nas entrevistas semiestruturadas realizadas aos músicos e aos técnicos que acompanham o projeto conseguiu-se compreender que este é um grupo que sobrepõe a necessidade social à artística. Não deixam de ser um grupo de música, com intenção de atuação e apresentação pública, mas assumem uma prioridade fundamental de inclusão social através da apreensão de novas normas e regras que haviam sido perdidas. Não se renega a vertente artística, pelo contrário. Tentam fazer as coisas pelo melhor e esse espírito é comum aos participantes.

As mudanças (aparentemente) pequenas, são enormes em pessoas que por tanto passaram. O cumprimento de horários, a assiduidade nos ensaios, o respeito pelo outro e gestos como dar o lugar a um utente mais idoso são passos gigantes em quem tinha o céu como teto e a liberdade de guiar a sua vida sem regras. Daí que seja visível o impacto que o projeto tem. Muda algo em cada uma daquelas pessoas, por mais pequenas que mostrem ser essas transformações.

Ademais, e de encontro aos objetivos estabelecidos numa fase inicial do trabalho, estes indivíduos acabam por assumir uma nova identidade, reforçada pela sua própria mudança pessoal como pelo sentimento de comunidade, de grupo. Talvez, e como mostra uma das técnicas numa perspetiva distinta, não se trata de conseguir alcançar

uma nova identidade mas sim de reconhecer o valor que a existente tem. Trata-se de uma (re)definição da sua imagem. Preenchem parte do vazio que existia com uma pertença grupal, com o sentimento de utilidade e valor social.

O trabalho dos técnicos é imprescindível. A motivação em continuar parte, sobretudo, do acompanhamento dos técnicos e do incentivo que estes dão. Não basta guiá-los até ao projeto e esperar pelo melhor. O acompanhamento que ocorre, sendo que os técnicos frequentam os ensaios e as atuações como qualquer outro participante, transmite o conforto, a segurança e a confiança que eles precisam e que depositam neles. Apesar de existir uma pertença e uma proximidade para com os demais, são os técnicos que melhor os conhecem e que sabem, em qualquer momento, lidar com eles.

Para os participantes, optou-se por recorrer às histórias de vida para compreender toda a trajetória, vivência e processos de socialização por que passaram. Não é fácil integrar o espaço destes indivíduos e questionar sobre todo o passado que, ainda hoje, é um capítulo por fechar. Daí que as entrevistas semiestruturadas que desencaminharam em retratos sociológicos não tenham sido as mais fáceis. Ao remexer nas lembranças e nas memórias passadas, há momentos em que o ser sucumbe. No entanto, não mudaria nada. É uma técnica rica no que toca à absorção de todos os processos pelo qual o indivíduo traçou caminho.

Não obstante a capacidade de integração que o Som da Rua tem, que essa é, indubitavelmente, visível, há que encarar as dificuldades que também se erguem no grupo. A continuidade do projeto é um dos grandes trunfos, porém, não significa que daqui a mais sete anos o projeto ainda permaneça ativo. Há uma dependência do orçamento que a Casa da Música disponibiliza ao Serviço Educativo. Logo, nunca será seguro apontar o número de anos que ainda sobram para o projeto.

Depois há a imprevisibilidade e momentos de tensão entre os participantes. O que hoje pode ser tomado como seguro, amanhã pode estar instável. Há que estar sempre à espera de tudo e estar preparado para isso.

Uma vez que se pretende concluir o trabalho feito, segue-se uma figura ilustrativa

da análise SWOT³ feita ao projeto.

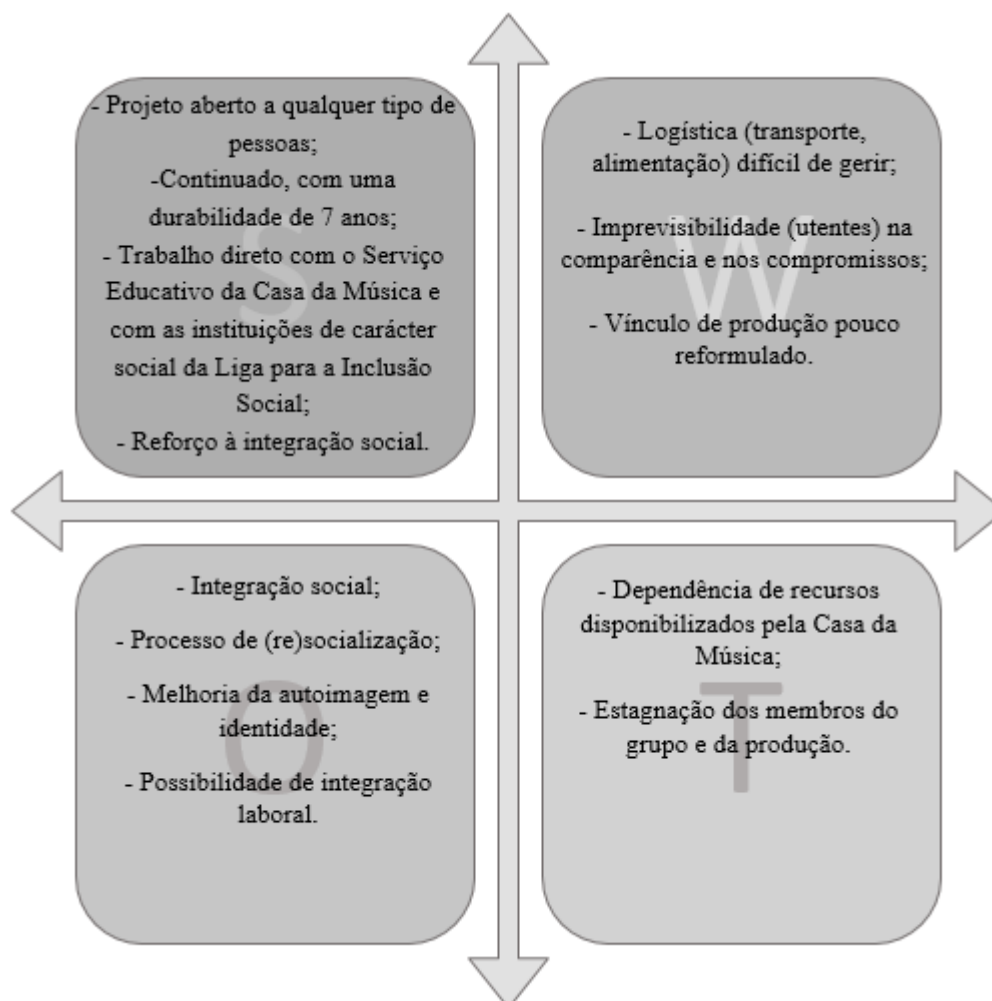


Figura 3: Análise SWOT ao projeto Som da Rua

A análise SWOT apresentada é uma síntese de tudo o que foi explanado ao longo do relatório de estágio. Aponta as potencialidades, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças que o Som da Rua assume. É uma análise feita a partir de tudo que foi observado e retirado após a recolha de dados.

Desta feita, dá-se por terminado este estudo. Penso que, talvez, ainda fique algo por dizer mesmo sabendo que, agora, foi tudo dito. É um projeto com um carácter único

³ Análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats), traduzida em FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças), permite uma análise das potencialidades e dos riscos de forma sintética e de fácil interpretação. Através desta compreende-se os pontos fracos e os pontos fortes, assim como revela as oportunidades do projeto e os riscos de que é alvo.

e que me possibilitou a realização de um trabalho a meu gosto. Há o sentimento, inclusive, de que aprendi mais com eles do que possam imaginar. Esta entrada no mundo profissional, ainda que breve, e a possibilidade de conciliar os conhecimentos adquiridos na sala de aula com o trabalho prático, foi um dos grandes desafios alguma vez cumpridos.

Resta agora olhar sobre o futuro do projeto. O relatório tem aqui o seu término mas o mesmo não acontece com o Som da Rua. Porventura, alguém complementarà com novas visões e novas apostas para o grupo. Considero que é possível levar o Som da Rua um pouco mais além. Tal como se verificou em algumas das entrevistas realizadas, porque não iniciar uma performance teatral em que são os próprios indivíduos os protagonistas da sua vida? Metodologias como o Teatro do Oprimido de Boal seriam, talvez, uma nova área a explorar com o grupo. A vertente crítica e cidadã nunca será demais para quem frequenta o Som da Rua.

Em suma, múltiplas são as opiniões e as ideias que se pode ter para um futuro trabalho com o grupo. Só não parem. Continuem com o trabalho que está a ser feito e a dar um motivo para essas pessoas, à quarta-feira às 14h30, se deslocarem à casa nº 140 da Rua dos Mercadores e cantarem sobre si, o seu Porto e a sua vida. A luta pela mudança começa naquele cantinho.

**“É o Porto
É o meu Porto
Onde uma simples canção
Cantada no meu sotaque
Traz o lume ao coração”**

Música original “Simples Canção” do Som da Rua

Referências bibliográficas

ACORD, Sophia Krzys; DENORA, Tia (2008) - Culture and the arts: from art worlds to arts-in-action. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* [em linha]. Vol. 619. p. 223-237. [Consult. 02 dezembro 2015]. Disponível em: <http://ann.sagepub.com/content/619/1/223.full.pdf>. doi 10.1177/0002716208318634.

ALBUQUERQUE, Leila M. Basto de (1999) - Comunidade e sociedade: conceito e utopia? *Raízes* [em linha]. N.º 20. p. 50-53. [Consult. 28 novembro 2015]. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_27.pdf. ISSN 0102-552X.

ALEXANDER, Victoria D. & BOWLER, Anne E. (2014) - Art at the crossroads: The arts in society and the sociology of art. *Poetics* [em linha]. Vol. 43. p. 1-19. [Consult. 02 dezembro 2015]. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0304422X14000175>. ISSN 0304-422X.

ALMEIDA, João Ferreira de (1993) – Integração social e exclusão social: algumas questões. *Análise Social* [em linha]. Vol. XXVIII. p. 829-834. [Consult. 22 janeiro 2016]. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223292685C6oHU6bm4Iv42AH9.pdf>. ISSN 2182-2999.

BARROSO, Paulo (2004) – *Arte e sociedade: comunicação como processo: atas do Vº Congresso Português de Sociologia. Braga, 12 a 15 de Maio, 2004*. [Consult. 29 novembro 2015]. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460e84135cce8_1.pdf.

BOURDIEU, Pierre (1996) - *As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia de Letras. ISBN 85-7164-522-1.

BRANDÃO, M. Fátima & FEIJÓ, Rui Graça (1984) – Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas. *Análise Social* [em linha]. Vol. XX. Nº 83. p. 489-503. [Consult. 13 novembro 2015]. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223475052Z2aQS2ru7Fv41NY6.pdf>. ISSN 2182-2999.

CARIA, Telmo H. (2002) – A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras. In CARIA, Telmo (org.) - *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento. Cap. Introdução. p. 9–20. ISBN 972-36-0641-0.

COSTA, António Firmino da (1997) - Políticas culturais: conceitos e perspectivas. *Observatório das Actividades Culturais* [em linha]. N.º 2. p. 10-14. [Consult. 06 junho 2016]. Disponível em: http://www.oac.pt/pdfs/OBS_2_Pol%C3%ADticas%20Culturais_Conceitos%20e%20Perspectivas.pdf. ISSN 0873-8831.

DAVALLON, Jean (2007) – A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com* [em linha]. Nº 4. p. 3-36. [Consult. 13 novembro 2015]. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/645/pdf>. ISSN 1646-3153.

FERNANDES, António Teixeira (1991) – Formas e mecanismos de exclusão social. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Vol. 1, p. 9-66. [Consult. 26 janeiro 2016]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3031.pdf>. ISSN 0872-3419.

LAHIRE, Bernard (2005) – Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. Nº 49, p. 11-42. [Consult. 03 janeiro 2016]. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/fichaartigo.jsp?pkid=517>. ISSN 0873-6529.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

LAHIRE, Bernard (2007) – Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. *Revista de Ciências Sociais* [em linha]. Vol. 50. Nº 4, p. 795-825. [Consult. 03 janeiro 2016]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1211?mode=simple>. ISSN 2182-7435.

LAHIRE, Bernard (2011) - A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Vol. XXI. p. 13-22 [Consult. 16 julho 2016]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9859.pdf>. ISSN 0872-3419.

LOPES, João Teixeira (2007) - *Da democratização à democracia cultural – uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*. Porto: Profedições. ISBN: 978-9728562-40-3.

MADEIRA, Cláudia (2012) - *Espectáculos com "gente real": atas do VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto: Faculdade de Letras e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. 19-22 de Junho, 2012*. [Consult. 06 junho 2016]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7785/1/ICS_CMadeira_Espectaculos_A.pdf.

MARTINHO, M. Teresa Duarte (2011) - *Mediação cultural - Alguns dos seus agentes*. Lisboa: ISCTE-IUL. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. [Consult. 09 novembro 2015]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3514>.

MARTINHO, Teresa Duarte (2013) – Mediadores culturais em Portugal: perfis e trajetórias de um novo grupo ocupacional. *Análise Social* [em linha]. Vol. XLVIII. Nº 207. p. 422-444. [Consult. 13 novembro 2015]. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/ICS_TDMartinho_Mediadores_ARN.pdf. ISSN 2182-2999.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

MENEZES, Filipa Lourenço (2008) - *Dinâmicas de risco na modernidade e desigualdades sociais: o caso dos sem-abrigo em Paris, Lisboa e Londres* [em linha]. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Tese de Doutoramento em Sociologia. [Consult. 16 julho 2016]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2369?mode=simple>.

PERETZ, Henri (2000) – *Métodos em sociologia: a observação*. Lisboa: Temas e Debates. ISBN 972-759-216-3.

PIRES, Rui Pena (2012) – O problema da integração. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Vol. XXIV, p. 55-87. [Consult. 27 janeiro 2016]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf>. ISSN 0872-3419.

QUINTELA, Pedro (2011) – Estratégias de mediação cultural: inovação e experimentação no Serviço Educativo da Casa da Música. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [em linha]. Nº 94, p. 63-85. [Consult. 10 julho 2016]. Disponível em: <https://rccs.revues.org/1531>. ISSN 2182-7435.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (1995) – *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-662-275-8.

RODRIGUES, Ana Filipa Roseira (2013) – *O valor da Casa da Música: Representações de um ethos em construção. Narrativas de uma instituição cultural contemporânea na voz de alguns dos seus profissionais*. Porto: FLUP. Tese de Doutoramento em Sociologia.

RODRIGUES, Eduardo Vítor [et all] (1999) – A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal [em linha]. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. 09, p. 63-101. [Consult. 26 janeiro 2016].

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8578/2/1468.pdf>.
[ISSN 0872-3419](#).

SANTOS, Helena (2003) – A propósito dos públicos culturais: uma reflexão ilustrada para um caso português. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [em linha]. N.º 67, p. 75-97. [Consult. 24 março 2016]. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/67/RCCS67-075-097-Helena%20Santos.pdf>. ISSN 2182-7435.

SILVA, Augusto Santos (1994) – *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Afrontamento. ISBN 972-36-0503-1.

SILVA, Augusto Santos (2007) – Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 54, p. 11-33. [Consult. 14 julho 2016]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n54/n54a02.pdf>. ISSN 0873-6529.

SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa Pérez; GUERRA, Paula (2015) – Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 78, p. 105-124. [Consult. 13 julho 2016]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n78/n78a06.pdf>. DOI: 10.7458/SPP2015783796

VIEIRA, Ricardo (2002) – Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos. In CARIA, Telmo (org.) - *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento. Cap. IV. p. 77 – 96. ISBN 972-36-0641-0.

WACQUANT, Loïc (2005) – Mapear o campo artístico. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 48. p. 117-123. [Consult. 28 novembro 2015]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/196?mode=simple>. ISSN 0873-6529.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

WAGNER, Roy (2010) – *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosacnaify. ISBN 978-85-7503-921-2.

Fontes consultadas

Casa da Música (2015) – Agenda Serviço Educativo 2015/2016.

Webgrafia

COSTA, Catarina Folhadela; MORAIS, Carlos (2011) - *Som da Rua* [registo vídeo]. Realização de SIC. (3m28). [Consult. 18 janeiro 2016]. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/video/video.php?v=1751986074714>.

COSTA, Ivo; MORGADO, Sérgio (2011) - *Som da Rua: Uma Orquestra, Todas as Vidas* [registo vídeo]. Realização Farol de Ideias. (54m57). [Consult. 18 janeiro 2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iu98CwZy88c>.

MELO, Raquel de; DIAS, Joaquim (2015) - *Som da Rua* [registo sonoro]. 34m27. [Consult. 19 janeiro 2016]. Disponível em: http://podcast.static.tsf.pt/rep_20140522.mp3.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Anexos

Anexo 1. Grelha de atuações do Som da Rua

DATA e HORA	EVENTO e LOCAL	OBSERVAÇÕES
19 de dezembro de 2009	Participação na festa de Natal do SAOM.	
3 de março de 2010	Apresentação nos Albergues Nocturnos do Porto; Albergue D. Margarida Sousa Dias.	
13 de março de 2010	Participação no Sorteio da 1ª Edição do Campeonato Interinstitucional de Futsal da Liga para a Inclusão Social (Associação de Futebol do Porto).	
8 de maio de 2010	Apresentação na Celebração do Dia da Europa. Matosinhos.	
maio de 2010	Apresentação no Corpo Evento: XII Ciclo de Teatro e Dança. Pequeno Auditório do Rivoli.	
junho de 2010	Apresentação na Sessão de Encerramento da 1ª Edição do Campeonato Interinstitucional de Futsal da Liga para a Inclusão Social. Pavilhão Municipal da Cidade da Maia.	
11 de julho de 2010 18h30m	Participação no Sonópolis. Praça da Casa da Música.	
6 de outubro de 2010	Apresentação nas comemorações do Ano Europeu do Combate à Pobreza e Exclusão Social. Avenida dos Aliados. Porto.	
12 de novembro de 2010	Participação no debate “Que Estratégias para os Sem-Abrigo”. Universidade Católica do Porto.	

25 de novembro de 2010	Apresentação no Encontro “Sem-abrigo: opção ou imposição?”. Aveiro.	Cancelado
7 de dezembro de 2010 11h30m	Apresentação no âmbito da Arca de Natal promovida pela Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto. Átrio da Estação de S. Bento.	
12 de dezembro de 2010 14h30m	Apresentação a pedido da associação CAIS. Junto à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.	
16 de dezembro de 2010 18h30m e 21h30m	Apresentação a pedido da SONAE e NPSISA. Junto à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.	
17 de dezembro de 2010 18h30m	Gaiasocial. Vila D’Este.	Cancelado
20 de dezembro de 2010	Participação na Ceia de Natal organizada pelo Centro de Formação de Sector Terciário.	Cancelado
20 de dezembro de 2010 14h30m	Participação na festa de Natal da Associação Abraço. Casa das Glicínias, Porto.	Cancelado
21 de dezembro de 2010 16h30m	Apresentação na exposição de estátuas sobre a problemática dos sem-abrigo “Welcome Homeless/Ending Homeless” promovida pela AMI e o Alto Comissariado da Saúde e Coordenação Nacional de Saúde Mental, com colaboração da FEANTSA em Portugal (CAIS, SCML, MSV, JRS, SAOM e ACSIF), Câmara Municipal de Lisboa, Instituto de Segurança	Cancelado

	Social e outras IPSS's e ONG's.	
22 de dezembro de 2010 14h	Participação na festa de Natal do SAOM.	Cancelado
13 de janeiro de 2011	Apresentação para a Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Seminário sobre a exposição intitulada "Sem Abrigo Lisboa" com 12 estátuas de sem abrigo do escultor dinamarquês Jens Galschiot, promovido pela AMI, Alto Comissariado da Saúde e da Coordenação Nacional de Saúde Mental (instituições organizadoras), em colaboração com a FEANTSA em Portugal (CAIS, SCML, MSV, JRS, SAOM e ACISJF), Câmara Municipal de Lisboa, Instituto de Segurança Social e outras IPSS's e ONG's.	
3 de fevereiro de 2011 14h30m	Participação no Sorteio para a 2ª fase do Futsal da Liga da Inclusão Social. Associação de Futebol do Porto.	Cancelado
4 de fevereiro de 2011 15h	Apresentação na inauguração da exposição "Sem-abrigo Porto – promover a inclusão social" organizada pelo Alto Comissariado da Saúde, a Coordenação Nacional para a Saúde Mental e a AMI, com a colaboração da Metro do Porto. Estação de Metro de São Bento.	Cancelado
19 de fevereiro de 2011	Participação no evento da Câmara Municipal da Lourinhã.	
17 ou 24 de março de 2011	Participação no evento sobre responsabilidade social da SONAE organizado por empresas.	Cancelado

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

	Pavilhão de Portugal. Lisboa.	
18 de março de 2011	Apresentação no jantar de beneficência do SAOM.	
19 de março a 22 de março de 2011	Participação em iniciativa dedicada ao voluntariado na cidade do Porto. Estação de São Bento.	Cancelado
2 de abril de 2011	Participação no Encontro Anual dos Voluntários do Colégio Nossa Senhora do Rosário. Porto.	
25 de abril de 2011	Participação no espetáculo promovido pela Câmara Municipal de Mondim de Basto.	Cancelado
14 de maio de 2011 18h	Apresentação na Escola de Música de Perosinho.	Cancelado
21 de maio de 2011	Apresentação no âmbito do Dia Mundial da Diversidade Cultural. Auditório Municipal de Esposende.	
2 de junho de 2011 17h	Apresentação no âmbito do projeto “Energia com Vida” da EDP.	Cancelado
15 de junho de 2011 18h	Apresentação no Colégio Paulo VI. Gondomar.	
17 de junho de 2011 11h30m	Participação na festa de encerramento do Futsal da Liga para a Inclusão Social. Pavilhão da Ala Nun’Álvares, Gondomar.	
18 de junho de 2011	Apresentação em Perosinho.	
7 de julho de	Apresentação na festa de fim de ano do Centro	

2011	Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, com participação de todas as suas respostas sociais: creche e infantário, centro de convívio, centro de dia, lar, ATL e Casa da Amizade. Auditório da Biblioteca Almeida Garrett.	
10 de outubro de 2011 Entre as 16h e as 18h	Participação na sessão de abertura das Comemorações do Dia Mundial da Saúde Mental 2011, do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental, do Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho. Casa Museu Teixeira Lopes. Vila Nova de Gaia.	Cancelado
16 de outubro de 2011	Apresentação a pedido da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.	Cancelado
23 de outubro de 2011 13h	Apresentação no âmbito do VII Encontro de Alcoólicos Recuperados de Santa Maria da Feira. Associação de Alcoólicos Recuperados de Santa Maria da Feira.	
26 ou 28 de outubro de 2011	Apresentação no âmbito das Jornadas da Reinserção para técnicos do IDT organizado pelo SAOM para o projeto “Cata-Vidas” do eixo de reinserção.	Cancelado
15 de novembro de 2011 ou 5 de dezembro de 2011	Participação no evento da SONAE dedicado à solidariedade. Culturgest. Lisboa.	Cancelado
9 de dezembro de 2011	Apresentação no âmbito do trabalho do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes e pela Equipa de Intervenção Social Directa de apoio à população sem-abrigo, promovida pela	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

	Delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa.	
10 de dezembro de 2011 16h	ARTES. Rio Tinto.	
10 de dezembro de 2011	Participação numa ceia de Natal organizada pelo Museu dos Transportes e Comunicações. Alfândega do Porto.	Cancelado
14 de dezembro de 2011 22h	Apresentação num jantar organizado pelo CCD da Câmara Municipal do Porto para 500 pessoas em situação de sem-abrigo.	
3 de fevereiro de 2012 21h15m	Apresentação na iniciativa “AMP – Tributo ao Voluntariado”. Teatro Rivoli (apresentação de 15 minutos).	Cancelado
11 de março de 2012 15h	Apresentação no âmbito do Programa Q3 – Qualificar o Terceiro Sector promovido pela Federação das Associações do Município de Arouca.	Cancelado
21 de março de 2012 16h30m e 21h	Apresentação na Escola Santa Maria Maior. Duas apresentações: a primeira para alunos e professores e a segunda para a comunidade. Viana do Castelo.	
4 de maio de 2012 18h	ARTES. Rio Tinto.	Cancelado
19 ou 20 de maio de 2012 15h	Participação nas comemorações do Dia Internacional dos Museus, promovido pelo Museu de Lamas em parceria com a Associação de Alcoólicos Recuperados de	Cancelado

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

	Santa Maria da Feira.	
19 de maio de 2012 18h	Apresentação no Colégio do Rosário. Porto.	
27 de maio de 2012	Participação no Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua. Santa Maria da Feira.	
14 de junho de 2012	Participação nas XX Jornadas Portuguesas de Alcoologia. Biblioteca Almeida Garrett.	
19 de junho de 2012	Apresentação no âmbito do VII Congresso Português de Sociologia.	Remarcado para dia 20 de Junho às 19h50m na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
21 de setembro de 2012 17h	Apresentação no âmbito do projeto “Projetos de Intervenção Comunitária” promovido pela Organização da UCC Baixa do Porto. Auditório do Hospital Magalhães Lemos.	Cancelado
28 e 29 de setembro de 2012 22h	Participação no Peregrinações. Miradouro da Vitória (Bateria).	
7 de outubro de 2012 19h	Participação no Manobras. Cais da Ribeira.	

13 de outubro de 2012	Apresentação a pedido da APEM.	Cancelado
7 de dezembro de 2012 14h30m	Participação na 3ª edição do evento “Pão de Todos. Para Todos.”. Campo Mártires da Pátria.	
14 de dezembro de 2012	Apresentação no seminário “Saúde mental e pessoa sem-abrigo: onde, como e porquê?” organizado pelo Programa Nacional para a Saúde Mental da Direção Geral de Saúde. Fundação Cidade de Lisboa. Lisboa.	
13 de abril de 2013 17h	Participação na inauguração da semana aberta intitulada de “Nem todas as linhas são paralelas” organizado por EAPN. Átrio da Estação de S. Bento.	
18 de maio de 2013 15h30m	Apresentação no âmbito do Dia Internacional dos Museus, no Museu Soares dos Reis.	Cancelado
12 de junho de 2013	Apresentação integrada no evento no âmbito do Ano Europeu dos Cidadãos organizado pela AMP e pela Câmara Municipal de Matosinhos. Centro de Congressos de Matosinhos.	
22 de novembro de 2013	Participação numa nova versão do Peregrinações designado de “Peregrinações Revisitado” integrado no MEXE. Cace cultural.	Cancelado
13 de dezembro de 2013 19h	Participação no evento “Pão de Todos. Para Todos”. Praça dos Poveiros.	
18 de dezembro de 2013	Participação na festa de Natal da AMI. Junta de Freguesia do Bonfim.	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

15h		
18 de dezembro de 2013 20h30m ou 21h30m	Atuação num jantar solidário organizado pelo CCD da Câmara Municipal do Porto.	
11 de janeiro de 2014 21h	Atuação no concerto organizado pela Heróis do Mar.	Cancelado
8 de março de 2014 19h	Apresentação no encerramento do TEDxOporto.	
15 de maio de 2014 11h	Participação na abertura do II Encontro do CRI Porto Oriental. Auditório Municipal de Gondomar.	
19 de julho de 2014 21h ou 21h30m	Apresentação no âmbito das comemorações do Dia da Reinserção organizado pelo Centro Social de Soutelo. Junta de Freguesia de Rio Tinto.	
30 de junho de 2014	Apresentação no CLAS de Espinho, com apresentação do projeto e dinamização de um debate em torno da temática dos sem-abrigo.	Cancelado
5 de novembro de 2014 12h	Apresentação na Clínica do Outeiro, S.A. no âmbito do I Congresso de Comportamentos Aditivos e Saúde Mental. Auditório da Associação Comercial e Industrial de Gondomar.	Cancelado
11 de novembro de 2014 17h30m	Apresentação na cerimónia comemorativa do 5º aniversário da Liga para a Inclusão Social. Átrio Principal da Câmara Municipal do Porto.	

23 de dezembro de 2014 Das 15h30m às 17h30m	Apresentação na festa de Natal 2014 do Centro Porta Amiga de Gaia da Fundação AMI e na comemoração dos 10 anos da AMI Gaia. Salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Coimbrões.	Cancelado
21 de março de 2015	Apresentação em Soutelo, Rio Tinto.	
27 de março de 2015	Participação na inauguração da exposição do projeto “Saúde Mental e Arte” organizado pela Direção Geral de Saúde. Portalegre.	
12 de abril de 2015 16h	Apresentação no âmbito das comemorações dos 10 anos da Casa da Música. Casa da Música, sala 2.	
9 de maio de 2015 15h	Apresentação no Colégio do Rosário. Porto.	
Entre 25 de maio e 30 de maio de 2015	Participação no âmbito da 1ª edição do Festival dos Encontros do DeVIR Jr. Loulé.	Cancelado
5 de junho de 2015 17h30m	Participação no âmbito do projeto “Lagarteiro e o Mundo E5G” financiado pelo Programa Escolhas.	Cancelado
5 de julho de 2015	Participação no evento Música na Quinta promovido pelo Programa Saúde Mental e Arte da DGS. Quinta da Bonjóia.	Cancelado
7 ou 8 de julho de 2015	Participação no 6º Congresso Internacional da Associação Internacional para a Formação, a Investigação e a Intervenção Social. Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Senhora	Cancelado

	da Hora, ou Oporto Bussiness School. Senhora da Hora.	
Entre 23 de julho e 26 de julho de 2015	Participação no Festival de Artes organizado pela Câmara Municipal de Penela e pela Associação Tempos Brilhantes. Quinta das Pontes, Vila do Espinhal, Penela.	Cancelado
15 de setembro de 2015 14h	Apresentação no Centro Social de Soutelo no âmbito das 1 ^{as} Jornadas do Centro Social de Soutelo. Centro Cultural de Rio Tinto.	
19 de setembro de 2015 18h	Apresentação paralela à exposição Bairros do Porto – Memórias/tempo de futuro promovido pela Domus Social, EM da Câmara Municipal do Porto.	Cancelado
2 de outubro de 2015 21h30m	Participação no âmbito do projeto Contratempo promovido pela Associação Nova Aurora (ANARP) e a Tuna de Tecnologias da Saúde do Porto.	
10 de outubro de 2015 22h30m	Participação no Encontro Nacional de Jovens promovido pela “Sol sem Fronteiras”, um projeto nascido a partir da Jovens sem Fronteiras. Paróquia de Santo Ovídio.	
6 de novembro de 2015	Participação no Fórum do Futuro com o título “A música como caminho para a felicidade. Haverá um final feliz?”. Casa da Música.	
11 de novembro de 2015	Participação nas comemorações do aniversário da Liga para a Inclusão Social. Pavilhão Multiusos de Gondomar.	
28 de novembro de 2015	Apresentação a pedido da SONAE. NorteShopping, Porto.	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

17h30m		
20 de fevereiro de 2016	Concerto solidário pelos sem-abrigo, organizado pela plataforma Vozes do Silêncio em colaboração com a Sister Ray e a Casa da Música. Casa da Música.	
7 de maio de 2016 10h	Concerto solidário organizado pelo Centro Social de Soutelo. Junta de Freguesia de Baguim do Monte, Rio Tinto.	Cancelado
15 de junho de 2016 14h30m	Atuação no âmbito da 2ª Edição do Ciclo de Cinema "Olhar o Social, Projetar a Mudança". Escola Superior de Educação do Porto.	
19 a 23 de julho	Apresentação no evento "Uma Só Voz" no âmbito da Olimpíada Cultural do Rio 2016 com objetivo de aumentar a visibilidade e dignidade da população sem-abrigo. Brasil, Rio de Janeiro.	

Anexo 2. Guião de entrevista I: Técnicos e formadores do Som da Rua

A presente entrevista é realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre. O objetivo é compreender qual o trabalho do Som da Rua na integração e na inclusão de indivíduos em situação de sem-abrigo e de que modo esse impacto é perspectivado segundo o olhar dos técnicos e formadores. Agradecemos a colaboração e garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

Local da entrevista:

Data:

Hora de Início:

Hora de Término:

Duração:

I. Som da Rua: origem e estruturação

1. O Som da Rua surgiu por intermédio do Jorge Prendas, em outubro de 2009. Quais são os motivos o/a levaram a integrar este projeto?
2. Está presente desde o início ou essa entrada deu-se numa fase posterior à criação do grupo? E qual a função que desempenha no grupo?
3. Quais são, para si, os objetivos do Som da Rua?
4. Quais são as particularidades mais acessíveis e mais difíceis de lidar no Som da Rua?

II. Relação com os participantes

1. Que tipo de relação assume com os participantes do Som da Rua?
2. Quais são as características comuns entre os membros do grupo que consegue identificar?

3. Quais são as principais dificuldades que surgem ao trabalhar com indivíduos com percursos socialmente marcados pela exclusão social?
4. De que forma foram ultrapassadas essas dificuldades?
5. Quais são as motivações que levam estes indivíduos a procurar um projeto como o Som da Rua?
6. Considera que este projeto conseguiu ter impacto direto na vida destes indivíduos? Se sim, em que sentido?
 - 6.1. Sente que essas melhorias sofrem uma regressão nas situações em que os indivíduos abandonam o grupo? Se sim, porquê?

III. Relação com a comunidade

1. Têm apoios ou contactos estabelecidos com associações externas ao grupo? Se sim, quais?
2. Quais os mecanismos que acionam para identificar indivíduos em situação de sem-abrigo para fazer parte do grupo?
3. Considera que a pertença no grupo proporciona a criação de uma nova identidade pessoal e comunitária a estes indivíduos?

IV. Cenários futuros

1. Como visualiza o Som da Rua daqui a 10 anos?
2. Que sugestões propõe para o grupo?

V. Caracterização sociodemográfica

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu sexo?
3. Pode indicar qual é o seu local de residência?
4. Pode indicar qual é o seu estado civil?
5. Quais são as suas habilitações literárias? Em que área?
6. Pode indicar qual é a sua condição perante o trabalho?

Anexo 3. Guião de entrevista II: Participantes do Som da Rua

A presente entrevista é realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre.

O objetivo é compreender qual o trabalho do Som da Rua na integração e na inclusão de indivíduos em situação de sem-abrigo e de que modo esse impacto é perspectivado segundo o olhar dos próprios.

Agradecemos a colaboração e garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

Local da entrevista:

Data:

Hora de Início:

Hora de Término:

Duração:

I. Fase de vida: Infância

1. Como descreve a sua infância?
2. Que tipo de relação estabelecia com os seus pais? E com o grupo familiar?
3. Em algum momento da sua infância frequentou algum estabelecimento de ensino (jardim de infância, pré-primária)? Se sim, onde e como foi essa integração? Se não, quais foram os motivos que não permitiram essa frequência?
4. Se pudesse descrever esta fase da sua vida numa palavra, qual seria? Porquê?
5. Qual foi o momento mais marcante nesta fase da sua vida?

II. Fase de vida: Adolescência

1. Como se deu a passagem da infância para a adolescência?
2. Como se encaminhou a relação com a família?

3. Como era a relação que estabelecia com o grupo de amigos/colegas (pares)?
4. Nesta fase, frequentou a escola? Se sim, como foi esse período? Se não, quais foram os motivos que levaram a isso?
5. Quais foram as principais mudanças que ocorreram ao longo da adolescência?
6. Se pudesse descrever esta fase da sua vida numa palavra, qual seria? Porquê?
7. Qual foi o momento mais marcante nesta fase da sua vida?

III. Fase de vida: Aduldez

1. Como se deu a passagem da adolescência para a aduldez?
2. Como foi a relação com a família neste período?
3. Como caracteriza a relação com o grupo de amigos/colegas (pares) nesta fase?
4. Quais foram as principais mudanças a nível pessoal? E social?
5. Que dificuldades sentiu ao longo da vida adulta até ao momento atual?
6. Em algum momento esteve inserido no mercado de trabalho? Se sim, qual era a sua função? Se não, quais os motivos que motivaram essa desintegração?
 - 6.1. Caso tenha estado inserido no mercado de trabalho, como caracteriza a relação com os demais trabalhadores?
7. Se pudesse descrever esta fase da sua vida numa palavra, qual seria? Porquê?
8. Qual foi o momento mais marcante nesta fase da sua vida?

IV. Som da Rua: Motivações, Presente e Futuro

1. Está no grupo desde o início ou deu entrada numa fase posterior? Em que fase da sua vida se encontrava aquando da entrada?
2. Como soube da existência do grupo?

3. Quais foram as motivações que o/a levaram a participar?
 - 3.1. E quais as razões que o/a levam a permanecer no Som da Rua?
4. Em algum momento pensou deixar o grupo? Se sim, porquê?
 - 4.1. Quais foram as razões que o/a fizeram recuar nessa ideia?
5. Quais foram as principais mudanças que o grupo lhe concebeu a nível pessoal e social?
6. Sente que fortaleceu os laços sociais com a sua família e grupo de amigos/colegas (pares) após a entrada no Som da Rua? Se sim, porquê?
7. A nível de integração comunitária, sente que o Som da Rua criou competências de relação com os demais?
8. Quais são as características em comum que consegue identificar com os restantes membros do grupo?
9. Onde se vê daqui a 10 anos? E qual o papel do Som da Rua nessa fase?
10. Para si, o Som da Rua é (completar)

V. Caracterização sociodemográfica

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu sexo?
3. Pode indicar qual é o seu estado civil?
4. Quais são as suas habilitações literárias?
5. Pode indicar qual é a sua condição perante o trabalho?

Anexo 4. Guião de entrevista III: Diretor Artístico do Som da Rua

A presente entrevista é realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre.

O objetivo é compreender qual o trabalho do Som da Rua na integração e na inclusão de indivíduos em situação de sem-abrigo e de que modo esse impacto é perspectivado segundo o olhar do diretor do grupo.

Agradecemos a colaboração e garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

Local da entrevista:

Data:

Hora de Início:

Hora de Término:

Duração:

I. Som da Rua: origem e estruturação

1. O Som da Rua surgiu em 2009. Quais foram os motivos que levaram à criação do projeto?
2. Qual a função que desempenha no grupo?
3. Quais são, para si, os objetivos do Som da Rua?
4. Quais são as particularidades mais acessíveis e mais difíceis de lidar no Som da Rua?

II. Relação com os participantes

1. Que tipo de relação assume com os participantes do Som da Rua?
2. Quais são as características comuns entre os membros do grupo que consegue identificar?
3. Quais são as principais dificuldades que surgem ao trabalhar com indivíduos com percursos socialmente marcados pela exclusão social?
4. De que forma foram ultrapassadas essas dificuldades?

5. Quais são as motivações que levam estes indivíduos a procurar um projeto como o Som da Rua?
6. Considera que este projeto conseguiu ter impacto direto na vida destes indivíduos? Se sim, em que sentido?
 - 6.1. Sente que essas melhorias sofrem uma regressão nas situações em que os indivíduos abandonam o grupo? Se sim, porquê?

III. Relação com a comunidade

1. Têm apoios ou contactos estabelecidos com associações externas ao grupo? Se sim, quais?
2. Quais os mecanismos que acionam para identificar indivíduos em situação de sem-abrigo para fazer parte do grupo?
3. Considera que a pertença no grupo proporciona a criação de uma nova identidade pessoal e comunitária a estes indivíduos?

IV. Cenários futuros

1. Como visualiza o Som da Rua daqui a 10 anos?
2. Que sugestões propõe para o grupo?

V. Caracterização sociodemográfica

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu sexo?
3. Pode indicar qual é o seu local de residência?
4. Pode indicar qual é o seu estado civil?
5. Quais são as suas habilitações literárias? Em que área?
6. Pode indicar qual é a sua condição perante o trabalho?

Anexo 5. Guião de entrevista IV: Serviço Educativo Casa da Música

A presente entrevista é realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre. O objetivo é compreender o trabalho do Serviço Educativo da Casa da Música na criação e na manutenção do projeto Som da Rua e de que modo este tem impacto na vida dos indivíduos que o constituem.

Agradecemos a colaboração e garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

Local da entrevista:

Data:

Hora de Início:

Hora de Término:

Duração:

I. A criação do Serviço Educativo

1. Em que ano surgiu o Serviço Educativo da Casa da Música? E qual/quais foi/foram os impulsionadores da criação do departamento?
2. Quais são as principais ofertas do Serviço Educativo?
3. Integra o Serviço Educativo desde o momento de criação ou a entrada foi posterior?
4. Que função desempenha no Serviço Educativo?

II. Os projetos do Serviço Educativo

1. Os projetos desenvolvidos no Serviço Educativo contam com algum apoio externo à Fundação Casa da Música? Se sim, quais?
2. De que forma caracterizaria os projetos que são desenvolvidos pelo Serviço Educativo? Existe um fio comum entre eles?
3. Qual o principal público-alvo dos projetos do Serviço Educativo?
4. O que procura o público nos projetos geridos pelo Serviço Educativo?

III. Som da Rua: o projeto musical

1. O Som da Rua surgiu em 2009 por intermédio de Jorge Prendas. Acompanha o projeto desde o início ou a entrada deu-se numa fase posterior?
2. Quais são, para si, as particularidades distintivas do Som da Rua enquanto projeto do Serviço Educativo?
3. Quais foram, até à data, os momentos mais marcantes do Som da Rua? E os momentos mais difíceis de gerir?
4. O Som da Rua é um projeto que conta com alguma continuidade. Quais são os motivos que fomentam essa manutenção do projeto?
5. Considera que o Som da Rua tem impacto na vida dos indivíduos que integram o grupo? E se sim, em que sentido?

IV. Cenários futuros do Som da Rua

1. Como visualiza o projeto Som da Rua daqui a 10 anos?
2. Que sugestões propõe para o grupo?

V. Caracterização sociodemográfica

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu sexo?
3. Pode indicar qual é o seu local de residência?
4. Pode indicar qual é o seu estado civil?
5. Quais são as suas habilitações literárias? Em que área?
6. Pode indicar qual é a sua condição perante o trabalho?

Anexo 6. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 1

Data e hora. Duração	24/02/2016, 14h23m. 1h38m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. Cadeiras encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. Há adereços externos ao grupo que se encontravam no chão, no meio da sala. O palco tem uma mesa no canto esquerdo e os instrumentos dispersam no espaço (flauta, guitarra e baixo lado esquerdo e bateria lado direito). Espaço fechado, com luz artificial.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	Relação estável e de proximidade entre alguns músicos/técnicos e utentes. Momentos de brincadeira e relaxamento; momentos de ensaio concentrado.
Relação entre participantes	Falam entre si em alguns momentos do ensaio. Ouvem-se comentários mais depreciativos numa música em particular de um utente para com outro (“fala mais alto”; “não se ouve nada aqui”).
<i>Hexis</i> corporal	Descompressão corporal ao longo do ensaio. Inicia-se com uma postura mais rígida e distante. Ao longo do ensaio cresce a vontade de participar e a postura fica mais relaxada.
Descrição do ensaio	Cerca de 16 utentes, 3 técnicos a acompanhar, 4 músicos, 2 estagiárias, 8 estudantes de terapia ocupacional de intercâmbio estudantil (2 portugueses e 6 dinamarqueses). Ensaio dinâmico. Os utentes estão participativos e entusiastas. Tecem comentários e reagem aos pedidos dos músicos e do maestro.
Outras observações a considerar	Conversa sobre o concerto realizado no sábado anterior à data do ensaio. <i>Feedback</i> em conjunto.

Anexo 7. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 2

Data e hora. Duração	02/03/2016, 14h19m. 1h11m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. O palco tem uma mesa no canto esquerdo e os instrumentos dispersam no espaço. Espaço fechado, com luz artificial.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	Relação dinâmica entre músicos, técnicos e utentes. Momentos em que os técnicos que acompanham os utentes explicam algumas partes das músicas. Ensaio dinâmico, com mais momentos de seriedade.
Relação entre participantes	Relação estável e amigável. Falam entre si e ouvem-se risos.
<i>Hexis</i> corporal	Os utentes encontram-se relaxados, com expressão facial e corporal a descomprimir ao longo do ensaio. Certos elementos encontram-se menos concentrados. Em certo momento um dos utentes abandona o ensaio.
Descrição do ensaio	Cerca de 19 utentes, 3 técnicos a acompanhar, 4 músicos, 2 estagiárias, 1 compositor visitante que pretende conhecer o grupo para, quiçá, futuro trabalho conjunto. No início do ensaio, um dos músicos faz uma apresentação dos instrumentos criados a partir de materiais reutilizáveis que o grupo utiliza na produção artística e musical. O compositor tira notas e compreende as diferentes virtualidades de cada instrumento. O músico pede ao grupo que participe e demonstre o som produzido. O grupo está participativo e atento.
Outras observações a	Nada a acrescentar.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

considerar	
------------	--

Anexo 8. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 3

Data e hora. Duração	09/03/2016, 14h22m. 1h09m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. O palco tem uma mesa no canto esquerdo e os instrumentos dispersam no espaço (guitarra e bateria lado direito). Espaço fechado, com luz artificial. Como a afluência foi razoável, colocaram-se cadeiras em segunda fila. Os profissionais japoneses dispuseram-se na parte traseira da sala.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	O ensaio contou com menos músicos do que o costume, sendo que um dos músicos assumiu a liderança. O músico mostrou-se recetivo com os utentes, ouvindo a sua opinião e, em certos momentos, apelou à participação individual de um ou dois utentes para colmatarem pequenas indecisões musicais. Os utentes encontravam-se participativos.
Relação entre participantes	Num momento antecedente ao início do ensaio observa-se um atrito entre dois utentes. Um dos utentes provoca uma ligeira discussão. Cenário passageiro que não causou repercussão no ensaio. Ao longo do ensaio os utentes falam entre si, discutem questões relacionadas com as músicas.
<i>Hexis</i> corporal	Ao longo do ensaio os utentes descomprimem e assumem uma postura mais relaxada. Num momento inicial, encontram-se mais apreensivos devido à afluência de indivíduos externos ao grupo. Um dos membros abandona o ensaio a meio.
Descrição do ensaio	Cerca de 24 utentes, 2 técnicos a acompanhar, 2 músicos, 1

	<p>estagiárias, 1 técnica do Serviço Educativo da Casa da Música que se fez acompanhar por um grupo de 6 profissionais provenientes do Japão cujo objetivo da presença no ensaio era compreender qual o papel de um serviço educativo. Aproveitaram a situação e gravaram o ensaio. No ensaio um dos músicos assumiu a liderança visto que dois deles (maestro incluído) estavam em viagem. O ambiente estava tranquilo, com os utentes participativos e a ajudar o músico nas principais dificuldades com as letras das músicas. Ensaíram-se músicas mais antigas. Houve alguns momentos de discussão acerca de melodias e letras das músicas, sobretudo daquelas menos presentes na memória dos utentes e técnicos.</p>
Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.

Anexo 9: Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 4

Data e hora. Duração	16/03/2016, 14h18m. 1h12m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. Cria-se uma fila atrás à medida que chega mais gente ao ensaio. O palco tem uma mesa no canto esquerdo e os instrumentos dispersam no espaço (guitarra e bateria lado direito). Espaço fechado, com luz artificial.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	O ensaio prosseguiu com bastante interação entre os participantes e os músicos. Comentam entre si as novidades.
Relação entre participantes	Os utentes falavam entre si e expressavam distintas emoções face às novidades e ao ensaio. A votação criou algum alvoroço com a troca de opiniões e comentários sobre as músicas.
<i>Hexis</i> corporal	A postura mais resistente foi sendo transfigurada para uma postura mais relaxada conforme o ensaio avança e se cria mais envolvimento. É pedido para ensaiar algumas músicas de pé (como nos concertos e apresentações) e a postura é relaxada.
Descrição do ensaio	Cerca de 20 utentes, 2 técnicos a acompanhar, 5 músicos, 2 estagiárias, 1 atriz convidada que veio observar o trabalho do grupo. O ensaio decorreu de forma dinâmica, com todos os participantes recetivos. Ensaiaram-se músicas mais antigas e falou-se em novos projetos que serão desenvolvidos tardiamente. Foi feita uma votação para definir as músicas a apresentar nesses projetos.

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.
---------------------------------	---------------------

Anexo 10. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 5

Data e hora. Duração	6/04/2016, 14h42m. 48m.
Local e caracterização do espaço	O ensaio foi realizado no exterior devido à ausência do utente que iria proceder à abertura do espaço. Optou-se por fazer um ensaio diferente, que acabou por ser um tempo de convívio. O local escolhido foi o jardim Infante D. Henrique, em frente ao antigo Palácio da Bolsa. O espaço encontrava-se com alguns indivíduos externos: 1 senhor de cerca de 70 anos dormitava num dos bancos; ao lado dois turistas com cerca de 40 anos fotografavam a paisagem ao redor e um homem com cerca de 35 anos dormitava noutro banco, com malas ao seu lado.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	Apesar de apenas dois músicos estarem presentes, a relação foi pacífica. A não abertura do espaço estava a criar um ambiente mais pesado, com os utentes a ficarem saturados da espera. A ideia de seguir para o jardim acalmou os ânimos e tudo seguiu dentro da normalidade.
Relação entre participantes	No momento inicial, enquanto se esperava que alguém abrisse o espaço, os utentes rondavam a rua do local de ensaio saturados da espera. Alguns comentavam entre si que iam embora, que ninguém ia aparecer. Outros utentes brincavam entre si e falavam de coisas externas ao ensaio.
Hexis corporal	Todos adotaram uma postura relaxada, sendo que o próprio ensaio se orientou de modo diferente.
Descrição do ensaio	Cerca de 17 utentes, 1 técnica a acompanhar, 2 músicos. Um a vez que o ensaio decorreu no exterior e que os instrumentos não estavam montados, apenas se ensaiou uma canção com o recurso à flauta (o único instrumento que não necessita da montagem). Após o ensaio da

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

	música, optou-se por criar um bocado de convívio entre todos, visto que as condições para avançar com o ensaio não eram as mais apropriadas. Tiraram-se fotos aos utentes, ao grupo, à paisagem. Ouviam-se barulhos citadinos, desde transportes a pessoas a passar – sobretudo turistas.
Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.

Anexo 11. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 6

Data e hora. Duração	13/04/2016, 14h40m. 53m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. O material encontrava-se no local correto e tudo estava organizado.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	A relação foi, desde o início, cordial. Neste ensaio notou-se uma maior aproximação entre os músicos e os utentes devido à criação musical que surgiu no momento.
Relação entre participantes	Comentavam entre si e brincavam em momentos mais parados. A nova música despoletou algumas reações que foram faladas e notadas até pelos membros do grupo.
<i>Hexis</i> corporal	Os utentes estavam predispostos ao ensaio, com uma postura descontraída.
Descrição do ensaio	Estavam presentes cerca de 14 utentes, 3 técnicas a acompanhar, 1 estagiária e 5 músicos. O ensaio iniciou-se e prosseguiu com normalidade. Dois dos utentes pediram para cantar uma música que tinham criado, individualmente. Assim, no final do ensaio foi lançada a oportunidade. Uma das músicas, criadas por um dos utentes mais novos no grupo, foi aproveitada para criar uma nova canção do grupo. Presenciou-se à criação de uma nova música no decorrer de um ensaio.
Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.

Anexo 12: Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 7

Data e hora. Duração	20/04/2016, 14h35m. 1h04m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. Foi criada mais uma fileira atrás para as utentes que chegavam mais tarde ao ensaio. Uma nova mesa estava disposta no lado esquerdo do palco.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	Observou-se um trabalho conjunto entre músicos e os utentes. Houve um esforço para tentar captar a atenção de todos para o ensaio da nova música. Questionavam-se ambas as partes e tentou-se criar um entendimento face às novas adaptações.
Relação entre participantes	A relação foi cordial, com os comentários e falatórios entre si. Houve uma atenção especial à nova música e ao trabalho que estava a ser feito.
Hexis corporal	A postura mais apreensiva vai sendo tomada pela descompressão corporal.
Descrição do ensaio	No ensaio estavam 20 utentes, 2 técnicas a acompanhar, 3 estagiárias e 4 músicos. Após o ensaio de algumas músicas do grupo, houve um enfoque na música nova. Ensaiou-se a melhor forma de incluir todos no grupo e dar o devido reconhecimento ao utente que expôs a nova canção. Fizeram-se as devidas alterações e ajustes de modo a conseguir criar algo que pudesse integrar o repertório do Som da Rua.
Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.

Anexo 13. Grelha de observação do ensaio do Som da Rua – Ensaio 8

Data e hora. Duração	11/05/2016, 14h26m. 57m.
Local e caracterização do espaço	Rua dos Mercadores, nº 140. Espaço amplo com palco na zona frontal. As cadeiras encontram-se encostadas à parede, à volta de todo o espaço. Distribuem-se em círculo quando o ensaio começa para proximidade do grupo. Juntam-se algumas cadeiras atrás e de lado às que já se encontravam ordenadas para aqueles que se atrasam.
Relação entre formadores/técnicos e participantes	A relação foi cordial, com trocas de ideias e opiniões. Observou-se momentos espontâneos com risos e gargalhadas por situações mais caricatas que ocorreram ao longo do ensaio.
Relação entre participantes	É uma relação amigável. Falam entre si e comentam sempre o que se vai passando. Falam da nova música.
Hexis corporal	A postura torna-se mais solta à medida que o ensaio se prolonga. A descompressão acontece à medida que o ensaio tem momentos de distração.
Descrição do ensaio	Estavam presentes no ensaio 3 músicos - sendo que a ausência dos restantes dois teve como causa uma doença - , 3 técnicos, 4 estagiárias e cerca de 23 utentes. A atividade prosseguiu a ordem habitual, com ênfase em determinadas músicas que são ensaiadas com maior intensidade para futuras atuações. No meio dos participantes avistam-se caras novas. Um dos utentes permanece o ensaio em constante falatório, fomentando algumas interrupções.
Outras observações a considerar	Nada a acrescentar.

Anexo 14. Grelha de análise de entrevista: Sandra Arouca

Local da entrevista: Casa da Rua – Rua Duque de Loulé, nº 67		
Data: 15/02/2016		
Hora de início: 15h32m		Hora de término: 16h01m
Duração: 29m50s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<p><i>“Hmm... como referiu e bem, o Som da Rua, o projeto Som da Rua nasce de uma iniciativa do maestro Jorge Prendas da Casa da Música em que o objetivo era fazer música com as pessoas que viviam e faziam da rua a sua casa.”</i></p> <p><i>“Contactou-nos - a Liga para a Inclusão Social - que é constituída por um grupo de instituições que trabalham a exclusão social, não só na área dos sem-abrigo, mas por exemplo, temos a área da reclusão, a área da deficiência e de outras vertentes que são instituições que trabalham as diversas áreas de exclusão social e então a Casa da Música, neste caso o Jorge Prendas, fez em contacto com a Liga em que nós achamos o projeto interessante para os nossos utentes e associamo-nos à Casa da Música nesta</i></p>	<p>O Som da Rua surgiu em 2009 e, seguidamente, iniciou parceria com a Liga para a Inclusão Social que trabalha com população vulnerável, não só a nível de sem-abrigo, como em outras áreas de exclusão ou em risco de exclusão social.</p>

	<i>parceria e assim surge o Som da Rua (...)</i>	
Data de entrada	<i>“Não estive nos primeiros concertos do Som da Rua, mas penso que a primeira saída que tivemos para o exterior... que eu não lhe sei dizer... Às vezes já são tantos anos... Não sei se foi em Lisboa que nós saímos, se foi na Lourinhã, mas essa eu já acompanhei.”</i>	Não foi uma entrada no ano de 2009, mas deu-se numa fase relativamente inicial do projeto.
Função que desempenha no grupo	<i>“O meu papel é comunicar a todas as instituições que têm utentes participantes da orquestra Som da Rua e organizar toda a logística e quando vamos fazer, quando vamos para alguma deslocação, é da minha responsabilidade o acompanhamento desses utentes.”</i>	Estabelece a comunicação entre todas as instituições envolvidas no Som da Rua e procede ao acompanhamento dos utentes.
Particularidades mais acessíveis e mais difíceis	<i>“Às vezes é a... hmm... às vezes é a impaciência das pessoas, é o... é a impaciência quer do tempo, quer de uns para com os outros. Às vezes são um bocado intolerantes com o outro, se um faz alguma coisa, não são muito tolerantes, mas isso são das vivências deles. É um, é por exemplo, é conseguir que eles vão, que sejam cumpridores nos horários e na assiduidade. É uma coisa difícil.”</i> <i>“As mais acessíveis é que eu acho que</i>	É difícil lidar com a insustentabilidade em assumir compromissos e cumprir horários, assim como a intolerância. É um trabalho árduo a nível relacional com os outros. Por sua vez, em termos de acessibilidade, é a união e o sentimento de

	<p><i>era o que estava a dizer anteriormente, quando eles sobem ao palco, eles unem-se. Assumem-se como um grupo.”</i></p> <p><i>“Terem a identidade de grupo, de orquestra.”</i></p>	<p>grupo que se cria no Som da Rua.</p>
<p>II. Relação com os participantes</p>		
<p>Tipo de relação que assume com os participantes</p>	<p><i>“Hmm... Eu por acaso, eu acho que sou uma figura que eles se dão bem e que gostam... hmm... porque eu sou um bocado... hmm... às vezes sou a que tenho de pôr as normas...”</i></p> <p><i>“Mas também sabem o meu lado de brincalhona, que entro e que brinco com eles e toda a gente, eu acho que neste momento estou um bocadinho mais desligada do grupo, não tenho ido tanto porque os utentes não são os mesmos que começaram.”</i></p>	<p>É uma relação bilateral: por um lado, a relação mais rígida e disciplinar, nomeadamente no estabelecimento de normas e regras; por outro, o lado de companheira e de brincadeira. É uma relação de proximidade, sem excedência de limites institucionais.</p>
<p>Características comuns dos participantes</p>	<p><i>“Eu considero que são todas pessoas que necessitam de sentir que há um espaço deles e que necessitam de se saber relacionar com o outro porque não devem ter, ao longo da sua vida e no seu dia-a-dia, não têm momentos de relacionamento com outras pessoas. E ali podem-nos criar, se o quiserem.”</i></p>	<p>As características comuns mais salientes para a entrevistada são a dificuldade de relacionamento social; a baixa autoestima; o próprio saber estar e pensar enquanto</p>

		<p><i>“É o saber estar, saber pensar por eles, conseguir decorar uma música, ou seja, começam a ter ali (...) Há muito a falta de relacionamento, de autoestima deles, um bocado em baixo, eu acho que isso é presente, é comum a quase todos eles e que ali se tenta trabalhar para combater um bocado esses, essas fragilidades que eles mostram.”</i></p>	<p>indivíduo pertencentes à esfera social. São todas consequências das vivências e da lacuna social que existe no seu dia-a-dia.</p>
Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social		<p><i>“Às vezes é o... o difícil é a própria vontade das pessoas (...) E depois é o habituar-se à situação. Eu se estou habituada a não ter normas e para isso tenho que viver com pouco, já estou habituado. É o habituar-se à situação e isso é o mais difícil. É o quebrar esses vícios, esses hábitos que vêm de longos anos.”</i></p>	<p>A principal dificuldade é a habituação à situação de imposições de horários e algumas regras de participação. É o desmembrar de hábitos adquiridos ao longo de toda a vida.</p>
Modo como ultrapassam as dificuldades		<p><i>“É isso mesmo, é mostrar-lhes que existe outros caminhos. É por isso que o Som da Rua pode-lhes mostrar que existe outras coisas, que eles também são... podem ambicionar outros projetos.”</i></p> <p><i>“Porque nós, se calhar, estamos ali todos e até, se calhar, não sabemos todos cantar, mas quando cantamos em conjunto se calhar cantamos um bocadinho melhor. Se cantarmos todos</i></p>	<p>Mostrar que existem outros caminhos e que a ambição em integrar outros projetos pode ser real. É permitir que vejam o grupo e as suas vantagens, quer a nível artístico como social. É despertar, em suma, o sentimento de pertença a um grupo, a um</p>

	<i>individualmente, ninguém nos ouve; se a gente cantar em conjunto... Por isso, é para tentarem perceber que às vezes o grupo, o conjunto... que há pessoas e o relacionar-se... hmm... que se calhar até é benéfico. Muitas vezes funciona.”</i>	conjunto.
Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua	<p><i>“É isso mesmo, é o sentimento de pertença. É o pertencer a alguma coisa, é ter autoestima elevada.”</i></p> <p><i>“Depois temos de tentar demonstrar-lhes que a gente vale individualmente, é verdade, cada um de nós, com a nossa personalidade, com as nossas características, mas também quando nos relacionamos com os outros, quando participamos, quando nos fazemos ver à sociedade, quando participamos na sociedade se calhar temos um papel melhor.”</i></p>	As principais motivações que levam estes indivíduos a procurar um projeto como o Som da Rua é o criar ou desenvolver um sentimento de pertença grupal (e até pessoal) e perceber que cada um, enquanto ser único, tem um papel na sociedade. É o sentir-se útil e valorizado.
Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes	<i>“Nalguns acredito que sim, noutros se calhar – os que desistiram – não.”</i>	A entrevistada acredita que há um impacto direto na vida de quem integra o Som da Rua.
Regressão em casos de abandono do grupo	<p><i>“Às vezes desaparecem e a gente não consegue avaliar (...) Mas se calhar, no meu entender, vão-se fechar mais neles.”</i></p> <p><i>“Perde-se algum sentido.”</i></p>	Apesar da difícil avaliação (não há nada que demonstre em efetivo), considera que os ganhos iniciais podem ser perdidos. Em suma, acredita que

		a abertura social possibilitada pela pertença grupal pode limitar-se, novamente.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/contactos	<i>“Não temos qualquer apoio financeiro direto porque, por exemplo, os utentes para estarem na... para poderem ir aos ensaios e isso tudo, claro que têm de ter os apoios por parte da segurança social para pagamento de quarto.”</i> <i>“(…) mas existem apoios indiretos que é o manter as pessoas estabilizadas para frequentar.”</i>	Apoios financeiros diretos não existem. A segurança social procede ao pagamento de quarto e são garantidas as condições básicas do dia a dia.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	<i>“Nós não identificamos (...) Agora se eu vir que é uma pessoa que durante o dia não tem nada que fazer, está desocupado, normalmente a gente informa que existe esse projeto. Depois já é da própria pessoa... hmm... se vai ou não.”</i>	A partir do momento em que o utente assuma as características necessárias para poder vir a pertencer ao grupo, é informado e tem, a partir daí, livre vontade de escolha em ir ou não experimentar.
Identidade pessoal e comunitária	<i>“Já tivemos essa identidade mais marcada. (...) Eu neste momento... o grupo ainda não sente o Som da Rua como há um ano atrás ou dois anos atrás, havia mesmo esse sentimento de pertença.”</i>	Em comparação a anos anteriores, a entrevistada considera que o grupo não tem essa identidade plena. Potenciado pela

	<p><i>“Eu espero estar-se a criar um novo grupo. Sabe que isto de sair elementos... estamos sempre a criar um novo grupo. Ou seja, essa identidade tem de estar sempre a ser reconstruída, não é? E eu não sei se neste momento temos essa identidade já em pleno, está numa fase de reconstrução.”</i></p>	<p>constante saída e entrada de membros, o grupo está em reconstrução de uma nova identidade. Sente que não há o mesmo sentimento, mas que pode ser uma fase de reconstrução.</p>
<p>IV. Cenários futuros</p>		
<p>Visualização do Som da Rua em 10 anos</p>	<p><i>“(Inspira) É muito difícil porque eu vou-lhe ser sincera. Este ano... no final do outro ano... eu achava mesmo que o Som da Rua estava a desmoronar.”</i></p> <p><i>“E que nós lutamos quase ali à tona da água porque chegamos a ter numa época que chegamos a ter quase só 10 pessoas no ensaio. E aí achamos mesmo que a coisa ia descambar. E depois às vezes o que me revolta e que me apetece às vezes “bater” nos utentes: é que quando sabem que há concertos, aparece toda a gente; mas quando não há concertos em perspectiva, ninguém vai aos ensaios... Quando não percebem que eu lhes digo que os ensaios são muito mais importantes que o próprio concerto.”</i></p>	<p>Devido à saída e entrada de novos utentes, o grupo chegou a ter uma fase onde eram menos os participantes. Para a entrevistada, essa foi uma fase menos boa e onde pensava ser o fim do grupo. Há uma maior adesão em alturas onde há concertos agendados, mas uma diminuição em fases sem concertos.</p>
<p>Sugestões para o</p>	<p><i>“As sugestões... É muito difícil. Claro</i></p>	<p>Sugere um trabalhado</p>

grupo	<p><i>que... O que é que eu gostava? Eu gostava que os que (...) Que as pessoas, os tais 50 ou 60... Claro que é verdade que já perdemos algumas pessoas, infelizmente, porque faleceram, mas eu gostava de ver esses 50 ou 60 novamente no Som da Rua.”</i></p> <p><i>“É a tal intolerância que eles ainda não sabem. Tem de ser trabalhado o tal saber estar, o saber dar e receber, não é só receber, também é saber dar um bocadinho.”</i></p>	<p>continuado das competências de saber estar, dar e receber. Considera que tal é o que mais falta no grupo. E expressa o desejo de ver o grupo novamente com 50 ou 60 pessoas, como em fases anteriores aconteceu.</p>
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“Tenho 47.”</i>	
Sexo	<i>“Feminino.”</i>	
Local de residência	<i>“Em Gaia.”</i>	
Estado civil	<i>“Casada.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“Licenciatura (...) Serviço Social.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Estou empregada, por conta de outrem, há muitos anos. Já efetiva há 20 anos.”</i>	

Anexo 15. Grelha de análise de entrevista: Miguel Neves

Local da entrevista: Associação Albergues Nocturnos do Porto – Rua dos Mártires da Liberdade, nº 237		
Data: 17/02/2016		
Hora de início: 14h42m		Hora de término: 15h07m
Duração: 25m49s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<p><i>“Ora, nós fomos convidados pela... pelo Serviço Educativo da Casa da Música realmente em fim de 2009 e, desde logo, hmm... participamos na iniciativa porque era uma atividade que se encaixava perfeitamente no âmbito do atelier ocupacional que nós desenvolvemos aqui na instituição. Este atelier ocupacional insere-se no serviço de reabilitação e reinserção social aqui dos Albergues Nocturnos do Porto e têm esta... esta função essencial de promover a integração social das... dos nossos utentes (...)”</i></p> <p><i>“Portanto, o Som da Rua aparece como uma iniciativa que visa promover a integração social das pessoas através da prática... hmm... musical (...)”</i></p>	<p>Uma vez que se preocupam, na associação, com a integração e reinserção social dos indivíduos em exclusão ou em risco de exclusão social, a adesão ao Som da Rua surge como complemento desse trabalho. Focado na prática musical, o grupo também tem esse objetivo de integração e inclusão que vai de encontro ao que os Albergues Nocturnos do Porto visam alcançar.</p>
Data de entrada	<i>“Não, desde o início como lhe disse.”</i>	Integra o Som da Rua desde a fase inicial.

<p>Função que desempenha no grupo</p>	<p><i>“A nossa função é fazer a... o acompanhamento dos utentes que nós entendemos... hmm... como utentes que podem beneficiar, que podem ter efeitos terapêuticos ou benefícios terapêuticos da sua participação neste tipo de atividade.”</i></p>	<p>A função a desempenhar no grupo baseia-se no acompanhamento dos utentes que integram o grupo e que podem beneficiar dessa entrada.</p>
<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“Promover a integração social das pessoas em situação de exclusão ou risco de exclusão social através da prática da música.”</i></p>	<p>O objetivo principal do grupo é a integração das pessoas que dele fazem parte, nomeadamente em risco ou situação de exclusão social.</p>
<p>Particularidades mais acessíveis e mais difíceis</p>	<p><i>“Estarem lado a lado com músicos conceituados, com maestro conceituado é, por si só, uma situação de inclusão social.”</i></p> <p><i>“E que permitem que os utentes possam ter este acompanhamento e que possam sentir, efetivamente, um processo, num processo de integração social.”</i></p> <p><i>“Agora, o mais difícil acaba por ser esta questão logística, por assim dizer, de termos os horários, neste caso são às quartas-feiras às 14h30, pronto e nem todos os utentes estão com essa... esse horário disponível porque podem</i></p>	<p>Se por um lado, o mais fácil de manobrar no Som da Rua é a interação com músicos e com um maestro conceituado e que facilitam todo o processo de inclusão e integração dos indivíduos; por outro lado, as dificuldades são a existência de um horário fixo de ensaios e os horários de alguns concertos que vão</p>

	<i>estar, por exemplo, numa ação de formação ou podem estar numa outra atividade. Portanto, é um constrangimento que existe aqui. Outro pode acontecer com a situação de os próprios concertos que vêm sendo frequentes desde 2010... hmm... pronto, às vezes realizam-se em horários mais difíceis.”</i>	aparecendo ao longo dos anos. A logística de disponibilidade dos utentes, transportes, alimentação são trabalhosas e são, muitas vezes, os principais entraves.
II. Relação com os participantes		
Tipo de relação que assume com os participantes	<i>“É uma relação de técnico-utente.” “Agora, é claro que os técnicos estando a participar também, muitos deles, ativamente no grupo, fazem parte integrante do grupo, acabam por ser colegas de... de banda ou de orquestra, não é?”</i>	A relação de técnico-utente está sempre vinculada, apesar de que alguns técnicos (sobretudo os que acompanham e participam ativamente no grupo) acabam por criar uma proximidade com os utentes.
Características comuns dos participantes	<i>“As características comuns é o interesse pela música, isso é óbvio, não é?” “(…) portanto, o leque de... de participantes é heterogéneo, mas no essencial podemos estar a falar aqui em situação de pessoas com alguma... alguma situação de exclusão ou risco de exclusão social.”</i>	Além da situação ou do risco de exclusão social - nem todos em situação de sem-abrigo -, é o interesse pela música. Caso não o tivessem, estes não tinham a motivação para integrar o Som da Rua.

<p>Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social</p>	<p><i>“Muitas vezes é esta... é este grau de dificuldade em que as pessoas se encontram.”</i></p> <p><i>“Mas o essencial são estas: a motivação das pessoas para participarem (...) Porque isso exige uma exposição, de estar em palco. Podemos trabalhar aqui... hmm... esta ansiedade que a pessoa possa sentir, a ansiedade de exposição ao outro, não é? Portanto, mas são situações que vamos trabalhando caso a caso.”</i></p>	<p>As dificuldades iniciam-se com a difícil situação em que estes indivíduos se encontram devido ao seu percurso de exclusão social. Ademais, soma-se a carência motivacional em, por vezes, integrar um grupo, sobretudo um relacionado com a música que obriga a uma certa exposição (quer da pessoa, quer da sua história).</p>
<p>Modo como ultrapassam as dificuldades</p>	<p><i>“(...) tentando levar as pessoas a desmontarem esses preconceitos que possam ter em relação à tal ansiedade de exposição.”</i></p>	<p>Tentam fazer um trabalho de desmantelamento de preconceitos que os utentes têm, muito motivados pela vergonha em assumir a cara e a situação em que se encontram. É um trabalho que visa sempre os benefícios que a participação no Som da Rua tem para estes.</p>

<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p><i>“Portanto, dentro da motivação dos utentes, dos interesses demonstrados por eles, vamos tentando capta-los para este envolvimento ativo nestas atividades. E depois de lá estarem acabam por, aqueles que gostam de música acabam por facilmente aderir, não é?”</i></p>	<p>A instituição filtra aqueles projetos que vão de encontro aos interesses e motivações dos utentes. A partir da sinalização dos projetos estes experimentam (voluntariamente) e acabam por integrar se estes se mostrarem compatíveis com os seus interesses.</p>
<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p><i>“Sim, há utentes que depois de participarem no projeto Som da Rua de facto... hmm... passou a ser mais fácil trabalhar com eles e mais fácil que eles adiram aos projetos que visam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e até profissionais (...)”</i> <i>“(...) a participação nestas atividades... hmm... são muitas vezes a porta de entrada, o isco, por assim dizer, para que os utentes se envolvam efetivamente numa atitude mais proativa (...)”</i></p>	<p>O entrevistado diz que existe um impacto na vida destes utentes. Sente que após a entrada no Som da Rua se tornou mais fácil lidar com os utentes e envolve-los em atividades que visam o desenvolvimento das mais diversas aptidões. Além disso, considera que este tipo de projeto é, em alguns casos, o ponto de partida para o desenvolvimento de uma atitude proativa.</p>
<p>Regressão em</p>	<p><i>“Há casos em que as pessoas</i></p>	<p>O abandono do grupo</p>

casos de abandono do grupo	<p><i>abandonam o grupo por razões positivas.”</i></p> <p><i>“Há outras em que abandonam o grupo porque o técnico, por exemplo, entendeu que houve uma recaída em consumos e que não o deve voltar a integrar na atividade até ele demonstrar que merece essa oportunidade, essa confiança.”</i></p>	<p>nem sempre está em sintonia com a regressão ou recaída do utente. Se em certos casos a razão é essa, em outros a razão é positiva sendo, por exemplo, uma oportunidade laboral ou a participação em formações.</p>
III.Relação com a comunidade		
Apoios externos/contactos	<p><i>“Sim, nós temos parceria com dezenas de instituições e entidades.”</i></p> <p><i>“Não trabalhamos sozinhos, isso de certeza. Esta parceria com o Serviço Educativo da Casa da Música insere-se... é mais uma das parcerias que nós muito... muito orgulho temos e esperamos dar continuidade a ela... Mas pronto, é mais, é uma dessas parcerias que visa colaborar para a integração social das pessoas.”</i></p>	<p>A instituição assume um trabalho com diversas instituições, desde aquelas que trabalham com a mesma área, como hospitais, prisões, entre outras. A parceria com o Serviço Educativo da Casa da Música é outra instituição com que exercem um trabalho de integração social das pessoas em risco ou situação de exclusão.</p>
Mecanismos de identificação de	<p><i>“Olhe nós o que acionamos é através dos nossos centros de alojamento</i></p>	<p>A instituição onde trabalha o entrevistado</p>

<p>indivíduos em situação sem-abrigo</p>	<p><i>temporário, todos os utentes que são encaminhados para cá ou que por iniciativa própria se deslocam cá e comprovadamente estão numa situação de carência e que são admitidos a apoio em alojamento ou em apoio alimentar ou de outro género qualquer...”</i></p>	<p>é de alojamento temporário, sendo que os utentes que integram o Som da Rua estão lá alojados ou por sinalização dos centros ou por iniciativa própria dos indivíduos.</p>
<p>Identidade pessoal e comunitária</p>	<p><i>“Quando nós participamos num grupo há um sentido de pertença, há uma identificação com as pessoas que conosco participam nesse grupo e formam esse grupo. Portanto, é nessa linha que lhe digo que é importante... hmm... para os utentes terem, por exemplo, um técnico a participar diretamente com eles. É mais um, é mais um no grupo.”</i></p> <p><i>“Há esse sentimento de pertença e há notoriamente nas pessoas que estão envolvidas nesta atividade, seja mais ou menos longa, também um aumento da sua autoestima e o sentimento de utilidade também.”</i></p>	<p>A integração num grupo potencia a criação de sentimento de identificação grupal e comunitário, quer com os restantes utentes, como com os técnicos. Salienta, ainda, a importância de ter um técnico ao lado no grupo. É uma relação de proximidade que acaba por ser necessária. Além disso, esta participação cria autoestima e sentimento de utilidade, de valorização destas pessoas.</p>
<p>IV. Cenários futuros</p>		

<p>Visualização do Som da Rua em 10 anos</p>	<p><i>“(…) eu vejo o Som da Rua como um instrumento, como mais uma ferramenta que acho que deve ter continuidade e que... hmm... contribui para estes processos de integração (…)”</i></p> <p><i>“Portanto, haver aqui a possibilidade de dar continuidade ao projeto mas desejavelmente, digo eu, com outras pessoas porque é sinal que as pessoas que frequentaram em 2010 ou 2011, algumas delas tenham conseguido a integração que tanto... que tanto procuravam.”</i></p>	<p>Visualiza o Som da Rua como um instrumento potenciador da integração social dos utentes que espera ter continuidade daqui a 10 anos. Deseja que os utentes que constituem o grupo, na altura, sejam diferentes, graças à possível (e tão procurada) integração dos atuais.</p>
<p>Sugestões para o grupo</p>	<p><i>“(…) dentro das dificuldades que se falou no início, se calhar uma flexibilidade em termos de horários de ensaio, não é?”</i></p> <p><i>“(…) se calhar se os ensaios fossem noutros locais e noutros horários, se houvesse essa flexibilidade, poderiam também participar e o grupo do Som da Rua seria maior.”</i></p>	<p>Sugere um trabalho continuado das competências de saber estar, dar e receber. Considera que tal é o que mais falta no grupo. E expressa o desejo de ver o grupo novamente com 50 ou 60 pessoas, como em fases anteriores aconteceu.</p>
<p>V. Caracterização sociodemográfica</p>		
<p>Idade</p>	<p><i>“Sim, 44 anos.”</i></p>	
<p>Sexo</p>	<p><i>“Masculino.”</i></p>	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Local de residência	<i>“É cá no Porto.”</i>	
Estado civil	<i>“Sou casado.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“Sou licenciado em Psicologia.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Sou psicólogo, sou diretor técnico da... do centro daqui dos Albergues Nocturnos do Porto, do centro de alojamento temporário.”</i>	

Anexo 16. Grelha de análise de entrevista: Tiago Oliveira

Local da entrevista: Bar dos Artistas – Casa da Música, Av. da Boavista 604-610, Porto		
Data: 18/2/2016		
Hora de início: 13h14m		Hora de término: 13h36m
Duração: 22m46s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração no projeto	<i>“Primeiro, o trabalho em comunidade... trabalho artístico em comunidade é uma coisa que pessoalmente me diz bastante.”</i> <i>“Foi também por um lado musical, o ter contacto com músicos muito bons e de estar a trabalhar a parte musical com eles. E também por ser um projeto integrado da... na Casa da Música, que é um sítio onde também trabalho.”</i>	Vários foram os motivos enunciados, mas resumem-se no trabalho em comunidade enquanto interesse pessoal e profissional e, neste caso, o Som da Rua assume-me como um grupo diferente daqueles com os quais tem trabalhado e o contacto com músicos reconhecidos.
Data de entrada	<i>“É, deu-se posteriormente. Creio que este é o terceiro ano letivo, falando em anos letivos, este é o terceiro ano letivo que estou no grupo.”</i>	Está presente no grupo há três anos letivos e como voluntário, no momento atual.
Função que desempenha no grupo	<i>“Eu toco baixo-elétrico.”</i>	No momento, o seu trabalho passa por tocar o instrumento baixo-

		elétrico.
Objetivos do Som da Rua	<p><i>“Eu acho que há se calhar aqueles objetivos um bocadinho mais óbvios e depois os outros que são consequência desses... Eu acho que o objetivo óbvio é juntar pessoas para fazer música.”</i></p> <p><i>“Depois há várias outras competências sociais que eu acho que são trabalhadas... as competências de responsabilidade...”</i></p>	<p>De vários objetivos, o mais óbvio para o entrevistado é o juntar as pessoas com a intenção de fazer música. Esse é, segundo o próprio, o principal motivo que leva estas pessoas a participar no grupo. Consequentemente, trabalham-se competências sociais como a responsabilidade. Mesmo sem dar conta disso, os participantes acabam por trabalhar essas competências ao comprometerem-se a estar presentes em ensaios e atuações.</p>
Particularidades mais acessíveis e mais difíceis	<p><i>“Portanto, o mais imediato é isso. É eu ter... hmm... ter contacto com as músicas e tocar.”</i></p> <p><i>“E acho que um grupo como este se calhar é um grupo em que de ensaio para ensaio eu não sei muito bem o que esperar. Porque há ensaios em que</i></p>	<p>As particularidades mais acessíveis no Som da Rua é o facto de ter músicos a tocar lado a lado e ter acesso ao material que ali é utilizado. Por outro</p>

	<i>correm muito bem porque as pessoas até estão disponíveis para, mas há ensaios em que percebe que se calhar há coisas completamente alheias à parte musical que vão influenciar e muito (...)</i>	lado, o mais difícil é a imprevisibilidade. De ensaio para ensaio as coisas podem mudar e nunca se sabe com o que se pode contar. Neste caso, são fatores externos que podem causar influência.
II. Relação com os participantes		
Tipo de relação que assume com os participantes	<i>“Em relação a grande parte dos outros é uma relação cordial, mas um pouco distante.”</i>	No geral, assume uma relação cordial com a maioria dos participantes, mas não é de proximidade. Apenas ressalva que é mais próximo de um ou dois membros devido à interação nos ensaios.
Características comuns dos participantes	<i>“(...) eu não posso falar por todos, mas sinto que grande parte deles tem um orgulho muito grande em fazer parte de um grupo assim (...) É um grupo com características únicas.”</i> <i>“(...) eu acho que... que o grupo nas características que tem, potencia um bocadinho esse ego portuense...”</i>	Considera que as características em comum são, sobretudo, o fazer parte de um grupo com particularidades como o Som da Rua e o cantar sobre o Porto que permite um enaltecer do bairrismo

		e do ego portuense.
Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social	<p>“(…) em alguns momentos, percebe-se que há muito sentimento à flor da pele. E isso pode ser uma coisa boa ou uma coisa má. Pode ser uma coisa boa quando existe uma emoção enorme ao cantar canções que fazem parte se calhar desses percursos de vida, e pode ser um bocadinho mau quando, por exemplo, em ensaios em que é preciso uma concentração maior, as pessoas podem levar a mal certos pedidos de concentração.”</p> <p>“É preciso saber medir muito bem as palavras e saber até que ponto se pode exigir, até um ponto ou mais que isso. É preciso ser-se sensível.”</p>	<p>Devido aos percursos de vida destes indivíduos, o entrevistado nota que há muito sentimento à flor da pele. Sente que quando esse é transformado em emoção, pode ser bom; porém, é mau quando assume uma posição de relutância e intolerância face a alguns pedidos. É preciso saber o limite e saber expressar com estes indivíduos nestas situações mais frágeis. Admite que é algo que com o tempo se vai aprendendo a gerir.</p>
Modo como ultrapassam as dificuldades	<p>“(…) eu acho que é mesmo através da... através da discussão, através da conversa... é... acho que é a partir daí que se chega a algum lado.”</p> <p>“(…) parece que na altura está tudo perdido, mas percebe-se que não... As pessoas também têm essa consciência de saber onde é que estão e que não</p>	<p>A discussão e a conversa são as formas utilizadas para ultrapassar as dificuldades que vão surgindo. Afirma, no entanto, que apesar das situações mais tensas a</p>

	<p><i>estão, se calhar, no meio onde costumam estar e às vezes reagem como se estivessem, mas depois quando tudo acalma, as pessoas têm bom senso de perceber que estão num momento especial e que devem ter uma atitude especial para aquele momento.”</i></p>	<p>que já assistiu, nunca viu nada realmente grave que colocasse em causa o funcionamento do grupo. Isto porque as pessoas têm noção do local onde estão e do propósito do projeto, daí acalmarem mesmo após um momento tempestuoso.</p>
<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p><i>“Mas acho que é o facto deles ali serem tratados como todos os outros são tratados.”</i></p> <p><i>“(…) poder-se-ão sentir iguais, mesmo sendo diferentes, toda a gente é diferente, mas o tratamento que têm é um tratamento igual a qualquer pessoa que faz parte de um grupo.”</i></p> <p><i>“Outro acho que também é um motivo musical, não é? Acho que eles têm prazer por o que fazem lá... Alguns fazendo melhor, acho que todos eles fazem o melhor que conseguem fazer.”</i></p>	<p>A motivação que pode levar estes indivíduos a procurar projetos como o Som da Rua é o facto de serem tratados como qualquer pessoa, sem qualquer tipo de discriminação. Apesar das diferenças, ali são todos iguais e é esse o espírito que os pode levar a participar no Som da Rua. Ademais, o vetor musical também tem a sua importância, uma vez que os membros fazem aquilo que gostam e identificam-se com o</p>

		grupo.
Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes	<p><i>“Houve um documentário que passou há pouco tempo na RTP2 sobre o Som da Rua e houve dois ou três testemunhos, não é? De pessoas que fazem parte do grupo e que salientaram, para além de outras coisas, o que é que mudou na vida deles. Eu acho que isto pode ter exatamente grande impacto na medida em que há... há coisas que são trabalhadas que não propriamente as musicais...”</i></p> <p><i>“(...) mas creio que há muita coisa que muda na vida destas pessoas a partir do momento em que elas se sentem integradas num grupo em que se sentem aceites e não discriminadas.”</i></p> <p><i>“O que se calhar, muitas destas pessoas, passaram a vida inteira assim... a ser discriminadas, a ser postas de lado, a ser olhadas de lado, ouvir comentários, ou seja, aqui é um ambiente em que não vai haver isso e que, pelo contrário, eles sentem que fazem alguma coisa para, sentem-se úteis.”</i></p>	<p>O entrevistado relembra um documentário realizado acerca do Som da Rua onde testemunhos de participantes assumem que o grupo teve impacto na vida deles. Há um trabalho que é feito para lá da dimensão musical e que tem repercussão nestas vidas. Há uma transição de uma vida em que são discriminadas e olhadas de lado, para a integração num grupo onde todos são aceites e onde sentem que são úteis e que acrescentam algum valor ao mesmo.</p>
Regressão em casos de abandono	<p><i>“Confesso que não sei... não... não conheço percursos de vida das pessoas</i></p>	<p>Afirma que entrou numa fase em que o</p>

do grupo	<i>para saber responder a isso.”</i>	grupo já se encontrava estabilizado, daí não conhecer os percursos de vida suficientemente bem para responder à questão.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/ contactos	<i>“(…) no ensaio, estão sempre algumas pessoas ligadas a instituições que fazem o acompanhamento de algumas das pessoas. Portanto, eu creio que sim, não lhe sei responder quais porque, como eu digo, o meu trabalho é muito focado na parte musical e são questões que me passam um bocadinho ao lado…”</i>	O entrevistado afirma que existem apoios de outras instituições, sendo que vários técnicos estão presentes nos ensaios e fazem o acompanhamento dos utentes.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	<i>“(…) eu acho que numa primeira fase, o Jorge foi mesmo às ruas (risos) e perguntou mesmo cara-a-cara, às pessoas, se queriam fazer parte deste projeto. Hoje acho que não é isso que acontece. Primeiro porque já... o grupo já está... já existe um grupo que frequenta... hmm... que frequenta os ensaios e, sinceramente, não... não sinto que exista essa procura.” <i>“Mas sinceramente, também não... não sei responder assim com toda a certeza.”</i></i>	Sem certeza para responder a esta questão, considera que não há uma procura de novos membros. Numa fase inicial, houve quem os fosse identificar na rua, porém já não é prática. O grupo já está estável e daí não sentir que haja grande procura.

<p>Identidade pessoal e comunitária</p>	<p><i>“Eu espero que sim. Acho que sim. Acho que... acho que eles já se identificam como sendo membros de um grupo, não é? E... e creio que muitos deles têm orgulho em fazer parte do mesmo. Portanto, diria que sim.”</i></p>	<p>Considera que sim. A pertença num grupo como o Som da Rua impulsiona a criação dessa identidade pessoal e comunitária visível no orgulho que têm em integrar o mesmo.</p>
<p>IV. Cenários futuros</p>		
<p>Visualização do Som da Rua em 10 anos</p>	<p><i>“(...) gostaria que grande parte dos que fazem parte do grupo atual ainda pudessem estar, de boa saúde, se possível.”</i></p>	<p>Além de contarem com mais canções, o entrevistado gostava que o Som da Rua fosse constituído por grande parte dos participantes atuais.</p>
<p>Sugestões para o grupo</p>	<p><i>“Ok, eu acho que se poderia, eventualmente, fazer mais atividades que não fossem só, apenas as musicais.”</i></p> <p><i>“Acho que sim, acho que se poderia abrir... quer a outras atividades não artísticas, quer também pensar em algo relacionado com outro tipo de artes.”</i></p> <p><i>“(...) porque não... pensar em todos os temas que eles trabalham e arranjar um fio condutor entre eles, que é relativamente fácil, que é falar da</i></p>	<p>No que se refere às sugestões afirma que o Som da Rua poderia aproveitar o facto de ser um grupo e, após a identificação de um fio condutor (Porto/cidade e memórias), materializar as suas vivências em apresentações que não sejam apenas musicais.</p>

	<i>cidade e fazer uma espécie de... de apresentação teatral/musical em que eles pudessem falar, por exemplo, deles próprios mas enquanto personagens; em que eles próprios trabalhassem o texto e fizessem um bocadinho o lado do teatro comunitário.”</i>	Quer em relação com outras artes ou não, poderia haver um aproveitamento das histórias de vida dos participantes do grupo e construir algo novo e diferente.
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	“36.”	
Sexo	“Masculino.”	
Local de residência	“Porto.”	
Estado civil	“Solteiro.”	
Habilitações literárias e área de estudo	“Eu sou licenciado em Educação Musical.”	
Condição perante o trabalho	“Neste momento estou por conta própria.”	

Anexo 17. Grelha de análise de entrevista: Gil Teixeira

Local da entrevista: Via online – Skype		
Data: 18/2/2016		
Hora de início: 18h34m		Hora de término: 19h16m
Duração: 42m58s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<i>“Portanto, partiu basicamente de um convite feito, sabendo ele de antemão que... que eu já tinha uma certa aptidão e um certo atração por este tipo de projetos e por trabalhar neste tipo de contextos.”</i>	Após frequentar o curso de Animadores Musicais na Casa da Música e ter acompanhado um dos responsáveis noutros projetos, o entrevistado foi convidado a integrar o projeto Som da Rua.
Data de entrada	<i>“Ou seja, eu agora, se a memória não me falha, eu devo ter entrado ou em dezembro ou em janeiro de dois mil... ou melhor, em dezembro de 2009 ou janeiro de 2010.”</i>	Entrou no Som da Rua quase numa fase inicial do projeto, mas não acompanhou as primeiras atuações do grupo. Sabe que foi entre dezembro de 2009 e janeiro de 2010 que integrou em força o Som da Rua.
Função que	<i>“Ou seja, no primeiro momento, eu</i>	No início, ainda exercia

<p>desempenha no grupo</p>	<p><i>“tinha mais a função de acompanhamento, não é?”</i></p> <p><i>“E então, eu entrei com essa função: de ajudar... de assisti-lo tanto na parte de liderança, de aquecimentos, de fazer, por exemplo, trabalho em que a gente separasse o grupo e então eu trabalharia com uma parte do grupo e ele trabalharia com outra, acompanhamento instrumental e numa outra fase mais... mais posterior, inclusive, liderar o processo criativo com eles de criar as letras, de criar música. “</i></p>	<p>uma função de acompanhamento musical com a guitarra. Ao longo do tempo e com a consolidação do grupo, passou a auxiliar o maestro nos ensaios, quer nos aquecimentos como na liderança. Além disso, foi responsável pela criação de letras e músicas.</p>
<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“(...) uma coisa que aliás me agradou... me agradou no projeto Som da Rua é que nunca tencionou mudar o mundo, não é?”</i></p> <p><i>“E o alcance do Som da Rua é, uma vez por semana, naquele tempo, naquela hora, dar àquele grupo de pessoas um alívio. Um... um elo... não é só um alívio existencial, mas também liga-los e eles sentirem que fazem parte de uma comunidade. E envolve-los numa prática criativa colaborativa que pelo menos durante aquele tempo, independentemente de todo o tipo de dificuldades que estivessem a viver naquele momento... eles estavam</i></p>	<p>Em opinião pessoal, considera que o projeto e aqueles que o encabeçam sempre tiveram uma noção sóbria e realista dos limites do Som da Rua. O objetivo do Som da Rua, para o entrevistado, é fornecer um escape e um alívio a todos os que participam. Ademais, é proporcionar uma ligação e pertença comunitária. Durante o</p>

	<p><i>distraídos ali naquele momento.”</i></p>	<p>tempo em que decorria, o projeto permitia uma distração e um esquecimento (nem que fosse temporário) dos problemas com que lidavam.</p>
<p>Particularidades mais acessíveis e mais difíceis</p>	<p><i>“Como é óbvio, o que era mais difícil mas que, ao mesmo tempo, se calhar o mais desafiante no projeto, era lidar com todo o tipo de backgrounds que tínhamos ali naquele espaço, não é?”</i></p> <p><i>“Portanto, eu diria que o mais fácil do projeto era a... (pausa)... era contar com o entusiasmo deles.”</i></p> <p><i>“E eu acho que eles estavam tão contentes por estar ali que ao fim de alguns meses... muito poucos meses acho que conseguimos criar logo uma identidade de grupo muito forte e havia um sentimento de pertença muito forte. E isso fez... tornou esse lado também mais fácil para nós.”</i></p> <p><i>“Ah, ou seja, o Som da Rua também tinha esse carácter generativo, de nós gerarmos material original e tínhamos sempre o enfoque sempre na cidade do Porto.”</i></p> <p><i>“Outra coisa é envolver as pessoas pessoalmente e emocionalmente na</i></p>	<p>Se as dificuldades se centravam no desafio que era lidar com as diferentes histórias de vida daqueles indivíduos e com a imprevisibilidade de comportamentos; a acessibilidade do projeto era o entusiasmo de quem participa. Sente que foi esse entusiasmo e vontade de participar que permitiram a criação da identidade comunitária característica do grupo. Além disso, o próprio carácter generativo em que envolvem os participantes e tomam a cidade do Porto como</p>

	<i>criação do reportório. Mas isso era um ponto muito importante do Som da Rua, ou seja, nós também não estávamos a fugir disso.”</i>	fundo, fortaleceu os laços comunitários entre eles.
II. Relação com os participantes		
Tipo de relação que assume com os participantes	<p><i>“Eu nunca senti no Som da Rua que fosse (pequena pausa) um trabalho, percebes?”</i></p> <p><i>“Porque realmente é algo que me apaixonava e, então, a minha ligação com os utentes era muito... muito forte.”</i></p> <p><i>“Eu fazia... eu tinha mesmo curiosidade genuína em saber a história de vida deles e saber o porque é que eles estavam ali e quem é que eles eram.”</i></p>	Uma vez que nunca encarou o Som da Rua como um trabalho, o entrevistado assume que sempre estabeleceu uma relação forte com os participantes. Havia um interesse em conhecer as histórias de cada um deles e de saber o que os trazia àquele local. Daí que esse interesse e curiosidade tenham originado fortes ligações com os utentes.
Características comuns dos participantes	<i>«Estamos a falar de personalidades de tal maneira marcantes e de tal maneira marcadas, não é? Marcantes e marcadas... que é muito difícil e é esse o grande desafio do projeto: encontrar um common ground, encontrar uma cena que a gente possa dizer “ok,</i>	As personalidades dos utentes que integram o grupo absorvem as marcas das suas vidas e das dificuldades que sempre enfrentaram. Assim, além de ser

	<p><i>temos aqui esta manta em que vocês cabem todos”. Isso não existia.»</i></p> <p><i>“Porque havia personalidades muito frágeis e muito suscetíveis e, muitas vezes, tu até ofendias sem saber que estavas a ofender, por exemplo. Estamos a falar de pessoas às vezes num nível de fragilidade tal em que, mesmo com o melhor das intenções, tu podias estar a ofender alguém sem saber sequer que estás a ofender. Era um projeto muito, muito sui generis.”</i></p>	<p>difícil encontrar um fio comum entre todos devido à heterogeneidade de histórias, a fragilidade emocional de alguns deles torna as coisas desafiantes. É fundamental ter em consideração todo o passado ao lidar com os utentes de modo a não magoar ou, inclusive, ofender com certas atitudes ou comentários.</p>
<p>Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social</p>	<p><i>“Por exemplo, o facto de tudo já estar articulado com instituições e as próprias instituições os traziam nos seus transportes, resolveu o maior problema de todos que é a frequên... ou seja, o compromisso. Eles realmente aparecerem todas as semanas para o ensaio.”</i></p> <p><i>“E depois como é óbvio, a outra grande dificuldade é a impossibilidade de previsão. Quer dizer, tu tinhas de estar mesmo pronto para tudo porque a partir do momento em que as pessoas podem surgir completamente</i></p>	<p>Uma das principais dificuldades é o compromisso. O ensaio é semanal e essa garantia da frequência e do compromisso com o projeto sempre foi um dos princípios mais desafiantes. Não obstante a dificuldade, o facto das instituições assegurarem o transporte dos utentes facilitava essa</p>

	<p><i>alcoholizadas ou podem vir após ter tomado qualquer tipo de droga ou podem vir, simplesmente, perturbadas por alguma razão e tudo podia acontecer, não é?”</i></p>	<p>frequência. Ainda em seguimento do anterior, a imprevisibilidade sempre foi outra dificuldade no Som da Rua. O entrevistado afirma que neste projeto é fulcral estar preparado para tudo.</p>
<p>Modo como ultrapassam as dificuldades</p>	<p><i>“Olha (suspiro) estamos lá... estando sempre uns para os outros tanto eu, o Jorge, o Paulo, havia sempre uma troca de olhares, nós estávamos sempre atentos e íamos partilhando informação entre nós (...)”</i></p> <p><i>“Ou seja, passava muito por manter a comunicação, uma comunicação aberta entre nós – os líderes – e depois sempre um espírito de inclusão e tolerância e, acima de tudo, muito sentido de humor.”</i></p>	<p>A melhor forma de ultrapassar estas dificuldades é garantir uma comunicação aberta entre todos e haver uma constante partilha de informação. Além disso, é essencial preservar o espírito de inclusão e de tolerância para garantir que todas as situações são ultrapassadas. O sentido de humor é, de igual modo, indispensável neste projeto.</p>
<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da</p>	<p><i>“Eu... eu, lá está, cada caso é um caso e eu acho que no Som da Rua havia de tudo. Havia desde a motivação genuína (...)”</i></p>	<p>Sendo a heterogeneidade uma característica do projeto, no Som da Rua</p>

<p>Rua</p>	<p><i>“Depois tens o outro lado, pessoas que estão lá mais pela distração (...)”</i></p> <p><i>“São pessoas que estão... já sabem que naquele dia, àquela hora, têm aquela distração e vão porque gostam e gostam de estar lá, gostam de cantar, gostam do convívio, gostam do humor...”</i></p> <p><i>“Havia outras pessoas que tu sabias que a motivação delas não era propriamente nada que tivesse a ver com o lado artístico ou com o lado social, era uma função mais utilitária, digamos assim.”</i></p>	<p>as motivações podem ser variadas: para alguns a motivação era genuína, para outros a motivação que os levava ao Som da Rua era o momento de distração que semanalmente era conseguido e, ainda, para outros, era meramente uma função utilitária. Presenciava-se um pouco de tudo.</p>
<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p><i>“Sim, eu acho que sim. Eu acho que teve. Uma das grandes (pausa)... acho que uma das grandes vantagens do Som da Rua é (pausa) é sobretudo a ligação que criou, não é?”</i></p> <p><i>“A música é uma forma fantástica de unir as pessoas. E isso é outro dos grandes valores do Som da Rua, acho eu. É... é, ou seja, consegue pôr toda aquela gente no mesmo espaço. Gente que, eu acredito sinceramente, que o isolamento era talvez um dos maiores problemas deles, uma das... das grandes causas de tristeza e de outros problemas que eles teriam.”</i></p> <p><i>“ Também há uma (...) uma autoestima</i></p>	<p>O entrevistado considera que o impacto do projeto na vida destes indivíduos aconteceu. A ligação entre as pessoas que o Som da Rua potencia, ademais através da música, era visto todas as semanas nos ensaios. A possibilidade de colocar pessoas, cujo isolamento social era um dos principais problemas, no mesmo espaço e com o mesmo</p>

	<i>que provém do facto deles estarem envolvidos numa atividade em que depois fazem as performances e depois têm o feedback do público a aplaudir e as pessoas muito emocionadas. Eu acho que há ali todo um... uma... um contributo em termos de autoimagem, de autoestima que provém do lado artístico e performativo do Som da Rua.”</i>	objetivo era algo único no projeto. Com isto, a autoestima é reforçada nas performances e nas apresentações graças ao feedback do público. É um projeto artístico que potencia uma criação de imagem pessoal melhorada e comunitária reforçada.
Regressão em casos de abandono do grupo	<i>“Portanto, eu sinto que não tenho dados para responder a essa questão. Não... precisava de ter seguido o percurso dessa gente.”</i>	Como não está a acompanhar o grupo, não responde à questão por falta de conhecimento dos percursos.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/contactos	<i>“Havia todas aquelas instituições que traziam os utentes e que estavam ligadas e que estavam sempre em comunicação direta com o Serviço Educativo e todas as vezes que havia uma deslocação, havia sempre técnicos de cada instituição a acompanhar o seu grupo.”</i> <i>“(...) era fundamental neste projeto haver sempre alguém da instituição presente em todos os ensaios, em todos</i>	Relembra as instituições que acompanhavam os utentes quer nos ensaios, quer nas atuações. Esse era um apoio imprescindível. As instituições estavam em comunicação constante com o Serviço Educativo e

	<i>os concertos, em todos os momentos, não é?”</i>	acompanhavam sempre os utentes nas deslocações.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo		(Não tem informação suficiente para responder à questão uma vez que já não está no ativo no grupo)
Identidade pessoal e comunitária	<p><i>“Hmm... eu não sei se criou uma nova identidade, mas acho que contribuiu definitivamente. Definitivamente.”</i></p> <p><i>“Ou seja, presumo que esse sentimento de pertença só se tenha agudizado. Eu presumo que aquilo seja quase... seja mesmo uma família. Neste momento, deve ser quase como uma pertença de... de uma família.”</i></p> <p><i>«E a própria duração do projeto. Quer dizer, o facto do projeto ter tido a longevidade que tem, também diz muito. Infelizmente, muitos destes projetos que começam são coisas que duram um ano, dois anos vá e depois “ok, já não temos mais fundos, temos de avançar para outra coisa”. O facto do Som da Rua e nesse aspeto dou, mais uma vez, o meu... as minhas felicitações ao Serviço Educativo por realmente ter percebido que este é um projeto especial que tem de continuar.</i></p>	<p>A identidade comunitária foi, sem dúvida, reforçada e o Som da Rua contribuiu para isso. O sentimento que se cria é o de família. O de união e de pertença de família. Relembra, ainda, a duração do projeto. Já com 7 anos de duração, o Som da Rua afirmou-se como um marco no Serviço Educativo. Sabendo que os projetos tendem a durar entre um a dois anos, o Som da Rua conta com uma longevidade maior que o normal. Afirma, assim, que o Serviço Educativo</p>

	<i>Não pode parar.»</i>	compreendeu a imensidão do projeto e, em consequência, este apenas deve continuar.
IV. Cenários futuros		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<p><i>«É muito difícil prever. O que eu acho é assim: há demasiadas variáveis que estão ligadas entre si. Quando tu falas daqui a 10 anos o Som da Rua ainda estar vivo, também estamos a falar, sei lá... do Serviço Educativo ainda estar vivo e a equipa do Serviço Educativo atual ainda lá estar. Porque estamos a falar... está tudo ligado.»</i></p> <p><i>«(...) se me perguntasses assim “se as condições atuais se manterem, achas que ainda vai haver Som da Rua daqui a 10 anos?” eu digo-te “sim”, não é?»</i></p> <p><i>“Portanto, é o que eu digo, se dependesse só do envolvimento emocional das pessoas que estão diretamente ligadas ao projeto e eu acredito que o Som da Rua vai continuar, vai provavelmente já ter lançado o seu terceiro disco, provavelmente já vai estar a fazer performances no estrangeiro (...)”</i></p> <p><i>“Portanto, eu acho que se essas... todas essas variáveis logísticas que são</i></p>	<p>Em relação aos cenários futuros, a visão do entrevistado é mais realista. Assume que ao pensar no projeto no espaço de dez anos, implica pensar nas variáveis que garantem a sua existência, como é o caso do departamento do Serviço Educativo da Casa da Música. Logo, diz que se tudo se mantiver como nos dias de hoje, que há uma grande possibilidade de prevalência do projeto. Se apenas fosse o vínculo emocional a contar para a longevidade do projeto, afirma que nesse</p>

	<p><i>muito difíceis de prever se mantiverem favoráveis, eu acho que sim... acho que o projeto vai estar vivo, vai ter uma discografia, vai ter uma biografia e, se correr bem, ainda vai ter muitas das pessoas que começaram o projeto... hmm... e muitas caras novas.”</i></p>	<p>período de tempo, o Som da Rua já estaria com novas músicas, com nome lançado no estrangeiro e com caras novas a acompanhar as caras já presentes.</p>
<p>Sugestões para o grupo</p>	<p><i>“A colaboração com artistas visuais, com pessoal ligado ao cinema, com... fazer uma... contar aquela história, contar a história daquela gente e da ligação deles ao Porto de uma forma... com mais... de uma forma mais abrangente. Isso é do ponto de vista mais artístico, não é? Hmm... em termos de orientação, sinceramente, eu acho que não... não mudaria muita coisa. Sinceramente.”</i></p> <p><i>“Se está a funcionar, se as pessoas estão motivadas, se estão felizes por lá estar, então o projeto tem apenas de continuar. Nós vivemos um bocado num tempo em que há sempre aquela pressão para a mudança e para a evolução e é preciso mudar isto, é preciso mudar aquilo... E se calhar às vezes não é preciso. Às vezes é preciso que as coisas apenas permaneçam. Eu acho que o Som da Rua é uma dessas coisas. É uma das coisas que só</i></p>	<p>Uma sugestão para o grupo passa por um trabalho colaborativo com outros artistas e artes, como o cinema. Trata-se de contar a história destes indivíduos através de outras formas. A nível de orientação e liderança do projeto, o entrevistado diz que nada mudaria. Considera que quando as coisas estão a funcionar em plenitude, nada deve ser alterado. O Som da Rua, para ele, enquadra-se nesta situação.</p>

	<i>precisa de permanecer.”</i>	
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“Ah, isso eu sei. 37.”</i>	
Sexo	<i>“Masculino.”</i>	
Local de residência	<i>“Petersburg, Pensilvânia, Estados Unidos.”</i>	
Estado civil	<i>“Casado.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“As minhas áreas são diferentes porque eu tenho... Estás a falar da habilitação máxima? Eu sou Licenciado em Filosofia e Guitarra Clássica e tenho o meu Master’s em Music Leadership, em Londres. Por isso diria que na área da música.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Sou freelancer.”</i>	

Anexo 18. Grelha de análise de entrevista: Sónia Oliveira

Local da entrevista: AMI Gaia - R. Domingos de Matos, 700, 4400-120 - Vila Nova de Gaia		
Data: 23/02/2016		
Hora de início: 11h11m		Hora de término: 11h37m
Duração: 26m41s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<i>“(…) por aquilo que o projeto comporta e que eu achei que poderia ser benéfico para os nossos utentes, não é? Para a população com a qual nós trabalhamos, o tipo de população em situação de sem-abrigo.”</i>	O que a levou a integrar o projeto foram as potencialidades e virtualidades do projeto para os utentes com quem trabalha que são, no geral, pessoas em situação carenciada.
Data de entrada	<i>“Desde 2010.”</i>	Está presente desde o início.
Função que desempenha no grupo	<i>“Nós técnicos fazemos exatamente a mesma coisa.” “Ali não sou diferente. E isso também é algo que eu acho que é importante para eles. Perceberem isso. Não... não há essas diferenças ou nós tentamos que, pelo menos, haja o mínimo. Claro que estamos ali e eles sabem e respeitam-nos. Estamos ali para gerir um bocadinho e pôr ali as</i>	A entrevistada afirma que os técnicos executam o mesmo que os utentes. Não há diferenças entre técnicos e utentes ou tenta-se, pelo menos, que essas

	<p><i>regras, porque alguns saem mais dos eixos, mas tentamos, em termos de representação, fazer exatamente o mesmo.”</i></p>	<p>sejam diminutas. A presença do técnico, apesar de não se criarem grandes diferenças, é respeitada enquanto tal. Ademais, é uma presença fundamental para controlar situações que possam surgir e para gerir as regras de funcionamento.</p>
<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“Os objetivos é trabalhar a parte... esta parte que está neles muito perdida. É a parte da motivação para uma atividade, para uma atividade em grupo, para a aquisição de regras ou a reaquisição de regras.”</i></p> <p><i>“Parece muito básico mas depois trabalhando isto através da música ou um grupo mais restrito, mais pequeno, será mais fácil também depois fazermos aqui algumas comparações e analogias para o grupo maior que é a sociedade, não é? É um bocadinho o saber estar.”</i></p>	<p>O principal objetivo do Som da Rua é (re)trabalhar as competências outrora perdidas. Ou seja, assenta num trabalho que permite a reaquisição de regras, do trabalho em grupo e da motivação para algo. A entrevistada afirma que mesmo sendo um grupo pequeno e o trabalho parecendo básico, o que ali se trabalha</p>

		permite criar ferramentas que funcionam na sociedade.
Particularidades mais acessíveis e mais difíceis	<p><i>“Pronto, eu não vejo assim grandes dificuldades. Às vezes aqui dificuldades tem a ver mais com a parte logística, não é? Das deslocações, dos horários, da parte da alimentação quando temos saídas, mas que também vão sendo geridas por quem está à frente dessa... dessa organização, não é?”</i></p> <p><i>“De resto, claro que às vezes há alguns desentendimentos... Mas por isso é que nós estamos lá e é importante que esteja sempre um técnico de qualquer instituição. Eu acho que tudo o resto acaba por ser fácil.”</i></p> <p><i>“É fácil... é fácil estar nos ensaios, é fácil estarmos em conjunto e estarmos no grupo, isso é fácil. É fácil chegar até aos músicos que estão lá, é fácil chegarmos uns aos outros porque o grupo também está mais pequeno, houve alturas em que o grupo esteve maior. Mas acho que está fácil isso. A interação, acho que é acessível a interação e... entre todos e não haver ali... não se nota assim uma hierarquia e também não se pretende que haja isso, não é?”</i></p>	<p>A nível das dificuldades, não considera que sejam muitas. A parte logística é, talvez, a mais saliente. Existem dificuldades em garantir transportes, gerir horários e alimentação, sobretudo nas saídas. Os desentendimentos que podem surgir em determinados momentos são colmatados pelos técnicos que acompanham os utentes. Estas são aquelas dificuldades principais, se bem que considera que estas são facilmente geridas e não se</p>

		<p>mostram como grandes entraves ao funcionamento.</p> <p>Em termos de acessibilidade, diz ser fácil estar nos ensaios, no grupo e chegar aos músicos.</p> <p>A interação, vetor importante no projeto, é também acessível. O facto de não se criar diferenças hierárquicas é algo importante e que deve ser mantido assim.</p>
II. Relação com os participantes		
<p>Tipo de relação que assume com os participantes</p>	<p><i>“Relação técnica e utente. Esta é a relação.”</i></p> <p><i>“Não é importante que me vejam como doutora ou nada a esse nível, mas é importante que haja sempre isso até porque eu depois trabalho com eles no restante. Portanto, é... é tentar gerir e mediar esta relação para que tudo corra bem. Já sabem que ali estou num contexto de pé de igualdade e no resto também,</i></p>	<p>É uma relação de técnica e utente, mas sem grande distinção hierárquica. Quer isto dizer que é fundamental existir respeito porque há um trabalho diário que é gerido pelo</p>

	<i>porque eu por norma sou assim, não crio essa barreira. Agora, é importante que exista sempre o respeito (...)</i>	técnico, mas que é mantida a igualdade entre eles. A nível pessoal, a entrevistada não cria essa barreira formal.
Características comuns dos participantes	<i>“São estas... os percursos de vida complexos, não é? Pautados por inúmeras perdas, em alguns casos consumos, uma grande fragilidade emocional, a dificuldade de confiança, não é? Eu julgo ser comum a todos eles. Alguns têm algumas patologias, umas de consumos outras psiquiátricas, algumas debilidades. Portanto, aqui todos eles têm algumas características deste género. Mas o que eu acho que acaba por ser comum a todos eles é a confiança e a vulnerabilidade, a parte emocional, não é? Devido ao percurso de vida deles.”</i>	As características comuns que a entrevistada consegue identificar nos utentes são os percursos de vida complexos, a fragilidade emocional e a dificuldade em confiar, provenientes de perdas e de caminhos de consumo. Não obstante algumas diferenças sobretudo a nível de patologias clínicas e consumos, a entrevistada diz que a falta de confiança e a vulnerabilidade emocional são os

		mais identificáveis entre todos.
Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social	“(…) surgem, em alguns casos, a adesão ao tratamento ou acompanhamento. Hmm... surge a confiança. Pronto, depois isto é sempre cada caso é um caso, não é? Algumas pessoas... a questão da confiança, em alguns casos, é difícil chegar até eles.”	As principais dificuldades são, em seguimento do anterior, a questão da confiança. É difícil chegar até aos indivíduos quando estes não conseguem confiar e se encontram em estados vulneráveis emocionalmente. Além disso, há, em certos casos, uma relutância em aderir a tratamentos. É importante gerir cada caso individualmente.
Modo como ultrapassam as dificuldades	“Hmm... tentando escutar cada um, tentando analisar... cada caso é um caso individual e não generalizar apesar de, muitas vezes, as problemáticas parecerem... serem parecidas, serem semelhantes. É tentar sempre ver cada caso um caso. Porque depois cada um lida com as suas dificuldades ou potencialidades de forma diferente.”	É fulcral não generalizar os casos mesmos que se identifiquem em algum momento ou agrupem problemáticas idênticas. Há que gerir cada caso e

		deixar que cada um lide, da melhor forma, com as suas dificuldades e potencialidades.
Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua	<p><i>“Hmm... eu acho que, alguns casos, é o sentirem-se úteis ou sentirem-se reconhecidos ou sentirem-se valorizados.”</i></p> <p><i>«Eu acho que é... é isso, é esse reconhecimento, esse “eu também sei fazer alguma coisa.”»</i></p>	Para si, o que leva estes indivíduos a procurar projetos como o Som da Rua é o facto de se sentirem úteis e valorizados e obterem o reconhecimento que sempre faltou. A motivação é a de conseguirem provar e mostrar que servem para algo e que podem fazer o mesmo que os outros.
Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes	<p><i>“Sim, eu acho que tem um impacto porque senão também não continuaria, não existiria, não é? Porque tudo isto tem também aqui um fundamento de trabalho. Claro que há a parte de eles se divertirem, mas é importante estar sempre alguém com eles a acompanhar, acho que é uma componente importante no trabalho</i></p>	A entrevistada considera que o Som da Rua tem impacto na vida destes indivíduos caso contrário não continuaria a existir. Lembra que,

	<p><i>e é importante para a vida deles também pessoal (...)</i></p> <p><i>“É aí que eu acho importante eles perceberem essa autoconfiança, esse autoconceito, perceberem que são capazes, que são importantes, que podem novamente reconquistar um papel importante na sociedade. E muitas vezes começando por ali, por a música e eles perceberem que são valorizados.”</i></p>	<p>mesmo com a vertente de diversão, que há um trabalho subjacente e daí ser fundamental o acompanhamento dos técnicos. Diz que através da música, eles conseguem compreender que são importantes e que podem ter um papel tão relevante como qualquer outra pessoa na sociedade. Proporciona, ainda, a autoconfiança e o autoconceito que é essencial para a vida deles.</p>
<p>Regressão em casos de abandono do grupo</p>	<p><i>“Eu tenho alguns casos que tiveram que... que deixar porque começaram a trabalhar, começaram a fazer formação, porque saíram daqui desta zona... hmm... pronto, mais por isso. Não porque... porque... não tenho nenhuma situação porque regrediram.”</i></p>	<p>Apenas fala no caso dos utentes que acompanha e diz que não tem nenhuma situação de regressão após abandono do Som da Rua. Afirma que os casos que</p>

		abandonaram o grupo apenas o fizeram por razões positivas, como o início de trabalho, de formação ou alteração de residência.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/contactos	<p><i>“O meu trabalho passa muito por articular e colaborar e o contrário. Precisamos muito uns dos outros para tentar ao máximo que o projeto de vida e de reinserção de cada indivíduo funcione (...)”</i></p> <p><i>“Portanto, articulo com inúmeras instituições que estão no Porto, umas para alojamento, outras para alimentação, outras para a saúde. Portanto, relativamente à... outras para atividades ocupacionais ligadas à música também.”</i></p>	Há um trabalho de articulação constante com outras instituições nos mais diversos níveis. Esta articulação é essencial para garantir a reinserção destes indivíduos.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	<p><i>“Quer dizer, nós trabalhamos com população carenciada, mas depois eu estando no serviço de equipa de rua para mim são canalizados, sinalizados e outros eu identifico porque o meu trabalho também é sair para... para a rua e “procurar”, identificar situações de</i></p>	A forma de identificação de indivíduos em situação de sem-abrigo passa quer por canalização dos mesmos por

	<p><i>“pessoas que estejam nessa situação e que precisem de apoio.”</i></p> <p><i>“Ao conversar com elas, não tenho nada assim em específico, é um bocadinho na conversa, no diálogo... hmm... perceber, uma vez que estou por dentro deste projeto, e estando também satisfeitas as necessidades básicas, essa é a minha prioridade, mas depois perceber também até que ponto para aquela pessoa... o Som da Rua poderá ser uma mais valia.”</i></p> <p><i>“Depois tudo isso é avaliado, no contacto, que muitas vezes não é no primeiro. Muitas vezes até é referido isso no primeiro contacto com a pessoa porque funciona também como aproximação e a pessoa perceber que pode estar mais perto, que pode inserir num grupo. Pronto, isso depende sempre do diálogo com cada um e daquilo que a pessoa manifesta enquanto características, enquanto potencialidades, fragilidades.”</i></p>	<p>entidades ou por trabalho direto de “procura” na rua. Assegurar as necessidades básicas destas pessoas é a principal prioridade, sendo que após uma conversa com o indivíduo e vendo o cenário em que se encontra, aborda (ou não) a possível participação no Som da Rua. O essencial é conversar, manter o diálogo e compreender, até que ponto, o Som da Rua seria uma mais valia para aquela pessoa. O grupo pode ou não ser falado no primeiro contacto, sendo que tal depende da situação em que a pessoa se encontra. Falar do grupo pode ser, em certos casos,</p>
--	---	--

		<p>uma forma de aproximação porque demonstra como pode ser inserido num grupo. Mas apenas acontece mediante o que é analisado e conversado.</p>
<p>Identidade pessoal e comunitária</p>	<p>«Era como lhe dizia no início, acho que sim, que ajuda. E na parte da autoestima, do autoconceito, do terem alguma visibilidade perante a sociedade, um bocadinho de refazerem essa identidade no sentido de que “eu sou capaz, afinal não sou só um falhado; não sou só aquele que tem um percurso, que esteve na rua e que falhou” mas “eu consigo reerguer-me, eu consigo fazer alguma coisa de bem”»</p>	<p>A pertença no Som da Rua potencia a criação de uma identidade pessoal e comunitária. Ajuda, tal como referido, no fomento da autoestima e da confiança. Gera-se uma nova identidade assente no reconhecimento de que são capazes de fazer algo e que, apesar das situações passadas, conseguem reerguer-se.</p>
<p>IV. Cenários futuros</p>		

<p>Visualização do Som da Rua em 10 anos</p>	<p><i>“Acho que visualizo estando numa crescente ou, em termos de... ou até muito diferente do que é. Isto tentando ter uma perspetiva também realista, não é? Um passinho mais à frente porque também ao fim de 7 anos estamos um passinho mais à frente.”</i></p> <p><i>“Pronto, por isso vejo que isto pode ser um trampolim para outras coisas, que os ajuda mesmo na parte pessoal, vejo um bocadinho mais crescido... vejo um Som da Rua mais crescido, mais maduro...”</i></p> <p><i>“Vejo um bocadinho como está agora, se calhar um passinho ou dois à frente. Acho que é bom a gente pensar um bocadinho de cada vez porque se formos a analisar para trás, sim, as coisas estão mais evoluídas, acho que o grupo está mais unido. Há pessoas que se mantem... há sempre aqueles que se mantêm, mas também já fomos mais. Mas também isto acontece porque as instituições que tínhamos, os técnicos e os projetos acabavam por ficar sem esses técnicos. Portanto, também não há essa disponibilidade. Temos de contar sempre isso. E os técnicos não vão, nem todos os utentes podem também participar. Agora, gostaria de ver um grupo maior, cada vez mais sólido, cada vez a trabalhar a</i></p>	<p>Uma vez que sete anos já passaram sobre o grupo, a entrevistada considera que visualiza o grupo daqui a 10 anos. Ao encarar a questão de uma perspetiva mais realista diz que nesse prazo o grupo estará um passo mais à frente, mais maduro e mais crescido. Afirma que este projeto é um trampolim para outras coisas, mesmo a nível pessoal. Acrescenta, ainda, que ao olhar para o passado, um passo de evolução já foi dado, daí que seja necessário daqui a 10 anos, estar um passo mais à frente. Relembra que o grupo já teve mais membros que</p>
--	--	---

	<p><i>interação e uns motivarem os outros. Isso era como eu gostaria e gostaria que estivesse... gostaria de ver desta forma.”</i></p>	<p>no momento atual, mas o final dos projetos e a falta de disponibilidade dos técnicos são, muitas vezes, o motivo para que alguns utentes não consigam permanecer no grupo. Desta feita, daqui a 10 anos queria encontrar um grupo maior, mais unido e mais sólido, onde a interação fosse constantemente trabalhada.</p>
<p>Sugestões para o grupo</p>	<p><i>“Não sei, eu gosto do grupo como ele é, como ele está. Acho que quem coordena isto, quem dirige isto, faz muito bem. Têm o meu voto de mérito.”</i></p> <p><i>“Claro que às vezes têm uma ou outra situação, mas é óbvio, não é? É um grupo com várias pessoas, muitas delas muito diferentes, mesmo nós técnicos e os músicos. Mas acho que no geral, as coisas correm bem. Muito bem. Apesar de haver ali um trabalho, acho que é sempre um espaço que os ajuda a descontrair e acho</i></p>	<p>Não apresenta grandes sugestões porque assume que as coisas estão bem da forma que estão. Dá crédito aos músicos que conseguem trabalhar com o grupo e gerir tudo da melhor forma. Mesmo com alguns</p>

	<i>que é um espaço também de diversão. Não tenho nenhuma sugestão, apenas que continue desta forma porque acho que tem tido bons resultados. Acho que temos alcançado esta... de grauzinho a de grauzinho, temos feito coisas muito interessantes. Temos tido oportunidade de participar e de ver os nossos utentes a participarem em coisas grandiosas.”</i>	desentendimentos que possam surgir, há sempre uma boa mediação por parte daqueles que estão à frente do projeto. Desta feita, apenas diz que o grupo deve continuar como está porque, pouco a pouco, são feitas coisas interessantes com estes indivíduos.
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“A minha? 36.”</i>	
Sexo	<i>“Feminino.”</i>	
Local de residência	<i>“Valongo.”</i>	
Estado civil	<i>“Solteira.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“Eu tenho licenciatura em Psicologia Clínica.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Não, é por conta de outrem.”</i>	

Anexo 19. Grelha de análise de entrevista: Jorge Prendas

Local da entrevista: Casa da Música, Av. da Boavista 604-610, Porto		
Data: 25/02/2016		
Hora de início: 15h29m		Hora de término: 16h09m
Duração: 40m17s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de criação do projeto	<p><i>“(…) gostava de dizer que este projeto só foi possível e só foi... hmm... (pausa) só foi para a frente porque o anterior coordenador do Serviço Educativo, a pessoa que antes estava sentada aqui e que se chama Paulo Maria Rodrigues, acolheu a minha ideia.”</i></p> <p><i>“A minha ideia inicial, que depois percebi que era impraticável e vai um pouco até da ingenuidade, era trabalhar com músicos de rua também, portanto com aqueles que estão a tocar, que estão a tocar na rua e estão a pedir e, claro, trabalhar com sem-abrigo, trabalhar com gente fragilizada, etc. E portanto, foi em julho de 2009 que esta ideia começou a ferver na minha cabeça e na do Paulo.”</i></p>	<p>A ideia começou a ferver após o final do Sonópolis em 2009. A ideia de iniciar um novo projeto orientado para a população mais carenciada passou do idealizado para o prático com o apoio do anterior coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música, antes de Jorge Prendas assumir o cargo. Algumas mudanças foram feitas à ideia inicial, como a indisponibilidade de trabalhar com</p>

		artistas de rua, mas acabou por se consagrar no Som da Rua, um grupo que alberga indivíduos em situação fragilizada.
Função que desempenha no grupo	<p><i>“Hmm... a minha função é diretor artístico enquanto responsável por aquilo que nós cantamos, pela escolha do caminho, sei lá... pela escolha dos músicos que trabalham connosco. Tudo isso...”</i></p> <p><i>«(...) quando em maio de 2010, a administração da Casa da Música, na altura, e o ainda atual diretor artístico e de educação – António Jorge Pacheco – que me convidou a ficar à frente do Serviço Educativo, uma das... não foi das condições porque isto obviamente nunca seria assim uma condição tão... mas uma das coisas que eu pedi, não seria uma condição tão de rutura, digamos assim, não é? Mas uma das condições que eu pedi... hmm... foi “deixem-me continuar na rua com o Som da Rua”.»</i></p>	<p>Após assumir o cargo de coordenador do Serviço Educativo, a permanência no Som da Rua foi uma prioridade.</p> <p>Abandonar o grupo uns meses após a sua criação poderia ter consequências naqueles indivíduos cujo abandono e a negligência já fizeram parte do passado. Assim, tornou-se o diretor artístico do Som da Rua, sendo o responsável por grande parte das decisões do grupo.</p>

<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“Nós temos, acima de tudo, objetivos sociais. Ou seja, melhor dito, nós queremos que a música seja uma ferramenta que ajuda à integração destas pessoas, não é?”</i></p> <p><i>“Portanto, o compromisso que eles têm com o Som da Rua, o simples facto de termos um horário, pronto ok, um bocadinho flutuante, mas que é um horário de ensaio... Tudo isso leva que haja, pelo menos, a assunção de regras, não é? Que são as regras que muitas vezes eles negam e por isso, muitas vezes, também são excluídos. As pessoas não os querem incluir, não lhes dão oportunidades. O Som da Rua tem possibilitado isso. Há depois questões, claro que um grupo destas acaba por trabalhar questões de autoestima, de respeito pela opinião do outro, o respeito do coletivo... hmm... a própria criação é interessante. Há quase uma ética ali também.”</i></p> <p><i>“É mais uma ferramenta também para os técnicos, é mais... é também mais uma oportunidade até para os técnicos também explorarem outras, outras áreas, neste caso a artística.”</i></p> <p><i>“E depois, claro, eu não deixo de ter algumas preocupações artísticas, ou seja,</i></p>	<p>Os objetivos sociais são, sem dúvida, os mais presentes. Pretende-se, através da música, proceder à integração social destes indivíduos marcados pela exclusão social. Além das oportunidades que o Som da Rua tem oferecido, um dos objetivos quase impercetíveis, mas dos mais importantes, é a criação de algumas regras que já haviam sido perdidas. O compromisso para os ensaios e o cumprimento dos horários já trabalha algumas das competências sociais que se tinham extinguido ao longo do tempo. Ademais, afirma o</p>
--------------------------------	---	---

	<p><i>eu quero que o grupo... não quero que o grupo seja visto como um grupo de pobrezinhos que está ali. Quero que seja visto como um grupo que faz um trabalho único e essa é uma marca que nós procuramos em todos os projetos do Serviço Educativo.”</i></p>	<p>entrevistado, ainda possibilita o trabalho da autoestima e do grupo, assim como da opinião e respeito pelo coletivo. Para os técnicos, abrem-se novas portas para a exploração de outras áreas interventivas, como a músicas e as artes. Não menos importantes, há objetivos artísticos em que se pretende que o grupo seja (re)conhecido pelo seu trabalho ímpar e não pela situação dos indivíduos que o integram. Esse é, aliás, um dos pontos essenciais dos projetos desenvolvidos pelo Serviço Educativo.</p>
<p>Particularidades mais acessíveis e mais difíceis</p>	<p><i>“(...) eu acho que as mais acessíveis são mesmo a motivação (...)”</i> <i>“Aquela gente está motivada, aquela</i></p>	<p>A motivação é o mais acessível de trabalhar. O facto de</p>

	<p><i>gente gosta de estar ali, aquela gente sente o Som da Rua e portanto, isso é... é... isso é meio caminho andado.”</i></p> <p><i>“Mas dizia-te, as maiores dificuldades são, muitas vezes, dificuldades musicais. Como é lógico, são pessoas que mesmo a exploração da voz, nunca a fizeram enquanto crianças, enquanto adolescentes, enquanto jovens, mesmo enquanto adultos.”</i></p> <p><i>“Há ali alguns problemas que é difícil a gente controlar mesmo. E, às vezes, é preciso aguentar algumas coisas, algumas birras ou algumas... que em condições normais não irias fazer. Pronto, basicamente é isso.”</i></p>	<p>existir motivação, gosto em participar e sentir o Som da Rua, já é caminho andado para a consolidação de um trabalho sólido. Por sua vez, as mais difíceis são as musicais visto que estas pessoas não têm formação, nem qualquer tipo de exploração musical. Além disso, as dificuldades também são, em certos momentos, as birras ou as situações mais tensas que podem surgir em determinados contextos.</p>
<p>II. Relação com os participantes</p>		
<p>Tipo de relação que assume com os participantes</p>	<p><i>“Eu é uma relação de muita proximidade, tu já o viste. Eu quero que eles me sintam um tipo próximo e não, nunca, nunca, um professor que vai ensinar o que quer que seja (...).”</i></p>	<p>A relação que assume com os participantes é de muita proximidade. Apesar de ser o</p>

	<p><i>“A visão que eu tenho, aliás é uma visão transversal, não é por ser o Som da Rua, a visão que eu tenho de um formador da Casa da Música é muito no sentido da proximidade, de um lado, e da partilha, por outro. Quando eu falo da partilha, falo de tirar das pessoas o melhor que elas têm e, ao fim ao cabo, nós também darmos o melhor que nós temos para dar.”</i></p> <p><i>“(…) estou sempre mesmo muito disponível, obviamente por aí muito mais disponível do que se tivesse o papel de um indivíduo que está a ensaiar um coro ou que está a ensaiar um grupo qualquer. Estou sempre muito, mas muito disponível para incorporar as sugestões de toda a gente.”</i></p>	<p>diretor artístico do grupo, o entrevistado não faz questão de haver um tratamento diferente. Sente, inclusive, que esse deve ser o papel em qualquer projeto que orienta. É fundamental que nestes projetos haja um duplo trabalho: o tirar o melhor dos outros e dar o melhor de nós. De encontro aos próprios princípios do grupo, o entrevistado mostrou-se sempre disponível para ouvir e para receber sugestões dos membros.</p>
<p>Características comuns dos participantes</p>	<p><i>“Eu acho que a característica comum naqueles membros todos é de um vazio grande em termos... ou seja, a vida deles é, uma boa parte, preenchida pelo vazio. Seja o vazio de quem não tem uma família, seja o vazio de quem não tem uma casa, seja o vazio de quem tem fome, não</i></p>	<p>Sem grandes dúvidas, o entrevistado afirma que o vazio deles é a característica comum mais vincada. Esse é um</p>

	<p><i>é? E esse é o grande ponto comum, ou seja, quem vai ali, vai também em busca de um... de algo que possa atenuar ou aliviar esse vazio.”</i></p>	<p>vazio complexo: vai desde a fome, ao afeto, à casa e à família. É esse vazio que os leva a procurar algo que o possa atenuar.</p>
<p>Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social</p>	<p><i>“A maior dificuldade é mesmo essa: essa instabilidade, essa incapacidade que eles têm, muitas vezes, de gerir a sua própria vida e de eles próprios encontrarem motivos de se motivarem para uma coisa destas.”</i></p> <p><i>“Há outros motivos que eu sei identificar e que tem a ver com... tem a ver com o facto de muitos dos projetos onde eles estavam envolvidos terminaram, portanto, não têm esses projetos que os levavam lá, os técnicos é que os levavam lá. Deixaram de ter essa retaguarda e esse apoio.”</i></p>	<p>A instabilidade dos indivíduos é uma das dificuldades mais latentes nesse trabalho. Essa resulta numa incapacidade de gerir a sua vida e encontrar motivação para projetos que os desafiem e os faça mudar. Além disso, quando os projetos em que estão envolvidos terminam e os técnicos deixam de conseguir acompanhar, perde-se o apoio que os encaminhava, em muitos casos, aos ensaios e atuações.</p>

<p>Modo como ultrapassam as dificuldades</p>	<p><i>“Aí eu tenho mesmo de realçar muito o papel dos técnicos. Os técnicos são, muitas vezes eles, que mantêm vivo o interesse e que os levam, e que os envolvem (...)”</i></p> <p><i>“Ou seja, mais uma vez, volto à questão que colocaste antes: tentamos, o máximo, que as pessoas se sintam integradas e que sintam aquilo como delas. Agora, às vezes é um bocadinho difícil tu conseguires, também, agradar a todos e sobretudo, mais uma vez, quando essas pessoas estão sob efeito disto ou daquilo. Tens muito mais dificuldade em entrar nelas e as conquistar.”</i></p>	<p>Os técnicos são essenciais para ultrapassar as dificuldades que vão surgindo ao longo do tempo. Parte do envolvimento e do interesse dos membros é potenciado pelos técnicos que os acompanham. Mas também, parte da integração no grupo. É fundamental garantir que se sintam integradas e que o grupo é delas. Apesar das dificuldades em lidar com certas situações, esta é uma questão fulcral.</p>
<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p><i>“Eu acho que a motivação de muitos deles... hmm... advém de algum vazio. Portanto, tens... tens um vazio, não é? E portanto, esta... esta... o estar presente num projeto destes, num projeto artístico, não apenas no Som da Rua, mas é, muitas vezes, uma forma de colmatar esse vazio.”</i></p>	<p>Ainda se conseguem identificar algumas motivações: desde a necessidade de preenchimento do vazio que existe na vida destas pessoas;</p>

	<p><i>De preencher, de atenuar até a dor que esse vazio provoca. E depois tem esse lado também muito engraçado que é o do próprio desafio, não é? De fazerem coisas onde possam ser reconhecidos. E o Som da Rua, neste momento, não é sequer um daqueles projetos que ninguém sabe o que vai dar. O Som da Rua já tem um percurso, já tem mais de 40 espetáculos, apresentações... Portanto, tudo isso acaba por ser muito interessante para as pessoas que também estão ali. Acabam por se sentir tratadas como aquilo que na realidade são, que é como pessoas (...)</i></p> <p><i>“Deixa-me só dizer-te que, mais do que uma vez neste projeto e mais do que várias vezes em muitos projetos que já tenho feito, as pessoas me dizem que a quarta-feira, neste caso, é o dia mais importante da semana. Isto é bom de ouvir, mas ao mesmo tempo é mau porque tu percebes que um simples ensaio que para ti é só mais uma das coisas que tens de fazer, é tão importante na vida dos outros, é tão estrutural na sua própria noção de tempo e de semana e daquilo que mais gozo lhe dá. E, portanto, isso é também uma demonstração de motivação. E... isso é o melhor que tu tens.”</i></p>	<p>a passar pelo desafio que um projeto como o Som da Rua coloca; o reconhecimento pela participação e o sentimento que prolifera em cada um por se sentirem integrados e parte de um grupo, de uma comunidade. O facto do dia do ensaio – a quarta-feira à tarde – ser um dia estrutural na vida destes indivíduos, como eles próprios o admitiram ao entrevistado, mostra a importância que o grupo tem para eles e o interesse que lhes suscita.</p>
--	---	---

<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p><i>“Olha, eu tenho... eu tenho na primeira pessoa, portanto, contado na primeira pessoa, contada por eles... hmm... a noção que isto mudou algumas vidas. Mudou algumas pessoas. Isso para mim é logo importantíssimo.”</i></p> <p><i>“As pessoas, seguramente, se o Som da Rua não lhes fizesse bem, não estavam lá. E continuam a estar, continuam a colaborar e percebes que é uma das coisas importantes na vida delas.”</i></p>	<p>O entrevistado acredita que o Som da Rua muda a vida de algumas destas pessoas. Cada caso é um caso, mas além dos testemunhos de alguns deles, é notório que se o projeto não tivesse algum impacto, muitos já não estariam ali.</p>
<p>Regressão em casos de abandono do grupo</p>	<p><i>“Mais uma vez, acho que os técnicos poder-te-ão dizer isso, ou seja, o efeito negativo de sair do grupo. Eu acho que daqueles que saíram ou daqueles com quem me cruzei já depois... hmm... das duas umas: ou o grupo também não lhes dizia muito ou... bom, não é das duas umas, há muitas hipóteses. Uma: deixaram de ter hipótese porque os técnicos não os acompanharam e, portanto, não têm essa capacidade de autonomia até de ir ao ensaio. Segundo, porque acontece, há pessoas a quem aquilo já não diz tanto.”</i></p> <p><i>“Mas nunca percebi que algum tenha saído dali... hmm... digamos, em rutura com o projeto e que isso tenha tido um</i></p>	<p>Além de não saber com precisão uma resposta, a verdade é que não considera que a saída do grupo, em alguns casos que acompanhou, tenha sido por rutura com o Som da Rua. Os motivos de saída, até ao momento, prendem-se com a impossibilidade de acompanhamento dos técnicos, o que limita a presença de</p>

	<p><i>efeito nefasto nele. Sei que alguns dos que deixaram de ir pelo facto de estarem... pelo facto, sobretudo, de estarem limitados porque os técnicos não vão, ficaram muito tristes. Mas não te sei dizer muito mais do que isso.”</i></p>	<p>alguns deles ou, por outro lado, o facto do interesse diminuir e o grupo não lhes dizer tanto como no início. Estes são motivos de saída do grupo, mas não consegue expressar com certeza os efeitos dessa saída.</p>
<p>III. Relação com a comunidade</p>		
<p>Apoios externos/ contactos</p>	<p><i>“(…) o projeto é pago, é suportado na totalidade pelo Serviço Educativo da Casa da Música. Temos uma parceria com a Liga para a Inclusão Social, que é uma liga que existe de organizações que estão... que trabalham com populações em risco ou em franjas de exclusão.”</i></p> <p><i>“Temos apenas e só um interlocutor que está a contactar 20 e 30 instituições diferentes ou até mesmo individuais.”</i></p>	<p>O Som da Rua é suportado pelo Serviço Educativo da Casa da Música, sendo que contam com uma parceria com a Liga para a Inclusão Social. Existe um interlocutor da Liga para a Inclusão Social que articula com o Serviço Educativo e que, por sua vez, passa ao contacto com as</p>

		restantes instituições envolvidas no projeto.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	“(…) exatamente por reconhecermos a nossa incompetência nessa área (...) todo esse reconhecimento é feito pelos técnicos e pelas instituições. Por isso é que nós estamos a trabalhar diretamente com as instituições e elas trazem os músicos. Nós não o fazemos.”	Apesar de num primeiro momento ainda ter tentado o contacto direto na rua com os sem-abrigo, rapidamente percebeu que essa não era a medida certa. Assim, esse papel é dos técnicos associados às instituições que colaboram com o Som da Rua. Estes identificam os utentes e encaminham para os ensaios do grupo.
Identidade pessoal e comunitária	“Eu espero que sim. (...) Um sorriso, tu não consegues medir, uma boa disposição tu não consegues medir, um empenho tu não consegues medir, a predisposição de estar aqui...” “Elas estão ciosas das suas coisas e, portanto, também são cioso... são ciosas do que é o Som da Rua, não é? E tratam-no bem, tratam-no com carinho, como nós tratamos quem gosta de nós, como nós	Estes são indicadores difíceis de medir, mas acredita que os utentes encaram o Som da Rua com o valor que ele tem e, como tal, tratam-no da melhor forma. Elas sentem o Som

	<i>tratamos aqueles que nos merecem. É esse tipo de tratamento. Sinais de que as pessoas o sentem assim e, no fundo, sentem quase o Som da Rua como uma nova comunidade que elas fazem parte e uma família que elas fazem parte.”</i>	da Rua e sentem que aqueles são uma comunidade e uma família, inclusive, da qual fazem parte.
IV. Cenários futuros		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<p><i>“E o que eu digo é que, num mundo utópico, não é? Adoraria chegar à conclusão de que o projeto Som da Rua não faz sentido. Porque se é um projeto pensado para pessoas que estão em situação de fragilidade, se daqui a 10 anos não houvesse ninguém assim, o projeto pura e simplesmente extinguiu-se e isso era fantástico. Infelizmente eu sei que isso não vai ser assim.”</i></p> <p><i>“E portanto, o que eu acho... hmm... o que eu acho, sinceramente, é que este projeto, se continuar a poder ter o apoio da Casa da Música, se continuar a ser entendido pelas instituições como está a ser entendido pode, inclusivamente, aumentar. Porque, infelizmente, a população não diminui porque, infelizmente, ainda há muita gente que está fora do Som da Rua e, portanto, é um projeto que pode aumentar.”</i></p> <p><i>“(…) porque eu acho que havendo, quer</i></p>	<p>Num mundo utópico, o projeto não iria existir daqui a 10 anos. Vocacionado para população fragilizada, se não houvesse casos assim a longo prazo, o Som da Rua e os seus objetivos deixariam de fazer sentido. Porém, como isso não vai acontecer, o entrevistado considera que o projeto pode aumentar se o apoio da Casa da Música se mantiver. A população em risco</p>

	<p><i>dizer, haverá território para se fazer isto se houver instituições ou outros organismos interessados em apoiar ou, até, a criar Sons da Rua noutras zonas, nomeadamente em Lisboa. Terá uma população maior até do que a nossa. Hmm... acho que estamos mais que preparados, por um lado, para partilhar a nossa experiência e, por outro, para ajudar a formar pessoas para fazerem este trabalho, não é? Portanto, eu acho que há e infelizmente, um grande ainda... uma grande margem de progressão e de crescimento.”</i></p>	<p>de exclusão não diminui, pelo contrário, daí que considera que o grupo possa aumentar e, eventualmente, expandir-se a outras regiões.</p>
<p>Sugestões para o grupo</p>	<p><i>“As sugestões artísticas passam agora por se calhar uma descoberta de um reportório um bocadinho diferente e um bocado novo. E porquê? Porque, efetivamente, nós começamos isto há seis anos, estamos um bocadinho cristalizados nesta ideia de Porto (...)”</i></p> <p><i>“É o fio condutor do grupo. É, exatamente. Sobre o Porto, não é? E se calhar vai haver uma altura em que vamos ter de quebrar isso. Já começa a haver algum material que não fala tanto disso... hmm... mas, mas o que eu acho é que o caminho poderá passar e foi uma das coisas que já em passou também pela cabeça, poderá passar por uma espécie de</i></p>	<p>As sugestões que propõe são a nível artístico. A ideia de Porto que iniciou o caminho do grupo deverá ser redefinida. Não significa deixar essa identidade, mas criar algo que não seja mediante essa linha de pensamento. Está a ser assim há seis anos e é altura de refrescar o reportório musical</p>

	<i>teatro musical, uma espécie de ópera, percebes? Em que aquela gente conte uma história do principio ao fim e não ser apenas uma... um projeto de canções que são autónomas. Isso... isso levar-nos-ia a trabalhar outras coisas, como a própria... o próprio lado dramático, a própria postura em palco, a movimentação, isso pode ser uma coisa muito interessante.”</i>	do grupo. Outra sugestão passa pela realização de um teatro musical, em que os utentes são parte integrante e contam as suas histórias. Esse seria um trabalho mais dinâmico, com várias ferramentas a serem trabalhadas.
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“A minha? 47.”</i>	
Sexo	<i>“Masculino.”</i>	
Local de residência	<i>“Porto.”</i>	
Estado civil	<i>“Hmm... sou casado.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“Eu tenho duas licenciaturas: uma na área da música e outra na área da informática. (...) A informática de gestão, se quiseres... até porque é da área da informática e da área da economia também. E a da música é da área da composição.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“(...) coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música.”</i>	

Anexo 20. Grelha de análise de entrevista: Cristina Pinto

Local da entrevista: Associação Albergues Nocturnos do Porto – Rua dos Mártires da Liberdade, nº 237		
Data: 1/03/2016		
Hora de início: 15h34m		Hora de término: 16h58h
Duração: 1h24m		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<i>“Isto é um protocolo com o Serviço Educativo da Casa da Música, compreendes? E então, todas as instituições que fazem parte da Liga para a Inclusão, usufruem desta atividade.”</i>	Integra o grupo por fatores institucionais. Uma vez que a associação onde exerce profissão pertence à Liga para a Inclusão Social e a participação no Som da Rua é um eixo de integração, a sua entrada no grupo advém desse protocolo.
Data de entrada	<i>“Olha, como eu te disse, é assim... eu creio que eu entrei para cá em 2012 e... quase sei de certeza que eles já participavam (...)”</i>	Data a sua entrada na instituição em 2012 e acompanha a partir daí. Afirma que a instituição já frequentava antes da sua entrada.

<p>Função que desempenha no grupo</p>	<p><i>“Eu sou monitora. Faço o acompanhamento às atividades dos utentes e, neste caso, inclusive o Som da Rua.”</i></p>	<p>É monitora e a sua função é o acompanhamento dos utentes às atividades.</p>
<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“Os objetivos? Olha, eu vejo muitas mais-valias nesta atividade. Porquê? Desde a responsabilização de cada um, percebes? Que é assim, eles têm hábitos e rotinas muito desregrados e então o ter a regra de à quarta-feira, nem é regra é compromisso, em saber que às 13h30 temos de nos juntar todos (...)”</i></p> <p><i>«Cada pessoa... cada utente é um utente. Hmm... têm uma consulta ou... têm já a preocupação de nos vir avisar e dizer assim “olha eu hoje não vou poder ir ao ensaio porque tenho algo a fazer”, percebes? Há já esta preocupação e isso é muito positivo.»</i></p> <p><i>“Depois, é assim, o acompanhamento que nós fazemos é totalmente é... por exemplo, é diferente do que os utentes têm em gabinete do exterior. Consegues vê-los mais soltos, consegues conhece-los muito melhor.”</i></p> <p><i>“Posteriormente a isso, o facto de eles poderem usufruir de profissionais ligados à música como o Jorge Prendas, o Peixe e saberem quem são, cada um deles,</i></p>	<p>Os objetivos que reconhece no Som da Rua são vastos e cruzam-se em diversos pontos. Desde a questão das competências básicas, dos hábitos, rotinas, regras e, acima de tudo, compromisso. Criase ali uma responsabilidade que os afeta no seu dia a dia. Nota, nos seus utentes, que surge uma preocupação em avisar quando a presença no ensaio fica limitada devido a outros compromissos. Ademais, a questão do acompanhamento</p>

	<p>percebes?”</p> <p>“Ali não é... feito... não é alguém a tocar ali uma violinha. São pessoas experientes na área e poderem usufruir desse... dessa partilha de conhecimento porque estamos ali a fazer música. O que acontece... dentro... lá dentro é engraçado. Porquê? Porque já trabalha outras coisas. Trabalha a memória, a atenção, o respeito, o teres outra pessoa que não nós, nós estamos a fazer o acompanhamento, como é óbvio, e estamos sempre em modo alerta, não é?”</p> <p>“Mas é engraçado alguém que chega e eles terem o cuidado de puxar uma cadeira para alguém se sentar. São pormenores pequeninos, mas que se estivermos alerta, acho que já fazem aí alguma diferença.”</p> <p>“A música é terapêutica. Sem dúvida. Mesmo também, por exemplo, o bater... aquelas músicas do bater do garrafão... há ali uma descompressão. É aquele momento em que nada, nenhum problema do dia a dia que eles vivem e vivenciam, ali parece que parou agora (...)”</p> <p>«Trabalha-te os sentidos todos. A audição no “ouça: tum tum tum”, percebes? Essas coisas são tão... tão importantes que eles vão fazendo assim e nota-se... e eu vou,</p>	<p>musical por nomes reconhecidos no campo. Os participantes sabem e reconhecem a importância de estarem num grupo constituído por profissionais.</p> <p>Afirma que o trajeto que fazem com os utentes para o ensaio abre portas para conhecerem, em profundidade, cada um deles. O trabalho interno é fulcral, mas é no externo que eles se soltam e transmitem novas mensagens e disposições. Os objetivos do Som da Rua ainda passam por um trabalho de memória, de atenção, de respeito. Pequenos pormenores começam a</p>
--	--	--

	<p><i>em alguns, vou verificando que a capacidade de memória das músicas e tudo vai aumentando significativamente e que isto se reflete no dia a dia deles. Por exemplo “olhe no dia x, mês tal, vai ter algo... consulta, seja o que for”. E eles já conseguem, aí, fazer este passo de decorar e de responsabilização, acima de tudo, percebes? Hmm... é terapêutico. É uma atividade terapêutica fantástica. E depois tem a parte de não fazermos só os ensaios, mas as saídas. A interação. O público... com público... quando nós vimos embora, o feedback deles é muito positivo, muito positivo. Ter o privilégio de pisar um palco que muitos músicos... por exemplo, agora este da Casa da Música que fomos atuar. Ter esse privilégio, percebes? Fá-los sentir pessoas e isso é que é importante.»</i></p> <p><i>“É assim, o trabalho da relação interpessoal também é importante. Não há aqui barreiras. Estamos todos para o mesmo e sentes-te parte integrante de um grupo. A pertença. Isso é muito importante. Porque, por exemplo, o estar numa instituição... eles estão cá, um mini-grupo. Mas fazeres parte integrante de um grupo Som da Rua com algo já... e assim tudo... o reconhecimento, percebes? Eu</i></p>	<p>emancipar e nota-se a (re)aprendizagem que é desejada nesse processo de reeducação. A música, diz, é terapêutica. As batidas, o trabalho com os instrumentos, as melodias, tudo isso potencia o trabalho sensorial. Nada fica esquecido. Há, inclusive, uma descompressão. Esquecem-se os problemas e as dificuldades diárias quando a música começa, todas as quartas, ao início da tarde. Todo este processo tem repercussões na própria pessoa. A responsabilidade assumida com esse simples compromisso,</p>
--	--	---

	<p><i>faço parte do Som da Rua. Aquele sentimento de pertença e de algo que é muito bom e que as pessoas estão recetivas. É muito positivo.”</i></p>	<p>trespassa para várias dimensões da sua vida. Já há cuidados que outrora não existiam. Além disso, o <i>feedback</i> do público nos espetáculos e atuações, permite um reconhecimento de tudo o que é feito e faz com que se sintam importantes. É necessário esse sentimento. De mãos dadas, anda o sentimento de pertença. Não obstante já estarem integrados num “mini-grupo”, como designa, a integração no Som da Rua despoleta o sentimento de pertença comunitária. Estão todos no mesmo espaço, com as suas diferenças, mas com</p>
--	--	---

		o mesmo objetivo.
Particularidades mais acessíveis e mais difíceis	<p><i>“Olha nada é difícil se nós nos propusermos a querer. É assim acontece situações pontuais, mas nada que não haja contorno para.”</i></p> <p><i>“Neste caso é assim, nós não temos nenhuma dificuldade a nível de horários... portanto, conseguimos gerir nós, enquanto instituição, gerir os horários dos nossos utentes (...).”</i></p> <p><i>“Para mim, para mim, não há dificuldades porque elas trabalham muito bem, percebes? Asseguram tudo, asseguram completamente tudo. E tornamos mais fácil.”</i></p>	<p>Não vê grandes dificuldades.</p> <p>Considera que quem coordena o grupo está a fazer um trabalho notável e, apesar das dificuldades sobretudo a nível logístico, tudo se coaduna da melhor forma possível.</p>
II. Relação com os participantes		
Tipo de relação que assume com os participantes	<p><i>“Olha, é uma relação profissional, acima de tudo. Acredita que é assim, vou tendo mais proximidade com cada um que participam nas atividades... a tal situação que ao início te falava. Sinto-me uma privilegiada por ir com eles. Mesmo. A nível de relação é muito produtivo. Porquê? Porque isso também nos permite trabalhar questões internas da nossa instituição e cada vez melhorarmos mais, não é?”</i></p> <p><i>“Mas acabo por ter uma relação profissional muito privilegiada, muito</i></p>	<p>Afirma que é uma privilegiada. Apesar de ser uma relação profissional entre técnica e utente, a verdade é que o acompanhamento contínuo possibilita uma aproximação com cada um deles.</p>

	<i>privilegiada.”</i>	
Características comuns dos participantes	<p><i>“Para já, tem de haver uma característica comum entre todos que é o gostarem de música.”</i></p> <p><i>“Hmm... eles até são assim um bocadinho diversificados. Cada um tem particularidades muito diferentes. A nível de, por exemplo, histórias de vida (pausa) adições nem tanto. Agora estou aqui a tentar fazer um... visualizar todos os que vão ao Som da Rua.”</i></p> <p><i>“E, é assim, a característica universal é mesmo gostarem de música. E a partir daí cada um bebe aquilo de que melhor para si capta.”</i></p>	<p>Considera que o gosto musical é, sem dúvida, a característica mais comum entre todos. Haverão outras, mas cada um tem as suas particularidades e é um grupo heterogéneo, daí que não consiga verbalizar muitas mais. As histórias de vida são, em certo ponto, comuns a alguns deles.</p>
Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social	<p><i>“A maior dificuldade sabes qual é? É quando os técnicos querem muito e a própria pessoa não está motivada para. Essa é a maior dificuldade. Tudo o resto é muito contornável.”</i></p>	<p>A falta de motivação para a atividade é a maior dificuldade, uma vez que é complicado – e por vezes, impossível - alterar isso.</p>
Modo como ultrapassam as dificuldades	<p><i>“Olha, às vezes, é o tempo. Não é o chegar, ver e vencer. Infelizmente. É o chegar, observar, analisar, experimentar e experimentar (...)”</i></p>	<p>O tempo, nestes casos, é a melhor forma de contornar as dificuldades. Há</p>

	<p><i>“Não há aqui grande... agora, temos de respeitar o timing de cada um e se investir, continuar sempre a investir, percebes? E se há um desvio, então esperamos que essa pessoa retorne novamente. Pronto, mas também é a própria pessoa que tem de ultrapassar a própria dificuldade, não é?”</i></p>	<p>que, salienta, respeitar o <i>timing</i> de cada um e deixar que seja a própria pessoa a resolver (ou a tentar contornar) o seu próprio problema.</p>
<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p><i>“Querem algo diferente, sabes? Terem a possibilidade de estarem incluídos.”</i></p> <p><i>“Sentem-se confortáveis. O sentido de conforto, de sentir confortáveis, num espaço com pessoas totalmente diferentes mas todos com um objetivo comum. E depois há esta coisa importante, que é assim, não estamos ali só por estar, mas acima de tudo, quando se faz música, há a preocupação de se fazer bem. E eles sentem isso. E, ou seja, alguém que está a puxar por mim para dar o melhor de mim, acredita em mim e eu pertença aqui. Sinto-me confortável com isso.”</i></p>	<p>A motivação que leva os participantes à procura de projetos como o Som da Rua é a necessidade de se sentirem incluídos, de pertencerem a algo. Além disso, é o sentimento de conforto. Sabem que estão todos para o mesmo e que é algo sério e trabalhado. Logo se outros estão e querem fazer bem, eles também o farão.</p>
<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p><i>“Se teve um impacto direto? Sim, claro que sim. E volto, outra vez, a falar da situação logo no início que tu pediste. Este impacto, este impacto é a responsabilização, percebes?”</i></p>	<p>Considera que o projeto tem impacto na vida destes indivíduos e isso é notório em</p>

	<p><i>“O sentido de compromisso que, às vezes, são estas atividades como o Som da Rua que faz despoletar estas coisas. É o tal médio-longo prazo que, às vezes não é no curto prazo, é no médio-longo prazo que vai despoletar aqui... e realmente, isto vale a pena.”</i></p> <p><i>“Não há nada que aqui se diga que funciona como fator menos positivo. Até... até te digo... funciona como fator também de prevenção. Porque é assim, eles não terem atividades ou não estarem incluídos em atividades, é fator de risco, não é? E isto funciona como prevenção, não é?”</i></p>	<p>pormenores como a responsabilidade e a assunção de um compromisso. Só isto já é, <i>per si</i>, fruto do impacto que o Som da Rua teve nestas pessoas. São mudanças que marcam a médio-longo prazo. Chama a atenção para o facto do projeto funcionar, ainda, como prevenção. A inclusão nestas atividades faz com que o risco em cair novamente no desvio seja mais pequena, a partir do momento em que estão distraídos e a fazer algo.</p>
<p>Regressão em casos de abandono do grupo</p>	<p><i>“Às tantas é porque não estão no tempo certo deles. Possivelmente.”</i></p> <p><i>“E na realidade, se há alguma desistência de alguma atividade e, por exemplo, o Som da Rua, também vamos verificar que no contínuo de outras responsabilidades</i></p>	<p>Sente que a desistência da atividade pode demonstrar que a pessoa ainda não estava pronta para</p>

	<p><i>que a pessoa tem, acaba por haver falhas. Isto acaba por ser, a desistência no Som da Rua não tem a ver com a atividade em si, tem a ver com a pessoa em si.”</i></p>	<p>tal. Diz, daí, que não estava no tempo certo. Noutros casos, a causa é a própria pessoa. Algo externo pode estar a correr mal e a desistência de uma atividade pode repercutir na falha de outras responsabilidades.</p>
<p>III. Relação com a comunidade</p>		
<p>Apoios externos/ contactos</p>	<p><i>“Não te sei responder a isso.” “Porque esse tipo de protocolos não passa pelo meu domínio.”</i></p>	<p>Não tem fundamento para responder com precisão à questão. Diz que quem coordena o saberá melhor.</p>
<p>Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem- abrigo</p>	<p><i>“Então eu vou-te explicar as fases para entrar cá. O gestor de processo, cada utente tem de ter um gestor de processo, e uma assistente social e que faz o contacto para cá. Faz o contacto para cá, com a nossa assistente social, e eventualmente se nós tivermos vaga, a pessoa integra. Dentro dos nossos parâmetros.” “Nesse sentido, acolhemos a pessoas,</i></p>	<p>A integração na instituição, primeiro, parte de um processo que engloba outros profissionais. O utente é encaminhado para a instituição se tiver</p>

	<p><i>explicamos as regras da casa... porque aqui tem de ser tudo com regras, sim.”</i></p> <p><i>“Não, temos de dar informação ao seu gestor e, por exemplo, após esta avaliação e diagnóstico por parte das colegas – assistente social e psicóloga – é proposto e mediante o interesse do utente, é proposto as atividades e a integração do Som da Rua é... e a pessoa acompanha. Mas para isso, há prévia autorização do gestor do processo para integração em atividades.”</i></p>	<p>vaga e, posteriormente, é proposta a participação na atividade. Se o utente tiver interesse em experimentar, assim o faz. A decisão de participação cabe ao próprio. É necessário obter luz verde do gestor de processo antes de levar o utente aos ensaios. Além do mais, apenas se encaminham aqueles que iriam beneficiar da participação.</p>
<p>Identidade pessoal e comunitária</p>	<p><i>“Sim, claro que sim. Têm possibilidade de conhecer outras coisas. Sem dúvida, sem dúvida.”</i></p> <p><i>“É um reconhecimento da minha dedicação e empenho. Porque ao fim ao cabo é assim, num sentido assim muito... mas eles são músicos, não é? São músicos da própria vida, são músicos da própria vida deles. E vão ali beber qualquer coisa como já te disse. Há um... o Som da Rua</i></p>	<p>Afirma que o Som da Rua potencia a criação de uma identidade comunitária. Para aqueles que, possivelmente, nunca estiveram incluídos, participar em algo e serem</p>

	<i>causa impacto na comunidade. E eles são conhecidos por isso.”</i>	reconhecidos por isso, facilita a integração e a inclusão.
IV. Cenários futuros		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<p><i>“Olha espero ver a mesma dedicação dos técnicos porque, de momento, são sempre os mesmos. Queria ver mais técnicos envolvidos, sabes? Quero ver os músicos com a mesma dedicação que têm.”</i></p> <p><i>“Quero ver o empenho e a mesma alegria com que se vai, com que se trabalha e com que se está. E... e olha... daqui a 10 anos, espero rever pessoas que integraram o grupo e que por algum motivo, muito positivo, saíram e que estejam bem na vida e nos façam visitas.”</i></p> <p><i>“Mas gostava de ver daqui a 10 anos, as pessoas que estão lá com outra perspectiva... noutra status de vida, digamos assim.”</i></p>	<p>Espera que daqui a 10 anos, os membros do Som da Rua continuem ativos, com a mesma alegria e empenho com que hoje estão. Gostava, ainda, de ver os técnicos mais envolvidos porque acredita que isso cria uma diferença nos participantes. Para esses últimos, imagina-os a visitar o grupo, mas numa condição social distinta da atual.</p>
Sugestões para o grupo	<p><i>“Tem que haver um maior comprometimento da assiduidade.”</i></p> <p><i>“Também vai dos técnicos... criar a motivação para... Lá está, os nossos utentes só vão às saídas se nós formos. Se não formos, não vão.”</i></p>	<p>Para sugestões propõe uma responsabilidade mais assertiva com o compromisso de estar presente. Criar</p>

	<p><i>“Mas neste sentido, os técnicos estarem a motivar mais. Das próprias instituições que integram a Liga, motivar mais. Se estiverem mais presentes, se acompanharem, se fizerem estar com os utentes, é um fator de motivação. Mas esta é uma população instável. Não é fácil manter sempre o mesmo... a mesma linha.”</i></p>	<p>motivação para a participação que, acredita, passa um pouco pelos técnicos. Afirma que é fulcral a presença dos técnicos e o acompanhamento. Não só para gerir situações de risco que possam, eventualmente, ocorrer, mas para transmitir segurança aos utentes. Sabe que não é fácil mediar uma população instável, mas afirma que é um trabalho importante.</p>
<p>V. Caracterização sociodemográfica</p>		
Idade	“Tenho 37.”	
Sexo	“Feminino.”	
Local de residência	“Maia.”	
Estado civil	“União de facto.”	
Habilitações literárias e área de estudo	“Tenho licenciatura em psicopedagogia.”	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Condição perante o trabalho	<i>“Condição perante o trabalho? Ah, conta de outrem.”</i>	
-----------------------------	--	--

Anexo 21. Grelha de análise de entrevista: Anabela Leite

Local da entrevista: Casa da Música, Av. da Boavista 604-610, Porto		
Data: 07/03/2016		
Hora de início: 10h53m		Hora de término: 11h13m
Duração: 20m27s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. A criação do Serviço Educativo		
Ano de criação e impulsioneadores do Serviço Educativo	<i>“Eu não te sei responder porque eu não entrei no início. Eu entrei em 2005, em setembro de 2005 (...)”</i>	Tem alguma dificuldade em responder porque não pertence desde o início à equipa.
Ofertas do Serviço Educativo	<i>“Muita coisa. É assim eu acho que nós temos todo o tipo de atividades que podíamos ter: desde atividades de formação para profissionais, temos workshops, temos espetáculos, temos equipamentos que as pessoas podem visitar e interagir com eles livremente, temos projetos de maior duração ou de menor duração. Hmm... e depois temos atividades para todo o tipo de pessoas: desde bebés, crianças, adultos, idosos, não músicos, músicos, músicos amadores...”</i>	Assume um leque diversificado de atividades que além de se expandirem a vários públicos, desde crianças a idosos, músicos ou não músicos, contam com várias atividades que se adaptam à procura.
Data de entrada	<i>“Pois, foi posterior. Foi em setembro de 2005.”</i>	Não acompanha a equipa inicial., sendo que a sua

		entrada deu-se em setembro de 2005.
Função que desempenha	“Gestora de projetos.”	A sua função no Serviço Educativo é de gestão de projetos.
II. Os projetos do Serviço Educativo		
Apoios externos face a projetos da Casa da Música	<p><i>“O que acontece, geralmente, aqui na Casa é que a Casa pode até conseguir determinados patrocínios, mas os patrocínios ou o dinheiro que se consiga, entra, geralmente, para o valor da Casa e o dinheiro que existe é dividido. Há um orçamento para o Serviço Educativo e um orçamento para os outros departamentos. Agora, outro tipo de apoios, qualquer projeto que a gente desenvolva tem que ser sempre com parceria, quer dizer... qualquer projeto... sim, por exemplo, imagina o Som da Rua é desenvolvido em parceria com as instituições. Quer dizer, nós temos os músicos e o Jorge e as instituições trazem os utentes. Quer dizer, imagina que desenvolvemos projetos em prisões ou em outro tipo de instituições... nós entramos com uma parte, mas sozinhos também não conseguimos fazer nada. Acho que isso é um apoio, uma parceria, pronto.”</i></p>	A partir do momento em que há um trabalho com instituições, a parceria com as mesmas é sempre fator chave. Existem espetáculos que são somente da Casa da Música, como os concertos para bebés. No geral, os projetos do serviço Educativo, apesar de intrínsecos ao orçamento para o mesmo, têm sempre parcerias com instituições que auxiliam com apoios específicos. No caso do Som da Rua, são

		essas que garantem a presença dos utentes.
Caracterização dos projetos do Serviço Educativo	<i>“Eu acho que queremos sempre proporcionar uma experiência diferente, uma experiência musical de qualidade diferente e gratificante às pessoas.”</i>	Mesmo que certos projetos contem com outras especificidades, como o trabalho com indivíduos de contextos distintos, o principal elo em comum entre os projetos desenvolvidos pelo Serviço Educativo é a experiência musical e artística diferente, de qualidade e que seja positiva para quem integra.
Público-alvo	<i>“Não tem nenhum definido. Por exemplo, o Casa vai a Casa tanto fazemos com idosos, como com crianças, como com pessoas em contexto prisional, como hospitais... quer dizer, depende dos projetos.”</i> <i>“Tentamos misturar as pessoas ao máximo. Com músicos, com não músicos, com pessoas mais velhas, com pessoas</i>	Dependendo dos projetos com que se trabalha, o público-alvo do Serviço Educativo estende-se a todas as faixas etárias, a todos os contextos. O que se pretende, no geral, é

	<i>mais novas... E acho que, eu pessoalmente, acho que é mais interessante assim.”</i>	uma mistura de público, quer em situações sociais, idade, formação, entre outros. O que acaba por ir de encontro à intenção da Casa da Música.
Procura (por parte do públicos) nos projetos	« <i>Muitas vezes... eu acho que, às vezes, as pessoas vêm um bocadinho renitentes. Quando não conhecem o nosso trabalho, vêm assim e “olha pronto, vamos à primeira sessão e pronto, ver no que é que aquilo dá.”</i> » <i>“Nós também, geralmente, não contactamos as pessoas individualmente.”</i> <i>“E isso eu tenho quase a certeza que as pessoas vêm e depois querem continuar a vir. E quando os projetos acabam, as pessoas querem mais. Acho que isso é um bom sinal.”</i>	O contacto feito com instituições, numa primeira fase, ainda traz as pessoas um pouco renitentes por não conhecerem o trabalho ou não saber com o que contar. Porém, afirma, que depois da primeira sessão, voltam sempre a comparecer.
III. Som da Rua: o projeto musical		
Acompanhamento do projeto	<i>“Sim, desde o início.”</i>	Acompanha o grupo desde 2009.
Particularidades do Som da Rua enquanto projeto do Serviço Educativo	<i>“Olha em primeiro lugar, é a duração. Acho que é o projeto que nós temos... porque quase todos os outros, acho que quase todos os outros projetos que temos são de mais curta duração. Esse é o</i>	As particularidades do projeto são, sem dúvida, a durabilidade do mesmo. Criado em

	<p><i>projeto que temos há mais tempo, desde 2009.”</i></p> <p><i>“E acho que também é o facto de ser aberto a toda a gente. Toda a gente pode participar. Geralmente os outros projetos não são assim.”</i></p> <p><i>“Eu acho que o Som da Rua está aberto a toda a gente, existe há muitos anos, as pessoas sabem que é à quarta-feira no fim do almoço que os ensaios são naquele sítio. Acho que são estas duas coisas que o distingue dos outros projetos.”</i></p>	<p>2009, é um projeto que continua a crescer o que não aconteceu com mais nenhum projeto até à data. Além disso, enaltece o facto de ser aberto a todos. Os outros projetos têm sempre um público mais direcionado, sendo que o Som da Rua não. Qualquer pessoa pode participar livremente.</p>
<p>Momentos mais marcantes do projeto</p>	<p><i>“Olha é assim eu estou um bocadinho com um pé dentro e outro pé fora do projeto, como tu já reparaste. Eu não costumo ir aos ensaios, por isso dizer o que é que tem sido mais difícil gerir para mim é diferente porque eu, geralmente, não estou em contacto com as pessoas.”</i></p> <p><i>“Eu sei daquilo que vou falando com o Jorge... alguns momentos que foram mais difíceis gerir ali com as pessoas. Da minha parte, não há assim momentos difíceis de gerir.”</i></p> <p><i>“Eu diria que se calhar o primeiro</i></p>	<p>Uma vez que o trabalho que executa não é tão direto com os indivíduos do grupo, não consegue enumerar grandes dificuldades. Sabe que, no geral, há situações mais complicadas, mas que são externas ao trabalho que realiza. No que se refere aos</p>

	<p><i>concerto que eles fizeram aqui na Casa da Música, que foi uma participação no espetáculo... no Sonópolis, em 2010. Se calhar foi o momento marcante... foi a primeira vez que se apresentaram aqui para um público... sei lá, duas mil pessoas.”</i></p>	<p>momentos marcantes, afirma que o concerto no Sonópolis, em 2010, foi um desses momentos. Foi das primeiras grandes atuações, na Casa da Música, com um vasto público. Ademais, as saídas para locais mais distantes são também momentos marcantes por serem diferentes.</p>
<p>Motivos de continuação do projeto</p>	<p><i>“No caso do Som da Rua, está aberto a toda a gente. Eu acho que isso é... acho que é motivo mais que suficiente. Enquanto que os outros projetos é para desenvolver com esta instituição ou com aquela, não pode vir toda a gente, o Som da Rua está aberto a toda a gente, todas as instituições que queiram vir. E eu acho que esse é o principal motivo para durar tanto tempo.”</i></p>	<p>A durabilidade do projeto Som da Rua é indiscutível. Os projetos do Serviço Educativo duram, no geral, alguns meses. Após o fim, são iniciados novos projetos orientados para outras pessoas. O facto do projeto ser aberto a toda a gente, a todas as instituições, é o</p>

		motivo para que este dure.
Impacto (direto) do Som da Rua na vida dos utentes	<p><i>“Eu acho que tem impacto embora... quer dizer, nós vamos estar aqui... não há milagres na vida das pessoas. A vida das pessoas continua igual, as pessoas continuam a ter os mesmos problemas, se calhar continuam a não ter casa, a ser pessoas carenciadas a vários níveis. Acho que o projeto acrescenta uma experiência enriquecedora ali na vida das pessoas.”</i></p> <p><i>“Acho também que tem impacto a nível da autoestima das pessoas. Só o facto de... não sei... trabalhar em grupo, fazer um espetáculo que tem qualidade, apreciado pelo público, acho que isto ajuda a promover a autoestima das pessoas.”</i></p>	<p>O impacto existe, talvez em pequenas coisas. A questão de passar de uma vida não regrada, para a imposição de certas regras, comportamentos, trabalho em grupo pode ter impacto na vida destes indivíduos. No entanto, muitas coisas mantêm-se. O <i>feedback</i> dado pelo público, os concertos, o trabalho em grupo contribuem para o aumento da autoestima destas pessoas.</p>
IV. Cenários futuros do Som da Rua		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<p><i>“Gostava muito que o grupo tivesse mais reportório, fosse mais consistente, que as pessoas se mantivessem mais no grupo (...).”</i></p>	<p>Daqui a 10 anos gostava de ver o grupo mais estável, sobretudo que as</p>

		<p>peças se mantivessem. Aliado a isto, gostava de ver o grupo com maior reportório e com continuação de um trabalho de qualidade.</p>
Sugestões para o grupo	<p><i>“Não há assim nenhuma grande sugestão que eu acho que deva apresentar.”</i></p>	<p>Não tem sugestões a apresentar. Qualquer questão sobre o Som da Rua vai comentando com o Jorge Prendas, daí que não se recorde de nada a sugerir.</p>
<p>V. Caracterização sociodemográfica</p>		
Idade	<p><i>“A minha? 38.”</i></p>	
Sexo	<p><i>“Feminino.”</i></p>	
Local de residência	<p><i>“Porto.”</i></p>	
Estado civil	<p><i>“Solteira.”</i></p>	
Habilitações literárias e área de estudo	<p><i>“Mestrado em Psicologia da Música.”</i></p>	
Condição perante o trabalho	<p><i>“Condição? Aqui na Casa? Contrato... contrato sem termo.”</i></p>	

Anexo 22. Grelha de análise de entrevista: Milene Pinto

Local da entrevista: Associação Albergues Nocturnos do Porto – Rua dos Mártires da Liberdade, nº 237		
Data: 08/03/2016		
Hora de início: 14h29m		Hora de término: 14h59m
Duração: 30m09s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	<i>“Primeiro, porque faz parte aqui de uma atividade... de uma plataforma, não sei se assim se pode dizer... a Liga para a Inclusão.”</i> <i>“E no pino da música tem o Som da Rua, daí nós estarmos a integrar porque realmente, não sei se a partir do momento em que foi criado fez logo parte, mas é capaz de ter sido.”</i>	A parceria que existe com a Liga para a Inclusão Social e que a faz, em consequência, integrar algumas atividades, é o principal motivo para a participação no Som da Rua.
Data de entrada	<i>“A minha entrada? Posterior, posterior. Trabalho aqui vai fazer dois anos, ou seja, posterior... sim, posterior.”</i>	Integra o projeto desde que iniciou trabalho na associação (cerca de 2 anos).
Função que desempenha no grupo	<i>“Eu sou monitora. Basicamente o que faço é acompanha-los à atividade e também estar lá a participar.”</i>	É monitora e tem como principal função o acompanhamento dos utentes às atividades.

<p>Objetivos do Som da Rua</p>	<p><i>“Eu acho que o Som da Rua e todas as atividades que fazem parte deste pino para a inclusão... hmm... como o próprio nome diz, pretende-se incluir os utentes por atividades simples (...)”</i></p>	<p>As atividades que integram a Liga para a Inclusão Social têm um pendor inclusivo e de integração da população com quem trabalha. Assim, os objetivos do Som da Rua passam por isso mesmo: incluir aqueles que nele participam, mediante atividades simples.</p>
<p>Particularidades mais acessíveis e mais difíceis</p>	<p><i>“O que nós vemos é que é realmente complicado que eles consigam estar focados. Mas antes até de chegar à parte dos focados, é conseguir capta-los ao ponto de os levar até lá.”</i></p> <p><i>“(...) um ponto mais complicado será algumas letras que eles têm mais dificuldade em termo cognitivo e, além de decorar, o perceber realmente o que estão a cantar. Pronto, acho que as pessoas em termos de ensaio são realmente muito acessíveis. É realmente um trabalho muito bom e, acima de tudo, é esta... em momento de ensaio, de atuação,</i></p>	<p>Em termos de dificuldades, ressalva que a captação da atenção do utente em ir até à atividade é dos pontos mais complicados de gerir. Juntamente a isto, surge a dificuldade em garantir a concentração e o foco durante o</p>

	<p><i>conseguem colocar o utente, a pessoa que lá está, a sentir-se parte integrante e parte importante, naquele momento, naquela atuação e naquele grupo.”</i></p>	<p>tempo de ensaio. Também é de salientar que, em alguns casos, a compreensão da letra e a necessidade de decorar, são alguns entraves que surgem ao longo do tempo. A nível das particularidades mais acessíveis, fala do grupo em geral. É um bom grupo, com um bom trabalho desempenhado. Nos momentos de ensaio e de atuações, sente que os utentes se sentem incluídos e parte integrante.</p>
<p>II. Relação com os participantes</p>		
<p>Tipo de relação que assume com os participantes</p>	<p><i>“(…) é normal que aqueles utentes que são mais certos nas atividades, nós vamos criando uma relação mais próxima até porque eles vão ganhando mais confiança connosco e têm esta necessidade de vir falar, de contar, não sei quê. E acaba por</i></p>	<p>A relação é de técnica/utente. Assume que é uma relação profissional, mas que se cria uma certa proximidade a</p>

	<p><i>haver... criar aqui uma relação quase de confiante que também é importante numa relação técnico/utente... é importante esta confiança. Mas acima de tudo, e em termos até de ensaio, acima de tudo, eu acho que me sinto uma deles.”</i></p>	<p>partir do momento em que o acompanhamento nas atividades é constante. Os utentes sentem, inclusive, necessidade de ter essa base de confiança e de apoio. No Som da Rua diz que é uma deles. Não há separação, não há barreira. A relação profissional não deixa de existir, mas há uma participação igualitária na atividade.</p>
<p>Características comuns dos participantes</p>	<p><i>“Acho que a faixa etária é uma característica comum.”</i></p> <p><i>“E no caso do Som da Rua, tirando a questão das letras e assim, acho que é uma atividade bastante acessível e daí o grupo, neste caso as pessoas que nós levamos, não posso falar do grupo em geral, não tenho conhecimento assim tão alargado... mas acho que as pessoas que nós levamos têm estas dificuldades de</i></p>	<p>A entrevistada salienta a idade como característica comum nos participantes do grupo. Diz que jovens entre 18 e os 25 anos não são tão comuns no grupo como indivíduos</p>

	<p><i>estarem inseridas em atividades mais complexas como a procura ativa de emprego... são pessoas que dificilmente se inserirão... serão inseridas em mercado de trabalho. Isso aí são pessoas que já têm uma faixa etária mais elevada ou quando não têm essa faixa etária mais elevada, têm algum problema a nível psiquiátrico ou por aí. Ou alguma debilidade física.”</i></p>	<p>mais velhos. Baseia-se, pelo menos, nos utentes que acompanha. Considera que no caso do Som da Rua, as pessoas que participam na atividade têm alguma dificuldade de inserção laboral ou, por outro lado, alguma limitação física ou cognitiva.</p>
<p>Principais dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social</p>	<p><i>“(...) como eu te disse, já aqui muito atrás, a motivação é algo que nós temos de trabalhar, não é hoje, é sempre.”</i></p> <p><i>“Basicamente é isto, é esta a nossa luta diária, um patamar mais acima, trabalhar esta motivação para, um objetivo para.”</i></p> <p><i>“(...) depois temos de trabalhar outro tipo de questões, mais básicas, se calhar algumas pessoas não têm noção, mas são pessoas que estiveram muito tempo na rua e que agora inserem aqui uma... uma estrutura, não é? E não têm nenhum tipo de regra, não estão habituados a tomar banho, não estão habituados a ter horários para nada, ter regras para nada e chegam aqui e é assim: tens horas para</i></p>	<p>As principais dificuldades que surgem ao trabalhar com indivíduos com percursos marcados pela exclusão são: por um lado, a motivação e, por outro, a criação de rotina e de hábitos que, por norma, estão intrínsecos à pessoa. A motivação, tal como afirma, tem de ser trabalhada</p>

	<p><i>levantar, tens horas para almoçar, não podes fazer consumos cá dentro, não podes isto, não podes fazer aquilo. E eles terem de assimilar isto tudo.”</i></p>	<p>diariamente com estes indivíduos visto que há uma fluência de ideias constante. Ademais, há que estabelecer novas regras e rotinas, uma tarefa que não é fácil para indivíduos que viveram, por tempo incerto, sem qualquer tipo de regras.</p>
<p>Modo como ultrapassam as dificuldades</p>	<p><i>“Mas vamos tentando trabalhar em equipa, discutindo os casos, porque, lá está, nós fazemos este acompanhamento das atividades, mas não é este acompanhamento de atividades só por acompanhar. Nós estamos ali a analisar algum tipo de interação, algum tipo de conflito, para depois chegarmos cá e discutirmos alguns casos, ver se é pertinente o utente continuar naquela atividade (...)”</i></p>	<p>O trabalho em equipa é fundamental para ultrapassar as barreiras que se levantam ao longo do tempo. O acompanhamento é essencial porque permite uma análise de comportamentos, interação, conflitos que vão ser discutidos por todos os profissionais que seguem o utente.</p>

<p>Motivação dos indivíduos ao procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p>«Eu acho que, sinceramente, são projetos que, de alguma forma, é óbvio que não te vai dar recompensa em termos monetários, mas vai dar-te uma recompensa em... ele está ali a tocar e o Jorge diz “eh, muito bem, muito bem!” e se calhar, para nós, às vezes é banal, mas para pessoas fragilizadas e que já passaram por tanta coisa, às vezes esta coisa do “oh doutora, o Jorge Prendas disse que eu estive muito bem”. Estas pequenas coisas que ao início nos passam ao lado, para eles faz todo o sentido. Este reconhecimento, esta coisa de eles poderem ter espetáculos. Isto para eles faz todo o sentido.»</p>	<p>A motivação pode não se refletir a nível monetário mas, para aqueles indivíduos com vidas marcadas e fragilizadas, o incentivo e o reconhecimento do trabalho que fazem, quer nos ensaios quer nos espetáculos, é um motivo que os leva a querer continuar a participar nestas atividades.</p>
<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p>“Eu acho que sim. No caso dos nossos, não vemos assim casos tão reconhecidos quanto isso. Mas quem conhecer o projeto Som da Rua conhece até utentes que arranjaram emprego, que levavam aquilo muito muito a sério. No caso da nossa população é muito complicado. Nós conseguimos manter aqui um ou outro, que vão sempre certinhos aos ensaios, mas não passa disso.”</p> <p>«Nos nossos utentes acho que o principal ponto é o ensaio do Som da Rua é às duas e ter, na hora de almoço, utentes a virem</p>	<p>Considera que o Som da Rua teve impacto direto na vida destes indivíduos. Afirma que aqueles que conhecem o projeto sabem que existem indivíduos que conseguiram a integração laboral e iniciar um novo capítulo nas suas</p>

	<p><i>ter connosco e dizer “olhe, hoje há ensaio do Som da Rua, não é?”. Acho que esta coisa de criar rotina, o utente ter a capacidade de chegar e nos avisar (...)»</i></p>	<p>vidas. Em relação aos utentes que acompanha, diz que são poucos os que aguentam essa motivação de frequentar a atividade e que o impacto é sentido a nível da criação de novas rotinas e responsabilidades.</p>
<p>Regressão em casos de abandono do grupo</p>	<p><i>“Acho que não se trata de uma regressão, mas lá está... acho que todos os utentes que acabam por abandonar o grupo, são utentes que realmente nunca... primeiro, por um lado, pode ser porque saíram daqui e se saíram daqui acabam por não participar e espero que seja pelos melhores motivos, pronto para algo melhor. Mas os que continuam cá e abandonaram, abandonaram porque nunca reconheceram o valor que aquilo podia trazer para si.”</i></p>	<p>Diz que não se trata de regressão. Aqueles que acabam por abandonar o grupo, fazem-no porque não compreendem os benefícios que a atividade trará para si. Por outro lado, existem aqueles que deixam de comparecer por motivos mais positivos. Mas no geral, aqueles que deixam de participar é porque não se</p>

		identificam com a atividade, mas isto ocorre antes de conhecerem as particularidades da mesma.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/ contactos	<i>“Isto é complicado explicar porque realmente também não estou muito por dentro. Mas isto de associações da segurança social, estão muito interligadas com esta coisa de transição de utentes, realmente, existe um projeto chamado NPISA, mas também não me perguntes porque não sei explicar muito sobre ele. Sei que fazem parte muitas associações e que estão lá inseridos os utentes, existem várias informações em relação a eles.”</i>	Não consegue precisar uma resposta a esta questão porque não está dentro do assunto. Sabe que há uma relação com a segurança social, sobretudo pela transição e informação sobre o utente. O projeto NPISA também está interligado, mas não se consegue alongar muito sobre isso.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	<i>“Utentes que não sejam nossos em caso de acompanhamento, não podemos fazer nada. No caso dos utentes que sejam nossos, como é que nós fazemos esta passagem para a atividade. Foi como te disse no início... nós fazemos uma</i>	Aqueles utentes que não são internos, não permite a realização de um trabalho próximo e de integração nas

	<i>discussão, na abertura do processo, conhecemos o utente, as habilidades, dificuldades e a partir daí, consoante o leque de atividades que temos, vemos ali onde é que ele se pode inserir e onde é que inserimos porque pode trazer benefícios para ele.”</i>	atividades. Por sua vez, aqueles que estão a ser seguidos na associação, frequentam determinada atividade após a abertura do processo e a discussão sobre os benefícios da participação na mesma.
Identidade pessoal e comunitária	<i>“Se calhar não é uma nova identidade, é a tua identidade, mas é reconheceres-te melhor a ti. Acho que é um bocadinho por aí.”</i>	Diz que não se trata da criação de uma nova identidade, mas sim do reconhecimento da própria identidade. É começar a assimilar características que outrora não eram (re)conhecidas.
IV. Cenários futuros		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<i>“(…) eu gostava de te dizer que seria um grupo sem sem-abrigo, mas não acredito. Vou-te ser sincera, não acredito. Mas gostava sinceramente que tivesse a participação de mais pessoas e não só…”</i>	Apesar do grupo ser aberto à participação de qualquer pessoa, considera que este acaba por ainda se

	<i>porque tenta-se realmente inserir mas continua a ser um grupo, ainda que aberto, mas parece fechado.”</i>	encontrar um pouco fechado. Gostava, assim, daqui a 10 anos, de ver um grupo constituído por mais pessoas, diferentes entre si, e que possibilitassem uma abertura do grupo.
Sugestões para o grupo	<i>“Eu não sei mas acho que era importante aí algumas parcerias com algumas empresas, para obrigar o pessoal – obrigar eu sei que é um bocado mau – mas um tempo, o pessoal da empresa x vai ali ensaiar para o Som da Rua. Não sei. Porque é complicado realmente.”</i>	Uma das sugestões passa por parcerias com empresas onde os funcionários fossem aos ensaios do Som da Rua de tempo em tempo. Trata-se da possibilidade, já referida, de expansão do grupo a pessoas que não estejam cobertas com o estigma de fragilizado.
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“24 anos.”</i>	
Sexo	<i>“Feminino.”</i>	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

Local de residência	<i>“Valongo.”</i>	
Estado civil	<i>“Solteira.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“Então, licenciada em Ciências da Educação.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Ah, por conta de outrem.”</i>	

Anexo 23. Grelha de análise de entrevista: Daniel Sousa

Local da entrevista: Rua dos Mercadores, nº 140		
Data: 16/03/2016		
Hora de início: 15h52m		Hora de término: 16h07m
Duração: 15m17s		
CATEGORIAS	TRANSCRIÇÃO (EXCERTOS)	RESUMO
I. Som da Rua: origem e estruturação		
Motivos de integração projeto	«Ele perguntou-me pela flauta e convidou-me, mediante o meu tempo livre e a minha disponibilidade, convidou-me para integrar o projeto. Então desde essa altura, houve ali uma fase que estive como voluntário apesar de fazer a mesma... o mesmo trabalho hoje em dia (...). Entretanto o Jorge, como coordenador do Serviço Educativo, acabou por me convidar a integrar o projeto como formador da Casa da Música.»	Inicialmente deslocou-se a um ensaio para ver e saber mais acerca do grupo sendo que, mais tarde, acabou por ser convidado a fazer parte do Som da Rua.
Data de entrada	“Exato, foi posteriormente.”	Entrou numa fase mais avançada do grupo.
Função que desempenha no grupo	“Por um lado, como disse, nos ensaios ajudo a que as pessoas apreendam melhor as melodias.” “Quando há deslocações, quando há concertos, sou uma das pessoas que se tenta movimentar para organizar o palco para que também não haja necessidade	Desde a responsabilidade pela flauta, também assume funções na organização do grupo e na produção artística, sobretudo

	<i>das pessoas do Som da Rua irem para o palco antes do tempo e por aí fora, e evitar umas confusões que possam haver (...)</i>	na criação das melodias.
Objetivos do Som da Rua	<i>“Objetivos? Não penso no Som da Rua como um objetivo. Penso como um trabalho que não posso fazer em mais lado nenhum, no sentido em que tenho liberdade para improvisar, tenho liberdade para acrescentar algo às músicas que são feitas.”</i> <i>“Agora... hmm... objetivos? Não sei. Nunca pensei no Som da Rua como objetivo.”</i>	Nunca pensou nos objetivos inerentes ao projeto. Apenas retira os benefícios de conseguir realizar o seu trabalho, com margem de manobra para improviso e acréscimo artístico.
Particularidades mais acessíveis e mais difíceis	<i>“A maior dificuldade é, às vezes, uma questão de lidar com certos feitios. Há feitios complicados, há pessoas que lidam facilmente com algumas situações com o impor que a música deva ser feita desta forma ou que deva ser tocado este tipo de ritmo (...), há pessoal que acha que deve fazer de uma maneira quando supostamente se deveria fazer como estava previsto. E há pessoas que têm dificuldade em lidar com a imposição (...)</i> <i>“Agora, o que é mais fácil... é fácil trabalhar com pessoas que querem tocar, que querem cantar, que querem participar, não é? Claro que depois, às</i>	Em termos de dificuldades, o entrevistado assume que existem feitios que nem sempre são fáceis de trabalhar. A imposição de certas regras são mais bem aceites por uns do que por outros. Por sua vez, no que se refere à acessibilidade do projeto, diz ser fácil trabalhar com pessoas predispostas

	<i>vezes, há pessoal que se queixa que nos ajuda a arrumar os instrumentos e outros não (...) São assim pequenas questões mais sociais do que propriamente musicais.”</i>	a contar, a tocar e a participar. Há sempre queixas e algumas tensões mas, no geral, estes são os pontos que enfatiza.
II. Relação com os participantes		
Tipo de relação que assume com os participantes	<i>“Depende das pessoas. Há pessoas com quem tenho mais proximidade do que com outras.” “Mas de resto é uma socialização muito... enfim... é verdade que eu também, como não vivo no Porto, é raro me cruzar com a malta do Som da Rua. Mas normalmente é malta com quem paro para conversar se me cruzar... ao me cruzar na rua (...)”</i>	Há uma relação próxima, mais com umas pessoas do que com outras. O tempo externo aos ensaios e concertos para conviver são diminutos, daí que não haja uma relação mais próxima com todos.
Características comuns dos participantes	<i>“Vontade efetivamente de cantar e de mudar um bocado de vida. Mudar a maneira de estar. “Alguma fragilidade, não em todos como disse (...) A vontade de cantar e de mudar, nesta hora e meia semanal, a vida.”</i>	Apesar de não conhecer muito bem as pessoas do grupo, consegue identificar a fragilidade destes indivíduos, assim como a vontade de contar e de mudar a sua vida.
Principais	<i>«A dificuldade é fazer-lhes, às vezes,</i>	A questão da

<p>dificuldades ao trabalhar com indivíduos marcados por percursos de exclusão social</p>	<p><i>perceber que “não, há estas regras”, “as regras são estas”... e depois há um maestro, não é? No fundo, embora não tenha essa figura, o Jorge não se considera um maestro... mas há regras. E se calhar é uma questão de cumprir certas regras, muitas vezes é uma questão de horários, de cumprir horários.»</i></p>	<p>imposição de regras é uma das principais dificuldades a gerir com estes indivíduos marcados pela exclusão social. Nem sempre é fácil lidar com estas situações de maior imposição, como os horários e momentos no ensaio.</p>
<p>Modo como ultrapassam as dificuldades</p>	<p><i>“É um bocado fazer ver as pessoas que se está o grupo todo com garrafas cortadas... é um bocado isso, neste momento têm essa regra. É tocar da mesma forma, senão também perde brilho, perde objetividade.”</i></p>	<p>É importante fazer ver que o grupo tem de ser unido e remar para o mesmo lado. Se uns fazem de determinada maneira, todos têm de seguir essa regra. Se cada um for segundo a sua vontade, perde-se o trabalho e, como afirma o entrevistado, a objetividade do que se está a fazer.</p>
<p>Motivação dos indivíduos</p>	<p><i>“É aquilo que eu já disse há bocado... sair um bocadinho da rotina, fazer coisas</i></p>	<p>Refere um pouco de tudo, desde a</p>

<p>procurar projetos como o Som da Rua</p>	<p><i>diferentes e, às vezes, é também estar perto de pessoas famosas, no fundo.”</i> <i>“É poder ir a certos sítios... é um privilégio muito grande de vez em quando a malta ir tocar à Casa da Música.”</i></p>	<p>vontade de participar em algo distinto que proporcione uma fuga à rotina, como o privilégio de conseguir passar por variados locais, como o palco da Casa da Música.</p>
<p>Impacto direto (do Som da Rua) na vida dos utentes</p>	<p><i>“Tem. E eu dou sempre o exemplo do Jorge, o baterista. Que é uma pessoa que tinha muitos problemas e que conseguiu resolver... não sei se todos, mas grande parte deles (...) Conseguiu limpar-se, também, por causa do Som da Rua. Ele próprio diz que só o facto de poder vir aqui tocar e poder ter essa energia e ter essa capacidade de chegar aqui e tocar, foi uma... uma grande ajuda para se libertar da adição que tinha.”</i></p>	<p>Acredita que sim. Toma o caso de um dos elementos que já deu, em múltiplas ocasiões, o seu testemunho para demonstrar isso mesmo. O Som da Rua tem impacto em muitas das pessoas que por lá passam.</p>
<p>Regressão em casos de abandono do grupo</p>	<p><i>“Não faço ideia, não sei o que é que lhes aconteceu.”</i></p>	<p>Não consegue responder porque após o abandono do grupo, na maioria, perde-se o contacto. Relembra um dos antigos participantes que orientou a sua vida e ainda mantém</p>

		contacto. No entanto, é o único caso que aponta. O restante não sabe como se encontra.
III. Relação com a comunidade		
Apoios externos/ contactos	<i>“Sei que sim, mas não faço ideia. É uma questão formal de que não tenho noção.”</i>	Não consegue responder à questão com precisão. Sabe que existem apoios, mas é uma formalidade que fica aquém da sua participação.
Mecanismos de identificação de indivíduos em situação sem-abrigo	<i>“Isso, pronto, é outra questão formal. A parte formal eu não estou bem por dentro. Tenho ideia que são as instituições que convidam os utentes a vir para cá.”</i>	Assume que é outra coisa da qual não está bem informado, mas diz que pensa ser um trabalho orientado pelas instituições que colaboram com o projeto. Estas convidam os utentes que acompanham a participar no grupo.
Identidade pessoal e comunitária	<i>“Acredito que sim. Não sei se de facto acontece, mas penso que sim. Acho que há malta que se nota e, nomeadamente, volto</i>	Acredita que se crie uma identidade pessoal e

	<i>a falar do Jorge. Hmm... se calhar, de resto, é uma questão de esperança para que seja verdade.”</i>	comunitária, talvez mais vincada em algumas pessoas que noutras.
IV. Cenários futuros		
Visualização do Som da Rua em 10 anos	<i>“Não sei... de certeza com pessoas diferentes.” “Acredito que daqui a 10 anos, por boas ou más razões, muito deste pessoal já não esteja por cá e esteja outro. Infelizmente, acho que o Som da Rua, embora acredite que o Serviço Educativo da Casa da Música e a própria Casa da Música... a Fundação Casa da Música... não tenha qualquer interesse em descontinuar o projeto, mas infelizmente não acredito que seja um projeto que dure mais 10 anos. Infelizmente.”</i>	Assume ser pessimista, mas não vê uma durabilidade de 10 anos. Não considera que seja por vontade do Serviço Educativo, mas se outros interesses se emanciparem, acredita que o projeto possa findar. O projeto tem custos que, por vezes, podem não trazer a notabilidade que seria de esperar.
Sugestões para o grupo	<i>“De certa forma lido bem com as sugestões. Não me sinto muito no direito de dar grandes opiniões quando sinto... tenho consciência que não vou ajudar muito com isso. Então, tento fazer o melhor possível dentro daquilo que me pedem e fazer o melhor que sei.”</i>	Não acrescenta grandes sugestões porque diz ser intérprete e não (tanto) criador. Aceita as sugestões que são dadas e que,

	<i>“Eventualmente, criar capacidade para que haja mais concertos porque de facto é uma coisa que os utentes se queixam: não haver muitos concertos, não haver grandes atividades.”</i>	efetivamente, ocorrem. Apenas afirma que deveria haver a capacidade de possibilitar mais concertos para a divulgação do trabalho que é feito (opinião partilhada, também, por alguns utentes).
V. Caracterização sociodemográfica		
Idade	<i>“Eu tenho 41 anos.”</i>	
Sexo	<i>“Masculino.”</i>	
Local de residência	<i>“Estarreja.”</i>	
Estado civil	<i>“Casado.”</i>	
Habilitações literárias e área de estudo	<i>“As minhas habilitações é o 12º ano, embora tenha tido frequência na Licenciatura de Ensino de Música na Universidade de Aveiro. Mas sou músico. Flautista profissional.”</i>	
Condição perante o trabalho	<i>“Sou freelancer e trabalhador independente.”</i>	

<p>3. Aduldez</p>	<p>A relação com a família continua a ser saudável. Estava sempre disponível para trabalhar, sendo que fazia de tudo um pouco. Diz que, agora, o complicado é não ter trabalho. Queria trabalhar, mas não consegue. O seu trabalho foi sempre no campo. Diz não saber outros trabalhos, mas gostava de aprender. Apenas exerceu alguma ajuda numa fábrica e na produção de massa para construção civil. Num momento posterior da entrevista, afirma que teve um problema com uma das suas irmãs. Enquanto ajudava na fábrica, teve uma discussão com a irmã por causa da retirada do tabaco. Deu dois estalos à irmã e ao cunhado que, após chamarem a polícia, o internaram no Magalhães Lemos. Diz ter perdido o trabalho por culpa dela. Estava bem, o patrão gostava dele, mas depois de sair do Magalhães Lemos passou para a instituição onde está agora</p>	<p><i>“Tenho aqui a minha sobrinha, a minha irmã e já sei de outra da minha irmã...”</i></p> <p><i>“Se eu tivesse trabalho... se eu tivesse trabalho ou assim. Se eu saísse daqui ou assim... quando saísse daqui, se tivesse trabalho, trabalhava.”</i></p> <p><i>«Quando a minha irmã é que disse que eu estava maluco e tudo, é que me internou. Sem estar maluco sem nada. Cheguei a casa, a minha irmã começou-me a bater... tirou-me o tabaco e eu disse “dá-me o tabaco”. Não me deu e eu dei-lhe dois estalos. Daí o meu cunhado... e eu</i></p>
--------------------------	--	--

	<p>integrado. Tem uma relação amigável com todos os irmãos, menos com essa irmã. Passava alguns fins de semana em casa de uma irmã, mas depressa deixou de ir para lá porque o sobrinho iniciou comportamentos agressivos. Chegou a ficar debaixo da ponte para fugir da violência que sofria.</p>	<p><i>também lhe dei. Chamaram a polícia e é que me internaram para o Magalhães Lemos. E depois do Magalhães Lemos quando tive vaga é que vim para aqui”</i> <i>“Se eu pudesse trabalhava sempre... o patrão gostava sempre de mim. Até me dava roupa dos filhos e tudo.”</i> <i>“Não... com essa... ela que não... com essa não me dou.”</i></p>
<p>4. Som da Rua</p>	<p>Diz que o Som da Rua é bom. Não sabe precisar o momento de entrada, mas diz que vai sempre ao ensaio desde que entrou na instituição. Foi através de uma das técnicas que teve conhecimento do grupo. Já esteve noutros projetos, mas o Som da Rua é aquele onde, ainda hoje, permanece. Afirma que gosta</p>	<p><i>“Ah, isso é bom.”</i> <i>“Eu fui sempre. Desde que entrei aqui eu comecei a ir para o Som da Rua e para a Batucada. Eu vou sempre.”</i> <i>“É tudo, é tudo de bem. Nem é preciso papel que eu sei de cor.”</i></p>

	do Som da Rua. Nunca pensou em abandonar o grupo. Diz que aquilo é tudo de bom, que mesmo sem saber ler, sabe as músicas do princípio ao fim. Daqui a 10 anos imagina-se fora da instituição, com um trabalho.	<i>“Daqui a 10 anos... enquanto continuar, ando lá sempre. Aquilo bem certo que nunca acaba, aquilo vai sempre para a frente.”</i>
5. Caracterização sociodemográfica	Tem 58 anos e é solteiro. Não conseguiu concluir o ensino. Está desempregado, no momento atual.	

Anexo 25. Grelha de análise de conteúdo: Eduardo

Local da entrevista: Associação Albergues Nocturnos do Porto – Rua dos Mártires da Liberdade, nº 237		
Data: 21/03/2016		
Hora de início: 15h07m		Hora de término: 15h42m
Duração: 35m28s		
Categorias de análise	Resumo	Excertos
1. Infância	Considera que a sua infância foi uma fase boa uma vez que a passou ao lado das suas irmãs e irmãos. Já com os pais e com a família, a relação era equilibrada. Andou na escola primária, mas até à quarta classe. Gostava de frequentar a escola. A escola, porém, foi trocada pelo trabalho. Descreve a sua infância em poucas palavras: amor de mãe e respeito de pai.	<i>“Foi uma fase muito boa porque vivi sempre na companhia dos meus irmãos e irmãs.”</i> <i>“Andei na escola primária (...) Só até à quarta classe.”</i> <i>“Não continuei porque eu não tinha possibilidades, não era tão inteligente. Os meus pais não quiseram que eu estudasse.”</i>
2. Adolescência	A transição para a adolescência foi tranquila. Começou a trabalhar cedo, mas considera que correu tudo bem. O pouco tempo que trabalhou foi dedicado à construção civil. Era repreendido pelo pai várias	<i>“Fiz a escola primária e comecei logo a trabalhar.”</i> <i>“Não... o problema que eu tive foi que eu, sem querer, partia lá tudo em</i>

	<p>vezes porque tinha comportamentos impulsivos em casa e partia as coisas. O pai não lhe batia. Privava-o de alguns bens materiais. Com os colegas a relação era saudável. Chegou a estar internado no Magalhães Lemos, mais que uma vez, por causa disso.</p>	<p><i>casa. Partia tudo. E o meu pai repreendia-me. (...) Não, não me batia. (...) Não me dava aquilo que lhe pedia. Pedia-lhe dinheiro, não me dava. Pedia-lhe roupa, não me dava. Às vezes até abrigo na própria casa onde vivia com os meus pais e ele não me dava. Fechava-me a porta e não me deixava entrar.”</i></p>
<p>3. Adultez</p>	<p>Em adulto, tomou droga. Haxixe. Além do consumo, era vendedor. Depois de passar essa fase, que durou cerca de dois anos, ficou com sequelas na cabeça e na vista. Vivia fora de casa dos pais. Vivia numa casa pequena com mais um colega, um senhor e uma senhora. Aos 20 anos foi preso em Custóias por causa do consumo e tráfico de droga. Esteve lá durante 5 meses.</p>	<p><i>“Dois anos. Eu era consumidor e passava... a outros meus amigos.”</i> <i>“Foi nessa fase que eu... tive um problema na vista, na cabeça...”</i> <i>“Cinco meses. Em Custóias estive 5 meses. Em Santa Cruz do Bispo estive 5 anos.”</i></p>

	<p>Após sair da prisão de Custóias, chorava constantemente. Sentia-se preso, mesmo já estando em liberdade. Mais tarde, estive em Santa Cruz do Bispo e ficou durante 5 anos. Foi acompanhado pelo serviço de psiquiatria. Teve de começar a tomar medicação, em consequência. Já não tem mãe, mas tem o seu pai. Diz que continua a dar-se bem com o pai e com os irmãos. Não pode trabalhar. O médico que o acompanha no Magalhães Lemos não o deixa trabalhar devido ao seu historial clínico. O que queria agora era entrar em contacto com irmãos que tem noutros países (Brasil, Espanha) e com os sobrinhos. Também gostava de viver com o pai e com a irmã. Diz que o pai se aborreceu com ele após a mãe ter falecido.</p>	<p><i>“Comecei a ter fases, doutora. De ir muito às igrejas, ia rezar e o caraças. Depois deu-me na ideia que eu podia fazer tudo o que queria.”</i></p> <p><i>“Ui, tantas vezes. Eu fugia de lá. (...) No Magalhães Lemos não gostava de estar lá.”</i></p> <p><i>“Depois nunca mais pude trabalhar. Tenho uma carta, do meu doutor do Magalhães Lemos, que não me deixa ir trabalhar.”</i></p> <p><i>“Gostava de ver o meu irmão que eu tenho que está no Brasil. Gostava de ver o meu irmão António que está em Espanha e é mais velho que eu. Gostava de ver o meu irmão e a</i></p>
--	---	--

		<i>minha irmã também mais velha que eu (...) Gostava de ver os meus sobrinhos e gostava de poder viver com o meu pai na casa da minha irmã.”</i>
4. Som da Rua	<p>Está no grupo há cerca de 2 anos, o mesmo tempo em que frequenta a instituição. Diz que gosta dos músicos, das atuações, dos passeios e da comida. Também gosta dos seus colegas. Nunca pensou em deixar o Som da Rua porque gosta muito daquilo. O Som da Rua ajuda-o a conviver com os outros e a respeitar. Todos estão ali para conviver uns com os outros e para se distraírem. A satisfação que o Som da Rua lhe dá é, no final das atuações, o juntar à mesa e conviver como uma família. Daqui a 10 anos, num futuro, imagina-se ao lado do seu pai, dos seus irmãos e dos seus sobrinhos.</p>	<p><i>“Somos todos iguais ali.”</i></p> <p><i>“É como lhe digo... é bonito porque a gente toca assim instrumentos que eu nunca pensei vir a tocar.”</i></p> <p><i>“O que mais gosto... posso ser sincero? A satisfação que me dá eu participar no Som da Rua (...) a satisfação é o convívio e a alegria de depois a gente estar à mesma mesa a comer e a beber.”</i></p>
5. Caracterização	Tem 53 anos, é solteiro e é	

Da rua para o palco: os instrumentos de democracia cultural na integração social do grupo Som da Rua

sociodemográfica	desempregado. A escolaridade que tem é a quarta classe.	
-------------------------	---	--

Anexo 26. Grelha de análise de conteúdo: Conceição

Local da entrevista: PRI – Rio Tinto		
Data: 22/03/2016		
Hora de início: 14h50m		Hora de término: 15h15m
Duração: 25m15s		
Categorias de análise	Resumo	Excertos
1. Infância	<p>Descreve a sua infância como boa. Não foi criada pelos pais biológicos, mas por um casal. A relação com a família foi praticamente inexistente. Frequentou a escola até ao quarto ano de escolaridade. Esteve com o casal até aos 9 anos, sendo que o senhor faleceu quando ela tinha 5 anos. Descobriu, mais tarde, que era o seu pai biológico. Aos 9 anos, a mãe biológica retirou-a do casal que a criava. Foi para casa da avó materna e continuou os estudos até aos 12 anos. Aos 12 anos foi viver com a mãe e aí começou a trabalhar. Trabalhou em casas particulares, por obrigatoriedade da mãe. Conseguiu entrar em contacto com a senhora que a criou que,</p>	<p><i>“Foi boa. Teve alguns percalços, mas foi boa.”</i></p> <p><i>“Tive pais que me criaram. Tive um casal que me criou (...) Ele era (biológico). Vim a saber mais tarde.”</i></p> <p><i>“Na escola estive até á quarta classe. Passei para o primeiro e não... não fui mais para a escola (...) Porque é assim... eu estive com esse casal (...) até aos 9 e depois a minha mãe tirou-me de lá. Tirou-me de lá e pôs-me na aldeia, na minha avó. Na minha</i></p>

	<p>a partir daí, a acompanhou sempre.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> O falecimento do pai.</p>	<p><i>falecida avó.”</i></p>
<p>2. Adolescência</p>	<p>Foi uma transição complicada porque teve de começar a trabalhar. Não tem grande contacto com a família porque apenas a mãe e os seus filhos estão no Porto. A restante família encontra-se na aldeia. Não relembra grandes amigos na altura. Não tinha confiança nas pessoas e era reservada. Sente que as principais mudanças que ocorreram foi a indiferença da mãe biológica. Diz que a sua adolescência teria sido melhor se a mãe não a tivesse retirado do casal que a criou. Teria estudos, melhor trabalho, mais estabilidade. Sabe que a sua vida seria melhor.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> A falta de apoio e estabilidade que podia ter tido.</p>	<p><i>“Foi complicado porque foi a trabalhar. Comecei a trabalhar com 12 e desde aí foi sempre a trabalhar.”</i></p> <p><i>“Não era. Não era porque eu não gostava de conviver... não tinha confiança nas pessoas. Comecei a aprender a ser desconfiada, reservada porque eu sou reservada, não me dou com qualquer pessoa.”</i></p> <p><i>“Além da minha mãe biológica não querer saber de mim para nada, eu quando a visitava nunca estava em casa e eu acabei por</i></p>

		<p><i>também... pensei bem ela não me quer conhecer, eu também... pronto, não fiz esforço.”</i></p> <p><i>“Podia ter uma adolescência melhor. Teria se a minha mãe não me tivesse de lá tirado. Teria estudos, teria um bom emprego, estaria à beira da pessoa que gosto muito.”</i></p> <p><i>“Podia ter tido mais apoios.”</i></p>
<p>3. Aduldez</p>	<p>Foi uma fase complicada na sua vida. Teve de aprender sozinha o que sabe hoje. Como não teve o acompanhamento que precisava, começou cedo a namorar e aos 18 anos teve o primeiro filho. Não se arrepende. Passou muitas dificuldades. Nessa altura, trabalhava em casas particulares e, posteriormente, passou para a fábrica do patrão. A relação familiar</p>	<p><i>“Não tive ninguém que me abrisse os olhos, tive de aprender tudo à minha custa. Aos 18 anos tive um filho. Tenho um filho, o mais velho.”</i></p> <p><i>“Não estou arrependida de ter os meus filhos, isso está fora de questão.”</i></p>

	<p>mantém-se, sendo que há um pouco mais de contacto, apesar de ser diminuto. Admite que andou muito tempo revoltada pela falta de apoio. Teve de criar o filho, mesmo com as dificuldades que tinha. No trabalho, as relações com o grupo de pares melhorou um pouco, porém diz que eram apenas colegas de trabalho. Convivia mais com as pessoas que a rodeavam, mas não conseguia estabelecer relações muito próximas. Considera que era uma pessoa reservada, sossegada, mas também revoltada. Porém, foi algo que aprendeu a gerir. O filho mais velho tinha cerca de ano e meio quando Conceição se juntou com esse homem. Aos 19 anos engravidou novamente. Esteve junta com o companheiro, na altura, durante seis anos. Casou-se. A gravidez do segundo filho ia nos cinco meses quando se separou do companheiro. Sofreu maus-tratos durante</p>	<p><i>“Ainda tive, digamos, junta 6 anos. Cheguei-me a casar. Entretanto, passado 4 anos, tive a minha filha. (...) Mas nessa altura, eu tinha 5 meses de gravidez do meu filho do meio e tive de me separar. Porque, digamos, começou aí a haver uma coisa que eu não estava a contar... maus-tratos.”</i></p> <p><i>“Fui vítima de violência doméstica... algum tempo. Separei-me. O meu patrão, na altura... falei com o meu patrão que estava a trabalhar e pedi o fundo desemprego para fugir dali.”</i></p> <p><i>“Ele soube que tinha tido o miúdo...”</i></p>
--	--	---

	<p>algum tempo e, após falar com o patrão, pediu o fundo desemprego para fugir de casa. Foi para o Marco de Canaveses para junto de uma tia. Entretanto passou para junto da mãe biológica, num quarto. Após um ano e meio, juntou-se novamente ao ex-companheiro visto que este dizia ter mudado. Uns meses após engravidou da terceira filha. Em dois anos, separou-se novamente. Passou fome, mas os filhos não. A assistente social ajudou-a bastante nesta fase. Esteve cinco anos sozinha e entretanto conheceu o atual marido. Não é de cá, é da zona da Serra da Estrela. Ajuda-a e está junta há 20 anos. Soube que o pai dos seus 3 filhos mais velhos faleceu. Diz que, agora, tem paz e sossego. Os filhos já são adultos, tirando o mais novo que tem 11 anos, mas o do meio é o que dá mais preocupações.</p>	<p><i>a minha mãe avisou-o porque por minha vontade não...”</i></p> <p><i>“Tinha ano e meio, mais ou menos, quando me tornei a juntar com ele... ele disse que tinha mudado, essa coisa toda, não é? Pronto, eu acreditei, caí outra vez.”</i></p> <p><i>“Ainda estive 5 anos sozinha, depois conheci este... o meu marido, companheiro. Estava com medo... estava escaldada (...).”</i></p>
<p>4. Som da Rua</p>	<p>Está no Som da Rua desde 2011/2012, não sabe ao certo.</p>	<p><i>“Isto do Som da Rua... eu gosto de</i></p>

	<p>Quando entrou para o grupo, estava numa fase em que se sentia muito esquecida. O Som da Rua trouxe positividade. Gosta de música, todo o género. E é por isso que gosta do Som da Rua. Gosta da música, das pessoas que lá estão e que passaram tanto (ou mais) que ela. Foi através de uma técnica que conheceu o grupo e resolveu participar. O que a motiva a ir é a música, as pessoas e os músicos. Gosta de conviver com todos e diz que lá não se sente esquecida. Talvez por isso nunca pensou em deixar o grupo. Diz que o Som da Rua a ajuda a andar mais alegre e ajudou no convívio com os demais. Daqui a dez anos, imagina-se ainda ao lado do Som da Rua. Gostava de viver na aldeia com o marido ou, então, ter lá uma casa. O Som da Rua é, para si, um projeto muito bom. Fica feliz por este existir.</p>	<p><i>música. Eu própria gosto de música, gosto de ter música em casa, é a minha companhia a música.”</i></p> <p><i>“Foi bom para mim conhecer outras pessoas, ainda piores do que eu... passaram coisas piores que eu, pronto. Mas gostei... gostei e continuo a gostar muito.”</i></p> <p><i>“Gosto muito de conviver. Não me sinto esquecida. Gosto muito de conviver com as pessoas.”</i></p> <p><i>“Enquanto estiver por casa, vou sempre.”</i></p> <p><i>“Acho que... é bom para mim. (...) Digamos que... não sei se devo dizer... mas é um projeto</i></p>
--	---	--

		<i>muito bom para mim. Bom em todos os aspetos. E ainda bem que existe.”</i>
5. Caracterização sociodemográfica	Tem 49 anos, está em união de facto. Tem o 6º ano, tirado em horário pós-laboral. Está, de momento, desempregada.	

Anexo 27. Grelha de análise de conteúdo: Anabela

Local da entrevista: PRI – Rio Tinto		
Data: 22/03/2016		
Hora de início: 15h18m		Hora de término: 15h54m
Duração: 36m		
Categorias de análise	Resumo	Excertos
1. Infância	<p>Infância é descrita como uma fase triste, após a perda da mãe e a entrada numa instituição. A relação familiar era quase inexistente. Estudou em Aveiro, na Escola Primária de São Bernardo e no D. Afonso de Aveiro. Posteriormente integrou o Colégio de Nossa Senhora das Candeias junto com duas irmãs e um irmão. A escola, enquanto instituição de ensino era positiva, mas não considera ter sido feliz no tempo em que estudou. Aborda que os colégios não são, outrora, o que são agora. Ressalva a falta de afeto familiar. Mesmo ao estabelecer relação amigável com algumas pessoas, não havia partilha de afeto.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> As</p>	<p><i>“Triste. Muito triste porque perdi a minha mãe com cinco anos e fui metida numa instituição.”</i></p> <p><i>“Enquanto estive no colégio praticamente nenhuma. De início ainda tive o meu pai, o meu falecido pai, a ir-me visitar e o meu irmão, mas entretanto deixaram de ir visitar. A mim e aos meus irmãos.”</i></p> <p><i>“Claro que uma pessoa ao ser criada assim num</i></p>

	<p>visitas ao irmão a Águeda.</p>	<p><i>colégio não é como ter um pai, que nos dá carinho, não é? Lá não me davam um beijo, não me davam carinho (...)</i>”</p>
<p>2. Adolescência</p>	<p>A transição para a adolescência foi complicada. Afirma que era uma criança revoltada e a medicação era a solução nos colégios para controlar esses comportamentos. Tentou fugir do colégio algumas vezes. As visitas eram custosas, visto não ter ninguém a visitá-la. A atenção era inexistente. Não havia expressão de sentimento para com as crianças. A relação familiar continuou a ser com as duas irmãs e o irmão que estavam no colégio. O irmão acabou por falecer lá aos 10 anos. A entrevistada tinha 12 anos. Aos 15 anos foi para o Instituto Monsenhor Airosa, em Braga. Esteve mais de um ano lá. Não havia preparação para a idade adulta e a censura era</p>	<p><i>“Tentei fugir para conhecer a minha família porque é triste estar num colégio e, ao domingo, havia visitas dos familiares e sabe o que é uma pessoa estar num cantinho à espera que alguém nos vá ver e ninguém aparecer?”</i></p> <p><i>“Quando eu fui para o colégio, como eu disse, foram mais duas irmãs minhas e o meu irmão Alexandre. Eu tinha 12 anos</i></p>

	<p>muita. Regressou com 16/17 anos após ter fugido do instituto. A nível de grupo de pares, apenas leva uma amizade para a vida – a professora de francês. A constante revolta deu-se após o retiro do estudo. A entrevistada gostava de estudar e aos 14 anos foi retirada dos estudos. Assume que não foi feliz na adolescência.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u></p> <p>Tornou-se mais revoltada e a morte do irmão.</p>	<p><i>quando o meu irmão morreu e depois tornei... retornei a ver a minha irmã, a minha irmã Rosa, porque foram dar a notícia (...)</i></p> <p><i>“Acabei por fugir. Acabei por fugir. Ai, eu era tramada. Porque é assim, se há coisa que eu detesto é meterem uma pessoa num sítio e ignorarem.”</i></p> <p><i>“A única amizade que eu criei para a minha vida inteira foi a minha professora de francês.”</i></p> <p><i>“Acho que me tornei mais revoltada. Tornei-me mais revoltada.”</i></p>
<p>3. Adultez</p>	<p>Aos 16 anos o pai matou-se e pediu-lhe para se matar com ele.</p>	<p><i>“Para aí com 16 anos o meu pai</i></p>

	<p>As constantes fugas do colégio fizeram com que barrassem a entrada definitivamente. Com cerca de 17 anos ficou na rua e conheceu o pai dos filhos, num café, onde se deslocava para ver as irmãs. Esteve alojada na casa de um conhecido cuja troca era favor sexual. A “casa” era um barraco no quintal da sogra. Entretanto engravidou e ficou 15 anos com ele. Não gostava do companheiro, mas sujeitou-se. O único irmão que disponibilizava ajuda, estava em Loures. Apenas em tempos mais recentes visitou o irmão, durante 20 minutos, após anos afastados.</p> <p>Tentou o suicídio. Recorreu, nesse momento, à professora de francês para desabafar antes do feito. Viveu com uma irmã, mas sofria de violência por parte do cunhado e a própria irmã tornava a vida difícil. Chegou a dormir na rua com o filho. Teve problemas de álcool, após estar com o pai dos seus filhos e sofrer de violência doméstica do filho mais velho. Foi</p>	<p><i>matou-se e pediu para eu me matar com ele (...)</i>”</p> <p><i>“Eu parava muito num café perto de onde moravam duas ou três irmãs minhas. E eu para as ver, parava aí no café e entretanto o pai dos meus filhos também parava lá. (...) E eu conheci lá um moço, nesse café, que já namorou com uma irmã minha e que me falou dele (...)</i></p> <p><i>Arranjou-me onde dormir mas também olha, entende? Algo em troca. Acontece que engravidei.”</i></p> <p><i>“Foi para a casa, eu passado um mês ou quê fui para lá e fez-me a vida negra. Andei</i></p>
--	---	--

	<p>abandonada pelo companheiro. Este foi o momento em que se reergueu. Deixou o álcool e procurou trabalho. As dificuldades que mais tem sentido é a integração no mercado de trabalho, a seu gosto. Diz que a idade é um entrave. Quando trabalhou, mantinha uma boa relação com os demais trabalhadores. Diz ainda não ser verdadeiramente feliz. Está quase, mas ainda não o é.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> Lançamento do livro e a primeira (real) paixão.</p>	<p><i>a dormir com o meu filho cá em baixo na rua. Andei a dormir com o meu filho cá em baixo na rua. Até porrada levei do meu cunhado.”</i></p> <p><i>“Em dois anos tive 11 internamentos. No Conde Ferreira e é... Por causa dos ataques, por causa das tentativas de suicídio.”</i></p> <p><i>“Depois que o pai dos meus filhos me abandonou e tudo... hmm... a nível pessoal... comecei a fazer-me à vida. Tentei lutar, acabei por deixar o álcool e ir para vários sítios trabalhar para ter dinheiro para dar de comer aos filhos.”</i></p>
--	---	--

		<p><i>“Para já... agora é a idade. (...) Eu havia de ter começado mais cedo a lutar.”</i></p>
<p>4. Som da Rua</p>	<p>Faz um ano que está no grupo. Fazia parte de um grupo de trabalhos manuais e por intermédio de uma técnica, descobriu o Som da Rua, onde está também um dos irmãos. É uma forma de conviver mais com ele. O canto, o convívio com o irmão, o reconhecimento e o conhecer outras pessoas é o que a motivam a participar. Gosta de cantar. Nunca pensou deixar o Som da Rua. O Som da Rua ajudou a fortalecer os laços familiares, sobretudo com o irmão que faz parte do grupo. A nível comunitário, sente que o grupo ajudou nas relações sociais e comunitárias. Em relação aos outros participantes, diz que se revê em alguns. Todos ali já passaram ou passam por algo e isso foi também o que a vida lhe deu. Então identificase com muitos deles. Daqui a 10</p>	<p><i>“Para conviver mais um bocadinho com o meu irmão.”</i></p> <p><i>“Olhe sempre adorei cantar, conviver com o meu irmão e também não vou ser hipócrita porque oh pah, fogo mas aqueles espetáculos é que é mesmo assim... não vou ser hipócrita.”</i></p> <p><i>“E conhecer outras pessoas e quem sabe um dia vamos conhecer outros cantores importantes que um dia irão fazer alguma coisa com o Som da Rua.”</i></p>

	<p>anos imagina-se feliz, verdadeiramente feliz, com um amor ao seu lado. Imagina o Som da Rua, presente e ativo na sua vida.</p> <p>O Som da Rua é um tempo muito bem passado.</p>	<p><i>“Porque gosto... eu gosto de cantar. Eu gosto.”</i></p> <p><i>“Muitas vezes até me revejo nelas, entende? Vejo nelas porque já passei por isso e muitas vezes... já ajudei algumas pessoas, já ajudei. E muitas vezes quem precisava de ajuda era eu.”</i></p>
<p>5. Caracterização sociodemográfica</p>	<p>Tem 51 anos e é solteira. Tem o 12º ano e, no presente momento, está desempregada.</p>	

Anexo 28. Grelha de análise de conteúdo: Isaura

Local da entrevista: PRI – Rio Tinto		
Data: 19/04/2016		
Hora de início: 12h10m		Hora de término: 13h45m
Duração: 1h35m		
Categorias de análise	Resumo	Excertos
1. Infância	Até aos 7 anos considera que a sua infância foi normal. A partir daí, teve de ajudar a mãe no trabalho. Foi aos 13 anos que abandonou a escola. Nessa altura, ainda tentou acabar o ensino à noite e concluiu até ao 4º ano de escolaridade. Trabalhou numa empresa, na Maia.	<p><i>“Ora, a minha infância é assim... eu desde pequena até aos 7, mais ou menos, foi normal (...)”</i></p> <p><i>“Até aos 13 que saí da escola e concluí até ao quarto ano, só que o diploma eu não consegui tirar durante o dia, tive de fazer à noite para concluir o diploma do quarto ano.”</i></p>
2. Adolescência	Aos 17 anos o seu pai foi operado devido a uma doença que o acompanhava há vários anos. Duas operações foram feitas sem que este melhorasse o seu estado de saúde. Foi por causa desta sua condição que acabou com a sua vida,	<p><i>“Só que o meu falecido pai não quis aguentar, não quis acreditar e então ele envenenou-se.”</i></p> <p><i>“Eu comecei a namorar nessa</i></p>

	<p>envenenando-se. Soube, na mesma altura, que estava grávida. A sua mãe apenas descobriu no funeral do seu pai, sendo que a expulsou de casa. Foi para casa do marido, contra a vontade do sogro.</p>	<p><i>altura, mais ou menos em maio, foi nessa época antes do meu falecido pai se matar. A minha mãe pegou e pôs-me fora da porta. Porquê? Porque eu comecei a namorar e eu estava grávida. (...) Soube só no dia do funeral do meu pai.”</i></p>
<p>3. Adultez</p>	<p>O seu filho nasceu, mas esteve internado três meses por causa de uma infeção pulmonar. Aquando da saída do filho do hospital, o seu marido teve um acidente no trabalho e ficou em coma durante 8 meses. O internamento prolongou-se por quase 2 anos. Voltou para casa, no início numa cadeira de rodas. Continuou em casa do sogro durante o tempo em que o marido esteve internado. O sogro discutia e acusava-a constantemente, chegando, inclusive, a ameaças. Soube, após o internamento do</p>	<p><i>«Depois de ter terminado, de ela vir do funeral... depois de ter enterrado e tudo... chegou a casa, pegou em duas sacas daquelas de plástico, meteu duas peças de roupa dentro e disse “agora vais para casa do teu futuro marido”. Contra a vontade do meu sogro, o meu sogro não me queria deixar ir para casa</i></p>

	<p>marido, que estava grávida. O sogro acusou-a de envolvimento com outros homens. Apesar da recuperação do marido graças à fisioterapia, o trabalho não ficou possibilitado a 100%. As constantes ameaças do sogro culminaram, um dia, no despejo de Isaura. Esteve alojada em casa do sogro durante cinco anos. A sogra, apesar de tentar ajudar na situação descrita e em situações de violência, não conseguiu proibir o marido. Ficou em casa de uma vizinha até o seu marido voltar do trabalho. O sogro ameaçou a vizinha para que esta não a ajudasse. Apesar de tudo, recusou ir pedir ajuda à família. Com isto, ficou na rua. O seu marido não a ajudou por receio de enfrentar o pai. Foi até Ramalde, com a ajuda de um revisor de comboio que conhecia, até casa do cunhado. Andou por três meses na rua. Diz que hoje conhece tudo por</p>	<p><i>dele. O meu marido pediu, pediu até que ele deixou.»</i> <i>“O meu filho ao sair do hospital e o meu marido a entrar.”</i> <i>“No fim de dois anos o meu marido veio para casa. Veio de cadeira de rodas, não andava. Esteve mais um ano e tal de cadeira de rodas, depois começou a fazer fisioterapia, começou a andar de muletas (...)”</i> <i>“Eu vivi ali uma situação que o meu sogro ganhava cada vez mais ódio.”</i> <i>“Porque eu não sabia que estava grávida. Eu só descobri quando me senti mal no hospital (...) E então quando o meu sogro me dizia que eu estava grávida e não era do</i></p>
--	---	--

	<p>ter estado na rua. Um dia a polícia foi ter com ela visto que rondavam a estação de comboios onde dormitava com os seus dois filhos. Após explicar a sua situação, a polícia acompanhou-a a casa do sogro. Questionaram o marido e este não deixou a casa do pai. Assim, encaminharam-na para a esquadra e contactaram o cunhado. Este regressou a casa do pai e obrigou-o a dar a documentação de Isaura. Ao final do dia, o seu marido aparece em casa do irmão. Esteve durante anos sem falar com o pai devido a essa situação. Com a ajuda da segurança social, conseguiu um quarto numa pensão. Aqui teve a sua terceira filha. Os seus filhos estiverem num infantário e em troca Isaura exercia lá profissão. Foi aí que conheceu uma médica e começou a trabalhar para ela em particular. Conseguiu endireitar a sua vida e arranjou</p>	<p><i>meu marido porque o meu marido estava no hospital e que eu andava com este, andava com aquele... Ganhou-se mais cisma ainda.”</i></p> <p><i>«Então um dia o meu marido foi trabalhar e eu tinha ao lado uma mercearia e eu vim... ah, depois nasceu a minha filha e ele era “ah, cala a boca a essas crianças, estou farta de ouvi-las.” (...) Eu fui à mercearia buscar o pão e levei os miúdos. No colo, a miúda mais nova e o meu filho pelo chão que ele já andava. (...) Ele pegou, deixou-me sair e fechou-me o portão.»</i></p> <p><i>“Nunca fui pedir ajuda a familiares.</i></p>
--	---	---

	<p>uma pequena casa, com a ajuda da médica, em S. Mamede. Deixou de trabalhar para essa médica visto que esta não a deixava levar a sua filha para o trabalho. Então, por intermédio da madrinha da sua filha, mudou-se para Soutelo, em Rio Tinto. Entretanto, o seu marido começou a ficar debilitado – sequelas do acidente – e ficou novamente desempregado. A renda da casa aumentara em apenas três anos que lá estive e como o seguro de vida era o valor da casa, deixou o seguro de parte para conseguir pagar a casa. Nesta altura, também Isaura se encontrava desempregada. Aos 37 anos, nasceu o seu último filho. Aos 10 meses a criança começou a sofrer de problemas respiratórios. Quando o seu filho tinha 7 anos, Isaura começou a sentir-se mal constantemente e foi detetada uma anemia avançada. Após alguns meses o diagnóstico piorou e um cancro maligno no</p>	<p><i>Como ainda hoje, passo o que passo e não vou pedir ajuda.”</i></p> <p><i>“A segurança social arranjou-me um quarto numa pensão, só que para ser mais barato era daquelas que as meninas estão à porta a entrar e então arranjou-me infantário para os meus filhos e, em troca, eu trabalhava no infantário.”</i></p> <p><i>“Só que entretanto o meu marido ficou desempregado. Ele tinha... do acidente e o tempo foi passando, ele começou-se a queixar, começou outra vez as consultas para a junta médica (...) e ficou desempregado. Eu também estava</i></p>
--	--	---

	<p>colo do útero abalou a sua vida. Fez tratamento durante 5 anos. Depois abandonou o tratamento. Antes de detetar o cancro foi vítima de violência doméstica. Neste momento, a violência não é física. É verbal e a indiferença é o que reina na relação. Não tem apoio do marido. Os seus filhos também não dão o apoio que precisa. Nem a sua família. No presente momento, só recebe o apoio da segurança social. Diz que aprendeu a viver sozinha.</p>	<p><i>desempregada.”</i></p> <p><i>“Eu fui pedir o carenciado ao banco para não perder a minha casa.”</i></p> <p><i>“O meu filho começou a estar estável tinha 7 anos, foi quando eu me senti mal (...) Fui ao hospital. Tinha anemia... foi descoberta a minha anemia que, diz o médico, em dois meses eu... podia passar a leucemia.”</i></p> <p><i>“Foi detetado o cancro. (...) Fiz a terceira biopsia mais rigorosa para analisar que tipo de cancro era e aí é que eu chorei... aí é que fui abaixo. O meu filho com 7 anos. Cancro maligno no colo do útero.”</i></p>
--	---	--

		<p><i>“Em antes, quando eu vim para Rio Tinto foi quando eu tive a violência doméstica mais a fundo (...) Eu não sabia, nem sei explicar o porquê da violência doméstica. O meu marido não tem vícios, o meu marido não é alcoólico, eu não sou uma pessoa porca, eu não fazia nada para ele me bater.”</i></p> <p><i>“Em junho do ano passado não fui. Tinha uma consulta e não fui. Vai fazer agora um ano. Mas pronto, eu fui à consulta enquanto tinha o aparelho. Tirei o aparelho e acabou.”</i></p>
--	--	--

<p>4. Som da Rua</p>	<p>Está no grupo há um ano. Conheceu-o por intermédio de uma técnica que a acompanhava. Gosta da música, dos instrumentos. Gosta, sobretudo, das músicas que parecem ter sido escritas por eles. Naquela hora, esquece tudo. Consegue distrair-se e esquecer tudo o que fica fora daquela porta. Diz que o Som da Rua a tornou mais alegre, mais comunicativa. Aquele grupo é, para ela, a sua família. Daqui a 10 anos, gostava de ser uma pessoa diferente, com uma vida melhor.</p>	<p><i>“Não. Não que para mim, se eu deixar o grupo, então... agora é que eu me fecho mesmo (...)</i> <i>Isto, para mim, é um entretenimento, não é só entretenimento, é um... sei lá... é a parte que me põe mais alegre, mais... não penso... esqueço tudo mesmo. Só para ali, só estou a ouvir a parte da música e esqueço tudo o que está fora dali.”</i> <i>“O Som da Rua foi a melhor coisa que me apareceu. Hmm... em parte de ocupar o tempo, de eu fazer novas amizades e o entretenimento para mim porque eu gosto de música, como para... eu compreendo e eu sei</i></p>
-----------------------------	--	--

		<i>o que é as pessoas... eu compreendo a situação das pessoas que estão lá.”</i>
5. Caracterização sociodemográfica	Tem 49 anos, é casada. Está desempregada. Completou o 9º ano de escolaridade em formações pós-laborais.	

Anexo 29. Grelha de análise de conteúdo: Jorge Augusto

Local da entrevista: Rua dos Mercadores, nº 140		
Data: 20/04/2016		
Hora de início: 16h53m		Hora de término: 18h04m
Duração: 1h11m		
Categorias de análise	Resumo	Excertos
1. Infância	Natural do Bairro da Graça, em Lisboa, Jorge descreve a sua infância como um pesadelo devido à perda da sua mãe no parto. Foi criado pelos seus avós paternos e num colégio de padres. O seu pai, por sua vez, não esteve presente ao longo da sua infância devido à sua profissão de motorista. No entanto, quando apareceu na sua vida – aos 6 anos – a sua atitude passou por comportamentos violentos. A família esteve sempre presente visto que viviam todos no mesmo bairro. A relação com eles foi, deste modo, sendo próxima. Foi criado, também, pelos padrinhos de batismo. Esteve no colégio interno até aos 10 anos e concluiu o 4º ano.	<p><i>“A minha infância foi um pesadelo. Fiquei sem mãe do parto, fui criado com a minha avó num colégio de padres.”</i></p> <p><i>“O meu pai era motorista de camião... andava para aí para trás, para a frente e eu fui criado, basicamente, com as minhas avós paternas. Então o primeiro contacto que tive com o meu pai mesmo a sério e reparei que ele era o meu pai, foi um fim de semana (...)”</i></p> <p><i>“Falta de amor. Não tive. Não... falta de amor não... porque</i></p>

	<p>Relembra a rigidez do colégio e a violência como forma de disciplinar. Posteriormente, acabou por ingressar uma escola pública. Descreve a sua infância em poucas palavras: falta de amor. Diz que não teve propriamente falta de amor, mas sim falta dos pais. A ausência da mãe e do pai foi o que mais lhe faltou.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> o regresso do seu pai. Diz que foi aos 6 anos que compreendeu, após uma conversa com o pai, o porquê de ser um menino sem mãe.</p>	<p><i>eu tive amor. Não da minha mãe, mas tive muita ausência de pais. Muita ausência de amor de pai, amor de pai e de mãe. Faltou-me isso. Quem diz o amor diz uma correção, companhia... o sentir a minha mãe.”</i></p>
<p>2. Adolescência</p>	<p>A transição para a escola pública desencadeou uma forte reviravolta na sua vida. A rigidez e o fechamento do colégio de padres dá lugar à libertina da escola pública. Essa diferença na disciplina resultaram na reprovação no primeiro ano que frequentou a escola pública. A sua adolescência, tal como a infância, foi passada de casa em casa. Desde tios, a avós,</p>	<p><i>“Para mim era tudo novo... eu estava habituado a estar fechado, no colégio interno (...) Quando saí aquilo era tudo novo.”</i></p> <p><i>“Então vejo-me numa escola onde não tinha um padre que me batia, onde ninguém batia a ninguém, onde se</i></p>

	<p>até à casa do seu pai quando este regressava das viagens. Diz que o mau de tudo isto é a falta de estabilidade que qualquer criança necessita. Foi por volta dos 11 anos que a fase mais complicada se iniciou. Conheceu o mundo das drogas. Foi-lhe diagnosticado “terrores”, uma doença caracterizada pelos pesadelos constantes que o deixavam alterado e, ainda, pelo sonambulismo. Assim, era levado para o hospital com urgência para tomar calmantes. O pai, por esta altura, casou-se novamente. A sua madrasta, como forma de compreender a sua doença, levou-o a um psiquiatra. Foram prescritos calmantes/relaxantes. Começou a vender os comprimidos na escola e a toma-los com álcool. O dinheiro foi-se juntando e o consumo passou a drogas mais pesadas como o haxixe. Entretanto, o pai deixou o seu trabalho internacional e</p>	<p><i>escondiam a fumar, onde pessoas mais velhas jogavam à bola onde queriam, faltavam às aulas, era impossível aquilo para mim.”</i> <i>“Comecei a ter esses pesadelos em casa da minha madrasta. E claro... a minha madrasta quis ver o que se passava, que eu não podia crescer assim (...) Então levou-me a um psiquiatra e disse que eu tinha terrores, mas que havia tratamento. O que eu precisava era de uns calmantes/relaxantes para dormir.”</i> <i>“Comecei a vendê-los na escola... com 12 anos de idade. Pah, e os meus colegas queriam aquilo. Mas claro,</i></p>
--	---	---

	<p>arranjou um trabalho na câmara. A madrasta, com receio dos olhares alheios, encobria os comportamentos de Jorge. Aos 14 anos, o gosto pela música foi descoberto. Acompanhou um grupo constituído por pessoas mais velhas chamado de “Pega-fogo”. Assim, aos fins de semana, andava com eles nas atuações. Nesta altura, descobrem que ele é quem vende os comprimidos na escola. Aos 14 anos, tinha concluído o 6º ano de escolaridade. Diz que era “o avô da escola”. Aos 15 anos passou para o secundário. Foi seguindo este estilo de vida que prosseguiu com comportamentos mais desviantes. Sabendo onde o seu pai e a madrasta guardavam o dinheiro, aproveitava os momentos em que estava sozinho para roubar dinheiro. O vício e os consumos fizeram com que o roubo de uma nota passasse a</p>	<p><i>aquilo tomado com água dá-te sono, mas estás bem. Com vinho é agressivíssimo.”</i> <i>“Roubei-a. Uma vez roubei-a. Toda a reforma para a droga. Ela quando deu conta, deu-lhe uma trombose e ficou numa cama vários... vários tempo. Então claro o meu pai nunca soube o que é que se passou, mas eu vivia ali, eu é que fiquei a tomar conta dela (...) Já que provoquei, agora aguentas.”</i></p>
--	---	---

	<p>duas, três ou mais de cada vez. Em consequência, recebe um ultimato do pai e sai de casa. Retorna a casa da avó tinha cerca de 16 anos. Roubou a avó, grande parte do seu dinheiro da reforma. Ao descobrir, a avó sofreu uma trombose. Esta situação deixou-a presa a uma cama e foi ele que cuidou dela. Esteve sempre ao seu lado, sentindo que a responsabilidade do estado dela era sua. Quando estava em viagem, a sua avó faleceu. Tinha 18 anos. Descreve a sua adolescência como libertinagem, mas no sentido negativo.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> a morte da avó e o primeiro concerto.</p>	
<p>3. Adultez</p>	<p>Com uma casa para si, esta é a época em que Jorge sente que as coisas descaem na totalidade. Numa zona onde já era conhecido desde jovem e com uma casa isolada por portões, o consumo e venda de droga tomou novas</p>	<p><i>“Imagine-se: uma casa no meio do Bairro da Graça, numa ilha com porta de ferro que não entrava ali ninguém, com muros que parecia uma prisão</i></p>

	<p>proporções. A casa tornou-se um local de venda e de consumo de droga. Os conhecidos que compravam a droga tinham a casa disponibilizada para a consumir. Com 18 anos, fez a sua primeira cura. Foi para perto de Chaves, onde iniciou um tratamento à base de medicamentos. Aí conheceu uma senhora. Esteve com ela cerca de 3 meses. Entretanto, com a pressão para o casamento, fugiu para casa de uma prima. Viveu com ela mais de um ano. Foi uma fase em que melhorou. A comida e a dormida era conseguida pelo trabalho que lá fazia. Regressa a Lisboa porque o seu pai conseguiu um trabalho na câmara para ele. Com o dinheiro que o seu pai lhe dera para tirar fotografias para entregar na câmara, decidiu ir ao encontro do traficante da zona. Entretanto, no tempo de espera pela resposta, regressou a casa da prima, até que o</p>	<p><i>e, dentro dessa ilha, a minha casa. Sozinho. Os vizinhos que me conheciam desde pequenino. Só mulheres, não havia um único homem (...) Quem é que começou a vender para pessoas...? Eu. E qual era a vantagem? Vivia sozinho, os meus vizinhos nem fu nem fa e ninguém entrava ali (...) Então aquela casa era uma casa de tráfico e de consumo.”</i></p> <p><i>«O meu pai deu-me cinco contos... nunca me hei-de esquecer. O meu pai deu-me uma nota de cinco contos para ir tirar fotografias e para ir entregar as fotografias e dar as minhas voltas. E eu não tirei as</i></p>
--	--	---

	<p>cargo na câmara ficou disponível. Começou como varredor. O ordenado dava-o ao seu pai para este o governar. Porém, apenas dava uma certa quantia e tudo o que viesse por fora – horas extras – guardava para si. As faltas constantes levaram a complicações no trabalho. Nesta altura, com 18/19 anos, o seu estado físico e psicológico estava deplorável. O próprio patrão aconselhou-o a pedir baixa médica e iniciar um tratamento. Esteve numa clínica em Espanha em tratamento e, após a sua saída, arranjou trabalho a acompanhar bandas. Iniciou um vaivém entre Portugal e Espanha com as bandas e sempre a consumir. Nunca mais apresentou nada à câmara. No princípio de 1995, o seu pai faleceu. Decidiu voltar e procurou na câmara o seu antigo trabalho. Não o tinha. Uma vez que não se apresentara à junta médica, foi</p>	<p><i>fotografias, claro que não... A primeira coisa que fiz foi “oh pah, quem é que está a vender?”.</i>»</p> <p><i>“O truque era assim: eu dava o ordenado ao meu pai para ele gerir o ordenado. Então o que é que eu fazia? Dava-lhe só 100 contos. Tudo o que eu fizesse a mais dos 100 contos era para eu curtir (...) Eu fazia horas extraordinárias como ninguém para tudo o que fosse acima dos 100, ser para mim.”</i></p> <p><i>“Eu fui parar a um país... eu tinha fugido daqui porque a droga já não prestava e estava todo rebentado e fui para um país onde a</i></p>
--	---	---

	<p>despedido. Uma proposta surgiu para ir para Moçambique e formar uma banda de rock. Com uma cidade – Maputo – em estado pós-guerra, o dinheiro que tinha permitiu viver com ostentação. Aproveitou-se do facto de ser caucasiano. Um novo cruzamento com a droga, ainda em estado mais puro, aconteceu. Nunca fumou, sempre se injetou. Não tem HIV, mas sofre com hepatites. Fez voluntariado com crianças. Ainda hoje estabelece contacto com essas crianças que, hoje, já são homens feitos. No seu último ano em Moçambique, Jorge não podia abandonar o país por não possuir qualquer tipo de documentos. Os esquemas foram vários para conseguir trabalhar e angariar dinheiro. Foi apanhado pela imigração que lhe estabeleceu um prazo de 48 horas para sair do país. Não obstante alguns entraves, entre 2000/2001 regressa a Lisboa. Com a</p>	<p><i>droga era 70% pureza. Maravilha.”</i> <i>“Fui para o Consulado, deram-me um salvo-conduto provisório e 48h para eu desaparecer do país.”</i> <i>«Entretanto fico por Portugal e começo a trabalhar aqui com bandas, sempre a montar e desmontar, festivais, isto ou aquilo e sempre a consumir como nunca. Até ao ponto de no ano 2009, ir fazer um trabalho, também de música, que depois acabou por não se fazer e parar e “pah, mas o que é que eu estou a fazer? Eu tenho 39 anos. Que vida é esta? Que vida é esta?”»</i> <i>“Começo o</i></p>
--	--	--

	<p>herança do pai passou férias no Algarve e o consumo de drogas dá lugar ao álcool. Trabalhou com bandas entre Portugal e Espanha. Aos 39 anos despertou e percebeu que não tinha nada, nem ninguém junto a si. Esteve nos albergues em Lisboa, mas depressa voltou para Espanha. Até que em 2009 volta a Portugal. Veio para o Porto e integrou o projeto Metadona, em Matosinhos. A AMI foi uma instituição que o ajudou nesta fase de integração. Recorreu à Segurança Social e conseguiu obter o Rendimento Social de Inserção. Desde 2011 até ao momento atual, vive num quarto. Ainda está no programa, mas está livre dos consumos. Queixa-se que existe um tratamento mais adequado ao seu historial clínico – tem problemas renais desde criança – que o Estado não comparticipa. Confusão e turbilhão são as palavras que usa para descrever esta fase da</p>	<p><i>programa do Metadona, em Matosinhos. Meto os papéis para o Rendimento Social de Inserção para poder ter alguma coisa para viver e entrei numa instituição chamada AMI, à qual agradeço (...)</i> <i>Quando recebi o meu primeiro Rendimento Social de Inserção tentei alugar um quartinho e aluguei um quarto. E já estou nessa situação desde 2011. Pago o meu quarto... dependo de uma instituição para comer, trabalho já tentei imensas vezes na minha área mas também tenho problemas de saúde... com os meus consumos</i></p>
--	--	--

	<p>sua vida.</p> <p><u>Momento mais marcante:</u> a compra da primeira bateria com o seu próprio dinheiro.</p>	<p>(...)”</p>
<p>4. Som da Rua</p>	<p>Integrou o grupo em janeiro de 2010. Estava numa fase inicial do seu tratamento, daí que tenha sido pela AMI que descobriu o Som da Rua. Admite que já pensou em deixar o grupo, mas nunca o fez. Pensa nisso por impulso. É o gosto pela música que o faz recuar nesses pensamentos. Não deixa um projeto que o completa. Diz que o grupo o tem ajudado, a eles e a todos. A ele, sobretudo, ajuda no controlo da personalidade, por vezes, mais impulsiva. Diz que a motivação daqueles indivíduos em participar no Som da Rua é a abertura de novos horizontes e a esperança de que novas portas se abram nas suas vidas. Daqui a 10 anos imagina-se a tocar no Som da Rua, ainda, já mais velhinho. Para si, o Som da Rua é o melhor grupo do</p>	<p>“<i>Tantas vezes, tantas vezes... Mas não o faço. Quantas vezes (...) Acha que eu vou deixar um projeto onde posso tocar? A música é a minha vida.</i>”</p> <p>“<i>Então não ajudou? Tenho de aturar estes malucos e estes malucos aturarem-me a mim. Acabar todos os dias (...) o ensaio sem ninguém se pegar ou discussões, não acha que conseguiu mudar muito? Acho que é uma mudança para mim e para toda a gente.</i>”</p> <p>“<i>Uma característica em comum é que a maior parte deles está aqui por gosto.</i>”</p>

	<p>mundo. Diz que são superiores a algumas das bandas mais reconhecidas do mundo por um único motivo: no Som da Rua as vidas de são trabalhadas. Cada vida, cada percurso, é trabalhado. Nos outros não. A única crítica que aponta ao projeto é que ainda falta gente que se “molhe” pelo projeto, ou seja, que arrisque. Diz que tem demasiada paixão pelo grupo. É por isso que, às vezes, lhe tiram do sério.</p>	<p><i>E eu também o tenho. Nós temos uma vida... pah, uns por um caminho e outros por outro, idêntica. E estamos, cada um de nós, a tentar melhora-la. Podemos não conseguir, mas temos todos o mesmo objetivo (...)</i></p> <p><i>“O melhor grupo do mundo. Melhor banda musical do mundo. Pode pôr aí: superior aos Rolling Stones, superior aos U2 (...) e aos Scorpions. Sabe porquê? Scorpions fazem muito boa música, mas não trabalham as vidas. No Som da Rua aprende-se a trabalhar as vidas porque estamos a lidar com mais que</i></p>
--	---	---

		<i>uma pessoa, com caracteres, como eu dizia, diferentes e todos nos damos (...)</i> ”
5. Caracterização sociodemográfica	Tem 45 anos e é solteiro. Tem o 9º ano de escolaridade. Neste momento, está desempregado.	